

Análise textual em tradução:
*bases teóricas, métodos
e aplicação didática*

COLEÇÃO
TRANSTEXTOS

Análise textual em tradução:
*bases teóricas, métodos
e aplicação didática*

Christiane Nord

Tradução e adaptação coordenadas por
META ELISABETH ZIPSER

Tradutores

CHRISTIANE NORD
HUTAN DO CÉU ALMEIDA
JULIANA DE ABREU
META ELISABETH ZIPSER
MICHELLE DE ABREU AIO
SILVANA AYUB POLCHLOPEK

RAFAEL  COPETTI
·EDITOR·

© Christiane Nord

© 2016 Rafael Zamperetti Copetti Editor Ltda.

Nesta edição respeitou-se o estabelecido no Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado pelo Brasil em 2009.

Conselho editorial

Andrea Santurbano |UFSC|; Andréia Guerini |UFSC|; Annateresa Fabris |ECA/USP|; Aurora Bernardini |USP|; Dirce Waltrick do Amarante |UFSC|; Flávia Tronca |ARTISTA PLÁSTICA|; Giorgio De Marchis |UNIVERSITÀ DEGLI STUDI ROMA TRE|; Lucia Sá |UNIVERSITY OF MANCHESTER|; Luciene Lehmkuhl |UFPB|; Mamede Mustafa Jarouche |USP|; Marcos Tognon |UNICAMP|; Maria Lucia de Barros Camargo |UFSC|; Mariarosaria Fabris |USP|; Paulo Knauss |UFF|; Pedro Heliodoro Tavares |USP|; Rita Marnoto |UNIVERSIDADE DE COIMBRA|; Sandra Bagno |UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI PADOVA|; Tania Regina de Luca |UNESP/ASSIS|

Editor *Rafael Zamperetti Copetti*

Diretores da coleção *Andréia Guerini* | *Walter Carlos Costa* | *Simone Homem de Mello*

Coordenador editorial *Luciano Pereira Alves*

Assistente editorial *Vitor Livramento*

Capa, projeto gráfico e diagramação *SGuerra Design*

Coordenadora da tradução e adaptação *Meta Elisabeth Zipser*

Tradução *Christiane Nord* | *Hutan do Céu Almeida* | *Juliana de Abreu* | *Meta Elisabeth Zipser* |

Michelle de Abreu Aio | *Silvana Ayub Polchlopek*

Revisão final da tradução *Meta Elisabeth Zipser* | *Juliana de Abreu*

Preparação *Ricardo Franzin*

Revisão de provas *Meta Elisabeth Zipser* | *Juliana de Abreu* | *Rafael Z. Copetti*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(*Laura Emilia da Silva Siqueira CRB 8-8127*)

Nord, Christiane.

Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática / Christiane Nord ; coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser — São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

(Coleção Transtextos ; v.1)

ISBN 978-85-67569-26-0

1. Tradução: estudos. 2. Tradução: análise textual

I. Nord, Christiane. II. Zipser, Meta Elisabeth

CDU 808.2

CDD 418

Índices para catálogo sistemático

Tradução: estudos

Tradução: análise textual 418

2016 | COLEÇÃO TRANSTEXTOS | VOL.01 | 1ª SÉRIE | 1ª EDIÇÃO BRASILEIRA

Todos os direitos reservados para todos os países à

RAFAEL ZAMPERETTI COPETTI EDITOR LTDA.

Caixa Postal 31202

Consolação | São Paulo | SP | Brasil | CEP 01309-970

Tel. 11 | 2334.4367

editora@rafaelcopettieditor.com.br | rafaelcopettieditor.com.br

Foi feito Depósito Legal

Impresso no Brasil | Printed in Brazil

SUMÁRIO

Prefácio da edição brasileira em alemão	1
Prefácio da edição brasileira em português	5
Nota dos tradutores (1)	8
Nota dos tradutores (2)	11
Agradecimentos	13
I INTRODUÇÃO: A NECESSIDADE DE ANÁLISE TEXTUAL NA TRADUÇÃO	15
II UM MODELO DE ANÁLISE TEXTUAL ORIENTADO PARA A TRADUÇÃO	21
1. PRINCÍPIOS TEÓRICOS	21
1.1. FUNDAMENTOS TRADUTOLÓGICOS	21
1.1.1. <i>Condições e elementos do processo de ação tradutória</i>	22
1.1.2. <i>O papel do iniciador</i>	27
1.1.3. <i>O papel do tradutor</i>	31
1.2. PRINCÍPIOS LINGÜÍSTICOS E DISCURSIVOS	33
1.2.1. <i>O texto como comunicação interativa</i>	34
1.2.2. <i>O processo de recepção do texto</i>	40
1.2.3. <i>Tipologias textuais</i>	43

2. AS FUNÇÕES DA ANÁLISE DO TEXTO FONTE	50
2.1. POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE TEXTO FONTE E TEXTO ALVO	51
2.1.1. <i>"Fidelidade", "liberdade", "equivalência"</i>	51
2.1.2. <i>A teoria do skopos</i>	53
2.1.3. <i>A ação tradutória</i>	59
2.1.4. <i>Funcionalismo e lealdade</i>	61
2.2. O PROCESSO DE TRADUÇÃO	64
2.2.1. <i>O modelo de duas fases</i>	65
2.2.2. <i>O modelo de três fases</i>	66
2.2.3. <i>O modelo circular</i>	68
3. OS FATORES DE ANÁLISE DO TEXTO FONTE	73
3.0. CONSIDERAÇÕES GERAIS	73
3.1. FATORES EXTRATEXTUAIS	77
3.1.0. <i>Noções básicas</i>	77
3.1.1. <i>Emissor</i>	83
3.1.2. <i>A intenção do emissor</i>	91
3.1.3. <i>Público</i>	97
3.1.4. <i>Meio</i>	106
3.1.5. <i>Lugar</i>	113
3.1.6. <i>Tempo</i>	118
3.1.7. <i>Motivo</i>	125
3.1.8. <i>Função textual</i>	130
3.1.9. <i>A interdependência dos fatores extratextuais</i>	137

3.2. FATORES INTRATEXTUAIS	143
3.2.0. <i>Noções básicas</i>	143
3.2.1. <i>Assunto</i>	151
3.2.2. <i>Conteúdo</i>	160
3.2.3. <i>Pressuposições</i>	170
3.2.4. <i>Estruturação</i>	178
3.2.5. <i>Elementos não verbais</i>	190
3.2.6. <i>Léxico</i>	196
3.2.7. <i>Sintaxe</i>	208
3.2.8. <i>Características suprasegmentais</i>	212
3.2.9. <i>Interdependência dos fatores intratextuais</i>	223
3.3. EFEITO	228
4. APLICAÇÕES DO MODELO PARA O TREINAMENTO DE TRADUTORES	244
4.0. CONSIDERAÇÕES GERAIS	244
4.1. PLANEJAMENTO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE TRADUÇÃO	254
4.1.0. <i>Fundamentos</i>	254
4.1.1. <i>A seleção de textos para aulas de tradução</i>	256
4.1.2. <i>O grau de dificuldade das tarefas de tradução</i>	261
4.1.3. <i>O grau de dificuldade de textos</i>	270
4.2. A CLASSIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS DE TRADUÇÃO	273
4.3. AVALIAÇÃO DA COMPETÊNCIA DE TRANSFERÊNCIA	278

4.4. CRÍTICA DE TRADUÇÃO	281
4.4.0. <i>Formas e funções da crítica de tradução</i>	281
4.4.1. <i>Crítica de tradução versus comparação de traduções</i>	284
4.4.2. <i>Um modelo didático de crítica de tradução</i>	286
4.4.3. <i>O que é um erro de tradução?</i>	291
4.4.4. <i>A avaliação didática</i>	294
5. TEXTOS AMOSTRA	297
5.0. CONSIDERAÇÕES GERAIS	297
5.1. TEXTO AMOSTRA 1: A RELAÇÃO ENTRE INTENÇÃO E FUNÇÃO — ALEJO CARPENTIER: ACERCA DE LA HISTORICIDAD DE VÍCTOR HUGUES	298
5.1.0. <i>Texto</i>	298
5.1.1. <i>Análise dos fatores extratextuais</i>	301
5.1.2. <i>A função do posfácio</i>	302
5.1.3. <i>Reflexos dos fatores extratextuais no texto</i>	303
5.1.4. <i>Análise dos fatores intratextuais</i>	306
5.1.5. <i>Análise do efeito</i>	311
5.1.6. <i>Crítica das traduções</i>	312
5.1.7. <i>Conclusões e sugestões de tradução</i>	339
5.2. TEXTO AMOSTRA 2: A RELAÇÃO ENTRE ASSUNTO, ESTRUTURA TEXTUAL E EFEITO — MIGUEL DE UNAMUNO: NIEBLA	351
5.2.0. <i>Texto</i>	351
5.2.1. <i>Análise dos fatores extratextuais</i>	351
5.2.2. <i>O início do texto como chave para sua interpretação</i>	353
5.2.3. <i>Algumas considerações sobre a intenção irônica</i>	354

5.2.4. <i>Análise da estrutura textual</i>	357
5.2.5. <i>Crítica das traduções</i>	368
5.2.6. <i>Conclusões e traduções sugeridas</i>	380
5.3. TEXTO AMOSTRA 3: A RELAÇÃO ENTRE A FUNÇÃO DO TEXTO E A ORIENTAÇÃO AO PÚBLICO — INFORMAÇÃO TURÍSTICA:	
SPEZIALITÄTEN	383
5.3.0. <i>Texto</i>	383
5.3.1. <i>Análise dos fatores extratextuais</i>	385
5.3.2. <i>A relevância de orientação ao público</i>	386
5.3.3. <i>Análise dos fatores intratextuais</i>	387
5.3.4. <i>Crítica das traduções</i>	398
5.3.5. <i>Conclusões</i>	407
III CONSIDERAÇÕES FINAIS	409
IV REFERÊNCIAS	419

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA EM ALEMÃO

Im Jahre 1988 erschien dieses Buch zuerst, in deutscher Sprache. Inzwischen gibt es nicht nur eine englische Übersetzung (*Text Analysis in Translation*, 2. Aufl. 2005), sondern auch eine arabische und eine spanische Fassung (*Texto base - Texto meta. Un modelo funcional de análisis pretraslativo*, 2012), eine chinesische Übersetzung steht kurz vor dem Abschluss. Und nun, 25 Jahre nach der ersten Publikation, wird hier eine portugiesische Fassung vorgelegt, über die ich mich ganz besonders freue — zeigt sie doch, dass das Interesse an diesem Buch immer noch ungebrochen ist und dass Studierende der Übersetzerausbildung es gern in ihrer eigenen Sprache lesen möchten. Immer wieder sprechen mich junge Leute auf Konferenzen oder bei Vorträgen an und sagen mit glänzenden Augen: „Ich habe Ihr Buch gelesen!“ Dann meinen sie meistens dieses Buch und nicht irgendein anderes aus meiner Feder. Das macht mich sehr stolz.

Das Buch ist ursprünglich aus einer Lehrveranstaltung namens „Textanalyse und Textproduktion“ hervorgegangen, die ich seit den 1970er Jahren in Heidelberg und später auch an anderen Institutionen der Übersetzerausbildung abgehalten habe. Textanalyse und Textproduktion sind auch für andere Bereiche nützlich, aber hier werden sie als Fertigkeiten betrachtet, die einen wichtigen Bestandteil der Übersetzungskompetenz ausmachen.

In den vielen Semestern, in denen ich mit der Ausbildung von Übersetzerinnen und Übersetzern befasst war, hat mich immer wieder die Frage beschäftigt, wie man den Übersetzungsunterricht

auf eine methodische Grundlage stellen könnte, die dem Üben einen Rahmen und den Studierenden eine Anleitung gibt, nach der sie auch zu Hause bei ihren Vorbereitungen, in gemeinsamer Team-Arbeit oder später bei ihren ersten „richtigen“ Übersetzungen vorgehen können.

Aus diesen Überlegungen entwickelte sich nach und nach, in ständigem Erproben und Verändern, das vorliegende Textanalysemodell, das meiner Meinung nach einen Ansatzpunkt für einen solchen methodischen Rahmen liefern kann. All den Studierenden, die sich guten Mutes mit immer neuen Versionen des Schemas anfreundeten und mit ihrer Kritik und engagierten Mitarbeit dazu beigetragen haben, dass es zu der vorliegenden Fassung kam, möchte ich an dieser Stelle meinen Dank sagen und ihnen dieses Buch widmen. Um die Lektüre nicht unnötig zu erschweren, wurden die unvermeidlichen Literaturverweise in den Text eingefügt und die Anmerkungen auf ein Mindestmaß beschränkt.

Mein Dank gilt auch Hans J. Vermeer, Heidelberg, der leider allzu früh von uns gegangen ist. Er hat mir seinerzeit Mut gemacht, die Ergebnisse langjähriger praktischer Erfahrung zusammen mit den im Laufe der Arbeit gewonnenen theoretischen und methodischen Einsichten in Buchform zu präsentieren, und seine Ratschläge waren mir von unschätzbarem Wert. Ganz besonders herzlich bedanke ich mich aber bei Klaus Berger, Heidelberg, dass er diese Arbeit nicht nur unermüdlich mit Interesse, Fragen und Anregungen gefördert hat, sondern mir auch in mancher Stunde der Verzagttheit den entscheidenden Anstoß zum Durchhalten gab.

Dieses Buch ist, wie ich immer wieder höre, eine Art „Klassiker“ in der Übersetzungsausbildung geworden. Nachdem 2005 die englische Übersetzung in einer revidierten Auflage erschienen ist, wurde 2009 auch das „Original“ ein wenig aufpoliert. Die spanische Übersetzung folgt den Grundsätzen von Funktionsgerechtigkeit

und Loyalität: Viele Beispiele wurden „adressatengerecht“ umgeschrieben oder auch ausgetauscht. Für dieses Verfahren habe ich den brasilianischen Übersetzerinnen ebenfalls völlig freie Hand gegeben. Sie konnten sich dabei natürlich auch in der spanischen Fassung des Buches „bedienen“, da ja anzunehmen ist, dass spanische Beispiele für eine lusophone Leserschaft eher zugänglich sind als die englischen, die eigens für ein englischsprachiges Publikum ausgesucht wurden. Bei den Textbeispielen muss man kreativ vorgehen: Zu spanischen Ausgangstexten wurde eine portugiesische Übersetzung beigelegt, die sich an den jeweils zu behandelnden Aspekten des Ausgangstexts orientiert; bei englischen Ausgangstexten wurde neben der spanischen ebenfalls eine portugiesische Fassung eingefügt. Zu den beiden spanischen Beispieltexten haben wir sogar publizierte portugiesische Übersetzungen gefunden und eingearbeitet. Aber dazu haben die Übersetzerinnen in ihren Notas sicher noch einiges Weitere zu sagen. Ich möchte mich bei ihnen aber auf jeden Fall für ihre aufopferungsvolle Arbeit an diesem Werk bedanken und mich gleichzeitig entschuldigen, dass ich ihnen mit meinen „Eingriffen“ ihre Tätigkeit vermutlich nicht immer nur erleichtert habe.

Es bleibt mir zum Schluss, auch dieser Fassung eine weite Verbreitung im portugiesischsprachigen Raum zu wünschen: in Brasilien, Portugal und anderswo. Vor wenigen Tagen erreichte mich eine E-Mail von einem Kollegen aus Mozambique, an dessen Universität der translatologische Funktionalismus offenbar auch gerade Einzug gehalten hat.

Heidelberg, im Herbst 2013

Christiane Nord

PREFÁCIO DA EDIÇÃO BRASILEIRA EM PORTUGUÊS

A primeira edição deste livro, em língua alemã, é do ano de 1988. De lá para cá, surgiram várias outras edições. Há uma tradução para o inglês — *Text analysis in translation*, em sua segunda edição, 2005 —, além da edição espanhola — *Texto base — Texto meta. Um modelo funcional de análise pretranslativo*, de 2012. Também uma tradução para o árabe foi concluída. E uma tradução para o chinês está sendo preparada.

Agora, passados 25 anos da primeira edição alemã, apresentamos aqui a edição brasileira da obra, que me deixa especialmente feliz. Tudo isso mostra que o interesse por este livro continua muito presente e que os estudantes da área preferem lê-lo em sua própria língua. Quantas vezes, quando em conferências ou palestras, sou abordada por jovens que, com brilho nos olhos, me dizem: “eu li o seu livro”! E, ao dizerem isso, se referem a este livro e não a qualquer outro que eu tenha escrito. Isso me deixa muito orgulhosa.

Originalmente, o livro é fruto de um curso intitulado “Análise e produção textual”, que ministrei desde os anos 70 na Universidade de Heidelberg e depois também em outras instituições. Na verdade, análise e produção textual são igualmente muito úteis para outras áreas, mas aqui, vistas como habilidades, são importantes componentes da competência tradutória.

Nos muitos semestres em que me ocupei com a formação de tradutores, a pergunta que me recorria era de como se poderia munir a formação com parâmetros metodológicos que estruturassem

os exercícios e possibilitassem aos estudantes encaminhar a preparação de suas tarefas em casa, bem como trabalhos em grupo, e também ajudassem depois, quando fossem confrontados com as traduções “de verdade”.

A partir dessas reflexões e depois de muito testar e modificar, o modelo de análise textual está aí. Na minha opinião, ele contempla os pressupostos metodológicos necessários para as aulas de tradução. A todos os estudantes que ao longo desses anos, com muita boa vontade, se familiarizaram com as várias versões que o construíram e, com sua crítica e colaboração efetiva, ajudaram-no a chegar à versão atual, eu gostaria de expressar meus agradecimentos, dedicando-lhes este livro! Com a finalidade de facilitar a leitura, as referências e os comentários foram reduzidos ao mínimo e estão inseridos no texto.¹

Meus agradecimentos vão igualmente para Hans J. Vermeer, Heidelberg, que infelizmente não está mais entre nós. Foi ele que me motivou, na época, a reunir toda minha experiência prática, associada aos embasamentos teóricos e metodológicos adquiridos, e compilá-los em forma de livro. Suas sugestões foram de inestimável valia. De forma especial também quero agradecer a Klaus Berger, Heidelberg, por sempre ter me motivado a continuar com o trabalho, fortalecendo-me nos momentos em que eu pensava em esmorecer.

Este livro se tornou, como sempre me informam, uma espécie de “clássico” na formação de tradutores. Depois que, em 2005, foi reeditada a versão em inglês, também o original em alemão passou por alguns “polimentos”, em 2009. A edição espanhola segue igualmente os princípios de funcionalidade e lealdade. Muitos dos

¹ De acordo com a última revisão do editor, algumas referências e comentários foram transformados em nota de rodapé para garantir a fluidez da leitura.

exemplos foram refeitos, tendo sido orientados ao leitor desta cultura. Nesse sentido, também os tradutores da obra para o português tiveram inteira liberdade. Eles poderiam se basear mais nos exemplos usados na edição espanhola, pois, presume-se, esses seriam mais próximos à cultura brasileira do que os usados na versão inglesa. Foram incluídos igualmente, na edição brasileira, exemplos completamente inéditos às outras publicações.

Eu gostaria muito de agradecer aos tradutores desta obra, reforçando sua dedicação incansável, vencendo todas as dificuldades, algumas delas impostas pelos meus palpites!

Para finalizar, gostaria de desejar muito sucesso ao livro, que ele possa alcançar todos os espaços lusófonos, quais sejam, o Brasil, Portugal, e onde mais se fizer necessário. Há alguns dias recebi um email de um colega de Moçambique, que me relatava que também na universidade onde atua a abordagem funcionalista está ganhando espaço.

Heidelberg, Alemanha, outubro, 2013.

Christiane Nord

(traduzido do alemão por Meta Elisabeth Zipser)

NOTA DOS TRADUTORES (1)

José Saramago escreveu certa vez em seu *Cadernos de Lanzarote II* o seguinte trecho, em que comenta o ato de traduzir: “Escrever é traduzir. Sempre o será. Mesmo quando estivermos a utilizar a nossa própria língua [...]. Para o tradutor, o instante do silêncio anterior à palavra é, pois como o limiar de uma passagem “alquímica” em que o que é, precisa se transformar noutra coisa para continuar a ser o que havia sido”¹

E não é que ele estava (sempre estará!) mesmo certo? Não importa se você é tradutor literário, *freelancer*, técnico, juramentado, entre outros. O ato da tradução, a ação de traduzir sempre, e inevitavelmente, ensaja uma alquimia, a magia que é fazer com que um texto escrito em um determinado idioma possa se tornar acessível a leitores diversos em outras línguas distintas daquela primeira.

Conforme enfatiza Saramago, traduzir é se fazer entender na nossa própria língua, ou seja, é ter um projeto de tradução em mente, é começar a tradução de uma obra, parar inúmeras vezes, reescrever o mesmo trecho de duas linhas outras tantas, discutir as escolhas lexicais, encontrar um padrão de escrita para que o texto consiga fluir sozinho, para que ele se torne autônomo, proceder revisões contínuas, cotejadas com exemplos em outras línguas, se

¹ José Saramago, *Cadernos de Lanzarote II*, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 320.

afastar do texto traduzido e de seu original, voltar aos dois, retextualizar trechos e exemplos em um mesmo idioma.

Esse é um dos caminhos da tradução e essa foi a motivação para começarmos esse projeto lá em 2004, que só terminamos agora em 2014. Sim, dez anos de estudos, pesquisas, artigos, TCCs, dissertações, teses, congressos, aulas sobre o funcionalismo alemão para os estudos tradutórios, sobre esta obra que agora apresentamos a você, leitor. Além disso, era nosso desejo que a teoria de Christiane Nord chegasse até outros leitores interessados e proficientes na língua portuguesa.

O livro traduzido? Nada mais nada menos do que a obra de referência para a abordagem funcionalista do campo dos Estudos da Tradução e para todos nós envolvidos nessa caminhada. *Text analysis in translation*, do qual partiu inicialmente esta tradução, é de autoria de Christiane Nord, a professora e teórica da tradução que fundamenta as nossas pesquisas e os estudos que estamos desenvolvendo no Grupo de Pesquisa Tradução e Cultura (TRAC) desde 2002 sob a orientação da professora Dra. Meta Elisabeth Zipser e, a partir de 2004, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Para empreendermos este projeto contamos com o aval da autora e da editora. Grande diferencial no refinamento desta tradução foi a colaboração incansável da própria autora.

Desse caminho, podemos afirmar que a tradução é também acolhimento. Ao traduzir, acolhemos o Outro e sua cultura, sua história. Só assim podemos compreender suas intenções, seus propósitos e oferecer ao leitor final a obra traduzida. Para tanto, foram muitas (e exaustivas) revisões. Esse processo envolveu a versão do livro em espanhol, gentilmente fornecida pela autora, a versão em inglês e o original em língua alemã.

Nesse sentido de acolhimento, optamos por redirecionar o título da obra: *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*.

Assim, esperamos que você, leitor, encontre nesta obra o mesmo que nós temos encontrado continuamente desde o início da nossa caminhada na Teoria Funcionalista de Reiss, Vermeer e da própria Nord: magia, acolhimento, aproximação, respeito à cultura e à língua do Outro. Como diria o poeta espanhol Antonio Machado, “*Caminante, no hay camino se hace camino al andar*”, seja no nosso próprio idioma ou entre o nosso próprio e outros tantos.

Silvana Ayub Polchlopek
Michelle de Abreu Aio
Hutan do Céu de Almeida

Florianópolis, dezembro de 2014.

NOTA DOS TRADUTORES (2)

Considerando as várias línguas envolvidas no processo tradutório da presente obra e a complexidade de seu conteúdo teórico, o livro foi traduzido e revisado em dois momentos, com focos diferenciados. Isso envolveu o trabalho exaustivo de duas equipes de tradutores. Na segunda etapa, realizada pelos tradutores (2), foram revisados também os aspectos teóricos e os exemplos usados foram substituídos, com o objetivo de aproximar do leitor lusofalante o contexto situacional da comunicação. Cabe ressaltar que, nesse segundo momento, a autora Christiane Nord se colocou como membro da equipe de tradutores, o que possibilitou um diálogo constante para o refino da obra.

Com isso, desejamos ao público lusófono uma excelente leitura!

Christiane Nord
Meta Elisabeth Zipser
Juliana de Abreu

Florianópolis, dezembro de 2014.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que viabilizaram a concretização deste projeto. De forma especial, agradeço à Christiane Nord, autora desta obra, pelo privilégio de ter-nos concedido essa missão e pela sua incansável parceria. À PGET que, na pessoa de Andréia Guerini, nos ofertou o espaço e a oportunidade para a publicação deste livro. À amiga e colega de trabalho Maria José Damiani Costa, pelo apoio e constante incentivo nesta jornada e em especial pela ajuda na revisão do espanhol. À Juliana de Abreu, grande parceira, pelo trabalho intenso, e também de revisão. E a Lucas de Abreu pela colaboração da reformulação das ilustrações desta obra.

Florianópolis, dezembro de 2014.

Meta Elisabeth Zipser

I

INTRODUÇÃO: A NECESSIDADE DE ANÁLISE TEXTUAL NA TRADUÇÃO

A maioria dos escritos sobre a teoria da tradução concorda que antes de entrar em qualquer tradução o tradutor deve analisar o texto de forma abrangente uma vez que esta prática parece ser a única forma de garantir que o texto fonte (TF) foi total e corretamente compreendido. Várias propostas foram apresentadas acerca de como esse tipo de análise deve ser realizada e como determinados problemas de tradução poderiam ser melhor abordados. Elas tendem, no entanto, a se basear em modelos de análise de texto que foram desenvolvidos em outros campos de estudo, como o dos estudos literários, do texto ou da análise do discurso,¹ ou até mesmo no campo da teologia.

Mas o que é certo para o especialista em literatura, o linguista textual ou o teólogo não é necessariamente certo para o tradutor: finalidades diferentes exigem abordagens diferentes. A análise textual orientada para tradução não deve apenas garantir a plena compreensão e interpretação correta do texto, tampouco explicar somente suas estruturas linguísticas e textuais e sua relação com o

¹ R. de Beaugrande & W. Dressler, *Introduction to text linguistics*.

sistema e as normas da língua fonte (LF). Deve também fornecer uma base confiável para qualquer decisão tomada pelo tradutor em um processo de tradução em particular. Com essa intenção, tem que ser integrada em um conceito global da tradução, que serve como uma referência permanente para o tradutor.

O que se faz necessário é um modelo de análise do TF que possa ser aplicado a todos os tipos de texto e usado em qualquer tarefa de tradução que possa surgir. Tal modelo deve habilitar tradutores a entender a função dos elementos ou características observadas no conteúdo e na estrutura do texto fonte. Com base nesse conceito funcional ele pode, então, escolher as estratégias de tradução adequadas para a finalidade da tradução em que está trabalhando.

Na minha opinião, deveria ser possível produzir um modelo de análise textual orientado para tradução sem referência às características específicas das línguas fonte ou alvo. Ele não deve depender do nível de competência do tradutor (ou seja, se é um profissional ou um estudante) e deve ser válido para ambas as direções, ou seja, traduções de ou para a língua materna do tradutor. O modelo assim produzido pode, então, servir como uma base teórica geral para os estudos da tradução, para a formação de tradutores e para a prática de tradução. O tradutor que uma vez tenha sido treinado para trabalhar com o modelo usando um determinado par de línguas e de culturas como base também deve estar apto a aplicá-lo a outros pares de línguas e de culturas, depois de adquirir a necessária competência linguística e cultural.

O modelo deve ser: (a) suficientemente geral para ser aplicável a qualquer texto e (b) suficientemente específico para contemplar tanto os problemas de tradução existentes quanto os que possam surgir. Problemas ou dificuldades interculturais e interlinguísticas

específicas, dependendo do nível de competência do tradutor ou do sentido do processo de tradução, podem então ser introduzidos nas linhas correspondentes do modelo. O modelo que estamos nos esforçando para produzir, então, é bastante voltado para os aspectos da cultura, da comunicação e da tradução, independente da língua.

Tal modelo de análise de texto orientado para tradução pode ser de uso não só para alunos e professores na formação de tradutores, mas também para o tradutor profissional. É útil para tradutores em formação, uma vez que lhes permite justificar suas decisões, sistematizar problemas de tradução e entender as convenções de comportamento de tradução mais claramente. Na formação de tradutores, os professores, muitas vezes, têm que confiar em sua intuição, em sua própria experiência profissional ou em pesquisa acadêmica, tentativa e erro, imaginação e sorte. Se eles não se limitam a querer mostrar aos seus alunos “como é feito”, então esse modelo pode proporcionar-lhes um quadro mais objetivo de referência para as suas escolhas de tradução. Para esses professores, o modelo pode, entre outras coisas, fornecer alguns critérios para a classificação dos textos para aulas de tradução e algumas orientações para se avaliar a qualidade de uma tradução. Finalmente, poderia ser de interesse para os tradutores profissionais, pois mesmo que eles estejam convencidos de que encontraram as melhores e mais eficientes estratégias de tradução para o seu campo específico (geralmente altamente especializado), podem ter algumas ideias novas (por exemplo, como defender suas próprias traduções ou como justificar o seu julgamento em controle de qualidade da tradução).

Este livro pretende ser uma ajuda prática no ensino da tradução profissional. Assim, não foi dada ênfase à análise de textos

literários ou aos problemas específicos da tradução literária. No entanto, se um modelo de análise de texto se destina a ser aplicável a todos os tipos de texto, faz sentido ter o tipo mais complexo como um ponto de partida, no qual todos os fatores envolvidos nos textos “simples” também vão ser encontrados. Portanto, incluímos um número considerável de exemplos retirados do campo da literatura.

Este estudo tem também outra finalidade, que pode ser igualmente relevante para o ensino de tradução. Ele tenta estabelecer onde os estudos de tradução podem recorrer às teorias e métodos de disciplinas afins, como a linguística, a crítica literária, etc. Como uma área de estudos acadêmicos que descobriu recentemente a importância da pesquisa científica — os estudos de tradução são agora parte do currículo em quase todas as instituições de formação —, parece que vale a pena examinar a relação entre a teoria de tradução (ou “tradutologia”) e a filologia (compreendendo a linguística e os estudos literários). Embora não seja possível realizar um estudo definitivo, vários exemplos servem para esclarecer que, e até que ponto, os métodos filológicos podem contribuir para solucionar problemas de tradução.

A primeira parte do livro apresenta os princípios teóricos nos quais o modelo de análise de texto orientado para tradução se baseia, e examina os diversos conceitos da teoria da tradução e da linguística textual. A segunda parte descreve a função da análise do texto fonte no processo de tradução e explica por que o modelo é relevante para a tradução. A terceira parte apresenta um estudo detalhado dos fatores extra e intratextuais e sua interação no texto. A quarta parte discute as aplicações do modelo na formação de tradutores. O livro conclui com a análise prática de uma série de textos e suas traduções, considerando vários tipos de texto e várias línguas.

Algumas abreviações:

CA	Cultura Alvo
CF	Cultura Fonte
LA	Língua Alvo
LF	Língua Fonte
TA	Texto Alvo
TF	Texto Fonte
TRD	Tradutor, Tradução

II

UM MODELO DE ANÁLISE TEXTUAL ORIENTADO PARA TRADUÇÃO

1. PRINCÍPIOS TEÓRICOS

A fim de determinar os fundamentos teóricos para o modelo de análise textual orientado para a tradução, discutimos, em primeiro lugar, aqueles princípios tradutológicos que determinam o nosso conceito de tradução. O termo “tradução” aqui contempla a tradução oral, a interpretação, bem como a tradução escrita. Em segundo lugar, tratamos dos princípios linguístico-textuais que constituem a base do modelo.

1.1. FUNDAMENTOS TRADUTOLÓGICOS

Após uma breve descrição das condições gerais e dos constituintes da situação na qual a tradução acontece, partimos para uma análise mais detalhada do papel do “iniciador” (proponente) e do tradutor, considerando que ambos são elementos de relevância na produção de uma tradução.

1.1.1. Condições e elementos do processo de ação tradutória

Nosso conceito de tradução é basicamente funcional¹ e essa abordagem é o critério norteador para o modelo do processo de ação tradutória² descrito na Figura 1 e na Figura 3.

Um processo de ação tradutória é geralmente iniciado por um cliente ou “iniciador” (INI), que contrata um tradutor (TRD), uma vez que ele necessita de certo texto alvo (TA) para um destinatário ou receptor determinado (R-TA).³ Pode também acontecer de precisamente ser o iniciador quem queira entender na língua alvo (LA) um determinado texto fonte (TF) escrito em uma língua fonte (LF) por um autor inserido em uma cultura fonte (CF), ou ainda transmitido por um emissor desta língua fonte (E-TF).

¹ A abordagem funcional para a tradução foi primeiramente sugerida por Reiss ([1971] 2000, p. 92), quando ela incluiu a “função especial de uma tradução” como uma categoria adicional em seu modelo de crítica de tradução — uma categoria que visa relocalar o critério normal de crítica baseada na equivalência nos casos (especiais) em que o texto alvo exercia um propósito diferente do texto fonte. Esse ponto de vista é também expresso por Reiss (1976a). A partir de 1978, Reiss e, particularmente, Vermeer frequentemente postularam como uma regra geral que o propósito do TA (texto alvo) é que deve determinar os métodos e as estratégias de tradução, e não a função do TF (texto fonte). Em 1978, Vermeer formulou esse postulado como *skopos* ([1978]1983, p. 54), o qual mais tarde se tornou o componente principal de sua teoria geral da tradução — *Skopostheorie* (REISS; VERMEER, 1984). Holz-Mänttari também considera a função alvo o núcleo da “especificação do produto”, que é como ela se refere à descrição das propriedades e características esperadas do texto alvo (1984a, p. 114).

² De forma a estabelecer uma distinção entre a totalidade do processo de tradução, isto é, o conjunto dos fatores e os elementos relacionados com o fazer tradutório (NORD [1988a] 2012, p. 15-19), e o processo da tradução de forma estrita, ou seja, a rotina que leva da análise do TF até a produção do TA, vamos nos referir aqui ao primeiro como “processo de ação tradutória”. Entretanto, em ambos os casos, nosso conceito de processo não deve ser confundido com a noção psicolinguística de “o que está acontecendo na cabeça do tradutor”, a qual é empiricamente estudada nas técnicas do *think-aloud protocols* — TAP (KUSSMAUL 1995, p. 5).

³ A distinção entre público-alvo e receptor é discutida em Nord (2000, p. 196).

Parece sensato fazer uma distinção metodológica entre o produtor do texto (P), que, na verdade, produz o texto, e o emissor (E), que transmite um texto para veicular certa mensagem. Os emissores que utilizam um texto escrito por eles podem ser considerados produtores do texto e emissores ao mesmo tempo. Por isso, são responsáveis por cada elemento da formulação, e, assim sendo, preferimos chamá-los de “autores” em vez de emissores ou produtores de texto. No entanto, a distinção entre emissor e produtor do texto de partida precisa ser feita. Se um especialista em produção textual é convidado a escrever um texto para o emissor original, pode acontecer uma incoerência entre a intenção do emissor e a efetiva realização pelo produtor do texto. Ainda assim, o emissor pode conceder ao produtor do texto um certo espaço de criatividade estilística, que pode então ser refletida em aspectos internos do texto, mas nem por isso retratar a intenção do emissor (ver Capítulo 1.1.3 e Exemplo 3.1.1/1).

Uma vez que o processo de ação tradutória tenha sido iniciado, o tradutor pode ser considerado o receptor momentâneo do TF, mesmo que ele não seja previsto como destinatário, pois textos normalmente não são concebidos para tradução, mas sim produzidos para um grupo de receptores mais ou menos definidos.

Exemplo 1.1.1/1

a) Na tradução de uma carta comercial, o receptor do TF está claramente identificado tanto pelo endereçamento quanto pela saudação. b) Um texto marcado como “livro infantil” é direcionado para um grupo de certa faixa etária. c) Um tradutor que deve traduzir um texto literário de outra época frequentemente tem que recorrer a métodos de análise textual para determinar as condições de sua recepção. Nesse caso, pode ser necessário distinguir entre o receptor “original” na época do autor e o receptor na época da tradução.

Apesar de não terem normalmente parte ativa no processo de ação tradutória (salvo no caso especial da interpretação), os destinatários do TF são um fator importante para a situação do TF porque as características linguísticas e estilísticas do TF podem ter sido escolhidas de acordo com o que o produtor do texto considera que eles esperem. Além disso, a “imitação” dos efeitos da recepção do TF pode ser parte do *skopos* da tradução (ver abaixo, Capítulo 3.1.8c).

Por todas essas razões, incluímos a recepção do TF como uma segunda pista do diagrama, retratando o processo da ação tradutória.

Os elementos e componentes essenciais do processo de ação tradutória são, em ordem cronológica: produtor do TF, emissor do TF, texto fonte, receptor do TF, iniciador, tradutor, texto alvo, receptor do TA. Estes são os papéis comunicativos que podem, na prática, ser representados por um mesmo indivíduo. Por exemplo, o próprio autor do TF, o receptor do TA ou mesmo o tradutor podem agir como iniciadores de uma tradução.

Exemplo 1.1.1/2

a) Uma professora de medicina alemã fará uma palestra em uma conferência internacional, na qual a língua oficial é o inglês. Ela possui suficiente fluência em inglês para ler um texto escrito neste idioma, mas não para escrever sua palestra em inglês. Então, escreve um texto em alemão e pede para que um tradutor o traduza para o inglês (P-TF = INI = E-TA). b) Um tradutor faz uma tradução como exemplo de seu trabalho para se candidatar a um emprego (TRD = INI). c) Um profissional especialista em publicidade pede uma tradução de um anúncio estrangeiro para ter uma noção das estratégias de marketing utilizadas em outros países (R-TA = INI). d) Um autor cubano exilado na França traduz seu próprio romance do espanhol para o francês (P-TF = INI = TRD).

Além destes constituintes essenciais, também temos que pensar em um número de componentes não essenciais. No diagrama (Figura 1) deixamos espaços vazios ou lacunas [X] que podem representar outras pessoas ou instituições que eventualmente estejam envolvidas no processo da ação tradutória.

Exemplo 1.1.1/3

a) Uma agência publicitária solicita um TF de um autor (P-TF), apontando certas especificações para uma futura tradução (X = agência publicitária). b) O layout final do TA é submetido ao designer gráfico de modo que o tradutor não precise se preocupar com a diagramação (X = designer gráfico). c) Antes de ser enviado para impressão, o TA é revisado por um especialista que o adapta para a terminologia da empresa (X = especialista).

Interpretação é uma forma especial de tradução, porque a situação requer a presença do receptor do TF (R-TF), bem como do tradutor e do receptor do TA (R-TA). Visto que a interpretação é uma forma de comunicação face a face, tanto o emissor quanto o receptor estão presentes, como é mostrado nos usuais modelos de comunicação — em conjunto com o tradutor no papel de produtor do TA. Todos os participantes se comunicam no mesmo lugar, ao mesmo tempo, usando o mesmo meio, e a função do texto é a mesma para todos os participantes, exceto para o tradutor. No entanto, o que é diferente é a base cultural do E-TF e do R-TF por um lado, e do R-TA, por outro.

A tradução de textos escritos em geral tem lugar em uma situação diferente. Mesmo que o meio através do qual o texto seja transmitido permaneça o mesmo, o emissor do TF, o TF e os receptores do TA estão separados pelo tempo e espaço, e sua comunicação é uma comunicação de “um único sentido”, a qual não

permite retroalimentações. Além disso, os textos escritos podem existir fora da sua situação original, podendo assim ser aplicados a novas situações — um processo que pode mudar completamente sua função ou suas funções. Uma dessas situações novas é a tradução. Para entender se o texto é adequado para a nova situação da cultura alvo, o tradutor tem que considerar os fatores e componentes da situação original.

Estando os signos comunicativos vinculados à cultura, tanto o texto fonte como o texto alvo são determinados pela situação comunicativa na qual estão inseridos para transmitir uma mensagem.

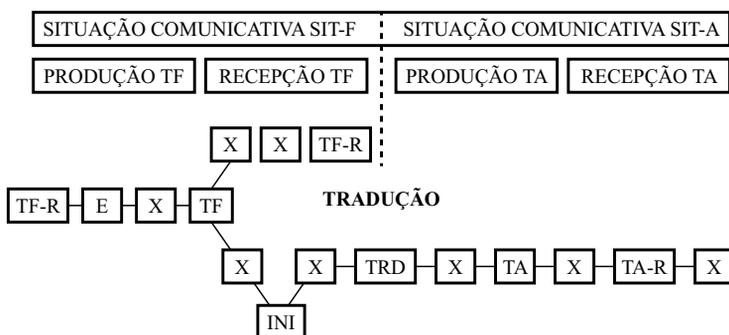
Uma vez que, na comunicação escrita, o emissor e o receptor estão geralmente separados no tempo e no espaço, temos que fazer uma distinção entre a situação da produção do texto e aquela da recepção do texto, seja na cultura fonte (CF) ou na cultura alvo (CA). Na CF, temos que distinguir entre a recepção original e a recepção do tradutor, exceto nos casos em que o texto original é produzido especificamente como um texto fonte, ou seja, apenas para tradução. Como esses textos não têm destinatário na CF, à faixa de recepção da CF do modelo será então atribuído o valor de zero.

Exemplo 1.1.1/4

Textos produzidos para publicidade no exterior, cartas comerciais e panfletos turísticos às vezes não possuem receptores na cultura fonte, mas apenas na cultura alvo. Nesses casos o tradutor será o único receptor do TF.

Conseqüentemente, o diagrama que representa o processo de ação tradutória mostra uma situação do TF (SIT_F) e uma situação do TA (SIT_A), ambas divididas em produção e recepção do texto. Na tradução escrita, a recepção do TF e a produção do TA pelo tradutor normalmente coincidem em tempo e lugar, enquanto na interpretação é o conjunto da SIT_F e da SIT_A que forma uma mesma situação comunicativa.

Figura 1: O processo de ação tradutória (1)



Como ilustrado anteriormente pelos Exemplos 1.1.1/2, o iniciador (INI) não tem necessariamente de ser parte da SIT-F, mas também pode ser parte da SIT-A. É por isso que o INI aparece “rebaixado” no diagrama; é apenas a *função* do INI que o coloca cronologicamente neste lugar.

1.1.2. O papel do iniciador

No processo representado acima, o iniciador desempenha um papel fundamental. Além de ser um indivíduo (a não ser que, evidentemente, o papel do iniciador seja feito pelo tradutor, o receptor do TA etc.), com suas próprias características pessoais, o iniciador é o fator que começa o processo e determina seu curso.

O processo de ação tradutória é iniciado porque o iniciador precisa de um instrumento comunicativo específico: o texto alvo. Isso pressupõe que o iniciador necessita desse texto alvo para um determinado propósito. A recepção do texto alvo pelo iniciador, ou por qualquer outra pessoa à qual o texto alvo possa ser passado, depende desse propósito, que determina os requisitos que devem ser preenchidos pela tradução.

Exemplo 1.1.2/1

a) Um físico americano solicita a tradução de alguns livros técnicos em russo para se familiarizar com as últimas informações envolvendo pesquisas científicas na Rússia. b) Uma empresa alemã quer apresentar seus produtos ou fazer uma oferta para um vendedor brasileiro. c) Um editor britânico quer lançar um *best-seller* no mercado por meio da tradução de um romance francês para o inglês. d) Um professor de idiomas quer avaliar através de uma tradução se seus alunos compreendem as diferentes funções do gerúndio e do participio presentes no inglês.

Se a tradução pretende ser adequada para um determinado propósito, ela deve satisfazer determinados requisitos, os quais são os encargos de tradução.⁴ Os encargos consistem de uma definição prospectiva (explícita ou implícita) da situação alvo, a qual chamamos de *skopos* do texto alvo. Como os iniciadores não são peritos em tradução, muitas vezes são incapazes de formular exigências específicas. Simplesmente diriam, por exemplo: “Você pode, por

⁴ O termo alemão *Übersetzungsauftrag* (NORD, 1986a) literalmente significa “encomenda de tradução”. Em português, preferimos falar de “instruções de tradução”, sempre que o termo destinar-se a destacar o aspecto pedagógico, e de “encargo de tradução”, quando o foco de atenção recair sobre aspectos profissionais (NORD, 1997a, p. 30).

favor, traduzir o texto para o russo?”. No entanto, não há dúvida de que eles têm em mente o propósito daquela tradução. Nesse caso é o tradutor, como especialista na cultura alvo, que converte as informações fornecidas pelo iniciador referentes à situação prospectiva do TA em uma definição viável do *skopos* do TA.

O ponto principal sobre a abordagem funcional é o seguinte: não é o texto fonte como tal, ou seu efeito sobre o receptor do TF, ou a função que lhe foi atribuída pelo autor, que determinam o processo de tradução, tal como postulado pela teoria da equivalência, mas sim a função pretendida ou o *skopos* do texto alvo, tal como determinado pelas necessidades do iniciador. Este ponto de vista corresponde à *Skopostheorie* de Vermeer.⁵

Embora o iniciador seja aqui apresentado como a pessoa que efetivamente define o *skopos* do TA (mesmo que não seja capaz de formular um encargo concretamente), a responsabilidade pela tradução estará sempre com o tradutor. É o tradutor que, sozinho, tem a competência para decidir se a tradução que o iniciador pede pode realmente ser produzida a partir de um determinado texto fonte — e, em caso afirmativo, de que forma, ou seja, mediante quais procedimentos e técnicas ela seria mais adequadamente produzida. Concluindo, é o tradutor, e não o iniciador, o especialista em tradução (ver Capítulo 2.2.3).

⁵ Reiss e Vermeer (1984) sustentam que é o tradutor quem determina o *skopos* da tradução. É, sem dúvida, verdade que certos tipos de situação de transferência são convencionalmente ligados a certos *skopos* do TA. Nesses casos, o tradutor pode, muitas vezes, inferir as instruções de tradução a partir da situação e, se necessário, buscar um consenso com o iniciador. Mas, em princípio, o *skopos* do TA ainda é uma decisão do iniciador e não um critério do tradutor. É o iniciador, depois de tudo, que julga se a tradução satisfaz as suas necessidades ou não. K. Reiss, H. J. Vermeer, *Grundlagen einer allgemeinen Translationstheorie*, p. 95.

A função do texto alvo não é alcançada automaticamente a partir de uma análise do texto fonte, mas é pragmaticamente definida pelo propósito da ação tradutória.

Como a função do texto é determinada pela situação em que ele serve como um instrumento de comunicação,⁶ o encargo de tradução deveria conter o maior número possível de informações sobre os fatores situacionais de recepção previstos do TA, tais como o(s) público(s), tempo e lugar de recepção, meios, etc.

Como foi apontado por Reiss e Vermeer,⁷ as informações sobre o público (contexto sociocultural, expectativas para o texto, influenciabilidade, etc.) são de especial importância. Quanto mais clara e definitiva for a descrição do público do TA, mais fácil será para os tradutores tomarem suas decisões no curso do processo de tradução. O tradutor, então, deveria insistir para que o iniciador lhe fornecesse o maior número de detalhes possível.

Em vista dessa estrita orientação voltada ao público, pode muito bem ser que os tradutores tenham informações mais detalhadas sobre “seu” público do que o próprio autor, considerando que os leitores podem ser encontrados não apenas na cultura fonte, mas, no caso de uma tradução posterior, também nas respectivas culturas alvo.

Exemplo 1.1.2/2

Um romancista vencedor do prêmio Nobel pode escrever um novo romance não só para os leitores de seu país, mas também tendo em mente leitores

⁶ Christiane Nord, “The Relationship between text function and meaning in translation”.

⁷ K. Reiss, H. J. Vermeer, *op. cit.*, p. 101.

estrangeiros, se tiver a expectativa de que essa obra seja futuramente traduzida. O tradutor que venha a traduzir o romance para o alemão normalmente não terá que considerar qualquer leitor francês ou italiano.

1.1.3. *O papel do tradutor*

No diagrama que representa o processo da ação tradutória (Figura 1), o tradutor (TRD) ocupa a posição central. Sendo um receptor do texto fonte, bem como o produtor do texto alvo, o TRD faz parte tanto da situação do TF (SIT_F), quanto da situação do TA (SIT_A). No entanto, os tradutores não são participantes “normais” no processo de comunicação, pois enquanto atuam em sua função como tradutores, eles não pertencem ao grupo dos destinatários para o qual o TF é direcionado pelo emissor em uma situação comunicativa normal. Isto também se aplica quando o TF for produzido apenas para uma tradução, ou seja, para o público alvo. Do ponto de vista do emissor, o tradutor pode ser comparado a um escritor-fantasma, que produz um texto a pedido e para o uso de outrem.

Os tradutores representam um tipo muito especial de receptor, não apenas do ponto de vista do emissor, mas também porque recebem o texto em uma situação muito peculiar. Eles não leem o texto em virtude de seus próprios propósitos (ou seja, para se informar, ou para se divertir, ou para saber como utilizar uma nova máquina). Ao contrário de um professor que lê certo livro com o propósito de preparar a sua palestra, ou um crítico literário que lê um romance para escrever uma resenha sobre ele, os tradutores não têm, por assim dizer, “necessidades pessoais” para ler o texto. Eles leem o TF no lugar do iniciador, ou algum outro receptor que pertença a uma cultura alvo que pode ser bastante diferente da cultura fonte. Uma vez recebido o texto, o tradutor vai transmitir, por meio da tradução, certas informações extraídas do ou acerca do texto fonte.

A recepção do tradutor (isto é, a maneira como recebe o texto) acontece, portanto, tendo em vista as necessidades comunicativas do iniciador ou do público do TA, como se a leitura do TF fora feita pelo olhar do Outro.

Na prática, os tradutores costumam receber o encargo (ou inferi-lo a partir da situação) antes de começarem a ler o TF. Então, o processo de recepção, inevitavelmente, será influenciado por este saber, ainda que eles façam o seu melhor para receber o texto do modo mais imparcial possível. Além disso, como um crítico literário ou um linguista, o tradutor profissional nunca vai ler um texto a ser traduzido de forma ingênua ou intuitiva, mas terá como objetivo uma análise crítica, global e de boa compreensão orientada para a tradução.

Tradutores profissionais leem cada novo TF à luz de sua experiência como leitores críticos e tradutores. Essa experiência constitui um quadro no qual se integram as conclusões de cada nova recepção de TF. Na formação de tradutores, esse olhar profissional deve ser cultivado.

Por último, mas não menos importante, a recepção de um texto é determinada pelas competências do receptor. O tradutor-como-receptor (idealmente) é bicultural, o que significa que tem um domínio perfeito tanto da cultura fonte quanto da cultura alvo (incluindo as línguas), e possui uma competência de transferência que inclui habilidades de recepção e produção do texto, a utilização de ferramentas de tradução e capacidade de “sincronizar” a recepção do TF e a produção do TA.⁸ Seu domínio da cultura

⁸ W. Wilss, „Textanalyse und Übersetzen“, p. 626.

fonte (CF) deve permitir a reconstrução das possíveis reações de um receptor da CF (caso o *skopos* do TA exija uma “imitação” das funções do TF pelo texto alvo), enquanto que seu domínio da cultura alvo (CA) deve permitir que se antecipe às possíveis reações de um receptor do TA, verificando-se assim a adequação funcional da tradução que produz.

A situação particular de os tradutores terem de simular uma situação comunicativa não determinada por suas necessidades pessoais, mas pelas de outra pessoa, produz as condições especiais de produção do TA.

O tradutor não é o emissor da mensagem do TA, mas sim um produtor do texto na cultura alvo, que se apropria da intenção do emissor ou do iniciador para produzir um instrumento comunicativo para a cultura alvo, ou um documento para a cultura alvo a partir de uma comunicação da cultura fonte.⁹

1.2. PRINCÍPIOS LINGUÍSTICOS E DISCURSIVOS

Neste capítulo vamos apontar os princípios teóricos que sustentam o modelo de análise textual através de alguns conceitos base e assim definir nossa base teórica.

⁹ Conforme capítulo 3.1.8c e, para mais detalhes, Nord (1997c), em que tentamos formular uma tipologia funcional da tradução. Os dois principais tipos de tradução são (de acordo com a sua função) a tradução-documento e a tradução-instrumento.

1.2.1. O texto como comunicação interativa

A experiência mostra (como ilustrado na Figura 1) que a tradução se realiza no âmbito de uma situação comunicativa e com base em unidades linguísticas que temos chamado até agora intuitivamente de “textos”: texto fonte (TF) e texto alvo (TA).

Ao contrário do que acontece em outras situações comunicativas, a ação tradutória é especial porque implica em duas culturas (incluindo as línguas) e porque a mensagem transmitida entre o emissor (aqui: E-TF) ou produtor (aqui: P-TF) e o receptor (aqui: R-TA) do texto é formulada utilizando-se os elementos não de um, mas sim de dois códigos.¹⁰ Além disso, a transferência intercultural do texto parece, de certa forma, estar “comprometida” pela intervenção do iniciador e do tradutor. No entanto, tanto o texto fonte quanto o texto alvo, cada um vinculado à uma situação comunicativa, fazem parte de uma interação comunicativa. De Beaugrande e Dressler¹¹ referem-se ao texto como uma “ocorrência comunicativa”.

Uma condição essencial para uma ocorrência comunicativa é, primeiramente, a existência de uma situação, ou seja, de um “subconjunto de eventos não linguísticos que são claramente relevantes para a identificação da(s) característica(s) linguística(s)”.¹² Ele está, ou pode estar, fixado no tempo e no espaço e abrange pelo menos dois participantes que sejam capazes e estejam dispostos a se comunicar um com o outro com certo propósito e por meio de um texto. O texto é transmitido por um canal ou meio adequado e (idealmente!) terá a função de cumprir o propósito comunicativo

¹⁰ W. Kallmeyer et al (eds.), *Lektürekolleg zur Textlinguistik*, Bd. 1: Einführung, Fankfurt am Main: Athenäum Verlag, 1980, p. 12.

¹¹ R. de Beaugrande, W. Dressler, *op. cit.*, 1981, p. 3.

¹² D. Crystal, D. Davy, *Investigating English Style*, p. 11.

pretendido. O ato comunicativo-em-situação fornece o quadro em que o texto tem o seu lugar. O texto só pode ser compreendido e analisado dentro de e em uma relação com o quadro do ato comunicativo-em-situação.

As noções de textualidade “centradas no texto”,¹³ em especial as de coerência e coesão, e os procedimentos para obtê-las (como recorrência, paralelismo, paráfrase, formas pronominais, anáfora, catáfora), referem-se aos elementos estruturais. Em um conceito de textualidade orientado à ação, essas características ganham alguma relevância, tendo como pano de fundo a situação e a função, como indicado nos exemplos que se seguem.

Exemplo 1.2.1/1

Os primeiros vestígios de tradução datam de 3.000 A.C.. As crianças quebraram meu valioso vaso chinês. As contribuições deveriam ser enviadas para os correspondentes internacionais listados abaixo. A última palavra terminou em um longo berro, tal qual o de um carneiro com que Alice quase se assustou.

Exemplo 1.2.1/2

Não há ninguém que não esteja encantado pela canção dela. Nossa cantora se chama Josephine. Canção é uma palavra de seis letras. Cantores adoram usar palavras patéticas.¹⁴

¹³ R. de Beaugrande, W. Dressler, *op. cit.*, 1981, p. 7.

¹⁴ Adaptado de um exemplo citado por W. Dressler em *Einführung in die Textlinguistik*, p. 7.

Exemplo 1.2.1/3

Sabe-se que gatos são mais inteligentes que cachorros. Por exemplo, três entre quatro motoristas morrem de doenças cardíacas antes dos cinquenta anos. Outro exemplo comumente observado é a habilidade dos golfinhos de entender a fala humana. Para concluir, deveríamos enfatizar que mesmo que as meninas aprendam matemática rapidamente, os meninos aprendem matemática igualmente rápido.¹⁵

No primeiro exemplo, não há coesão nem coerência entre as orações, que foram selecionadas ao acaso de diversos textos que tínhamos em mãos. Os outros dois exemplos mostram algumas marcas de coesão (recorrência, isto é, repetição de palavras ou raízes, como *encantado*, *canção*, *cantora/cantores*, substituições, elementos de catáfora e anáfora, como *por exemplo*, *outro exemplo*, *igualmente*, *para concluir*), mas a coerência semântica não se faz presente. Segundo critérios puramente linguístico-textuais, os três exemplos teriam de ser considerados *não-textos*. Pode haver, contudo, situações em que mesmo os *não-textos* terão de ser aceitos como textos. Por exemplo, em um drama absurdo o autor pode “brincar” com a falta de coerência semântica, de modo a produzir certo efeito sobre o público.

De Beaugrande e Dressler¹⁶ levaram em conta esses aspectos a fim de completar as noções intratextuais de coesão, coerência e informatividade com as noções, centradas no usuário, de intencionalidade e aceitabilidade como “atitudes do orador e ouvinte”, bem como os fatores “sociais” de situacionalidade e intertextualidade¹⁷.

¹⁵ Adaptado de G. Graustein e W. Thiele em “Principles of text analysis”, p. 7.

¹⁶ R. de Beaugrande, W. Dressler, *op. cit.*, 1981, p. 79.

¹⁷ R. de Beaugrande, *Text, discourse and process: towards a multidisciplinary science of texts*, p. 19.

De forma semelhante, o linguista alemão Schmidt vê intencionalidade, comunicatividade e/ou orientação ao interlocutor como “características irreduzíveis da linguagem como um meio social de interação verbal”.¹⁸

Se a textualidade já não só é considerada uma simples propriedade estrutural de uma expressão, mas, sim, um traço da sua utilização em comunicação, o conceito de texto sobre o qual o nosso modelo de análise de textos orientado para tradução será baseado deve incluir tanto aspectos situacional-pragmáticos quanto estruturais. Além disso, isso não deve ser visto como uma simples adição, mas como uma forma de interdependência mútua de ambos os aspectos.¹⁹ Em conformidade com Schmidt, podemos distinguir entre:

- a. textualidade como uma característica estrutural dos atos sócio-comunicativos (e, como tais, também linguísticos) dos ou entre os participantes da comunicação; e
- b. textos como realizações concretas da característica estrutural “textualidade” em um determinado meio de comunicação.

Segundo essa definição, os textos são sempre conjuntos de signos linguísticos que têm uma função sócio-comunicativa, o que significa que são textos em-função integrados na estrutura de ações

¹⁸ S. J. Schmidt, *Texttheorie*, p. 22.

¹⁹ A interdependência entre aspectos estruturais e situacionais é mostrada muito claramente quando consideramos características intertextuais que só podem ser interpretadas na sua relação com as condições extratextuais da situação comunicativa, tais como as expressões dêiticas (hoje, aqui) ou itens lexicais referentes aos participantes do ato comunicativo, como *eu*, *ocê*, *queridos colegas*. Essa relação é chamada de “referência exofórica” por Halliday e Hasan (1976, p. 18), que apontam que é a coerência e não a coesão, que se realiza por tais elementos.

comunicativas. Como tais, são geralmente definidos e definíveis por critérios tanto linguísticos quanto sociais²⁰.

Conseqüentemente, a distinção entre texto e *não-texto* deve ser baseada no critério da função comunicativa, que é de particular relevância na comunicação intercultural. Nem sempre é possível que um texto, como um todo, seja designado para uma única função. Isto é válido para os chamados “gêneros complexos”²¹ ou para hipertextos que incorporam textos pertencentes a tipos textuais distintos. Nesses casos, a situação e a função têm de ser analisadas separadamente para cada um dos textos ou seções do texto (parágrafos, capítulos, etc.) incorporadas.

Para o tradutor, as características estruturais, semânticas e sintáticas do texto-em-função são importantes não como uma prova de que o enunciado em questão é um texto, mas como um meio de analisar seu significado, tanto no sentido denotativo (isto é, referente à realidade extralinguística) como no sentido conotativo (isto é, referente à utilização de linguagem e estilo).

Há ainda outro aspecto que tem que ser levado em consideração para um conceito de textualidade orientado para tradução. Menciona-se implicitamente na definição dada por Kallmeyer et al.: “Um texto é o conjunto de sinais comunicativos utilizado em uma interação comunicativa”²². Os sinais comunicativos nem sempre precisam consistir unicamente de elementos linguísticos, mas podem igualmente ser complementados ou acompanhados por elementos não linguísticos ou não verbais, tais como entonação, expressões faciais ou gestos na comunicação face a face, ou por ilustrações, *layout*, um logotipo de uma empresa, etc. Na comunicação escrita, em alguns

²⁰ S. J. Schmidt, *op. cit.*, 1976, p. 145.

²¹ K. Reiss, H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1984, p. 180.

²² W. Kallmeyer et al, *op. cit.*, p. 45.

textos, os elementos não verbais podem ter ainda maior importância que os elementos verbais, como é o caso das histórias em quadrinhos.²³ No processo de tradução, o tradutor pode achar que às vezes é necessário trocar um elemento não verbal por um elemento verbal, ou vice-versa (ver Capítulo 3.2.5).

Um texto é uma ação comunicativa que pode ser realizada por uma combinação de meios verbais e não verbais.

Se considerarmos o texto uma ação comunicativa, é evidente que na análise textual as dimensões da situação comunicativa, bem como os participantes no ato comunicativo, devem ser os fatores primordiais. Em uma análise orientada para a tradução, teremos primeiro que analisar esses elementos e a sua função na situação do TF e, em seguida, compará-los aos fatores correspondentes na situação (prevista) do TA, uma vez que o texto alvo também, como o texto fonte, será incorporado em uma interação comunicativa que determina a sua recepção.

²³ No entanto, nem toda forma de comunicação não verbal pode ser considerada um texto. A inclusão de outras formas de comunicação não verbais que não são complementares à comunicação verbal significaria, segundo Gülich e Raible (1977, p. 33), dizer que os atos de se jogar xadrez ou alimentar um bebê teriam de ser considerados como “textos” também. Além disso, os elementos não verbais de um texto nem sempre podem ser considerados transmissores de mensagens que existem independentemente dos elementos verbais ou, pelo menos, para dar apoio à mensagem ou como uma orientação para o leitor. Eles podem muito bem ser simples marcadores convencionais com pouco ou nenhum significado. O analista tem que verificar caso a caso se os elementos não verbais do texto em questão trazem consigo qualquer intenção comunicativa.

1.2.2. O processo de recepção do texto

Se um texto deve ser considerado uma combinação de sinais comunicativos dentro de uma situação comunicativa, tal como foi descrito acima, podemos analisar a função do texto a partir do ponto de vista do produtor (como função pretendida) ou do receptor (como função atribuída ao texto). Isso é verdade, pelo menos, na comunicação escrita, em que a situação de produção do texto é diferente da situação de recepção. Com respeito à produção, estamos interessados principalmente na intenção que o autor está tentando realizar através do texto. É essa intenção que determina as estratégias de produção textual (tais como a elaboração do assunto, a escolha de recursos estilísticos ou dos elementos não verbais etc.) e, sendo assim, exerce uma forte influência na função do texto. Como Vermeer apropriadamente aponta: “Se o emissor quer comunicar, se se submete à personalidade do receptor, ou, para ser mais preciso, adapta-se ao papel que ele espera que o receptor espera dele. Isso inclui o julgamento que o emissor tem do receptor”.²⁴

Vejam agora como a função do texto pode ser analisada do ponto de vista do receptor. Pode muitas vezes acontecer de a intenção do emissor não ser realizada com êxito no texto (especialmente se o emissor não é o produtor do texto). Então, os receptores não podem inferir a partir do texto qual seria a intenção verdadeira do emissor. No entanto, ainda que a intenção do emissor tenha sido realizada inequivocamente, os receptores podem ler o texto com uma intenção (ou melhor, uma expectativa) própria, que pode ser completamente diferente da do emissor.

²⁴ H. J. Vermeer, *Allgemeine Sprachwissenschaft*, p. 133.

A recepção de um texto depende das expectativas dos receptores, que é determinada pela situação em que eles recebem o texto, pelo seu entorno social, seu conhecimento de mundo e/ou suas necessidades comunicativas.

A intenção do emissor e a expectativa do receptor podem ser idênticas, mas elas não precisam coincidir nem mesmo ser compatíveis.

As consequências de tais considerações para a tradução são as seguintes: se o tradutor não tem conhecimento sobre a situação em que a produção do TF ocorreu e não pode pedir ao emissor ou produtor do texto essas informações, seja porque o autor ou produtor estejam mortos (no caso de textos antigos) ou não sejam rastreáveis, ele tem que se valer de suposições. Por conseguinte, para qualquer produção de TF que se realizou no passado em circunstâncias especiais, não há possibilidades de repetição. Sempre que isso ocorre, não podemos reivindicar a “verificação científica”, ao menos no que se refere a textos escritos, diferentemente de situações de interpretação oral.

A recepção do texto, no entanto, tem que ser vista sob uma óptica diferente. O tradutor é um real receptor do TF com competência na cultura fonte, ainda que esta seja por casualidade e não pela intenção do emissor. Além disso, o tradutor é um “receptor crítico” (ver Capítulo 1.1.3), que deseja pelo menos atingir um objetivo consciente e uma compreensão verificável do texto fonte. Os tradutores recebem o texto em vários níveis: (a) no nível dos competentes receptores da CF (em sua própria situação como TRD), (b) no nível de um analista que se coloca na situação tanto dos receptores pretendidos do TF como dos possíveis receptores reais do TF, e (c) no

nível de um receptor competente da CA, e assim lê um TF “através dos olhos” do público pretendido do TA, tentando se colocar no lugar desses. Como aponta House,²⁵ o tradutor tem que estabelecer “um filtro cultural entre o TF e o TA; tem que, por assim dizer, ver o TF através das lentes de um membro da cultura alvo”.

De acordo com a visão dinâmica do texto que adotamos, um texto não “tem” uma função; uma função só pode ser atribuída ao texto pelo receptor no ato da recepção.

Como um produto da intenção do autor, o texto permanece provisório até que seja efetivamente recebido. É o acolhimento que completa a situação comunicativa e define a função do texto. Pode-se dizer que o texto, como um ato comunicativo, é completado pelo receptor.

Disto conclui-se que são atribuídas a um texto tantas funções quantos receptores houver. Todos nós já vimos como uma mesma pessoa em diferentes momentos da sua vida pode “ler” o mesmo texto de muitas formas diferentes. Se essa pessoa fosse um tradutor, teria certamente produzido diferentes traduções. É “o receptor indivíduo R, no momento T que, com sua história de recepção individual ou social, recebe a mensagem M. As circunstâncias sociais de R são parte da recepção”, como clarifica Vermeer.²⁶

Tendo em vista esse conceito de recepção do texto, parece irrelevante considerar a possibilidade de corresponder uma tradução a um texto fonte, ou mesmo oferecer quaisquer critérios para uma

²⁵ J. House, *A model for translation quality assessment*, p. 196.

²⁶ H. J. Vermeer, „vom ‘richtigen’ Übersetzen“, p. 70.

tradução otimizada. Se a recepção é absolutamente dependente das condições do indivíduo, não haverá qualquer possibilidade de encontrar critérios de avaliação que levem em conta cada um dos processos de recepção.

A única forma de superar esse problema é, em nossa opinião, primeiramente controlar a recepção do TF por um rigoroso modelo de análise que abranja todos os elementos ou características relevantes do texto, e, em segundo lugar, controlar a produção do TA com rigorosas “instruções de tradução” que definam claramente a função (prospectiva) do texto alvo. Com esta função em mente, o tradutor pode, então, encontrar argumentos para excluir uma solução ou dar preferência à outra, para que a variedade de possíveis traduções possa diminuir com base em critérios funcionais. Só então será possível justificar a comparação de várias traduções de um mesmo texto fonte (desde que este tenha sido traduzido para uma mesma função no TA) e, assim, chegar-se a uma avaliação comparativa das traduções, a qual é necessária, por exemplo, na formação de tradutores.

1.2.3. *Tipologias textuais*

a. A importância da função comunicativa

A função comunicativa não é apenas uma característica constitutiva fundamental dos textos, mas também determina as estratégias de produção textual.

Para os tradutores, esse ponto de vista tem duas consequências.

- A partir de um ângulo retrospectivo, eles tentam em sua análise do TF verificar suas expectativas inferidas com base no que indica a situação comunicativa quanto à função do texto, ou — se não dispõem de informações extratextuais

- relacionar os aspectos estruturais do TF com as possíveis funções do texto, assim fazendo inferências acerca da situação comunicativa.
- A partir de um ângulo prospectivo, por outro lado, eles têm de analisar cada um dos elementos do TF de modo a verificar se podem satisfazer a pretendida função do TA na forma em que se encontra, ou se devem ser adaptados, uma vez que as propriedades estruturais de qualquer texto alvo devem ser ajustadas para a função pretendida para o receptor da cultura alvo.

Como as características estruturais do texto são usualmente polifuncionais, a relação entre a função e a estrutura é raramente homogênea. Normalmente, um texto com uma função particular é caracterizado por uma combinação ou “configuração” de características que podem ser constituídas tanto por elementos extratextuais (isto é, pragmáticos) quanto intratextuais (semânticos, sintáticos e estilísticos).

Esta ideia pode ser útil como ponto de partida para uma classificação sistemática de grupos, classes, gêneros ou tipos de textos, de acordo com certas características ou combinação de características comuns, em que a relação entre uma configuração particular de características e uma função particular do texto é culturalmente específica.

Linguistas e tradutólogos alemães²⁷ normalmente distinguem entre tipo de texto (*Texttyp*), que é uma classificação *funcional* (por exemplo, textos informativos *versus* textos expressivos *versus* textos persuasivos ou textos descritivos *versus* textos narrativos *versus* textos argumentativos), e classe de texto (*Textsorte*), uma categoria que remete à ocorrência de textos em situações padronizadas (por

²⁷ F. Lux, *Text, Situation, Textsorte* e K. Reiss, H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1984, por exemplo.

exemplo, previsão do tempo, oração, canção folclórica, manual de instruções). Alguns autores parecem utilizar a expressão *text type* para ambas as classificações,²⁸ como demonstra claramente a seguinte definição dada por Beaugrande:²⁹

Um tipo de texto é uma configuração distintiva de dominâncias relacionais que existem entre os elementos (1) da superfície do texto, (2) do mundo textual, (3) dos modelos de conhecimento armazenados e (4) de uma situação de ocorrência.

Isso significa o seguinte: considerando que certos tipos de texto parecem ser utilizados de forma repetida em certas situações com mais ou menos as mesmas funções, esses textos adquirem formas convencionais que, às vezes, são elevadas ao *status* de normas sociais. A observância desse *status* é esperada pelos participantes do processo de comunicação e a não observância pode ser penalizada. Assim, as convenções e normas de gênero desempenham um papel importante tanto na produção do texto (porque os autores devem cumprir as convenções se desejam realizar a sua intenção comunicativa) quanto na sua recepção (porque o receptor pode inferir as intenções do autor a partir da forma convencional do texto).³⁰

²⁸ R. de Beaugrande, *op. cit.*, 1980, p. 197; R. de Beaugrande, W. Dressler, *op. cit.*, 1981, p. 183; J. House, *op. cit.*, 1981a, p. 35. Mais recentemente, o uso do termo *gênero* foi estendido para textos não literários, especialmente em estudos de tradução. Nós vamos, portanto, usar *gênero* para traduzir o termo alemão *Textsorte*.

²⁹ R. de Beaugrande, *op. cit.*, 1980, p. 197.

³⁰ Diante dessas considerações, a classificação de traduções (isto é, textos alvo) como um gênero, sugerida por Dressler (1975, p. 253), não parece justificar-se, ainda que seja verdade que, na prática da tradução profissional, textos alvo sejam frequentemente reconhecíveis — infelizmente! — por determinadas características comuns, tais como “manifestações de interlinguagem” (TOURY [1978] 1980, p. 74), que acontecem, de

Exemplo 1.2.3/1

Os textos instrucionais, tais como manuais de instrução ou receitas, caracterizam-se por uma estrutura sintática típica. Em inglês, é o imperativo (“melt the butter on a medium heat”); em espanhol, é a construção impessoal tradicional (“se mondan y lavan las patatas”), que, no entanto, agora é muitas vezes substituída por um infinitivo (“mondar y lavar las patatas”); em alemão, os infinitivos são usados quase que exclusivamente („Fischfilet säubern, säuern, salzen”), enquanto receitas antigas faziam uso do modo subjuntivo („Man nehme drei Eier [...]”). Em português usa-se predominantemente o infinitivo, mas outras construções, como o imperativo e o impessoal, não são excluídas (“Colocar três ovos [...]”; “Separe as claras das gemas [...]”; “Mede-se a farinha em xícaras [...]”).

As normas dos gêneros não só variam de uma cultura para outra como também são sujeitas à mudanças históricas, como indicado no Exemplo 1.2.3/1. Alguns gêneros muito comuns hoje não existiam em outros tempos (por exemplo, notícias ou anúncios transmitidos pelo rádio), enquanto outros, comuns séculos atrás (por exemplo, feitiços mágicos ou poemas heroicos), têm mudado de função ou se tornaram completamente obsoletos.

**Convenções de gênero não são universais, mas
vinculadas à certa cultura em certo período de tempo.**

fato, devido a uma específica situação de (transferência) na qual o texto foi produzido. Só podemos supor que Dressler parte de uma noção diferente de gênero. Se o gênero é determinado pela função do texto, parece evidente que a função de um texto raramente será exclusivamente a de ser uma tradução.

b. Convenções literárias *versus* convenções não literárias

É interessante notar que a noção de normas de gênero é principalmente aplicada a textos não literários, como receitas ou manuais de instruções, uma vez que esses textos, na prática social de comportamento e interpretação de papéis sociais adequados, parecem desenvolver formas relativamente rígidas. Assim, a sua realização como textos individuais é apenas uma reprodução de modelos já existentes.

No domínio de textos literários, os elementos convencionais não são tão frequentes quanto no domínio de textos não literários. Denominações como “romance”, “conto” ou “anedota” podem, no entanto, indicar que em textos pertencentes a um destes gêneros são esperadas algumas características em comum. Os gêneros literários são muitas vezes diferenciados por características específicas de assunto ou de conteúdo (anedota *versus* piada), de extensão (romance *versus* conto) ou através da sua filiação a um período literário (romance *versus* epopeia), bem como por certas propriedades estilísticas. Mesmo assim, um texto literário geralmente tem que ser considerado o resultado de um processo criativo individual. Sua importância (artística) reside precisamente no fato de que ele não reproduz modelos textuais existentes (caso contrário, seria considerado epigônico), mas uma inovação original.³¹

c. Tipologias textuais orientadas para a tradução

Se na análise do TF o tradutor encontra o texto marcado por uma estrita observância das convenções do gênero, pode ficar seguro de que características estilísticas que teriam o seu próprio efeito

³¹ Outro critério para diferenciar textos literários de não literários é a relação entre os textos e a “realidade”. Harweg (1974, p. 108) chama a distinção entre textos de ficção e não ficção de “oposição fundamental” para a tipologia textual. Para a tradução, essa distinção ganha relevância no que se refere às pressuposições do texto (ver Capítulo 3.2.3b).

sobre o receptor *não* desempenham um papel relevante. Se, por outro lado, o *skopos* do TA exige que se cumpram estritamente as convenções de gênero da cultura alvo, o tradutor fica autorizado a adequar as propriedades linguísticas e estilísticas convencionais do texto fonte no processo de análise.

A fim de averiguar quais características do texto são convencionais e quais não, o tradutor necessita de abrangentes descrições de convenções de gênero (intra-linguais ou contrastivas). Recentemente, as comparações de gênero baseadas em *corpus* se tornaram muito populares para trabalhos acadêmicos nos estudos da tradução.

O tradutor, é claro, está especialmente interessado nas tipologias que se dizem “orientadas para a tradução”, ainda que sua abordagem seja de caráter generalista. Já em 1971, Katharina Reiss publicou a primeira tipologia textual orientada para a tradução, que foi ligeiramente alterada (especialmente em matéria de terminologia) em 1976.³² Com base no modelo de comunicação de funções linguísticas sugeridas por Bühler,³³ Reiss fez uma distinção entre textos informativos (por exemplo, notícias ou artigos científicos), textos expressivos (por exemplo, obras literárias), textos operativos ou apelativos (por exemplo, publicidade) e textos auditivos com efeitos sonoros (por exemplo, canções ou emissões radiofônicas, cuja realização envolve outros meios além da linguagem). Esta quarta categoria foi abandonada em obras posteriores. Reiss e Vermeer³⁴ também se referem à tipologia funcional de Reiss, salientando que, em virtude da atribuição do texto fonte a um desses tipos textuais, o tradutor pode decidir sobre a

³² K. Reiss, *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik*; K. Reiss, *Texttyp und Übersetzungsmethode: Der operative Text*.

³³ K. Bühler, *Sprachtheorie*.

³⁴ K. Reiss; H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1984.

hierarquia de equivalências que deve ser observada na produção do TA. Isso aponta para o fato de que uma tipologia que pretende ser a base da estratégia de tradução só fará sentido se o *skopos* do TA exigir “equivalência” (no sentido de analogia de gênero) entre os textos fonte e alvo.

A equivalência é também o ponto de partida de Koller.³⁵ Por um lado, ele critica severamente a tipologia textual de Reiss, mas, por outro, não tem nenhuma alternativa convincente para oferecer. Em vez de uma tipologia, ele apresenta cinco: função de linguagem (segundo Bühler, tal como Reiss), tema, estilo, características estéticas formais e a vertente pragmática de orientação ao receptor. Este método de classificação de todo texto, de acordo com as cinco categorias, cada uma das quais seguindo diferentes critérios, torna muito difícil a criação de qualquer orientação sistemática para a tradução.

Na sua tipologia de textos relevante à tradução nas línguas alemã e francesa (note a orientação limitada a um par de línguas), Matt et al.³⁶ também partem do postulado de equivalência. No entanto, não classificam textos segundo uma função predominante, mas de acordo com o número de funções relevantes do texto (por exemplo, textos bi ou trifuncionais). Essa perspectiva, que é adotada também por Thiel,³⁷ pressupõe uma hierarquia de categorias: em primeiro lugar, o nível de tipo de texto com as funções relevantes (por exemplo, texto avaliativo com as funções de representação e avaliação); em segundo, uma subcategoria especificada de acordo com o típico relacionamento social entre o emissor e o receptor; em

³⁵ W. Koller, *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*, p. 187.

³⁶ P. Matt et al., „Übersetzungsrelevante Typologie deutscher und französischer Texte“.

³⁷ G. Thiel, „Vergleichende Textanalyse als Basis für die Entwicklung einer Übersetzungsmethodik, dargestellt anhand der Textsorte Resolution“.

terceiro, o gênero (o texto amostra que Thiel utiliza é um “comentário político”).

O que importa a respeito desta última tipologia é que, levando em conta a polifuncionalidade dos textos, tanto Matt et al. quanto Thiel abandonam a ideia de atribuir a um texto um determinado tipo funcional. Em vez disso, desenvolvem um modelo detalhado de análise com base em fatores verificáveis. Em nossa opinião, a atribuição de um texto a um determinado tipo ou gênero não consegue trazer a solução “perfeita” para sua tradução. Gostaríamos de sugerir o seguinte procedimento.

Por meio de um modelo global de análise de textos que considera tanto os fatores intratextuais como os fatores extratextuais, o tradutor pode identificar a “função-em-cultura” de um texto fonte. Isso é então comparado à função-em-cultura (prospectiva) do texto alvo exigida pelo iniciador, identificando-se e isolando-se os elementos do TF que devam ser conservados ou adaptados na tradução.

Na medida em que os autores citados contribuem para tal objetivo, as abordagens já mencionadas e algumas outras de classificação e tipologia de textos serão consideradas em nosso modelo de análise textual para a tradução.

2. AS FUNÇÕES DA ANÁLISE DO TEXTO FONTE

Como vimos, a análise de textos fonte pode ter várias funções e vários graus de relevância no processo de tradução. O capítulo a

seguir discorre sobre as consequências que os diferentes conceitos de tradução têm na função da análise do TF.³⁸

2.1. POSSÍVEIS RELAÇÕES ENTRE TEXTO FONTE E TEXTO ALVO

2.1.1. *"Fidelidade", "liberdade", "equivalência"*

Normalmente se espera que uma tradução reproduza "fielmente" todos os elementos relevantes do texto original. Trata-se de uma expectativa bastante comum, muitas vezes também sustentada por linguistas e críticos literários, mesmo que o conceito de "fidelidade" possa ser equiparado a "equivalência", como ilustrado por Königs: "Visar a equivalência está implícito na própria definição de traduzir ou de tradução".³⁹ Aqui, equivalência significa "a maior correspondência possível entre o texto fonte e o texto alvo".

Esta equação pouco aprofundada de tradução e equivalência parece ser responsável pelos eternos debates acerca da fidelidade ou da liberdade na tradução, debates esses que não nos têm levado a lugar nenhum. O acordo entre a fidelidade (traduzir fielmente o que está no texto) e servilismo (ser demasiadamente fiel), por um lado, é de liberdade (traduzir livremente) e excesso de autonomia (ser demasiadamente livre), por outro, é tido como critério para que uma versão "demasiada fiel" ou "demasiada livre" não é equivalente e, portanto, não pode ser considerada como uma tradução em sentido estrito. Mesmo a tentativa de Benjamin⁴⁰ de proclamar "a lei da fidelidade na liberdade" como princípio do seu conceito de tradução (em que a

³⁸ Christiane Nord, „Treue, Freiheit, Äquivalenz' — oder: Wozu brauchen wir den Übersetzungsauftrag?“.

³⁹ F. G. Königs, „Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen“, p. 6.

⁴⁰ W. Benjamin, „Die Aufgabe des Übersetzers“, p. 20.

palavra é o elemento fundamental para o tradutor) não foi capaz de criar qualquer esclarecimento sobre o problema.

O conceito de equivalência é um dos mais ambíguos nos estudos da tradução, e, conseqüentemente, tem sido interpretado de formas muito distintas. Equivalência pressupõe que diversos requisitos precisam ser satisfeitos em todos os níveis do texto. A alegação de que TF e TA devem ter a “mesma” função e ser direcionados ao “mesmo” receptor ilustra o aspecto pragmático do conceito, enquanto a exigência de que o TA deve “imitar”, “refletir” ou “espelhar” o TF ou “mostrar sua beleza”, etc., ressaltando os fatores intratextuais em relação ao conteúdo e forma. A interpretação de equivalência como identidade de “sentido”, “valor” ou “efeito” sugere que o texto alvo devesse reproduzir a interdependência dos fatores intratextuais (com respeito ao conteúdo e à forma) e extratextuais (situacionais e, acima de tudo, orientados ao receptor).

O conceito de equivalência tem sido questionado desde que foi estabelecido. Desde a formulação de Nida da “equivalência dinâmica”,⁴¹ há um longo e tortuoso caminho via a especificação da equivalência denotativa, conotativa, normativa, pragmática e formal de Koller⁴² até a “equivalência vinculada ao texto” de Neubert,⁴³ com o tradutor tendo que se esforçar constantemente para conseguir compensar as traduções não equivalentes nos níveis mais elementares (por exemplo, no nível das palavras e frases).

Em nossa experiência, no entanto, redefinições esporádicas não resolvem o problema da inerente “ambigüidade” do conceito.⁴⁴ A equivalência continua a ser equiparada à fidelidade, e as traduções

⁴¹ E. A. Nida, *Towards a science of translating*.

⁴² W. Koller, *op. cit.*, 1979, p. 187; W. Koller, “The concept of equivalence”.

⁴³ A. Neubert, “Text-bound translation training”, p. 68; A. Neubert, „Translatorische Relativität“, p. 87.

⁴⁴ M. Snell-Hornby, *Übersetzen, Sprache, Kultur, Introduction to Snell-Hornby*, p. 16.

continuam a ser avaliadas de acordo com esse critério pouco claro. Textos alvo que não estejam em conformidade com o critério de equivalência são, em princípio, excluídos do domínio da tradução em sentido restrito. Assim, traduções palavra por palavra e traduções literais⁴⁵ ou traduções filológicas⁴⁶ não são aceitas como traduções no sentido estrito da palavra, porque são “demasiadamente fieis” na reprodução de alguns aspectos do original. Por outro lado, adaptações, traduções livres e paráfrases são consideradas igualmente inadmissíveis, uma vez que se afastam demais do texto fonte.

No âmbito de tal conceito de tradução, a análise do texto fonte é vista como a única base legítima para a determinação da equivalência. Isso, em nossa opinião, é uma exigência que a análise do texto fonte é incapaz de satisfazer. Mesmo para a produção de um texto alvo equivalente é impossível não considerar as exigências especiais da situação alvo prospectiva. Uma vez que essas exigências tenham sido elicitadas e contrastadas com as características da situação do texto fonte, abstraídas a partir da análise do TF, a produção de um texto alvo equivalente ou “funcionalmente equivalente” pode ser um dos muitos propósitos possíveis da tradução.

A equivalência funcional entre os textos fonte e alvo não é a normalidade, mas sim a exceção, na qual o fator mudança de função é taxado de “zero”.

2.1.2. A teoria do *skopos*

Em uma visão funcional de tradução, a equivalência entre texto fonte e texto alvo é encarada como sendo subordinada a todo

⁴⁵ W. Wilss, *The science of translation: problems and methods*, p. 87.

⁴⁶ Na terminologia de K. Reiss em „Paraphrase und Übersetzung. Versuch einer Klärung“, 1985.

skopos de tradução possível, e não como um princípio de tradução válido “de uma vez por todas”.⁴⁷ Na *Skopostheorie* de Vermeer, o *skopos* de uma tradução é determinado pela função que o texto alvo se destina a desempenhar. A *Skopostheorie* é parte de uma “teoria geral da tradução” que foi apresentada pela primeira vez por Vermeer em 1978 e depende da chamada regra do *skopos*, com suas sub-regras sociológicas.

A interação humana (e como sua subcategoria: a tradução) é determinada pela sua finalidade (*skopos*), e, portanto, é uma função [no sentido matemático do “ser dependente de”, C. N.] do seu propósito: $IA(\text{trd}) = f(\text{sk})$. [...] o propósito pode ser descrito como uma função do receptor: $sk = f(R)$.⁴⁸

O ponto de partida para a tradução nessa teoria é, também, um texto (como parte de um “contínuo de mundos”, segundo Vermeer) escrito na língua F (= LF) que tem que ser traduzido em uma língua A (= LA), de tal forma que passe a fazer parte de um contínuo de mundos que possa ser interpretado pelo receptor como “coerente com a sua situação”.⁴⁹ A relação entre os textos fonte e alvo pode ser supostamente descrita usando-se o termo “coerência” (em Vermeer, coerência intratextual = fidelidade). A exigência de fidelidade, no entanto, é subordinada à regra do *skopos*. Se o *skopos* exige uma mudança de função, o critério exigido já não é a coerência intratextual com o texto fonte, mas passa a ser a adequação ou a apropriação em relação ao *skopos*.⁵⁰

⁴⁷ K. Reiss; H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1984, p. 146.

⁴⁸ H. J. Vermeer, „Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie“, p. 54.

⁴⁹ *Idem*, p. 57.

⁵⁰ K. Reiss; H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1984, p. 139.

De acordo com o conceito descrito no Capítulo 1.2.1, cada texto tem o seu lugar em uma configuração de elementos (= fatores) particulares e interdependentes, cuja constelação determina sua função. Se apenas um elemento é alterado, a posição dos outros elementos dentro da configuração será inevitavelmente alterada também. Em qualquer tradução (mesmo no sentido mais tradicional da palavra) que pretende permitir que as pessoas se comuniquem através da barreira cultural e linguística, pelo menos um elemento é diferente toda vez, e este é o receptor. Mesmo se o receptor do TA for a imagem do receptor do TF (no que se refere a sexo, idade, educação, entorno social etc.), haveria uma diferença, a saber, que é: eles estão vinculados a comunidades linguístico-culturais distintas.⁵¹

Por conseguinte, tendo crescido em outra cultura, o receptor do TA tem um conhecimento diferente de mundo, um modo de vida distinto, uma perspectiva ímpar das coisas e uma “experiência textual” diferente, à luz da qual o texto alvo é lido. Todos esses fatores afetam a forma como receptores lidam com um texto. Isso pode significar, por exemplo, que o leitor alvo não é familiarizado com o assunto tratado no texto fonte, com uma terminologia especial, supostamente bem conhecida do público do TF (ou vice-versa), tal como ilustrado pelo seguinte exemplo:

Exemplo 2.1.2/1

A edição espanhola do livro *Filosofías de la educación*, Barcelona 1979, escrita pelo padre marxista catalão Octavi Fullat, é direcionada, como o autor deixa claro em seu prefácio, tanto para os alunos de formação acadêmica em Ciências da Educação como para pais interessados em um conceito de educação. A versão alemã deste livro, *Philosophische Grundlagen der Erziehung* [Princípios

⁵¹ Christiane Nord, *op. cit.*, 1992b.

filosóficos da educação], Stuttgart 1982, certamente não é — a julgar por sua apresentação e preço — direcionada a pais alemães interessados em conceitos de educação, mas apenas a estudantes universitários. Tendo em vista a abundância de livros didáticos existentes, os estudantes alemães de Ciências da Educação estão acostumados a um caráter mais “científico” (em conteúdo e forma) do que este livro pode oferecer. Como a tradutora não poderia “reescrever” o conteúdo do livro, teve que ajustar a forma (particularmente concernente às convenções de gênero) para os padrões esperados pelos receptores do TA (= os alunos, e não os pais). Isso afetou, por exemplo, a forma das referências bibliográficas.

Essa adaptação do texto fonte para as normas da cultura alvo é um procedimento que faz parte do cotidiano de cada tradutor profissional. Pode-se fazer uma distinção metodológica entre tradução (no sentido estrito da palavra) e adaptação, mas duvidamos de que isso nos leve adiante. Nós gostaríamos de incluir a característica da adaptação no conceito de tradução, de maneira que as pessoas (ou seja, os utilizadores e iniciadores de traduções) compreendam o que realmente é a tradução. Se de fato ocorrer uma situação em que todos os fatores permaneçam inalterados (por exemplo, na tradução de uma comunicação interna para os funcionários de uma empresa internacional, que devem estar igualmente familiarizados com o assunto e com as respectivas culturas fonte e alvo), a característica da adaptação pode ter valor equivalente a zero neste processo específico de tradução.

Ao contrário do que os dicionários bilíngues parecem sugerir, não existe um equivalente “normal” na LA para uma unidade cultural e/ou linguística do TF; nesse caso, o “anormal” é o que sempre ocorre na prática de tradução.

Exemplo 2.1.2/2

No divertido livro histórico *Otra historia de España*, de Fernando Díaz Plaja, encontramos a seguinte frase no capítulo sobre a história da Guerra Civil Espanhola: “No había un solo ministro comunista en el gobierno de la República en julio de 1936, dirigido por un miembro de la Izquierda Republicana, o Partido de Azaña, llamado Casares Quiroga”. O equivalente alemão “normal”, por exemplo, para *Partido de Azaña* seria “Azaña Parteí”, mas este não é o nome oficial do partido (que oficialmente se chama “Partido de Izquierda Republicana”), e seria apenas de interesse dos receptores do TA que houvesse alguma coisa que eles pudessem associar com o nome do fundador do partido, enquanto que o conhecimento cultural dos receptores do TF (e não dos receptores do TA) produz uma resposta imediata assim que o nome Azaña é mencionado. Tendo em vista a função (prospectiva) do TA, o tradutor tem que decidir se quer expandir o texto, fornecendo mais informações sobre Azaña, ou substituir a alusão pelo nome oficial do partido.

Uma das objeções frequentes é que a tradução, no sentido estrito da palavra, apenas permite adaptações que não seriam necessárias na comunicação intralingual. O Exemplo 2.1.2/2 mostra que esse argumento não é válido, uma vez que os mesmos problemas de compreensão podem surgir para um jovem espanhol (ou argentino ou peruano) de hoje.

Como já foi dito, em uma tradução orientada ao *skopos*, a observância do *skopos* tem prioridade frente à coerência intertextual com o texto fonte. No entanto, a coerência intratextual sempre é compatível com o *skopos*, então é isso que o tradutor deve ter por objetivo. Essa compatibilidade vai se mostrar na análise textual.

A compatibilidade de uma função pretendida do TA com a função pretendida do TF depende de todos os elementos necessários para a produção do TA serem fornecidos pelo texto fonte ou de possíveis

deficiências no TF serem compensadas pela bagagem do tradutor, aliada à sua competência para transferência. A competência para transferência inclui, conforme mencionado anteriormente, a capacidade de utilização adequada das fontes de informação e das ferramentas disponíveis. No caso do exemplo dado acima, isso significa que as informações históricas sobre o fundador do partido, Manuel Azaña, que estão implícitas no TF como pressuposições ou “pré-informação”, podem (e devem) ser obtidas pelo tradutor se o *skopos* do TA assim o exigir.

Assim, o número de elementos fornecidos pelo TF somado ao conhecimento do tradutor não deve ser inferior ao número de elementos exigidos pelo TA. Se o “teste de compatibilidade” revelar que as informações fornecidas pelo TF não são suficientes para a produção de um TA que satisfaça os requisitos do iniciador, e esses não possam ser complementados com a bagagem do tradutor, então a tradução não será possível, a menos que materiais adicionais sejam fornecidos ou que o *skopos* do TA seja modificado (de acordo com a aceitação prévia do iniciador).

Exemplo 2.1.2/3

O rótulo de um frasco de medicamento produzido e vendido no Reino Unido é inadequado como texto fonte para a produção da bula do paciente necessária para qualquer medicamento vendido no mercado alemão. A forma e o conteúdo de tais inserções são estipulados na lei correspondente, o que requer certas informações não fornecidas na embalagem britânica.⁵² Como esta informação não é normalmente parte de seu conhecimento prévio, o tradutor teria que alertar o iniciador para o problema e pedir material adicional. Medicamentos espanhóis são fornecidos com folhetos que contêm mais informações do que o exigido pela legislação alemã. Não há nenhum problema aqui com uma tradução para o alemão.

⁵² H. G. Hönl, P. Kussmaul, *Strategie der Übersetzung*, p. 46.

2.1.3. A ação tradutória

Tendo uma abordagem funcional da tradução como ponto de partida, também Justa Holz-Mänttari desenvolveu sua teoria e método da “ação tradutória”. Ela evita usar o termo *tradução*, de forma a fugir dos conceitos tradicionais e das expectativas irrefletidas relacionadas com a palavra. Ela define a ação tradutória como sendo “o processo de elaboração de um determinado tipo de transmissor de mensagem, que é utilizado em configurações superordenadas de atividades para coordenar cooperações acionais e comunicativas”.⁵³

Embora o modelo de ação tradutória de Holz-Mänttari inclua um “texto fonte” e até mesmo uma espécie de análise do texto fonte, que ela chama de “análise de construção e função”,⁵⁴ a definição citada leva a uma ou duas questões. Qual é realmente a função do texto fonte no processo tradutório? Ou, mais precisamente, esse modelo precisa de um texto fonte?

Exemplo 2.1.3/1

Um tradutor recebe um manual de instruções escrito em inglês com muitos erros e defeitos (talvez uma tradução do japonês) para traduzir para o alemão. Em vez de traduzir o texto fonte com todos os defeitos, correndo assim o risco de produzir um texto não funcional (e de ser considerado incompetente pelo iniciador), o tradutor pede a um engenheiro para lhe explicar como funciona a máquina e depois escreve o manual de instruções em alemão, de acordo com as convenções do gênero.

⁵³ J. Holz-Mänttari, *Translatorisches Handeln, Theorie und Methode*, p. 17.

⁵⁴ *Idem*, p. 139.

No exemplo, o iniciador recebe aquilo de que necessita: um manual de instruções, perfeitamente funcional em alemão, para a máquina em questão. O encargo foi preenchido pensando-se no cliente. O problema é que, em nossa opinião, não se trata de uma tradução propriamente dita, mas de outro tipo de operação intercultural, que certamente supera uma barreira cultural (entre o iniciador inglês e seus clientes alemães) — mas o texto que é produzido não tem por base um texto fonte existente. Se o engenheiro deu a explicação em inglês, a produção do TA requer uma competência bicultural, ao passo que uma competência de “transferência” é necessária se o engenheiro deu a explicação em alemão, aliada à competência na produção do texto na cultura e língua alvo. Segundo Holz-Mänttari,⁵⁵ no contexto da tradução, “ação tradutória” é um termo geral (hiperônimo):

A ação tradutória pode ser considerada uma combinação, por um lado, do conceito de ação da “tradução” para o especialista em tradução e, por outro, o padrão de cooperação “cliente + especialista em tradução” para o cliente, para o tradutor e todos os membros da comunidade.

Segundo o nosso conceito de tradução, que é, sem dúvida, condicionado pelo conceito tradicional da tradução com o qual nos formamos,⁵⁶ a produção do TA que não se baseia ou não se vincula a um determinado texto fonte (qualquer que seja a especificação de “se baseia” ou “se vincula”) não pode ser chamado de tradução,

⁵⁵ *Idem*, p. 42.

⁵⁶ Christiane Nord, *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*.

embora as condições em que o texto é produzido possam ser semelhantes a uma situação de tradução.⁵⁷

2.1.4. *Funcionalismo e lealdade*

A decisão sobre o que pode ser considerado uma tradução é baseada no conceito vigente da relação entre a situação e o texto. Holz-Mänttari vê o texto como um simples instrumento para a realização das funções comunicativas que não tem valor intrínseco, é totalmente subordinado à sua finalidade, e cuja única razão de ser é a de cumprir com os requisitos da situação. O texto é tão intimamente ligado com o seu propósito que parece não existir nenhum outro tipo de responsabilidade e, sim, uma liberdade absoluta no que diz respeito ao texto fonte. O tradutor, aqui, é unilateralmente comprometido com a situação alvo. Em nossa opinião, no entanto, não pode haver processo de “tradução” sem um texto fonte.

Tradução é a produção de um texto alvo funcional, mantendo-se uma relação com um determinado texto fonte que é especificada de acordo com a função pretendida ou exigida do texto alvo (*skopos*). A tradução permite que um ato comunicativo aconteça, o que de outra forma não seria possível devido às barreiras linguísticas e culturais.

⁵⁷ Nessa ideia, elaborada por Nord (1997a, p. 18), é feita uma distinção entre “ação tradutória com um texto fonte” (por exemplo, tradução ou interpretação) e “ação tradutória sem um texto fonte” (por exemplo, consulta ou documentação técnica intercultural).

A tradução é sempre realizada para uma situação alvo com seus fatores determinantes (receptor, tempo e lugar de recepção etc.), em que o texto alvo deve supostamente preencher uma determinada função que pode e, realmente, deve ser especificada antecipadamente. Considerando que os receptores alvo têm que confiar na funcionalidade do texto alvo, o tradutor é obrigado a manter certa lealdade para com eles.

A funcionalidade é o critério mais importante para a tradução, mas certamente não o único. Na nossa definição, afirmamos que deve haver certa relação entre o texto fonte e o texto alvo. A qualidade e quantidade dessa relação são especificadas pelo *skopos* da tradução e fornecem os critérios de decisão no que diz respeito aos elementos do TF-em-situação que podem ser “preservados” e os que podem, ou devem, ser “adaptados” para a situação alvo (adaptação facultativa *versus* adaptação obrigatória). Adicionalmente à compatibilidade entre o material requerido para o TA e o fornecido pelo TF (conforme Capítulo 2.1.2), devemos exigir uma compatibilidade entre a intenção do emissor do TF e a função do TA para que a tradução seja viável.

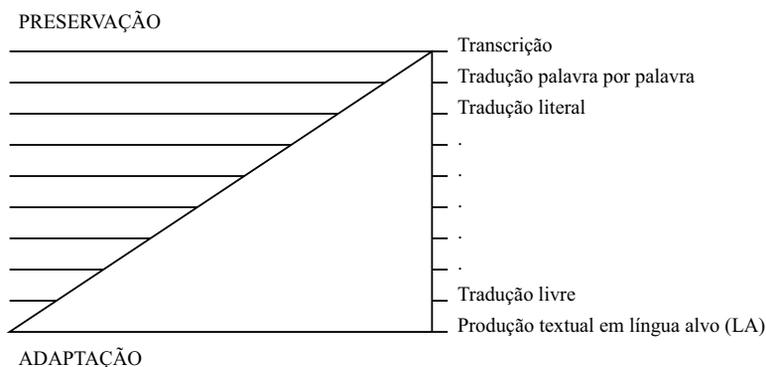
A tradução depende, entretanto, da compatibilidade do *skopos* do TA com o texto fonte, cuja definição é culturalmente específica. Em nossas culturas (ocidentais), ela pressupõe a lealdade para com o autor ou emissor do TF, pelo menos nos casos em que o autor do TF também “assina” como emissor do TA. Espera-se do tradutor que não falsifique a intenção do autor.

Segundo essa visão, o tradutor está comprometido bilateralmente tanto com a situação do texto fonte como com a situação do texto alvo, e é responsável tanto pelo emissor do TF (ou o iniciador, se ele for também o emissor) quanto pelo receptor do TA. Essa responsabilidade é o que chamamos de “lealdade”. Lealdade é um princípio ético indispensável nas relações entre os seres humanos,

que são parceiros de cooperação de um processo de comunicação. A “fidelidade”, por outro lado, é considerada uma relação mais ou menos técnica de semelhança entre dois textos.⁵⁸

No que diz respeito ao Exemplo 2.1.3/1, no caso de um texto fonte inadequado, os tradutores devem solicitar material adicional ou recusar-se a traduzir o texto. No entanto, eles podem oferecer ao iniciador seus serviços como produtores de texto na cultura alvo, trabalhando com instruções diferentes. No âmbito do conceito de “funcionalismo mais lealdade” os tradutores podem concentrar-se em aspectos particulares do TF (por exemplo, estruturas sintáticas em uma tradução palavra por palavra) e ignorar outros, caso isso seja requerido pelo *skopos* do TA. Todavia, em tais casos, eles seriam obrigados, considerando-se a sua lealdade com o emissor do TF, a especificar exatamente quais aspectos do TF foram considerados e quais foram negligenciados. Dependendo do percentual de elementos do TF conservados, diferentes formas ou “graus” de tradução podem ser organizados, em uma escala que parte da extrema fidelidade em uma ponta e segue até a extrema liberdade na outra. Isso está ilustrado na Figura 2, em que o aspecto formal é tomado como exemplo.

⁵⁸ Christiane Nord em „Loyalität statt Treue. Vorschläge zu einer funktionalen Übersetzungstypologie“, “Scopos, loyalty and translational conventions”, “Loyalty revisited” e “Function and loyalty in bible translation”.

Figura 2: Reprodução e adaptação na tradução

Os limites da tradução são representados pela transcrição ou transliteração, em que 100% dos elementos formais do TF são conservados, e pela redação independente de um texto (na cultura alvo), na qual nenhum dos elementos formais do TF é preservado. Entre esses dois polos encontramos diversas formas de tradução, que são caracterizadas por diferentes percentagens de adaptação em função do *skopos* da tradução.

Esquemas semelhantes podem ser elaborados para outros aspectos do TF também, tais como conteúdo, função, efeito etc. De acordo com esse conceito, é a análise do texto fonte que consta, primeiro, do controle da compatibilidade do *skopos* com o TF e, em seguida, da identificação dos elementos do TF que podem ser preservados e quais têm que ser adaptados de modo a respeitar o *skopos* da tradução.

2.2. O PROCESSO DE TRADUÇÃO

Aqui, perguntamos onde a análise dos textos fonte, com suas funções específicas, se insere no processo de tradução.

Nos estudos da tradução, o processo de tradução é geralmente representado em um modelo de duas ou três fases. Após uma breve explicação dos dois modelos, vamos apresentar a nossa opinião sobre o processo de tradução que chamamos de “modelo circular”. Em nossa opinião, a tradução não é um processo linear e progressivo que vai de um ponto de partida F (= TF) a um ponto de chegada A (= TA), mas, sim, basicamente, um processo circular e recursivo que inclui um número indeterminado de retroalimentações e em que é possível, e até mesmo aconselhável, voltar a fases anteriores da análise.

2.2.1. O modelo de duas fases

Este modelo representa a tradução como um processo que consiste de duas fases cronologicamente sequenciais, nomeadas análise (em outras terminologias, fase de decodificação ou compreensão) e síntese (também fase de recodificação, reconstrução ou reverbalização). Na primeira fase, o tradutor lê o texto fonte, analisando os seus aspectos relevantes.⁵⁹ Na segunda, o significado ou sentido do TF é reverbalizado na língua alvo. Sendo assim, ao eleger o significado ou sentido como um *tertium comparationis*, o tradutor escolhe os signos da LA que correspondem a cada signo da LF.

Wills considera que o modelo de duas fases é mais “conciso” do que o modelo de três fases, que contém a transferência como uma terceira fase inserida entre a análise e a síntese. Em sua opinião, o modelo de duas fases “traz mais claramente a função dupla R1/E2 do tradutor”, ou seja, seu papel como receptor do TF e emissor do

⁵⁹ “Passo de identificação do texto da língua fonte. TLF”, segundo W. Wilss, *op. cit.*, 1982.

TA, e “retrata a atividade do tradutor de uma forma mais realista”.⁶⁰ Talvez ele pense aqui na interpretação simultânea. Nesta forma especial de tradução, os fatores situacionais (por exemplo, tempo, lugar, meios) são idênticos para o produtor do TF, para o tradutor e para o receptor do TA, e a maior parte das operações de tradução tem que ser automatizada tanto quanto possível devido ao tempo. Então, na verdade, parece não haver aqui espaço para a “transferência” entre a recepção do TF e a produção do TA. Em nossa opinião, entretanto, a fase de transferência é meramente reduzida aqui ao mínimo de tempo através da automatização, mas não desaparece por completo.

O modelo de duas etapas se baseia no pressuposto de que traduzir é uma operação de troca de códigos (*code-switching*)⁶¹ na base de signo por signo. Mas isso só se aplica a “procedimentos tradutórios convencionados ou parcialmente convencionados” — nas palavras de Wilss —, como, por exemplo, a substituição interlingual de expressões clichê, tais como *Noentry*, *Zutrittverboten*, *Prohibido entrar*, *Défensed’entrer*, *Entrada proibida* etc., ou a gêneros estritamente convencionados, como boletins meteorológicos. O modelo de duas fases sugere indevidamente que competência receptiva no idioma fonte e competência produtiva na língua alvo são tudo o que um tradutor precisa.

2.2.2. O modelo de três fases

A fase intermédia para as operações de transferência, que não está presente no modelo de duas fases, é inserida entre a fase de compreensão e a fase de reconstrução no modelo de três fases. Então,

⁶⁰ W. Wilss, *op. cit.*, 1982, p. 80.

⁶¹ W. Wilss, *op. cit.*, 1977, p. 626.

o processo de tradução é dividido em três passos: análise (fase de decodificação ou de compreensão), transferência (ou transcodificação) e síntese (ou recodificação).

Isto é, o tradutor primeiro analisa a mensagem do idioma FONTE em suas formas mais simples e estruturalmente mais claras, transfere-a neste nível, e então a reestrutura para o nível da linguagem do RECEPTOR, que é mais adequado para o público que ele pretende alcançar.⁶²

Como no modelo de duas fases, a primeira fase do modelo de três fases é a fase de compreensão, que envolve uma análise detalhada dos elementos estilísticos, gramaticais e semânticos que assegure que o tradutor compreenda o significado (denotativo e conotativo) da informação dada (tanto explicitamente como implicitamente) no texto.

Na segunda fase, o “significado da mensagem recebida” é relacionado com a “intenção da mensagem alvo”, como aponta Zimnjaja,⁶³ e transferido para a LA, seja com base na relação de equivalência entre itens lexicais ou, se a função do texto deve ser alterada, de acordo com a função do TA. Esse é o ponto em que a competência para transferência vem à tona, pois é aqui que o tradutor precisa desenvolver uma espécie de plano ou estratégia tradutória.

A terceira fase do modelo de três fases corresponde à segunda fase do modelo de duas fases. Os itens transferidos do TF são reestruturados em um texto alvo que está em conformidade com as necessidades do receptor do TA.

⁶² E. A. Nida, “The nature of translating”, p. 79.

⁶³ I. A. Zimnjaja, „Die psychologische Analyse der Translation als Art der Redetätigkeit“, in O. Kade (ed.), *Vermittelte Kommunikation, Sprachmittlung, Translation*, Leipzig, Verlag Enzyklopadie Leipzig, 1977, pp. 66-77.

O modelo de três fases se baseia na ideia de que o objetivo da tradução é “a realização de comunicação verbal entre pessoas que falem línguas diferentes”.⁶⁴ Por isso, parece contraditório, na nossa opinião, afirmar que o tradutor pode ser simultaneamente tanto receptor do TF como emissor do TA. Em uma comunicação verbal entre o autor do TF e o receptor do TA, o autor do TF não renuncia a seu papel de emissor, e o tradutor é um produtor de texto seguindo as instruções do emissor.

2.2.3. O modelo circular

O modelo de três fases parece estar muito mais próximo da realidade da tradução profissional do que o modelo de duas fases. Contudo, ambos os modelos partem da hipótese de que o TF tem certa função inerente a ele, que deve ser transferida para a situação alvo, e de que é a análise do texto fonte sozinha que fornece os critérios de transferência. Segundo esse modelo, supõe-se que cada TF carrega as suas instruções de tradução, dizendo ao tradutor como deve ser transferido. Tal como descrito no Capítulo 1.2, no entanto, a função do texto é estabelecida na situação comunicativa e a partir dela, e isto é válido tanto para o texto fonte como para o texto alvo. Por conseguinte, não existe um texto fonte com uma função inerente. Mas, sim, temos de considerar uma variedade maior ou menor de diferentes versões do TF, cada uma com uma função diferente. Uma vez que o tradutor é apenas um dos muitos possíveis receptores do TF (e não é, de fato, um receptor típico), a sua opinião sobre a função do texto fonte não pode ser considerada definitiva. O que ele trata como *uma* função do TF não deve ser necessariamente *a* função do TF.⁶⁵

⁶⁴ V. N. Kommissarov, „Zur Theorie der linguistischen Übersetzungsanalyse“, p. 46.

⁶⁵ H. J. Vermeer, *op. cit.*, [1979] 1983, p. 72.

A abordagem do problema sugerida por Reiss e Vermeer⁶⁶ é mais convincente. Na opinião deles, o texto alvo representa uma “oferta de informação” sobre a oferta de informação fornecida pelo texto fonte. Ou, para ser mais preciso, o tradutor oferece informações sobre determinados aspectos do TF-em-situação, de acordo com o *skopos* do TA fixado pelo iniciador. Mesmo assim, o modelo de três fases não pode ser considerado tampouco uma boa representação do processo de tradução, porque não leva em conta o encargo de tradução formulado pelo iniciador (possivelmente em colaboração com o tradutor). O encargo é o único meio de verificação dos resultados da recepção do TF pelo tradutor e, assim, submete-os a um critério mais objetivo.

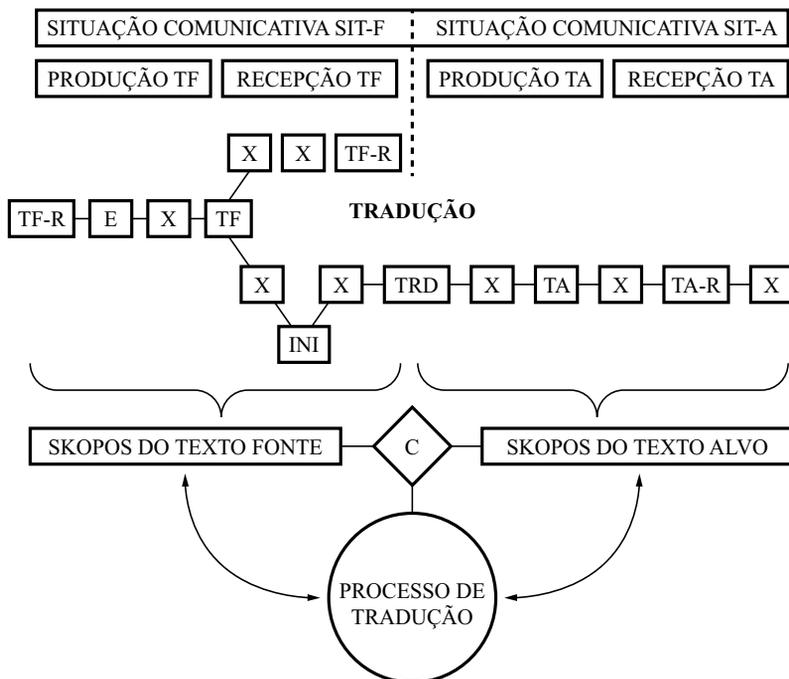
Por isso, temos de estender a representação esquemática da ação tradutória apresentada na Figura 1, com se segue (ver Figuras 3 e 4). O primeiro passo (preferimos falar de passos em vez de fases) no processo de tradução é a análise e/ou a interpretação do *skopos* do TF, ou seja, dos fatores que são relevantes para a realização de certo propósito pelo TA em uma dada situação SIT_A . Seria útil operacionalizar o *skopos* do TA, uma vez que sua importância para o processamento dos diversos elementos e aspectos do TF é aparente (ver Capítulo 4.0c). O segundo passo é uma análise do texto fonte, que é dividida em duas partes. Considerando que, na primeira parte da análise do TF, o tradutor só precisa ter uma ideia geral sobre se o material fornecido pelo texto fonte é compatível (c) com as exigências do encargo. Já a segunda parte pode exigir uma análise detalhada e abrangente de todas as categorias do texto, concentrando-se a atenção sobre os elementos do texto que, segundo o *skopos* do TA, são de particular importância para a produção do texto alvo.

⁶⁶ K. Reiss, H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1984.

Exemplo 2.2.3/1

O relato de uma testemunha ocular da “revolução pacífica” da antiga RDA, em 9 de novembro de 1989, foi gravado em fita e posteriormente transcrito. Um jornalista norte-americano pede uma tradução da transcrição porque ele quer usar as informações para um livro sobre as mudanças políticas na Europa Oriental em 1989. Tendo em vista essa função pretendida do TA, o tradutor dará atenção especial a qualquer informação explícita ou implícita contida no relato, negligenciando, no entanto, as características de espontaneidade, a fala informal e os clichês retóricos utilizados pela testemunha para impressionar o entrevistador, uma vez que estes são de importância secundária para o propósito do jornalista. No entanto, se a transcrição for traduzida para publicação em um jornal americano como um “testemunho ocular”, as características da fala espontânea e emocional são de particular interesse, porque elas vão enfatizar o gênero “testemunho ocular” para os leitores.

Após o término da análise do TF, o tradutor é capaz de identificar os elementos ou características relevantes à tradução do TF que serão, se necessário, adaptados em seguida para o *skopos* do TA e combinados com os elementos correspondentes da LA. O tradutor tem que decidir quais dos elementos potencialmente apropriados da LA serão adequados para a função do TA. A estruturação do texto alvo é o último passo que fecha o círculo. Se o tradutor foi bem-sucedido na produção de um texto funcional, conforme as necessidades do iniciador, o texto alvo será congruente com o *skopos* do TA.

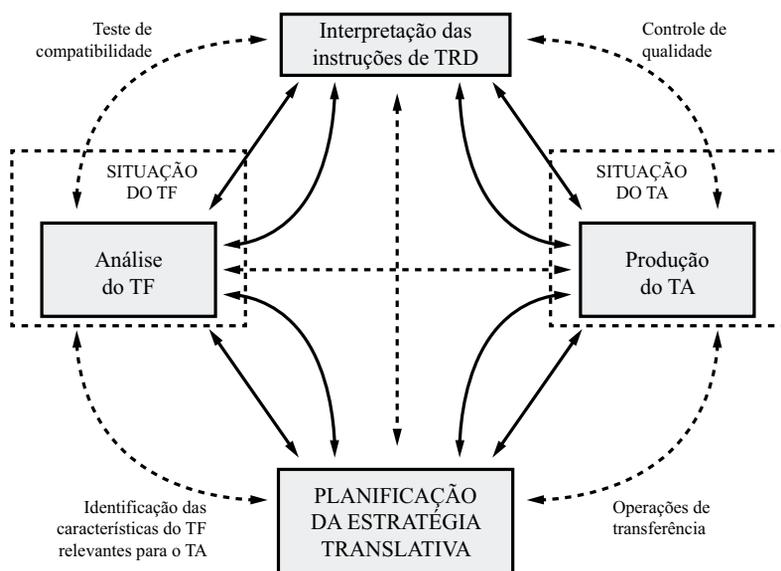
Figura 3: O processo de ação tradutória (2)

A Figura 3 é a continuação da Figura 1 e mostra todas as fases e componentes envolvidos na tradução, enquanto a Figura 4 representa o processo de tradução com o modelo circular, acima descrito. Este último está intimamente ligado à pessoa do tradutor, que é a figura central do processo de transferência intercultural do texto. O processo começa após o iniciador fixar o *skopos* do TA (situação alvo e função do TA), no topo da figura, com a análise e, se necessário, a interpretação do encargo de tradução, e segue em sentido anti-horário até a produção de um TA que se insere na situação alvo prospectiva.

O caminho circular do processo de tradução contém uma série de pequenos movimentos circulares que se mantêm recorrentes

entre a situação do TF e o TF, entre a situação do TA e o TA, entre os passos da análise e entre a análise do TF e a síntese do TA. Isso significa que a cada passo adiante o tradutor “olha para trás”, para os fatores já analisados, e cada conhecimento adquirido no transcurso do processo de análise e compreensão pode ser confirmado ou corrigido com base em “descobertas” posteriores.

Figura 4: O processo de tradução



Levý compara esse processo a um jogo estratégico:

[...] uma vez que o processo de tradução tem a forma de um JOGO COM INFORMAÇÕES COMPLETAS — um jogo em que cada jogada subsequente é influenciada pelo conhecimento das decisões anteriores e pela situação resultante (por exemplo, xadrez, mas não jogos de baralho).⁶⁷

⁶⁷ J. Levý, “Translation as a decision process”, p. 1172.

A interpretação da tradução como um processo circular pode ser considerada uma analogia representando um conceito moderno de hermenêutica,⁶⁸ em que o “círculo de compreensão” é uma metáfora da “interdependência dos movimentos da tradução e o movimento do intérprete”.⁶⁹

3. OS FATORES DE ANÁLISE DO TEXTO FONTE

3.0. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Vamos reafirmar, então, que a função comunicativa é o critério determinante para a textualidade, à qual as características semânticas e sintáticas do texto são subordinadas. Expressões sem coerência semântica bem como declarações sem as necessárias propriedades formais e sintáticas de coesão são consideradas “textos” pelos seus receptores, desde que preencham uma função comunicativa. Na tradução profissional, textos fonte são frequentemente deficientes e, ainda assim, têm uma função comunicativa às quais normalmente satisfazem, e também devem ser traduzidos. Como qualquer outro receptor, os tradutores reconhecem os defeitos e os compensam, tanto na compreensão como na fase de transferência, mediante sua competência de recepção textual e seus conhecimentos gerais do mundo.

Assim, os fatores da situação comunicativa em que o texto fonte é utilizado são de importância decisiva para a análise dos textos porque determinam sua função comunicativa. Nós os chamamos de fatores “extratextuais” ou “externos” (por oposição aos fatores “intratextuais” ou “internos” relacionados ao próprio texto,

⁶⁸ H. G. Gadamer, *Wahrheit und Methode*, p. 250.

⁶⁹ *Idem*, p. 277.

incluindo os seus elementos não verbais). Os fatores extratextuais podem, evidentemente, ser mencionados no texto, ou seja, “verbalizados”, e nesse caso falamos de “expressões metacomunicativas”. O jogo entre os fatores extratextuais e intratextuais pode ser convenientemente expresso na seguinte “Fórmula Q”.⁷⁰ Dependendo da sua relação com a situação comunicativa ou com o próprio texto, essas questões podem ser atribuídas aos fatores de análise extratextuais ou intratextuais.

Quem transmite Para quê Para quem Por qual meio Em qual lugar Quando Por quê Com qual função	Sobre qual assunto ele diz O quê (o que não) Em qual ordem Usando quais elementos não verbais Com quais palavras Em quais orações Com qual tom
Com qual efeito?	

⁷⁰ Datada do século II a.C., quando o estoico Hermagoras de Temnos cunhou a fórmula “quis quid quando ubi cur quem ad modum quibus adminiculis”, a qual foi convertida em um hexâmetro por Mateus de Vendôme (Mathaeus Vindocinensis) em 1170 (“Quis quid ubi quibus auxiliis cur quomodo quando?”), essa fórmula foi introduzida na Nova Retórica Americana por Harold Dwight Lasswell em 1948: “Who says what in which channel to whom with what effect?” [“Quem diz o quê, em que canal, a quem, com que efeito?”]. Mais tarde, Mentrup (1982, p. 9) adotou-a, de uma maneira ampliada, como “cadeia pragmática universal” [“Quem faz o quê, quando, por que razão, como, para quem, com que efeito?”] para os estudos lexicológicos e de tipologia textual. Reiss (1984), Bühler (1984) e Hönig (1986) discutiram sua aplicabilidade na análise de textos orientada para a tradução. Interpretamos essas questões em relação à sua importância para a tradução, parcialmente de forma mais restritiva e parcialmente com um sentido levemente diferente. A especificação de fatores intratextuais já mostrados no presente capítulo será justificada em detalhes no Capítulo 3.2.0. Uma distinção que gostaríamos de salientar é aquela entre a intenção do emissor (“para quê”), a função do texto (“com qual função”) e o efeito do texto (“para qual efeito”).

Os fatores extratextuais são analisados mediante a solicitação de informações sobre o autor ou emissor do texto (quem?), a intenção do emissor (para quê?), o público para o qual o texto é direcionado (para quem?), o meio ou canal pelo qual o texto é comunicado (por qual meio?), o lugar (em qual lugar?), o tempo da produção e recepção do texto (quando?) e o motivo da comunicação (por quê?). O conjunto de informações referentes a esses sete fatores extratextuais pode fornecer uma resposta à última questão, que diz respeito à função que o texto pode alcançar (com qual função?).

Os fatores intratextuais são analisados mediante solicitação de informações sobre o tema de que o texto trata (sobre qual assunto?), a informação ou conteúdo apresentados no texto (o quê?), as pressuposições de conhecimento feitas pelo autor (o que não?), a estruturação do texto (em qual ordem?), os elementos não linguísticos ou paralinguísticos que acompanham o texto (utilizando quais elementos não verbais?), as características lexicais (com quais palavras?) e as estruturas sintáticas (com/em quais orações?) que são encontrados no texto, e as características suprasegmentais de entoação e prosódia (com qual tom?). Os fatores extratextuais são analisados antes da leitura do texto, simplesmente pela observação da situação em que o texto é utilizado. Desta forma, os receptores criam certa expectativa quanto às características intratextuais do texto, mas só quando, através da leitura, comparam essa expectativa às características tangíveis do texto é que sentem o efeito particular que o texto exerce sobre eles. A última pergunta (com qual efeito?) refere-se, portanto, a um conceito global ou holístico, que inclui a interdependência dos fatores extratextuais e intratextuais.

Uma vez que a situação normalmente precede a comunicação textual e determina a utilização dos procedimentos intratextuais, parece natural começar a análise pelos fatores externos, ainda que, em vista da recursividade e da circularidade, a ordem dos passos

analíticos não seja um componente essencial do modelo. Na comunicação escrita, a situação é frequentemente documentada no paratexto (ou seja, no título e/ou nas referências bibliográficas, como o nome do autor, lugar e ano de publicação, tiragem etc.). Isso é o que se costuma chamar uma análise “top down”, isto é, de cima para baixo. Se nenhuma informação sobre os fatores externos pode ser constatada a partir do paratexto (por exemplo, no caso de textos antigos cuja situação original de produção e/ou de recepção seja incerta ou desconhecida), a análise das características intratextuais pode render, mais uma vez através do procedimento recursivo, informações com as quais o tradutor é capaz de estabelecer conjecturas relativamente confiáveis acerca da situação em que o texto foi utilizado.⁷¹ Este último procedimento é chamado de “bottom-up”, isto é, de baixo para cima.

A aplicação do modelo vai mostrar que, normalmente, os dois procedimentos têm que ser combinados, demonstrando uma vez mais o seu caráter recursivo.

Nos capítulos seguintes, examinaremos as dimensões extratextuais e, em seguida, as dimensões intratextuais da análise textual orientada para a tradução. Gostaríamos de terminar com uma representação esquemática da interdependência de todos os fatores, ilustrada por meio de um texto amostra. Com a finalidade de mostrar o estado da arte no que diz respeito à análise textual orientada à tradução no âmbito da língua alemã, cada capítulo começa com uma pequena revisão das principais publicações que utilizamos na elaboração do modelo analítico.

⁷¹ Sob a questão geral “Para além da mensagem comunicada, que outro tipo de informação nos dá a palavra?” Crystal; Davy (1969, p. 81) listam um catálogo de 13 subperguntas, como: “nos diz qual pessoa específica o usou? (individualidade)”, “nos diz de qual região do país ele é? (dialeto regional)”, “nos diz a qual classe social ele pertence? (dialeto de classe)” etc.

3.1. FATORES EXTRATEXTUAIS

3.1.0. Noções básicas

a. O estado da arte

Basicamente, os fatores situacionais (em particular, emissor e intenção do emissor, receptor e função do texto) são levados em conta por todos os autores, embora não sejam sempre tratados com grandes detalhes. Reiss,⁷² por exemplo, sublinha a importância do tipo de texto e função do texto, enquanto Koller⁷³ limita a vertente pragmática para as características do receptor. Wilss⁷⁴ aponta para a importância da “relação entre o emissor e o receptor” e o “papel social” dos dois participantes, enquanto Thiel⁷⁵ sublinha a relevância dos “pressupostos de conhecimento” no que diz respeito ao receptor.

Os fatores da situação comunicativa (os quais, no sentido estrito da palavra, se referem ao lugar e ao tempo, e por vezes à motivação para a comunicação) não são, em sua grande parte, discutidos em detalhes, mas incluídos no conceito de “pressupostos situacionais”. Este conceito geralmente inclui não apenas as características da situação comunicativa do TF, mas também as características do contexto comunicativo do emissor e do receptor.⁷⁶

⁷² K. Reiss, „Ist Übersetzen lehrbar?“; K. Reiss, „Zeichen oder Anzeichen. Probleme der AS-Textanalyse im Blick auf die Übersetzung“.

⁷³ W. Koller, *op. cit.*, 1979.

⁷⁴ W. Wilss, *op. cit.*, 1977.

⁷⁵ 1974b; G. Thiel, „Führt die Anwendung linguistischer Analysemodelle zu einer Übersetzungsdidaktisch relevanten Textanalyse?“, in W. Wilss & G. Thome (Eds.), *Aspekte der theoretischen, sprachenpaarbezogenen und angewandten Sprachwissenschaft*, vols. 1 e 2, Saarbrücken, Heidelberg, Universität des Saarlandes. Institut für Übersetzen und Dolmetschen, 1974.

⁷⁶ K. Reiss, *op. cit.*, 1974a.

O emissor e a intenção são geralmente tratados como pertencentes a uma mesma dimensão. Decidimos tratá-los como fatores separados no nosso modelo porque seus efeitos sobre os fatores intratextuais podem ser claramente diferenciados. Por um lado, vários textos ou, de fato, todos os textos escritos pelo mesmo autor podem apresentar, independentemente da sua intenção, certas características idiossincráticas, que dependem da biografia do emissor (idade, sexo, origem geográfica e social, nível de educação etc.). Por outro lado, diversos emissores podem querer atingir a mesma intenção em seus textos, utilizando-se de recursos iguais ou semelhantes de expressão. A diferença é pertinente para a tradução porque — pelo menos em textos não literários — as características idiossincráticas são muitas vezes menos importantes para o receptor do TA do que as características intencionais, ainda que possam causar mais dificuldades de compreensão para o tradutor.

Para além da intenção do autor, temos que considerar também a expectativa que o público carrega ao ler ou ao “receber” o texto. Se não houver informações extratextuais sobre as expectativas do público pretendido, pode ser difícil para o tradutor reconstruí-las — quanto maior a distância temporal, espacial ou cultural da situação comunicativa original, mais difícil será a tarefa.⁷⁷ No entanto, é essencial para o tradutor tentar analisar as expectativas do receptor do TF, uma vez que essas devem ser comparadas às do receptor do TA. Não parece prático, no entanto, considerar as expectativas dos receptores um fator completamente diferente, porque elas estão intimamente ligadas à personalidade do receptor.

⁷⁷ Christiane Nord, “What do we know about the target-text receiver?”

b. Situação externa *versus* situação interna

Ao classificar os fatores situacionais como “fatores extratextuais” temos que fazer a seguinte distinção fundamental. Quando nos referimos à “situação”, estamos falando da situação real na qual se utiliza o texto como um meio de comunicação, e não de qualquer situação imaginária de uma história em um texto de ficção. As características de uma pessoa que fala em um texto ficcional não pertencem à dimensão do emissor, tal como nós a entendemos, mas têm que ser consideradas um fator intratextual que é analisado no contexto da dimensão intratextual do “conteúdo”. É o autor do texto que deve ser considerado “produtor” da situação fictícia, considerando-se que o orador fictício é um emissor “secundário” (E).⁷⁸

Essa distinção também se aplica aos chamados tipos de textos complexos,⁷⁹ nos quais um texto de determinado gênero está inserido dentro de um hipertexto pertencente a outro gênero. Tipos de texto complexos não ocorrem apenas na ficção, mas também em não ficção. Por exemplo, os autores de notícias jornalísticas muitas vezes citam observações feitas por terceiros literalmente, a fim de mostrar que eles não compartilham dessa opinião. Nesse caso, o emissor da citação não é idêntico ao emissor no hipertexto.

⁷⁸ Reiss (1984) ilustra a interrogativa “Quem?” com a personagem fictícia Judy no romance *Daddy Long-legs* de Jean Webster, mas Judy não é nem a emissora do romance nem a autora das cartas que escreve, porque ambos foram escritos por Jean Webster, que permite que a personagem fictícia Judy atue — e escreva cartas de acordo com a sua própria intenção. Na situação (fictícia) de correspondência, Judy é, de fato, a autora das cartas, mas esta é uma “situação interna” que não deve ser confundida com a situação comunicativa “real”. Em outro artigo em que Reiss utiliza o mesmo exemplo, ela se refere corretamente à Judy como “emissora secundária” que atua em uma “situação comunicativa interna” (1980b).

⁷⁹ K. Reiss, H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1984, p. 180.

Exemplo 3.1.1/1

Depois que o rei Juan Carlos da Espanha recebeu um doutorado honorário da Universidade de Nova York, o jornalista que escreveu sobre o evento em um jornal espanhol citou passagens do discurso de agradecimento do monarca. Para a tradução da citação, o rei tem que ser considerado emissor; já para a tradução da reportagem, o jornalista é o emissor (e autor). A formulação dos dois textos tem que estar de acordo com as diferentes situações e posições dos dois emissores.

Para textos complexos, tanto ficcionais como não ficcionais, é aconselhável analisar os textos constituintes separadamente de acordo com o princípio da recursividade. A informação necessária sobre os fatores situacionais do intratexto é geralmente dada no hipertexto.

c. Estrutura sistemática para análise extratextual

Se quisermos englobar a situação toda de um texto por meio de um modelo que sirva para a análise de qualquer texto com qualquer *skopos* possível de tradução, temos que fazer a seguinte pergunta fundamental: Que tipo de informações sobre os vários fatores podem ser relevantes para a tradução?

Neubert⁸⁰ indica “idade, origem, ambiente social, educação etc.” como informações relevantes a respeito do usuário da língua. Vermeer⁸¹ relaciona atitude, *status*, papel, estratégia, comportamento e atividade. Schmidt⁸² enumera os seguintes dados: (a) condições

⁸⁰ A. Neubert, „Pragmatische Aspekte der Übersetzung“, p. 60.

⁸¹ H. J. Vermeer, „Interaktionsdeterminanten- ein Versuch zwischen Pragma und Sociolinguistic“, p. 23.

⁸² S. J. Schmidt, *op. cit.*, 1976, p. 104.

socioeconômicas (papel, *status*, situação econômica), (b) condições socioculturais e intelectuais-cognitivas (conhecimento do texto e de mundo, educação, experiência, modelos de realidade) e (c) condições físicas e biográficas (competências e disposições individuais, situação biográfica atual, planos, intenções). Gülich e Raible⁸³ ainda consideram “tom, alegria, mau humor” e a imagem que o emissor e o receptor têm um do outro como fatores que podem influenciar o ato comunicativo.

Essa lista não está nada completa, mas mostra claramente que a situação ou o mundo de um texto não pode ser analisado por uma mera compilação de detalhes informativos. Temos que encontrar as categorias que nos fazem entender o mundo e que serão válidas igualmente para o mundo de um texto, isto é, a sua situação histórica.

“Os fatos no espaço lógico são o mundo”, Ludwig Wittgenstein diz em seu *Tractatus*,⁸⁴ e isso significa que “fatos” são produzidos pela lógica que liga o conjunto das relações (“mundo”). Isso também é válido para a situação de um texto.

- a. As categorias básicas de qualquer situação são o tempo e o espaço. A categoria de tempo também inclui o conceito histórico que um mundo tem de si mesmo. O primeiro aspecto fundamental da análise será, conseqüentemente, as dimensões local e temporal da situação.
- b. A situação de um texto é sempre uma parte da cultura humana. O segundo aspecto fundamental da análise, então, deve se referir às características culturais da situação.
- c. No seu mundo, o texto tem uma função que estabelece a sua textualidade. O terceiro aspecto fundamental, então, inclui

⁸³ E. Gülich, W. Raible, *Linguistische Textmodelle*, p. 28.

⁸⁴ Ludwig Wittgenstein, *Tractatus logico-philosophicus*, p. 31.

o relacionamento entre a situação e a função comunicativa do texto.

A função comunicativa de um texto deve ser considerada no âmbito das funções comunicativas transculturais, possivelmente universais, da linguagem em geral.⁸⁵

Combinando os modelos de Bühler⁸⁶ e Jakobson,⁸⁷ chegamos a quatro funções básicas de comunicação: (a) a função referencial (também denotativa ou cognitiva), focada no referente ou no contexto ao qual refere-se o texto, (b) a função expressiva ou emotiva, voltada para o emissor, suas emoções ou sua atitude para o referente, (c) a função apelativa (também operativa, conativa, persuasiva ou vocativa), centrada na orientação do texto para o receptor, e (d) a função fática, que serve principalmente para “estabelecer, para prolongar ou para suspender a comunicação entre o emissor e o receptor, para verificar se o canal funciona, para atrair a atenção do interlocutor ou para confirmar ou manter sua atenção permanentemente”.⁸⁸ A nosso ver, a função fática é também

⁸⁵ K. Reiss, H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1984, p. 150.

⁸⁶ K. Bühler, *op. cit.*, 1934.

⁸⁷ R. Jakobson, *Linguistics and poetics, closing statement*. As três principais funções da linguagem de Bühler (representação, expressão e apelo) foram complementadas pelas funções fática, poética e metalinguística de Jakobson. Em nosso entender, a função metalinguística pode ser considerada uma subfunção da função de representação ou referencial (sendo o objeto de referência a língua em geral ou uma língua específica) e a função poética, um meio de apoiar a função expressiva ou a função apelativa-operativa (Jakobson fala de função conativa). Portanto, em nossa opinião, é apenas a função fática (ou seja, a orientação “ao meio de contato”, que serve para estabelecer, prolongar ou descontinuar a comunicação, de acordo com Jakobson 1960, p. 355) que realmente falta no modelo de Bühler e, consequentemente, nas tipologias textuais baseadas em seu modelo, tal como a apresentada por Reiss (1971).

⁸⁸ R. Jakobson, *op. cit.*, p. 355.

responsável pelo desenvolvimento do relacionamento social entre o emissor e o receptor.⁸⁹

Além do espaço, do tempo e da cultura, é a influência de tais funções básicas⁹⁰ que constitui o “mundo” de um texto. Elas formam, então, o quadro sistemático para a gama de possíveis questões que podem ser colocadas em relação aos fatores situacionais do nosso modelo analítico (veja as perguntas no modelo do “questionário” no final de cada capítulo). A fim de ilustrar a interdependência dos fatores e dimensões, a última pergunta sempre fará referência às expectativas levantadas pela análise do fator em questão.

3.1.1. Emissor

a. Emissor *versus* produtor do texto

Nas Figuras 1 e 2, separamos os papéis do emissor e do produtor do texto (Capítulo 1.1.1). Embora em muitos casos essas duas funções estejam combinadas em uma mesma pessoa (por exemplo, no caso de obras literárias, livros ou comentários jornalísticos, que são normalmente assinados com o nome do autor), a distinção parece ser muito relevante para a análise textual orientada à tradução.⁹¹

⁸⁹ Christiane Nord, *Kommunikativ handeln auf Spanisch und Deutsch. Ein übersetzungsorientierter funktionaler Sprach und Stilvergleich*, p. 4.

⁹⁰ Além da sua utilização nas aulas de tradução (também NORD, 2001c, 2001d), o modelo de quatro funções foi aplicado na análise e comparação intercultural de títulos e cabeçalhos (NORD, 1995), na análise da tradução da Bíblia (NORD, 2002) e na comparação das convenções gerais de estilo em espanhol e alemão (NORD, 2003).

⁹¹ Essa distinção não é feita pelos autores cujos artigos sobre análise de texto orientada à tradução foram consultados. Reiss fala do autor ou escritor (1974a, 1980a) ou do emissor (1984), Thiel e Wilss falam em geral do emissor, Bühler do autor; Cartellieri (1979) refere-se à pessoa que emite o texto como “originador” e não especifica se isso significa o produtor do texto ou o emissor.

Muitos textos não têm nome de autor algum. São geralmente textos não literários para utilização prática, tais como textos publicitários, leis e estatutos, ou instruções de funcionamento. Todavia, deve haver um emissor que, mesmo não expressamente mencionado, possa ser identificado implicitamente. Por exemplo, o emissor de uma mensagem publicitária é normalmente a empresa que vende o produto, e o emissor de uma lei é normalmente o organismo legislativo do estado. O fato de nenhum produtor do texto ser nomeado nesses casos leva à conclusão de que eles não são relevantes como indivíduos ou — como é o caso de determinados gêneros — não querem ser conhecidos.

Se um texto tem o nome tanto do seu emissor como do seu produtor (Exemplo 3.1.1/1), este último em geral desempenha um papel secundário, porque não se espera que introduza qualquer intenção comunicativa própria no texto.

O emissor de um texto é a pessoa (ou instituição etc.) que o utiliza a fim de transmitir certa mensagem para outra pessoa e/ou para produzir um determinado efeito,⁹² contanto que o produtor do texto o tenha escrito de acordo com as instruções do emissor, em conformidade com as regras e normas vigentes de produção do texto na respectiva língua e cultura. A exibição formal do texto, incluindo aspectos como a sua disposição na página, pode ser atribuída a outro especialista (por exemplo, um *designer*), e, em alguns casos, o texto é apresentado ao público por uma outra pessoa ainda (por exemplo, o âncora de um telejornal ou um ator).

⁹² O emissor não deve ser confundido com o meio. Se um relatório assinado por um autor é publicado em uma revista, não é o editor da revista, mas o autor do relatório, que deve ser considerado emissor, pois é ele quem deseja comunicar suas impressões ao leitor. Ele poderia ter publicado o artigo usando também qualquer outro meio.

Exemplo 3.1.1/1

No verso de uma brochura de informações turísticas da cidade de Munique lê-se o seguinte: “Editado pelo Serviço de Informações Turísticas de Munique [...]”. Texto: Helmut Gerstner”. O Serviço de Informações Turísticas, que pretende informar os visitantes e promover as belezas da cidade, é o emissor do texto. Helmut Gerstner é o produtor do texto e a pessoa responsável pelos seus recursos estilísticos, mas não pela intenção do emissor. As versões em inglês, francês e espanhol da brochura contêm as mesmas informações, o que, neste caso, está obviamente errado. Embora o Serviço de Informações Turísticas seja o emissor desses textos, são os respectivos tradutores que devem ser considerados produtores do texto. Os seus nomes devem ser mencionados, além do, ou em vez do, de Helmut Gerstner.

Como mostra o exemplo, é normalmente o paratexto (informação legal, indicação da fonte, referência bibliográfica etc.) que fornece a informação sobre se o emissor e o produtor do texto são pessoas diferentes ou não. Se o nome do autor é o único dado, ele pode ser normalmente atribuído ao produtor do texto. No entanto, esta não pode ser considerada uma regra rígida, como mostra o exemplo a seguir.

Exemplo 3.1.1/2

No seu livro *Estudio sobre el cuento contemporáneo español* (Madrid 1973), Erna Brandenberger incluiu o conto *Pecado de omisión*, da autora espanhola Ana María Matute, para exemplificar um tipo de enredo que ela chama de “história de movimento rápido”. Para a versão alemã do livro, Brandenberger (como emissora e tradutora) traduziu a história com a intenção de mostrar as características deste tipo de enredo. Se a mesma história é publicada em uma coleção de contos modernos espanhóis, no entanto, é a própria autora que atua como

emissora, e no caso de ser traduzido seria a sua intenção que determinaria as estratégias de tradução.

A situação de um tradutor pode ser comparada à do produtor do texto. Apesar de ambos terem de seguir as instruções do emissor ou iniciador e cumprir as normas e regras da língua e da cultura alvo, geralmente lhes é permitido exercer o livre arbítrio quanto à sua própria criatividade e às suas preferências estilísticas, se assim o desejarem. Por outro lado, podem decidir manter as características estilísticas do texto fonte, desde que sua imitação não viole as normas e convenções textuais da cultura alvo.

Outro aspecto a ser considerado é saber se um texto tem um ou mais emissores (monólogo *versus* diálogo, pergunta/resposta, debate, troca de papéis entre emissor e receptor etc.). Se houver mais do que um emissor, os dados correspondentes devem ser analisados para cada um deles.⁹³

b. Informações relevantes sobre o emissor

Que informações sobre o emissor são relevantes para a tradução? Reiss⁹⁴ aponta para “a influência do autor na formulação do texto”; Wilss⁹⁵ e Thiel⁹⁶ salientam a relação com o receptor e o “papel social”, enquanto Cartellieri⁹⁷ demonstra interesse no “entorno sociológico particular”. Uma vez que o “papel” é definido pela

⁹³ Essa questão é discutida por Crystal e Davy (1969, p. 69) no contexto de participação no discurso. Os autores atribuem especial atenção à distinção entre fala e escrita, admitindo, no entanto, que o diálogo não se limita à língua falada, uma vez que também existem diversas formas de diálogo em linguagem escrita (como preenchimento e retorno de formulários, correspondência etc).

⁹⁴ K. Reiss, *op. cit.*, 1974a.

⁹⁵ W. Wilss, *op. cit.*, 1977.

⁹⁶ G. Thiel, *op. cit.*, 1978a.

⁹⁷ C. Cartellieri, „Zur Analyse des Ausgangstextes beim Übersetzen“.

situação e não pela pessoa, nós preferimos lidar com esse aspecto no contexto da dimensão da intenção (Capítulo 3.1.2). Juntamente com Vermeer⁹⁸ gostaríamos de fazer distinção entre o papel e o *status* (ou seja, a personalidade do emissor como parte de uma comunidade cultural, linguística e comunicativa). No âmbito do quadro estabelecido por tempo, espaço, cultura e as funções básicas da comunicação, o que consideramos relevante para a tradução são todos os dados que possam trazer esclarecimento sobre a intenção do emissor, sobre o público pretendido com sua bagagem cultural, sobre o lugar, o tempo e o motivo da produção do texto, bem como qualquer informação sobre as características intratextuais previsíveis (tais como idiossincrasias, dialeto regional e social, características temporais, pressuposições de conhecimento etc.).⁹⁹

Exemplo 3.1.1/3

a. Se um texto for escrito em espanhol, pode ser importante para a sua compreensão saber se o autor é da Espanha ou da América Latina, uma vez que um grande número de palavras são usadas com significados diferentes em países

⁹⁸ H. J. Vermeer, „Zur Beschreibung des Übersetzungsvorgangs“, p. 3.

⁹⁹ Um catálogo de perguntas definitivo seria impossível. Listaremos apenas alguns exemplos: De onde vem o emissor? (Esta questão aponta, por exemplo, para as dimensões do receptor e o espaço, e para a probabilidade de dialeto regional.) Quando ele escreveu? (Esta questão pode esclarecer o motivo ou o tempo da produção do texto, a variedade histórica da língua, uma possível limitação a tipos de texto específicos de uma época.) Quais eventos em particular influenciaram o seu pensamento e desenvolvimento emocional? (A partir desta questão podemos tirar conclusões a respeito da intenção do emissor ou do tema preferido.) Que tipo de educação ele recebeu? (Esta questão pode se direcionar ao que o leitor espera, por exemplo, um dialeto social utilizado no texto.) Qual é a profissão do emissor, é ele um especialista nos assuntos tratados no texto? (Esta questão pode apontar para um meio preferido ou função do texto.) Qual é o *status* do emissor na sociedade? Para qual tipo de receptor ele normalmente se endereça? Etc., etc., etc.

européus e em países latino-americanos. Mesmo que um peruano como Mario Vargas Llosa escreva em um jornal espanhol para leitores espanhóis, pode-se esperar que ele use americanismos.

b. Em uma edição espanhola de contos cubanos (*Narrativa cubana de la revolución*, Madrid 1971), algumas expressões tipicamente cubanas são explicadas aos leitores espanhóis em notas de rodapé — por exemplo, *duro*: “moneda de un peso cubano” (que era então equivalente à moeda de cinco pesetas na Espanha), ou *ñeques*: “sorpresas, golpes imprevistos”. Para o tradutor, essas notas podem ser importantes não só na fase de compreensão, mas também — se o *skopos* do TA exigir a manutenção do efeito que o livro causa sobre o leitor de língua espanhola europeia — na fase de transferência.

c. A égloga portuguesa *Crisfal* é atribuída tanto a Cristovão Falcão (1512-1557) como a Bernadim Ribeiro (1482-1552). No primeiro caso, o texto deve ser interpretado literalmente como um poema naturalista, enquanto no segundo caso deve ser considerado uma alegoria. Como Kayser aponta, “as palavras podem ter um impacto completamente diferente se vêm de um autor que realmente foi colocado na prisão por seu amor, que realmente foi separado de sua amada, amada esta que realmente foi forçada a ficar no convento de Lorvão”¹⁰⁰.

c. Como obter informações sobre o emissor?

Como as informações relevantes sobre o emissor (ou produtor do texto) podem ser obtidas para a tradução? As primeiras pistas são fornecidas pelo paratexto (ficha técnica, sinopse, prefácio ou epílogo, notas etc.). O próprio nome do autor já pode ativar informações complementares armazenadas na bagagem de conhecimentos do receptor ou do tradutor, ou facilitar sua obtenção, se for necessário. O nome de um escritor normalmente evoca alguns

¹⁰⁰ W. Kayser, *Das sprachliche Kunstwerk*, p. 36.

conhecimentos acerca de sua classificação literária, intenções artísticas, tema, públicos preferidos, status etc.; da mesma forma, o nome de um político evoca a sua perspectiva política, função ou posição, imagem pública etc. Uma vez que isso é um conhecimento cultural específico, que Fourquet¹⁰¹ chama de *Hinterland* (ou seja, “o pano de fundo” do texto), não se pode presumir que a informação é partilhada pelo receptor alvo. Portanto, o tradutor deve considerar que ao receptor do TA pode faltar essa informação. Sempre que tal falta interferir na compreensão de texto, ela deve ser compensada por alguma informação adicional dada no texto ou paratexto alvo.

Exemplo 3.1.1/4

Se o ex-primeiro-ministro Edward Heath escrever um editorial em um jornal britânico, os leitores britânicos saberão imediatamente a que partido político o autor pertence. Se o texto for traduzido e publicado no jornal semanal alemão *Die Zeit*, muitos leitores alemães não serão capazes de “classificar” o autor tão facilmente. Se, no entanto, a classificação é relevante para a compreensão e/ou interpretação do artigo, a informação tem que ser fornecida em poucas linhas introdutórias ou até mesmo no próprio texto, se possível.

Mais informações sobre o emissor podem ser fornecidas por outros fatores da situação comunicativa (individuais ou combinados). Pode haver informações claras e inequívocas, que chamamos de “dados” (Figura 5), ou pode haver indícios (Figura 5: “pistas”) que permitam que as informações necessárias sejam inferidas. Se o analista sabe, por exemplo, por qual meio, em que tempo e para qual função o texto foi publicado (por exemplo, o jornal local do dia x, obituário), ele é capaz de dizer quem o emissor pode ser (um

¹⁰¹ J. Fourquet, „Der Text und sein beiderseitiges Hinterland“, p. 114.

familiar, empresa, ou amigos do morto). O lugar de publicação aponta para a origem do emissor ou sua possível origem, denota se a língua é falada em diferentes países (Grã-Bretanha — Estados Unidos — Austrália — Índia; Portugal — Brasil; Espanha — América Latina — Bolívia), o meio pode informar sobre o status do emissor (revista especializada — perito; jornal — jornalista) etc.

Às vezes, pode ainda ser possível perguntar ao emissor em pessoa, ou a alguém com quem ele se relaciona.

Outra “fonte” de informação é o próprio texto. Se o paratexto não fornece os dados necessários, o analista tem que procurar indícios intratextuais acerca das características do emissor. A utilização de um determinado dialeto regional ou de classe pode revelar a origem (geográfica e social) do produtor do texto (embora não necessariamente a do emissor, se esses não forem a mesma pessoa), e a utilização de formas obsoletas pode dizer ao analista que o produtor do texto provavelmente viveu em outra época. Essas questões, no entanto, só podem ser respondidas após realização da análise intratextual.

d. Questionário

As seguintes questões podem ajudar a encontrar informações relevantes sobre o emissor:

1. Quem é o emissor do texto?
2. O emissor e o produtor do texto são a mesma pessoa? Se não, quem é o produtor do texto e qual é a sua posição em relação ao emissor? Ele está submetido às instruções do emissor? Ele é um especialista na produção de texto ou um especialista no assunto?
3. Quais informações sobre o emissor (por exemplo, idade, origem social e geográfica, educação, status, a relação com o assunto etc.) podem ser obtidas a partir do paratexto? Há

- qualquer outra informação que se pressupõe ser parte do conhecimento geral do receptor? Pode o emissor ou qualquer pessoa relacionada a ele ser consultada para mais detalhes?
4. Quais pistas acerca das características do emissor podem ser inferidas a partir dos outros fatores situacionais (meio, lugar, tempo, motivo, função)?
 5. Quais expectativas surgem a partir dos dados e pistas obtidos sobre o emissor relacionados:
 - a. a outras dimensões extratextuais (intenção, receptor, meio, lugar, tempo, ocasião, função) e
 - b. às características intratextuais?

3.1.2. *A intenção do emissor*

a. A diferença entre intenção, função e efeito

De forma a verificar a dimensão da intenção, temos de perguntar que função o emissor pretende que o texto cumpra e que efeito sobre o receptor ele quer alcançar mediante a transmissão do texto. Pode parecer difícil distinguir os conceitos da intenção, da função e do efeito. Bühler,¹⁰² por exemplo, relaciona a “intenção do autor” ao “propósito e efeito”. Em nosso entender, no entanto, os três conceitos são três pontos de vista diferentes acerca do mesmo aspecto de comunicação. A intenção é definida do ponto de vista do emissor, que quer atingir certo propósito com o texto. Mas a melhor das intenções não garante que o resultado estará em conformidade com o propósito pretendido. É o receptor que “completa” a ação comunicativa pela recepção, ou seja, usando o texto em certa função, que é o resultado da configuração ou a constelação de todos os fatores situacionais (incluindo a intenção do emissor e as expectativas

¹⁰² H. Bühler, „Textlinguistische Aspekte der Übersetzungsdidaktik“.

próprias do receptor com base no seu conhecimento da situação). A questão “o que o emissor visa com o texto?” *não* pode, então, ser atribuída à função do texto, como feito por Wilss,¹⁰³ mas pertence à dimensão da intenção.

A função do texto é definida “desde fora”, antes que o receptor tenha possibilidade de lê-lo, enquanto o efeito que o texto tem sobre o receptor só pode ser avaliado após sua recepção. É, por assim dizer, o resultado da recepção que abrange tanto os fatores extra como intratextuais.

É verdade que alguns gêneros são convencionalmente associados a algumas intenções, mas essas não têm necessariamente que ser realizadas na situação comunicativa. Alguns gêneros antigos, como textos de magia ou poemas épicos, são recebidos hoje com uma função bem diferente da pretendida pelo emissor original.

Idealmente, os três fatores (intenção, função e o efeito) são congruentes, o que significa que as funções pretendidas pelo emissor (= intenção) são também atribuídas ao texto pelo receptor, que experimenta exatamente o efeito convencionalmente associado a essa função. Metodologicamente, os três fatores têm de ser distinguidos, porque sua análise separada permite um tratamento diferenciado (preservação, mudança, adaptação) no processo de tradução. Se a intenção tem que ser preservada na tradução, muitas vezes temos que estar preparados para uma mudança na função e/ou no efeito.

A intenção do emissor é de particular importância para o tradutor já que determina a estruturação do texto no que se refere ao conteúdo (assunto, escolha de detalhes informativos) e à forma (por exemplo, composição, características estilístico-retóricas, citações, uso de elementos não verbais etc.). Ao mesmo tempo, a

¹⁰³ W. Wilss, *op. cit.*, 1977.

organização específica de um texto marca o gênero e é um sinal prévio que indica aos receptores em qual função eles deveriam utilizar o texto.

Exemplo 3.1.2/1

Um manual de instruções serve para informar ao usuário sobre um determinado equipamento — por exemplo, um secador de cabelo — e explicar seu uso correto. Portanto, o produtor do texto escolhe as formas convencionais de organização do texto (composição, sintaxe, clichês lexicais etc.). Ao retirar o manual da caixa junto com o secador de cabelo, o receptor reconhece as formas específicas de organização do texto e imediatamente sabe que o emissor deseja informar sobre o secador de cabelo e como ele deve ser usado. Portanto, os receptores irão normalmente utilizar o texto nessa função particular. Neste caso, a intenção do emissor está ligada convencionalmente ao gênero textual, assim o efeito será também convencional (Capítulo 3.3d).

A intenção do emissor é também importante em sua conexão com o princípio de lealdade (ver Capítulo 2.1.4). Mesmo que a função do texto seja alterada na tradução, o tradutor não deve atuar contrariamente à intenção do emissor (se ela puder ser elicitada). A informação sobre a dimensão da intenção pode esclarecer pontos concernentes aos fatores extratextuais (por exemplo, qual efeito sobre o receptor poderia ser pretendido, qual meio pode ser mais adequado ou mais convencionalmente utilizado para realizar a intenção em questão, ou mesmo se há uma relação entre intenção e gênero) e, na grande maioria dos casos, às características intratextuais (por exemplo, estruturação do texto, utilização de recursos de retórica ou elementos não verbais, tom etc.).

b. Informações sobre a intenção do emissor

Que tipos de intenção podem ser associadas a um texto? Pode haver formas de “comunicação” em que o emissor é o seu próprio receptor: alguém pode escrever algo para “descarregar o fardo” de suas lembranças, para ordenar ideias e pensamentos, ou ainda pode simplesmente rabiscar algo enquanto fala ao telefone (“intenção-zero”). Essas formas não parecem ser relevantes para a tradução. Na comunicação normal com dois ou mais participantes, as intenções correspondem às quatro funções básicas da comunicação acima descritas no contexto dos fundamentos metodológicos. Pode-se perguntar, por exemplo, se o emissor quer informar o receptor sobre um determinado assunto (intenção referencial) ou se pretende expressar seus sentimentos ou atitudes para com algo (intenção expressiva), se ele planeja persuadir o receptor a adotar certa opinião ou realizar uma determinada atividade (intenção apelativa), ou se ele só quer criar ou manter contato com o receptor (intenção fática). Naturalmente, um emissor pode muito bem ter mais de uma intenção. Várias intenções podem ser combinadas em uma espécie de hierarquia de relevância. Por razões pragmáticas, é possível que essa hierarquia tenha de ser alterada na tradução.

c. Como obter informações sobre a intenção do emissor

Normalmente, o receptor não está explicitamente informado a respeito da intenção do emissor, mas recebe o texto como resultado dos propósitos comunicativos desse emissor. Um meio de se obter informações explícitas ou implícitas sobre a(s) intenção(ões) do emissor ou do produtor do texto, portanto, é a análise das características intratextuais (ver Capítulo 3.2). No entanto, se ficarmos com os fatores extratextuais (emissor, receptor, meio, lugar, tempo, motivo e função), esses podem esclarecer a intenção que o emissor possa ter tido na transmissão do texto. Certos fenômenos

paralinguísticos, como manifestações de excitação ou indignação, podem também ser considerados.

Para determinar a intenção do emissor, temos de considerar o papel que ele adota frente ao receptor no texto ou através dele — papel que deve ser distinguido do relacionamento “real”, baseado no *status*, entre os dois. Um emissor que, em relação ao receptor, detém um maior conhecimento sobre o assunto em questão pode, contudo, tentar minimizar esse conhecimento a fim de obter a confiança do receptor. Se o analista conhece o papel do emissor (com relação a seu *status*), pode estar em condições de tirar conclusões acerca da intenção do emissor.

A intenção do emissor é de especial importância quando analisamos textos literários ou textos marcados como uma opinião pessoal (por exemplo, comentários políticos, editoriais) porque não há ligação convencional entre gênero e intenção. Nesses casos, o tradutor pode contemplar a vida do autor e seu *background*, eventos que tenham influenciado seus escritos ou qualquer classificação literária (tais como literatura “romântica” ou “politicamente/socialmente comprometida”). Não há dúvida de que, para uma análise textual relevante para a tradução, os tradutores devem explorar todas as fontes que estiverem à sua disposição. Mas devem ter em mente que os detalhes que eles encontrarem devem ser relevantes para o texto fonte que estejam analisando, em particular. O tradutor deve, pelo menos, se esforçar para obter o nível de informação do público pressuposto do TF. Para um texto literário, este não será o nível de um pesquisador de literatura, mas certamente o de um “receptor crítico”.

Exemplo 3.1.2/2

a) Bertolt Brecht é um representante da literatura alemã politicamente comprometido. Se os receptores souberem que seu conto *Medidas contra a violência* foi

publicado pela primeira vez em 1930, podem tomar isso como um indício de que o autor pretendia fazer um alerta a seus leitores a respeito das tendências nazistas. b) Se um texto é publicado em um jornal nas páginas dedicadas a comentários políticos (que, em jornais de qualidade, muitas vezes são separadas das páginas de notícias e reportagens), essa forma de publicação pode ser tomada como indício claro de que a intenção do emissor era “comentar” acontecimentos ou tendências políticas recentes. c) Em um texto marcado como uma “receita”, o leitor pode ter a certeza de que a intenção do remetente era de dar instruções para a preparação de um prato e fornecer a lista dos ingredientes necessários. No entanto, se a mesma receita é incorporada a uma unidade maior, por exemplo, a um romance, a intenção do emissor pode ter sido bem diferente.

Às vezes os próprios emissores fornecem uma explicação para suas intenções, como mostra o seguinte exemplo.

Exemplo 3.1.2/3

No prefácio de seu conto *Los cachorros* (Barcelona 1980), o escritor peruano Mario Vargas Llosa escreve: “Eu queria que *Los cachorros* soassem como uma narrativa cantada em vez de falada, portanto, a escolha de cada sílaba não dependia apenas de um critério narrativo, mas também de um critério musical. De alguma forma eu tinha a impressão de que a autenticidade da história dependia de que o leitor realmente sentisse que estava ouvindo o conto e não lendo-o. Eu queria que ele percebesse a história com seus ouvidos”.

Vermeer¹⁰⁴ oportunamente aponta, contudo, que tal declaração do autor não é garantia de que o texto fonte (de fato, ou mesmo na opinião do autor) esteja de acordo com essa intenção.

¹⁰⁴ H. J. Vermeer, *op. cit.*, [1979] 1983, p. 69.

d. Questionário

As seguintes questões podem ajudar a encontrar as informações relevantes sobre a intenção do emissor:

1. Há qualquer declaração extratextual ou intratextual do emissor sobre sua intenção com o texto?
2. Qual intenção é, por convenção, associada com o gênero ao qual o texto analisado pode ser atribuído?
3. Que pistas sobre a intenção do emissor são inferidas de outros fatores situacionais (emissor — especialmente o seu papel comunicativo —, receptor, meio, lugar, tempo e motivo)?
4. Quais conclusões podem ser extraídas dos dados e pistas obtidos sobre a intenção do emissor em relação:
 - a. a outras dimensões extratextuais (receptor, meio e função) e
 - b. às características intratextuais?

3.1.3. Público

a. A importância da orientação ao público

Em quase todas as abordagens relevantes de análise textual para tradução, o público (a quem nos referimos principalmente como “receptor”) é considerado fator muito importante, se não o mais importante. Boa parte da atenção é dada ao papel comunicativo¹⁰⁵ e às expectativas relacionadas ao emissor,¹⁰⁶ à sua bagagem comunicativa¹⁰⁷ (“pressupostos de conhecimento”) e ao seu ambiente sociológico,¹⁰⁸ à sua posição em relação ao assunto

¹⁰⁵ W. Wilss, *op. cit.*, 1977.

¹⁰⁶ G. Thiel, „Ansätze zu einer Methodologie der übersetzungsrelevanten Textanalyse“; G. Thiel, *op. cit.*, 1980.

¹⁰⁷ G. Thiel, *op. cit.*, 1978a.

¹⁰⁸ C. Cartellieri, *op. cit.*, 1979.

apresentado no texto¹⁰⁹ e às características linguísticas deste.¹¹⁰ Para Koller¹¹¹ a situação do público é a dimensão pragmática por excelência. Como Neubert,¹¹² Koller¹¹³ classifica os textos fonte como sendo “especificamente orientados à LF”, “orientados à LF, mas não somente” e “não especificamente orientados à LF”, ou “orientados à LA”.

A especificação do público pretendido pode estar vinculada ao gênero ou ser independente deste. Wittich,¹¹⁴ por exemplo, salienta que o gênero “texto de divulgação científica para leigos” pode se dirigir a diversos tipos de público: crianças, adolescentes ou adultos, sendo este último grupo composto tanto por cientistas como por não cientistas. Embora a importância do público seja comumente reconhecida na teoria da tradução, não há qualquer outro fator que seja tão frequentemente negligenciado na prática da tradução.

Exemplo 3.1.3/1

Em seu artigo *Translation as a decision process* [A tradução como um processo de decisão], o tradutólogo tcheco Jiří Levý¹¹⁵ cita seu livro *Uměňpřekladu* [A tradução literária]. Na versão alemã do artigo, o livro é citado sob o mesmo título, embora existisse uma tradução alemã,¹¹⁶ cuja citação provavelmente seria de maior interesse para o leitor alemão do que a do original em tcheco.

¹⁰⁹ *Idem, ibidem.*

¹¹⁰ K. Reiss, *op. cit.*, 1980a.

¹¹¹ W. Koller, *op. cit.*, 1979.

¹¹² A. Neubert, *op. cit.*, 1968.

¹¹³ W. Koller, *op. cit.*, 1979.

¹¹⁴ U. Wittich, „Texttypologie unter funktionalstilistischer Sicht“, p. 769.

¹¹⁵ J. Levý, *op. cit.*, 1967, p. 1174, nota 2.

¹¹⁶ J. Levý, *Die literarische Übersetzung.*

b. Público do texto fonte *versus* público do texto alvo

Durante o processo de análise textual, o tradutor isola os elementos textuais que são determinados pelo público do texto fonte. Uma vez que cada texto alvo é dirigido especificamente para os receptores em situações diferentes daquelas em que o texto fonte é ou foi dirigido, a adaptação, precisamente, desses elementos é de especial importância.

Exemplo 3.1.3/2

Se o texto fonte é uma reportagem sobre um evento recente publicado em um jornal norte-americano, esse texto é dirigido a um público grande, não específico, nos Estados Unidos. A fim de chamar a atenção dos leitores, o autor escolhe um título sensacionalista e um subtítulo informativo adicional, fazendo uso também de pequenos segmentos de texto e citações como sub-rubricas para os parágrafos. O texto é acompanhado de duas fotos. Todos esses recursos são “incentivos de leitura” para o receptor. Se esse texto é traduzido por um jornalista que iniciou ele mesmo a tradução porque está interessado nas informações fornecidas pela reportagem, os “incentivos de leitura” são supérfluos, e as sub-rubricas dos parágrafos podem até produzir um efeito enganoso.

Os receptores do TA são diferentes do receptor do TF em pelo menos um ponto: são membros de outra comunidade cultural e linguística. Então, uma tradução não pode ser dirigida ao “mesmo” receptor a que se destina o original.

c. Público destinatário *versus* receptor eventual

Primeiramente, temos que distinguir o público destinatário de um determinado texto (isto é, a pessoa ou as pessoas às quais o emissor se dirige) de qualquer receptor eventual que porventura possa ler ou ouvir o texto, muito embora não seja o receptor previsto

— como, por exemplo, pessoas que ouvem uma mesa redonda ou assistem a um debate parlamentar na televisão. Em alguns casos, o “receptor eventual”, de fato, é público secundário; por exemplo, quando um político finge responder a uma pergunta feita por um entrevistador, sendo que na realidade está dirigindo suas palavras a potenciais eleitores.

Esse aspecto é relevante não apenas nos casos em que a possibilidade da compreensão da mensagem do receptor é diferente daquela do público pretendido (o que poderá ter consequências para os participantes), mas particularmente no que diz respeito à tradução ou interpretação. As decisões tradutórias dependem de para qual dos dois públicos espera-se que o texto alvo seja direcionado.

Pode acontecer ainda de o tradutor ter um “receptor eventual”. Se o participante de LF em uma sessão de interpretação possui domínio passivo da língua alvo ou se uma tradução é publicada em edição bilíngue página a página, o referido participante da LF ou o leitor com alguns conhecimentos da LF podem comparar a tradução com o original, sendo assim considerados uma espécie de “receptores secundários” também. Eles estão interessados não só na mensagem do texto, mas no modo como essa mensagem é transmitida para o leitor do TA. Tendo em vista esses receptores secundários, pode ser necessário para o tradutor comentar algumas estratégias de tradução em um prefácio ou posfácio.

d. Informações sobre o público

Depois que todas as informações disponíveis sobre o receptor-destinatário do TA tiverem sido extraídas, de acordo com o esquema circular normal do processo de tradução, o tradutor, então, pode verificar as características do receptor do TF: idade, sexo, educação, ambiente social, origem geográfica, *status* social, papel desempenhado junto ao emissor etc.

Exemplo 3.1.3/3

Um relatório sobre o problema das drogas publicado em uma revista para jovens é escrito tendo-se leitores adolescentes em mente. De maneira a alertar os receptores sobre os riscos da dependência de drogas, o autor usa palavras e frases de gíria juvenil e jargão de drogas. A tradução do texto, que também é dirigida a jovens, poderá utilizar as gírias correspondente na LA, ao passo que, se o mesmo texto alvo (usando gírias e jargões) tivesse de aparecer em uma seção de uma revista cuja leitura é feita principalmente por um público adulto, ele não seria entendido ou não seria levado a sério.

O *background* comunicativo do público, ou seja, toda a sua bagagem de conhecimentos de disciplinas e assuntos específicos, é de especial importância para a análise textual orientada para a tradução. De acordo com sua avaliação da bagagem do público,¹¹⁷ um autor não só seleciona os elementos particulares do código que será utilizado no texto como também corta ou omite todos os detalhes que podem, “supostamente”, ser conhecidos pelo receptor, ao mesmo tempo em que sublinha outros (ou mesmo apresenta-os com informações adicionais) de forma a não esperar demais (nem muito pouco) do público leitor.

O tanto de conhecimento que podemos pressupor haver em um leitor depende não só da sua educação ou familiaridade com o assunto, mas também de fatores relacionados ao assunto em si, como, por exemplo, sua atualidade. Neste ponto, a situação frequentemente varia muito para receptores do TF e do TA, assim como

¹¹⁷ Seria prudente considerar-se o fato de que o receptor do TA possa estar familiarizado com traduções anteriores do mesmo texto. A recepção histórica de uma tradução (como a tradução da Bíblia de Lutero ou a versão de João Ferreira de Almeida, para citar apenas dois exemplos famosos) tem uma grande influência sobre o acolhimento de uma nova tradução, que não deve ser negligenciada por um tradutor moderno.

normalmente há (pelo menos na comunicação escrita) uma certa diferença de tempo entre a recepção do TF e a do TA.

Exemplo 3.1.3/4

Para um receptor espanhol, a manchete “Nuestra Integración en Europa” acima de um comentário publicado no jornal espanhol *El País* em fevereiro de 1984 não é um título temático com informações sobre o conteúdo do texto, mas sim acerca da discussão em curso quanto aos problemas agrícolas especiais relacionados às negociações para a entrada da Espanha na Comunidade Europeia. Para os leitores de um jornal alemão ou francês, essa questão não representava interesse primordial naquele momento. Sob o título “A entrada da Espanha na Comunidade Europeia” (ou mesmo “A nossa integração na Europa”), os leitores seriam induzidos a ter outras expectativas de informações.

Tal como o autor, que tem uma intenção específica ao transmitir o texto, o receptor também tem uma intenção específica ao lê-lo. A intenção dos receptores não deve ser confundida com suas expectativas para com o texto, que é parte de seu *background* comunicativo, ou com sua reação ou resposta ao texto, que tem lugar depois da recepção do texto, constituindo assim parte do efeito textual.

As informações obtidas acerca do público podem fornecer pistas sobre a intenção do emissor, sobre o tempo e o lugar da comunicação (em relação à idade do receptor e sua origem geográfica), sobre a função do texto (em relação à intenção do receptor) e sobre as características intratextuais (por exemplo, as pressuposições).

Como apontado em relação ao emissor, um receptor fictício é parte da situação comunicativa “interna”, e não da situação comunicativa externa. Mas mesmo externamente um texto pode ser dirigido a possíveis receptores diferentes.

Exemplo 3.1.3/5

Enquanto esteve preso por fazer parte do movimento de resistência contra o regime nazista, o escritor alemão Günter Weisenborn (1902-1962) escreveu algumas cartas para sua esposa, Joy Weisenborn, que foram publicadas depois da guerra. Na situação original, essas cartas tinham uma receptora precisamente definida. Publicadas mais tarde em um livro, junto com algumas cartas de resposta de sua esposa e algumas canções e poemas, elas agora se dirigem a um público muito mais amplo e não tão claramente definido, ou seja, qualquer pessoa interessada em documentos e testemunhos pessoais da Resistência ao Terceiro *Reich* alemão. Anos mais tarde, se um rapaz presentear sua namorada com esse livro, repleto de cartas de amor afetuosas, as condições de recepção serão diferentes novamente, sem mencionar outros possíveis efeitos que causaria a tradução do livro para outras línguas.

Por isso, o tradutor deve analisar não apenas as características do público (ou dos receptores) do TF e a sua relação com o texto fonte, mas também as características do público do TA, cujas expectativas, conhecimento e papel comunicativo irão influenciar a organização estilística do texto alvo.

Quanto maior a orientação do TF para um público particular da cultura fonte, maior a probabilidade de que o TF tenha de ser traduzido como tradução-documento (ver Capítulo 3.1.8c), o que significa que o texto alvo só pode fornecer informações sobre o texto fonte em sua situação, mas não necessariamente preencher uma função análoga. Então, parece não ser realista, ou até mesmo absurdo, postular um efeito equivalente ou uma “mesma função” para uma tradução do discurso do presidente francês Pompidou para a língua francesa, tal como discutido por Paepcke.¹¹⁸

¹¹⁸ F. Paepcke, „Georges Pompidou und die Sprache der Macht. Analyse eines Textes“.

e. Como obter informações sobre o público

Como no caso do emissor, a informação sobre o público pode, antes de tudo, ser inferida a partir do paratexto (por exemplo, dedicatórias, notas), incluindo o título, ou subtítulo (por exemplo, *Dicionário para crianças* ou *Prendas para ti, mamãe: um livro ilustrado do Dia das Mães para crianças*). Também se pode inferi-la mediante informações obtidas sobre o emissor e sua intenção ou dos fatores situacionais, tais como meio (Exemplo 3.1.3/2), lugar, tempo e motivo (Exemplo 3.1.3/3). Gêneros convencionais muitas vezes evocam expectativas igualmente padronizadas nos receptores.

Exemplo 3.1.3/6

A dona de casa normalmente espera que uma receita contenha instruções para a preparação de um determinado prato e, de fato, é por isso que ela a lê. Sua atenção é dirigida ao conteúdo do texto (por exemplo, quais os ingredientes de que ela precisa e o que ela tem que fazer). Receitas geralmente têm um formato bastante padronizado, não só no que diz respeito à sua composição (por exemplo, primeiro, uma lista de ingredientes, em seguida, as instruções em ordem cronológica), mas também no que diz respeito às estruturas sintáticas (por exemplo, imperativos, parataxe, infinitivos) e recursos lexicais (por exemplo, a terminologia e expressões estereotipadas, como “cozinhe em fogo baixo”, “até engrossar” etc.). O leitor só toma ciência da forma de texto se ela não for a esperada: se, por exemplo, a receita for escrita como uma poesia ou se a lista de ingredientes estiver ausente.

As expectativas do receptor podem, às vezes, levar a certa tolerância. Por exemplo, ao lerem um cardápio, cuja função do texto infere-se claramente a partir da situação, mal traduzido para sua própria língua, os turistas em um país estrangeiro podem não se sentir irritados, como seria o normal, mas se divertir com os erros

ortográficos ou com as formulações não idiomáticas, desde que consigam as informações sobre o que há para comer ou beber.¹¹⁹

Normalmente, é claro, o produtor do texto vai tentar, na medida do possível, satisfazer as expectativas do público pretendido. Há casos, no entanto, em que um autor ignora ou mesmo deliberadamente desconsidera as expectativas, de modo a escandalizar os leitores ou conscientizá-los para certos padrões de pensamento etc.

f. Questionário

As seguintes questões podem ajudar a encontrar informações relevantes sobre o público pretendido e suas expectativas:

1. Que informações sobre o público pretendido podem ser constatadas a partir do paratexto?
2. O que se pode aprender sobre o público a partir das informações disponíveis sobre o emissor e sua intenção?
3. Quais pistas a respeito das expectativas do público do TF, bagagem etc. podem ser inferidas a partir de outros fatores situacionais (meio, lugar, tempo, motivo e função)?
4. Há alguma informação sobre as reações do(s) receptor(es) do TF que podem influenciar nas estratégias de tradução?
5. Que conclusões podem ser obtidas a partir dos dados e pistas coletados sobre o público quanto:
 - a. a outras dimensões extratextuais (intenção, lugar, tempo e função), e
 - b. às características intratextuais?

¹¹⁹ Podemos tirar vantagem dessa consideração na formação de tradutores, admitindo um certo grau de “interlinguagem” (SELINKER, 1972) ou “translationese” (TOURY [1978] 1980, p. 75) para uma tradução em língua estrangeira na fase inicial da formação. Isso deve ser indicado nas instruções de tradução e considerado na avaliação dos resultados.

3.1.4. Meio

a. Comunicação escrita *versus* comunicação oral

O conceito de meio¹²⁰ ou canal¹²¹ deve ser interpretado de maneira bastante ampla. Referimo-nos como “meio” ao veículo que conduz o texto para o leitor (na teoria da comunicação, “canal” representa ondas sonoras ou impressões no papel). O tradutor está, no entanto, menos interessado nas distinções técnicas e mais nos aspectos da perceptibilidade, no armazenamento de informações e nos pressupostos da interação comunicativa.

Primeiramente, temos que perguntar se o texto está sendo transmitido em um ato de comunicação face a face ou por escrito. O meio de transmissão não afeta apenas as condições de recepção, mas também as condições de produção, porque determina a forma como as informações devem ser apresentadas no que diz respeito ao nível de explicitação, arranjo dos argumentos, escolha dos tipos de frase, características de coesão, uso de elementos não verbais como mímica e gestos etc. O efeito do meio escolhido sobre os fatores intratextuais pode ser ilustrado observando-se os aspectos dêiticos: as referências situacionais devem ser expressas muito mais claramente na comunicação escrita¹²² — Halliday e Hasan falam de “referência exofórica” —¹²³ do que no ato de comunicação face a face, no qual não têm de ser verbalizadas explicitamente porque os participantes fazem parte da situação.

¹²⁰ G. Thiel, *op. cit.*, 1974b.

¹²¹ K. Reiss, „Methodische Fragen der übersetzungsrelevanten Textanalyse“.

¹²² Beck (1973, p. 84) lista três reduções importantes que justificam a classificação de linguagem escrita como uma categoria especial: “1. Unidirecionalidade geral (ou seja, redução da interatividade: quanto maior o número de pessoas que participam do ato de comunicação, menor será o número de interlocutores), 2. Redução das oportunidades para a comunicação extraverbal (sobretudo no que diz respeito ao nível de relações inter-humanas) e 3. Redução da contextualidade pragmática”.

¹²³ M. A. K. Halliday, R. Hasan, *Cohesion in English*, p. 33.

Exemplo 3.1.4/1

Por um lado, na comunicação face a face, as expressões dêiticas, como *aqui*, *ao meu lado* ou *hoje*, ou expressões referindo-se aos participantes da comunicação, como *eu*, *todos nós* ou *como o locutor antes de mim corretamente observou*, são inequívocas. Por outro lado, em um texto escrito só podem ser decodificadas corretamente com base em informações sobre o tempo, lugar, emissor, destinatários etc. dadas no próprio texto ou no paratexto, como a página do título, ficha técnica, introdução etc.

As categorias de fala e escrita não podem, no entanto, sempre ser separadas completamente, uma vez que há textos falados que são reproduzidos em uma forma escrita (por exemplo, a declaração de uma testemunha) e textos escritos que são falados (por exemplo, palestras). Crystal e Davy,¹²⁴ então, introduzem o conceito de meio complexo, que inclui “a língua que é falada para ser escrita, como no ditado, ou a linguagem escrita para ser falada, como em notícias de radiodifusão”, e mesmo subclassificações, tais como “língua escrita para ser lida em voz alta como se fosse escrita”.¹²⁵

Isso mostra que, para os nossos propósitos, não é sensato ter como objetivo uma simples “etiqueta” referente ao meio. O que temos de fazer é eliciar características específicas do meio, como a coincidência ou descontinuidade da produção e recepção do texto, a forma direta ou indireta de comunicação, a espontaneidade da

¹²⁴ D. Crystal, D. Davy, *op. cit.*, p. 68.

¹²⁵ House (1981a, p. 43) refina a categoria do meio complexo, pelo menos no que tange aos textos escritos, utilizando algumas das distinções sugeridas por Gregory (1968). A categoria de “escrita” é dividida em “escrita para ser dita como se não fosse escrita”, “escrita para ser dita” e “escrita não necessariamente para ser dita/para ser lida como se fosse ouvida”.

produção do texto, as oportunidades para operações de retroalimentação, a comunicação de via única etc.

b. Informações sobre o meio

Na comunicação oral, a dimensão do meio inclui os meios técnicos usados para a transferência de informações (tais como telefones ou microfones), e estes, naturalmente, afetam a produção, a recepção e a compreensão do texto. Na comunicação escrita, por outro lado, referimo-nos ao recurso de publicação como o “meio”, ou seja, jornal, revista, livro, enciclopédia multivolume, folheto, brochura etc., além das subclassificações, tais como notícias de negócios, suplemento literário etc.

A dimensão do meio é relevante porque oferece algumas pistas sobre a dimensão e a identidade do público pretendido. O número de leitores de um jornal nacional diário não só é muito maior como, geralmente, representa outro nível de formação e informação, com diferentes expectativas e diferentes normas de qualidade redacional, do que o público de uma revista médica, para não mencionar uma revista de neurocirurgia. Espera-se que a edição de bolso de um romance, mais barata, chegue a um público maior do que uma preciosa coleção multivolume de poemas de amor em cantonês. Uma carta pessoal é dirigida a um receptor individual e conhecido, entretanto uma carta padrão de negócios pode ser dirigida a qualquer número de empresas em uma lista de distribuição, um cartaz é dirigido a todos aqueles que passam por ele etc.

Além disso, a especificação da meio pode dar uma pista sobre qual é a intenção do emissor (por exemplo, no caso de um cartaz ou um cartão-postal) e para o motivo da comunicação (por exemplo, no caso de um obituário em um jornal). Uma vez que o alcance e as convenções de uso do meio podem variar de cultura para cultura

e de uma geração para a outra, a especificação do meio pode ainda dar uma ideia do tempo e do lugar de produção do texto.

Embora a escolha de um determinado meio obviamente forneça pré-sinais às expectativas do receptor acerca da função pretendida do texto, a função e o meio não devem ser automaticamente associados ou mesmo equiparados. As expectativas dos receptores certamente baseiam-se na sua experiência com o meio em questão, mas, uma vez mais, um determinado emissor pode ter a intenção de surpreender ou decepcionar o receptor utilizando-se de um meio com um fim muito diferente daquele ao qual ele é normalmente associado. Para o tradutor é importante, também, considerar o fato de que o “mesmo” meio de comunicação pode ter funções bem diferentes em outras culturas.

Geralmente, no entanto, o meio determina as expectativas do receptor quanto ao texto. Em um folheto distribuído à entrada de uma igreja famosa esperamos encontrar informações básicas sobre os objetos de interesse, talvez na forma de uma visita guiada. O texto em um guia turístico geralmente tem funções de informação e de publicidade, já de um artigo em uma enciclopédia esperamos obter informações não só sobre os aspectos positivos, mas também sobre os aspectos negativos de um lugar (para mais exemplos ver Texto Amostra 3 no Capítulo 5.3).

Para ilustrar essa questão, utilizaremos alguns parágrafos sobre a Estação Ecológica do Taim, tirados de meios diferentes.

Exemplo 3.1.4/2

a. Reportagens Especiais no Internet

Conheça...

Desfrute de agradáveis momentos em meio à natureza. Para chegar no Taim a partir de Porto Alegre, use a BR-116 no sentido da cidade de Pelotas, a qual lhe

dá acesso pela BR-471 até a Estação Ecológica do Taim. Ao seu redor é possível encontrar pousadas, hotéis, chalés e áreas para *camping*.

Turismo no Sul: Estação Ecológica do Taim

Situada no Estado do Rio Grande do Sul, compreendendo partes dos municípios de Santa Vitória do Palmar e Rio Grande, entre a Lagoa Mirim e o Oceano Atlântico, próximo do Arroio Chuí, na fronteira do Uruguai, encontramos a Estação Ecológica do Taim, com uma área de 32.038ha. Um dos principais motivos que levaram à criação da Estação Ecológica do Taim em 21.7.86, pelo decreto nº 92.963, foi o fato de esta área ser um dos locais por onde passam várias espécies de animais migratórios vindos da Patagônia.

A simples utilização da estação como área de descanso, de crescimento ou nidificação torna-a ainda mais importante, pois para as espécies migratórias a destruição de uma área na rota de migração pode colocá-las em risco de extinção. [...] ¹²⁶

b. Folheto turístico

ROTEIROS ECOLÓGICOS DO RIO GRANDE DO SUL

Reserva do Taim

A 300 km de Porto Alegre, pela BR-471, que liga a capital ao Uruguai, encontra-se uma das mais importantes reservas biológicas do Sul do Brasil.

Também conhecida por “banhado do Taim”, essa reserva serve de centro de estudos das aves migratórias que, no inverno, deixam a região gelada da Terra do Fogo para procriarem no Taim.

Capivaras, quatis, ariranhas, patos d’água, quero-queros, gaivotas, maçaricos, cisnes de pescoço preto, são alguns dos muitos animais e aves que desfrutam desse paraíso concebido pela natureza.

O Taim, hoje, é alvo de manifestação dos ecologistas, que são contrários à rodovia BR-471, que corta a reserva de ponta a ponta. É comum encontrar capivaras mortas por atropelamento na beira da rodovia, quando tentam fazer a travessia

¹²⁶ Disponível em http://www.arroiogrande.com/especiais_estacaoecologicadotaim.htm. Último acesso em 17 set. 2013.

da estrada. Sem nenhuma infraestrutura turística no local, o visitante deverá se precaver, fazendo reservas de hotel em Rio Grande, a 80 km do Taim. [...]'¹²⁷

c. Enciclopédia

Estação Ecológica do Taim

A Estação Ecológica do Taim (ESEC Taim) é uma unidade de conservação de proteção integral da natureza localizada no sul do estado do Rio Grande do Sul, com aproximadamente 30% de seu território abrangendo o município de Rio Grande e 70% o de Santa Vitória do Palmar.

A administração da Estação está atualmente a cargo do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), uma autarquia vinculada ao Ministério do Meio Ambiente.

A reserva é casa de pelo menos 30 espécies diferentes de mamíferos e 250 aves, onde destacam-se animais como joão-de-barro, biguá, tachã, maçarico-preto, garça-moura, cabeça-seca, socozinho, ximango, martim-pescador, cisne-de-peçoço-preto, coscoroba, marrecão e marreca-piadeira. Entre os bichos de maior porte estão: tartaruga, capivara, ratão-do-banhado, cachorro do mato, lontra, tuco-tuco e jacaré-de-papo-amarelo.

A flora é bastante diversa, apresentando figueiras, corticeiras, quaresmas, orquídeas, bromélias, cactos, juncos e aguapés.[...]¹²⁸

Para a análise textual orientada para a tradução, o mais importante é elicitare as características próprias do meio, ou seja, as características de conteúdo e/ou forma, e as classificar como culturalmente específicas, transculturais ou mesmo universais. Isso é particularmente relevante nos casos em que o texto alvo deve

¹²⁷ Cortesia de Petrobrás, data desconhecida.

¹²⁸ Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Reserva_do_Taim. Último acesso em 17 set. 2013.

ser transmitido através de um meio ou canal diferente daquele do texto fonte.¹²⁹

c. Como obter informações sobre o meio

Se o texto fonte não estiver disponível em seu meio original, mas somente em uma cópia ou um manuscrito (o que acontece às vezes na prática da tradução), o tradutor deve insistir em ter informações detalhadas sobre o meio, por ser este bastante difícil de se identificar com uma mera análise intratextual. Pode haver pistas limitadas nas dimensões do emissor e em sua intenção ou motivo; o tempo e o lugar, às vezes, podem reduzir a variedade de meios possíveis. Em alguns casos, a escolha do meio é determinada por convenção, em outros, há meios preferidos para fins comunicativos específicos em cada cultura (por exemplo, cartazes ou anúncios para a promoção de produtos, folhetos para a informação turística etc.).

d. Questionário

As seguintes questões podem ajudar-nos a encontrar informações relevantes sobre a dimensão do meio ou canal:

1. O texto foi extraído de uma comunicação escrita ou oral?
Por qual meio foi transmitido?
2. Qual meio será utilizado para apresentar o texto ao público alvo? Há alguma informação extratextual sobre o meio?

¹²⁹ Nida (1976, p. 62) cita um exemplo: “Um grupo de alunos em um país da América Latina quis reproduzir em um folheto alguns textos de um dos profetas do Antigo Testamento que tratavam de questões de justiça social. No lugar de uma tradução bem-construída na linguagem bíblica tradicional, escolheu-se produzir um tipo de tradução extemporânea, mal mimeografada em papel barato. A produção teve considerável sucesso, porque ela se aproximou em forma e conteúdo dos tipos de documentos revolucionários que estudantes ansiavam ler”.

3. Quais pistas, com respeito ao meio ou canal, podem ser inferidas a partir dos outros fatores situacionais (emissor, intenção, motivo, função)?
4. Que conclusões podem ser obtidas a partir dos dados e pistas coletados sobre o meio no que diz respeito:
 - a. a outras dimensões extratextuais como o público e suas expectativas, motivo e função, e
 - b. às características intratextuais?

3.1.5. Lugar

- a. O lugar da produção *versus* o lugar da recepção do texto

A dimensão do espaço é tratada explicitamente apenas em publicações com base na fórmula de Lasswell.¹³⁰ Claro que, na tradução, a questão da cultura e sua influência sobre o texto fonte é o centro de interesse, portanto, pode parecer supérfluo reforçar este aspecto mais uma vez. É por isso, provavelmente, que Reiss¹³¹ e Thiel¹³² combinam as dimensões do tempo, do espaço e do motivo em uma dimensão global chamada “pano de fundo geográfico, histórico e sócio-cultural”¹³³ ou “pressupostos (situacionais) implicados”.¹³⁴

No entanto, como esses fatores podem ser de relevância diferente para diferentes textos ou gêneros, eles são, em nossa opinião, dignos de ser tratados separadamente na análise do TF. Além disso, como já foi assinalado anteriormente em relação ao nosso quadro sistemático, o tempo e o espaço são categorias de base da situação histórica de um texto.

¹³⁰ H. Bühler, *op. cit.*, 1984; K. Reiss, *op. cit.*, 1984.

¹³¹ K. Reiss, *op. cit.*, 1974a.

¹³² G. Thiel, *op. cit.*, 1978a.

¹³³ K. Reiss, *op. cit.*, 1974a.

¹³⁴ G. Thiel, *op. cit.*, 1978a.

A dimensão do espaço não se refere apenas ao lugar da produção do texto, ou seja, à situação atual do emissor e do produtor do texto, mas também, pelo menos em relação a certos meios, ao lugar de recepção do texto (Exemplos 3.1.1/4 e 3.1.3/4). Ela não pode ser equiparada à dimensão do meio, como preveem Hönig e Kussmaul¹³⁵ ao utilizar o termo. A dimensão do espaço é de particular importância quando há línguas faladas em diversas variedades geográficas (tal como o português falado em Portugal, em oposição ao do Brasil, e o inglês falado na Grã-Bretanha, em oposição ao dos Estados Unidos, da Austrália, Índia etc., conforme Exemplo 3.1.1/3a). Se uma dessas línguas é a língua fonte, o lugar de produção do texto pode fornecer um pré-sinal para a variedade utilizada no TF, e se uma dessas línguas é a língua alvo, o lugar de recepção do texto determina a variedade que o tradutor tem que usar na tradução.

Exemplo 3.1.5/1

A versão em português do folheto informativo publicado pela Secretaria de Turismo de Munique foi aceita sem hesitação e considerada correta e apropriada por um grupo de professores brasileiros em um seminário sobre tradução, ao passo que os seus colegas de Portugal classificaram o texto como “mais ou menos compreensível, mas não idiomático e em desacordo com o uso normal”. Nesse caso, uma análise da dimensão do lugar não poderia dar qualquer pista sobre o problema, pois o texto foi produzido em Munique para receptores de língua “portuguesa”. Como o nome do tradutor não foi especificado no texto, os participantes do seminário só poderiam supor que o tradutor tinha usado a variedade brasileira do Português. O emissor/iniciador (Secretaria de Turismo), provavelmente, não tinha conhecimento do problema. Para a versão alemã

¹³⁵ H. G. Hönig, P. Kussmaul, *op. cit.*, 1982, p. 71.

dessa brochura, no entanto, a dimensão do lugar (da recepção) sugere que o texto foi escrito na variedade utilizada na Alemanha (em oposição à usada na Áustria ou Suíça).

Além dos aspectos linguísticos, a dimensão do espaço pode ser importante para a compreensão e interpretação de um texto em que o lugar de sua produção pode ser considerado o centro de uma “geografia relativizada”. A distância ou a importância dos outros locais deve frequentemente ser julgada em relação a esse centro. O tradutor deve considerar que a “geografia relativizada”, do ponto de vista da produção do TA, pode ser muito diferente daquela da produção do TF.

Exemplo 3.1.5/2

a) A diferença de nível cultural ou social pode ser classificada como “inferior” ou “superior”, dependendo do nível a partir do qual ela é avaliada (mais baixo ou mais alto). b) A noção de distância entre Lisboa e o Porto é muito “curta” quando avaliada por um brasileiro, em relação à percepção de um português. c) Os nomes dos lugares, áreas e tribos listadas nos Atos dos Apóstolos 2, 9-11, não fazem sentido como descrição do “horizonte do mundo judaico”, a menos que a Síria seja entendida como o lugar de produção do texto, e não Jerusalém, onde o evento Pentecostal acontece.¹³⁶

b. Informações sobre a dimensão do espaço

Na dimensão do espaço, temos que pensar não só nos aspectos linguísticos, mas também nas condições culturais e políticas. Um texto publicado em um país onde a literatura é censurada deve ser lido “sob uma ótica diferente” daquela que recai sobre um texto cujo

¹³⁶ J. Roloff, „Die Apostelgeschichte“, p. 44.

autor não tenha sido objeto de qualquer restrição, uma vez que os autores sob censura frequentemente escrevem “entre linhas”.

Além do nome do estado ou do país, pode até ser necessário conhecer a exata área ou cidade da produção do texto, de forma que seja possível interpretar corretamente os elementos dêiticos (Exemplo 3.1.4/1). Isso é válido tanto para o TF como para o TA, que normalmente será lido no ambiente cultural da cultura alvo.

Exemplo 3.1.5/3

No caso de artigos jornalísticos, o lugar onde o artigo é publicado é normalmente considerado o lugar de produção de texto também. Portanto, os leitores do jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, podem assumir que a informação “Propaganda irregular emporcalha muros, viadutos e outras áreas” refere-se ao Rio, enquanto todos os artigos na primeira página da edição internacional do *Herald Tribune* têm que indicar o lugar a que o artigo se refere: “**U.S.** Banks Lower Prime Interest Rate”, “**In Leipzig**, Protesters Fear Resurgence of Communist Power”, “Tamil Guerrilla Army Nears Goalin **Sri Lanka**” etc. Se os correspondentes enviarem os seus relatórios de algum outro lugar, o lugar de produção de texto é normalmente especificado em conjunto com o nome do autor ou no início do texto (“VIENA — Um homem atirou e matou dois policiais”), de modo que o leitor possa interpretar corretamente uma frase como “Agora tudo está tranquilo por aqui novamente”. Em uma tradução, também, a dimensão do lugar tem que ser especificada, seja externamente (por exemplo, em uma introdução) ou internamente (por exemplo: “Agora tudo está tranquilo em torno de Viena novamente”).

As informações sobre o lugar da produção do texto também indicam a filiação cultural do emissor e/ou do público, o meio (no caso de um meio específico de uma cultura), o motivo (pelo menos nos pontos em que se combina com a dimensão do tempo)

e as características intratextuais (tais como dialetos regionais ou expressões dêiticas).

c. Como obter informações sobre a dimensão do espaço

Geralmente, informações sobre a dimensão do espaço podem ser encontradas no paratexto, por exemplo, no lugar da publicação, no nome da editora, em detalhes da primeira edição, manchetes de jornais ou na literatura secundária. Às vezes, pressupõe-se que elas são parte da bagagem do receptor (por exemplo, no caso de publicações de organizações ou instituições internacionais ou de escritores famosos). Do ponto de vista intratextual, certas características linguísticas podem fornecer uma ideia de onde o texto foi escrito ou destinado a ser lido.

Outras pistas podem ser obtidas a partir de informações sobre o emissor (por exemplo, onde ele viveu, trabalhou etc.), sobre o público pretendido (por exemplo, que informações específicas da cultura podemos pressupor serem conhecidas pelo receptor?), meio (por exemplo, está vinculado a uma cultura específica?) ou motivo (por exemplo, é um motivo culturalmente específico?).

d. Questionário

As seguintes perguntas podem ajudar a encontrar informações relevantes sobre o lugar da comunicação:

1. Onde o texto foi produzido ou transmitido? Quais informações sobre a dimensão do espaço podem ser encontradas no paratexto? Há informações sobre o espaço que podemos pressupor serem parte da bagagem do receptor?
2. Quais pistas referentes à dimensão do espaço podem ser inferidas a partir dos outros fatores situacionais (emissor, público destinatário, meio, motivo)?
3. Que conclusões podem ser obtidas a partir dos dados e pistas coletados sobre a dimensão do espaço no que diz respeito:

- a. a outros fatores extratextuais (emissor, público destinatário, meio, motivo) e
- b. às características intratextuais?

3.1.6. Tempo

- a. A relevância da dimensão do tempo.

A dimensão do tempo foi tratada explicitamente não só por Bühler¹³⁷ e Reiss,¹³⁸ mas também por Thiel¹³⁹ e Cartellieri.¹⁴⁰ No entanto, com a questão analítica “Em que tempo desenrola-se a trama?”, Cartellieri¹⁴¹ faz alusão à situação interna (ver Capítulo 3.1.0b). Outros autores incluem a dimensão do tempo nos “presupostos situacionais”. Em nossa opinião, a dimensão do tempo, tal como a dimensão do espaço, tem que ser tratada separadamente, e em detalhes.

Qualquer língua é objeto de constantes mudanças quanto a seu uso e suas normas. O tempo da produção do texto é, em primeiro lugar, um importante pré-sinal para o estado histórico de desenvolvimento linguístico que o texto representa. Isso se aplica não só ao uso linguístico como tal (do ponto de vista do emissor), mas também à compreensão histórica de unidades linguísticas (do ponto de vista do receptor), que está vinculada a um período determinado ou a uma época, uma vez que alterações linguísticas são geralmente determinadas pelas mudanças socioculturais.

Além disso, esse processo de mudança afeta os tipos textuais. Alguns gêneros estão ligados a um período em particular (por

¹³⁷ H. Bühler, *op. cit.*, 1984.

¹³⁸ K. Reiss, *op. cit.*, 1984.

¹³⁹ G. Thiel, *op. cit.*, 1980.

¹⁴⁰ C. Cartellieri, *op. cit.*, 1979.

¹⁴¹ *Idem.*

exemplo, oráculos e poemas épicos em oposição a boletins meteorológicos e teledramaturgia) e, naturalmente, convenções de gênero também sofrem mudanças. Dependendo da idade do texto, o receptor/tradutor pode ter expectativas totalmente diferentes em relação às características particulares do tipo de texto em questão. Ele mesmo pode esperar formas obsoletas, que já não se usam.

Exemplo 3.1.6/1

Quando perguntados qual pensavam ser a característica sintática típica de uma receita alemã, a maioria dos falantes nativos competentes do alemão mencionaram o subjuntivo do tempo presente: “man nehme...”, embora as receitas alemãs atuais sejam escritas predominantemente em construções de infinitivo. Hoje, o subjuntivo é usado apenas para dar a uma receita um toque antiquado, como se fora tirada de *O livro de receita da avó*.

Além dos aspectos linguísticos, a dimensão do tempo pode fornecer pistas sobre a bagagem comunicativa do emissor e do público pretendido — e, então, oferecer meios para a compreensão da intenção do emissor. No caso de tipos de texto de interesse atual, como notícias, comentários políticos, discursos eleitorais, boletins meteorológicos etc., a dimensão do tempo pode ser o critério decisivo para definir se a tradução faz sentido ou não — e, em caso positivo, sob quais pressupostos e com qual encargo tradutório.

Exemplo 3.1.6/2

Na formação de tradutores, alguns professores aparentemente preferem usar reportagens de jornais como textos de tradução, pois assumem que os alunos estejam familiarizados com os temas da atualidade e com o vocabulário

correspondente. Na prática da tradução, no entanto, esses textos raramente são traduzidos, porque são produzidos “para o dia” e já serão obsoletos amanhã. A tradução desses textos só faz sentido se ocorrer como tradução-documento ou para finalidades muito específicas.

Como já dissemos em relação à dimensão do espaço, os elementos dêiticos referem-se diretamente à situação. Como a dêixis espacial, a dêixis temporal só pode ser corretamente interpretada se o receptor souber o tempo da produção do texto.

Exemplo 3.1.6/3

No *International Herald Tribune* de 9 de janeiro de 1990, encontramos o seguinte aviso: “NEW YORK — The hopes entertained that the grippe was relaxing have been destroyed by the mortality returns of yesterday (Jan. 7), which show an increase of nearly 100 over the toll given three days ago, with 134 deaths traceable to the epidemic”. (Literalmente: As esperanças de que a gripe estivesse relaxando foram destruídas pelo retorno da mortalidade do dia de ontem (7 janeiro), que mostra um aumento de quase 100 em comparação ao número de três dias atrás, com 134 mortes decorrentes dessa epidemia.) Não há necessidade de se assustar: o aviso foi publicado sob o título “Há 100, 75 e 50 anos”, e data de 1890.

No entanto, também pode ser necessário conhecer as convenções de gênero a esse respeito, como mostra o exemplo a seguir.

Exemplo 3.1.6/4

Há muito anos, em Madras (hoje Chennai), Índia, a autora deste livro ficou surpresa ao ler no jornal que estava em cima da mesa do café da manhã que “houve um acidente com um comboio esta tarde”. É claro que o texto

provavelmente fora escrito tarde da noite do dia anterior, e o autor estava certo ao dizer “esta tarde” — mas, em um jornal alemão (e, normalmente, em jornais britânicos e americanos, bem como em jornais brasileiros), o autor teria escrito “na tarde de ontem”, porque parece ser uma convenção que os jornalistas se imaginem na situação do leitor que recebe o texto (isto é, na manhã seguinte), ao passo que, obviamente, os leitores indianos têm de se colocar no lugar do escritor.

Algumas vezes, pode ser sensato para o tradutor verificar a validade das informações dadas no texto fonte (se possível) ou, pelo menos, apontar para o iniciador que algumas informações no texto podem não estar atualizadas.

Exemplo 3.1.6/5

Em alguns folhetos turísticos, as informações sobre horários de funcionamento, preços etc., ou avisos como “em manutenção” (Exemplo 3.1.4/2a), não são atualizadas. Por exemplo, as informações mais recentes (traduzidas) publicadas sobre as famosas cavernas de Altamira, no norte da Espanha, especificam que elas podem ser visitadas por qualquer pessoa “a pedido” (previamente agendado). Quando nós fomos até lá para dar uma olhada nas pinturas rupestres pré-históricas, descobrimos que havia um pavilhão com belas reproduções dessas pinturas, mas as cavernas não tinham sido abertas ao público durante os últimos anos. Apenas os pesquisadores que apresentassem a prova de um projeto foram autorizados a entrar.

A dimensão do tempo influencia direta ou indiretamente as dimensões do emissor (por exemplo: ele é contemporâneo do receptor/tradutor? Quais pressupostos situacionais podem ser inferidos?), da intenção, do público (expectativas, distância temporal entre o público do TF e do TA), do meio (formas históricas ou

modernas do meio), do motivo (por exemplo, atualidade) e, acima de tudo, características intratextuais (por exemplo, pressuposições, variedade histórica da língua, elementos dêiticos).

b. Tradições e convenções da tradução

A dimensão do tempo engloba não só o tempo de produção e recepção do TF, mas também de produção (= tradução) e recepção do TA. A situação comunicativa original, bem como a situação comunicativa intercultural, é determinada por seus respectivos contextos temporais.

Em relação à dimensão do tempo, temos, então, que conferir as traduções existentes de textos clássicos e analisar os problemas envolvidos na tradução ou retradução de textos antigos. Depende do *skopos* da tradução se, e como, a dimensão do tempo tem que ser considerada para a tradução da *Iliada*, de Homero, o *Rei Lear*, de Shakespeare, *Os Lusíadas*, de Camões, ou *Dom Quixote*, de Cervantes. Popovič¹⁴² distingue entre a “tradução sincrônica” de um autor contemporâneo e traduções modernas de textos antigos, que, em sua opinião, podem ser “recriativas” ou “conservadoras”.

A abordagem considerada mais adequada depende da tradição ou do conceito de tradução, que pode ser considerado um tipo de convenção culturalmente específica. Analisando a moderna recepção das obras de Homero na Alemanha, que tem sido fortemente influenciada pelas traduções em versículo hexamétrico de Johann Heinrich Voss (1751-1826), Vermeer sublinha:

¹⁴² A. Popovič „Übersetzung als Kommunikation“, p. 103.

As traduções e imitações de poesia clássica grega fizeram que o versículo hexamétrico fosse absorvido na cultura alemã e não pudesse mais ser considerado uma inovação. No entanto, ele tem conotações que não foram encontradas em grego clássico, criando uma distância em relação ao texto e sinalizando o recurso “clássico”, possivelmente até mesmo “arcaico”, mas certamente “alienígena” e, portanto, “insólito”.¹⁴³

A tradição criou aqui uma “língua de tradução” particular, que é, em regra geral, aceita sem críticas e considerada característica de um determinado tipo de texto. O mesmo se aplica para a linguagem de tradução da Bíblia. Mediante nossas próprias reações às traduções modernas da Bíblia (por exemplo, a *Tradução brasileira*, em comparação com a tradução clássica de Almeida), que intuitivamente julgamos ser “inadequadas”, podemos ver como estamos presos fortemente às tradições de tradução.

A natureza breve de um efeito cômico, cuja base é o jargão de época é ilustrada por Kloepfer¹⁴⁴ na sua tradução de alguns versículos da comédia *Epídico de Plauto*. Para obter o mesmo efeito do original, Kloepfer usa alguns “termos técnicos” que descrevem a última moda em meados dos anos 60 e que, agora, parecem ultrapassados — se não totalmente incompreensíveis para os jovens contemporâneos.

Por outro lado, parece ser igualmente problemático traduzir um texto antigo na forma arcaizante, isto é, na variedade da língua alvo comum no momento da origem do TF, “como se” o texto fosse traduzido sincronicamente, tais como a tradução que fez o escritor alemão Rudolf Borchardt da *Divina comédia*, de Dante, para (o que ele considerava) o alemão do século XIV. Essa tradução, embora pensada como uma experiência interessante, não pode ter o mesmo efeito sobre o receptor

¹⁴³ H. J. Vermeer, „Übersetzen und Verständnis“, p. 100.

¹⁴⁴ R. Kloepfer, *Die Theorie der literarischen Übersetzung*.

moderno da cultura alvo que o original tem sobre o receptor moderno do TF, principalmente porque o alemão mudou muito mais profundamente nos últimos quinhentos anos do que a língua italiana.¹⁴⁵

c. Como obter informações sobre a dimensão do tempo

As informações sobre a dimensão do tempo podem, às vezes, ser inferidas a partir da data da publicação do texto ou de outras pistas contidas no paratexto. No entanto, os textos são muitas vezes publicados anos após terem sido escritos. Uma vez que não podem ser publicados antes de terem sido escritos, a data de publicação oferece apenas um “*terminus ante quem*”.

Se o tempo de produção do texto não é mencionado no próprio texto e não se pode pressupor que faça parte da bagagem do receptor, será necessário fazer referência à literatura secundária ou aos elementos situacionais do texto, a fim de se chegar a uma idade aproximada do período de tempo em que o texto poderia ter sido escrito (por exemplo, emissor: a vida do autor ou de certo período em sua vida; receptor: algum tempo antes da data de recepção, se esta for conhecida; meio: durante o tempo em que um determinado meio foi utilizado, se o texto for transmitido por um meio histórico; motivo: algum tempo após a ocasião que motivou o texto, caso esta seja conhecida etc.). Por último, mas não menos importante, o tempo da produção do texto pode ser inferido a partir das características que representam uma variedade histórica da língua.

d. Questionário

As seguintes perguntas podem ajudar a encontrar informações relevantes sobre o tempo da comunicação:

¹⁴⁵ J. Stackelberg, *Weltliteratur in deutscher Übersetzung*, p. 16.

1. Quando o texto foi escrito/publicado/transmitido? O paratexto oferece alguma informação sobre a dimensão do tempo? O conhecimento da dimensão do tempo faz parte da bagagem do receptor?
2. Quais pistas para a dimensão do tempo podem ser inferidas a partir de outros fatores situacionais (emissor, meio, receptor, motivo e função do texto)?
3. Quais expectativas podem se concretizar a partir dos dados e pistas reunidos sobre a dimensão do tempo no que diz respeito:
 - a. a outros fatores extratextuais (emissor e intenção, bagagem comunicativa do receptor, meios possíveis, motivo para a produção do texto, função), e
 - b. às características intratextuais?
4. Quais problemas fundamentais resultam de um possível intervalo de tempo entre a situação do TF e situação do TA?

3.1.7. Motivo

- a. A significação do motivo na produção e recepção do texto

Nenhum dos autores consultados trata explicitamente do motivo que leva à produção ou à recepção de um determinado texto, embora possamos certamente assumir que isso está implícito no que Reiss¹⁴⁶ chama de “situação histórica” ou no que Thiel¹⁴⁷ se refere como “pressuposições situacionais”. A pergunta “Por que razão (este texto foi escrito)?”¹⁴⁸ parece apontar para o motivo que levou à produção do texto, e é assim que nós a entendemos, mas Thiel não

¹⁴⁶ K. Reiss, *op. cit.*, 1974a.

¹⁴⁷ G. Thiel, *op. cit.*, 1978a.

¹⁴⁸ G. Thiel, *op. cit.*, 1974a.

discute o problema em detalhes. Abordagens referentes à análise de textos orientados à comunicação, no entanto, geralmente incluem a interrogativa “por quê?” nos seus questionários analíticos, o que, em nossa opinião, reivindica informações sobre a razão ou motivo da comunicação.

Para alguns tipos de texto, essa questão é relativamente fácil de resolver. Um anúncio de casamento é feito porque alguém está se casando; uma notícia é escrita porque algo de importante está acontecendo; uma crítica de uma peça de teatro é publicada porque houve a estreia etc.

No entanto, a dimensão do motivo não se aplica apenas à razão pela qual um texto foi produzido, mas também à ocasião para a qual ele foi produzido. Alguém pode escrever um poema porque ele ou ela se apaixonou, ou porque é aniversário de setenta anos do seu avô, por exemplo. No primeiro caso, o interesse é focado no motivo do produtor do texto; no segundo caso, olhamos para a motivação do receptor referente à recepção do texto.

Há motivos ou classes de motivos que estão ligados a certos tipos de texto ou meios de comunicação. Isso significa que, em algumas ocasiões (por exemplo, a morte de um parente, a mudança para um país estrangeiro, a chegada de um convite para jantar), é necessário ou convencionou-se produzir um texto de certo tipo (por exemplo, anúncio, registro, carta de aceite), cuja transmissão deve ser feita igualmente por determinado meio (por exemplo, jornal, formulário de inscrição, folha de papel timbrado). Por ocasião da morte de uma personalidade política ou do meio cultural, por exemplo, haverá uma nota póstuma. Essas situações singulares, recorrentes ou convencionalizadas podem ser classificadas como “tipos de motivo”.

A dimensão do motivo pode fornecer certas pistas para outros fatores situacionais, sobretudo se estas estiverem ligadas ao

motivo ou tipo de motivo. Por exemplo, é normalmente o repórter esportivo que noticia a final da Copa do Mundo (= emissor); um obituário em um jornal se destina a informar aos leitores sobre um falecimento e comunicar quando será o funeral (= intenção), sendo normalmente dirigido para os amigos e conhecidos do defunto e não a todos os leitores do jornal (= público); se o tempo e o lugar do evento que serve como motivo forem conhecidos, às vezes fornecem uma indicação do tempo e do lugar da produção do texto.

O motivo pode ser também um prenúncio de certas características convencionais do próprio texto, tais como fórmulas ou símbolos não verbais, e assim guiar as expectativas do receptor. Em função do tipo de texto, são principalmente as seguintes características intratextuais aquelas determinadas pelo motivo da comunicação: conteúdo (na medida em que o motivo é expressamente mencionado no texto), vocabulário e estrutura da frase (por exemplo, em uma oração fúnebre), características suprasegmentais (por exemplo, obituário *versus* discurso eleitoral) e elementos não verbais (por exemplo, nota de falecimento com bordas pretas).

b. Como obter informações sobre o motivo da comunicação

Embora o motivo para a comunicação esteja intimamente ligado à dimensão do tempo, os dois fatores não devem ser confundidos. Enquanto a dimensão do tempo é parte da situação comunicativa (no sentido estrito), a dimensão do motivo relaciona a situação comunicativa e os interlocutores ao acontecimento que está fora ou é anterior à situação.

Nem sempre é fácil (e nem sempre é relevante à tradução!) descobrir que evento motivou um determinado texto. Algumas vezes o motivo é sugerido no texto ou mencionado no paratexto (por exemplo, em uma publicação comemorativa intitulada “Livro em

homenagem a...”), mas existem situações de comunicação em que o motivo constitui apenas uma razão indireta para o autor se referir a um assunto remotamente ligado com a ocasião.

Exemplo 3.1.7/1

Em 12 de março de 1984, o jornal espanhol *El País* publicou um comentário sob o título *El Día de la Mujer (O Dia Internacional da Mulher)*. O título alude ao motivo para a produção do texto, e não ao assunto, porque o texto trata da situação das mulheres trabalhadoras na Espanha em 1984. O leitor do jornal deve estar familiarizado com a ocasião, uma vez que o evento tinha sido comentado com bastante frequência por ocasião do 8 de março. Se o texto fosse traduzido, o motivo para a tradução (bem como as dimensões do tempo e lugar) é que deveria ser levado em conta. Apenas alguns dias depois da data, o Dia da Mulher terá sido relegado a segundo plano por outros eventos, e tal título vai despertar expectativas específicas sobre o assunto às quais o texto pode não atender.

Como demonstra o exemplo, a dimensão do motivo é tanto de interesse para o tradutor como o tempo da produção do texto, porque ele tem que confrontar o motivo para produção do TF com o motivo da produção do TA e descobrir o impacto que este contraste exerce sobre as decisões de transferência. Enquanto os motivos de produção são muitas vezes encontrados no “entorno” do emissor ou do produtor do texto, o motivo da produção do TA pode ser inferido a partir do que se sabe sobre a situação da transferência, ou seja, sobre o iniciador e o encargo de tradução. O efeito do motivo nas características intratextuais — em oposição ao da dimensão do tempo — é muitas vezes apenas indireto.

Podemos afirmar que as pistas para o motivo ou tipo de motivo serão inferidas a partir de alguns fatores situacionais, tal como

meio (por exemplo, seção política de um jornal), lugar e tempo (em relação com a bagagem do receptor, ver Exemplo 3.1.7/1), e, naturalmente, a função do texto, se for determinada por pré-sinais não ambíguos, tais como denominações de gênero (por exemplo, “protocolo”) ou características de tipo de texto (por exemplo, bordas pretas em obituários). As informações obtidas do emissor e a intenção geralmente só nos permitem chegar a conclusões indiretas quanto ao motivo para a comunicação.

c. Questionário

As seguintes perguntas podem ajudar a encontrar informações relevantes sobre o motivo da comunicação:

1. Por que razão o texto foi escrito ou transmitido? Há alguma informação sobre o motivo da comunicação que possa ser encontrada no paratexto? Espera-se que o receptor esteja familiarizado com o motivo?
2. O texto foi escrito para uma ocasião especial? O texto destina-se a ser recebido uma vez, repetidas vezes ou regularmente?
3. Quais pistas quanto ao motivo da comunicação podem ser inferidas a partir das outras dimensões extratextuais (emissor, intenção, receptor, meio, lugar, tempo, função)?
4. Quais expectativas derivam dos dados e pistas obtidos sobre o motivo para a comunicação no que diz respeito:
 - a. a outros fatores extratextuais (as expectativas do receptor, emissor e intenção) e
 - b. às características intratextuais?
5. Que problemas podem surgir da distância entre o motivo para a produção do TF e o motivo para a produção do TA?

3.1.8. *Função textual*

a. A relação entre função e gênero textual

Gostaríamos de, brevemente, reafirmar que a noção de função do texto equivale à função comunicativa, ou à combinação de funções comunicativas que um texto cumpre na sua situação concreta de recepção. Essa função deriva da configuração específica de fatores extratextuais (emissor/papel do emissor, intenção, receptor/expectativa do receptor, meio, lugar, tempo e motivo). Certas configurações (= funções textuais) são tão frequentes que os textos adquirem formas convencionais e constituem gêneros (Capítulo 1.2.3).

Em outras palavras, um gênero é “a realização” (produto ou resultado) de certo tipo de ação comunicativa. A função do texto e o gênero não devem ser confundidos (embora denominações como “instrução” pareçam sugerir que se referem à mesma coisa). Em nosso entender, a noção de função do texto está relacionada ao aspecto situacional da comunicação, enquanto a noção de gênero está relacionada à vertente estrutural do texto-em-função. É como olhar as duas faces da mesma moeda: elas não podem ser separadas, mas não são idênticas.

Como foi salientado acima, o texto pode ser classificado em vários níveis de generalização. Por isso, não é de admirar que alguns autores especifiquem tipos de texto como “notícias de jornais”, “sermões” ou “resoluções”, enquanto outros preferem uma categorização mais geral, como textos “informativos”, “expressivos” ou “operativos”¹⁴⁹.

A função do texto é um fator crucial para muitas abordagens de análise de textos orientada para a tradução. Thiel¹⁵⁰ discute as

¹⁴⁹ K. Reiss, *op. cit.*, 1971.

¹⁵⁰ G. Thiel, *op. cit.*, 1974a.

funções comunicativas de certas frases — por exemplo, “exigência”, “pergunta”, “promessa”, “censura”, “pedido”, etc —, mas não discute o problema em relação aos textos. Ainda que uma lista definitiva de funções não seja possível, pensamos ser razoável considerar que os textos destinam-se servir a essas sub-funções, que devem ser incluídas nas quatro funções básicas descritas acima (Capítulo 3.1.0).

b. A literariedade como função textual

A noção de função do texto como uma configuração particular de fatores situacionais pode ser ilustrada pela função especial dos textos literários. Os emissores de textos literários são geralmente autores individuais que também são os produtores — e que, no contexto literário, são conhecidos como “escritores”.¹⁵¹ Sua intenção não é descrever a “realidade”, mas motivar entendimentos pessoais sobre a realidade mediante a descrição de um mundo fictício (alternativo).¹⁵² Os textos literários são principalmente destinados a receptores que têm uma expectativa determinada, baseada na sua experiência literária e no seu domínio do código literário.¹⁵³ Geralmente, os textos literários

¹⁵¹ Kayser involuntariamente fornece um exemplo ilustrativo, que prova que textos literários são muitas vezes “reconhecidos” pelo fato de serem escritos por uma pessoa conhecida como escritor ou poeta. Criticando Croce, Kayser se queixa de que, em seu *Critica e storia della poesia*, Croce qualifica Horácio, Byron, Camões e Molière como “poesia” (KAYSER, 1962, p. 15). No caso de literatura traduzida escrita por autores que não são conhecidos na cultura-alvo, esse fato muitas vezes causa problemas de recepção.

¹⁵² De acordo com Beaugrande e Dressler (1981, p. 185). A reprodução mimética do mundo é completada pelo elemento da expressividade; a função expressiva da língua (de acordo com Jakobson, 1960) é mais forte do que a função referencial.

¹⁵³ Schmidt (1970, p. 65) sublinha o fato de que certos textos literários (como a poesia visual) só podem ser compreendidos plenamente por leitores que tenham à sua disposição sistemas de interpretação pelos quais possam tornar o texto “significativo” para si.

são transmitidos por escrito (= meio), embora, às vezes, sejam textos transmitidos oralmente (como contos de fada) incluídos na literatura. Os fatores situacionais (lugar, tempo, motivo) podem não ser de grande importância na comunicação literária intracultural, mas desempenham um papel importante na tradução literária porque transportam características específicas da cultura das situações fonte e alvo.¹⁵⁴

Se nós reconhecemos a influência fundamental que a intenção literária específica do emissor e as expectativas “literárias” do receptor exercem sobre a função e o efeito dos textos literários, então se pode dizer que a literariedade é claramente uma qualidade pragmática atribuída a alguns textos pelo emissor e pelo receptor em uma determinada situação comunicativa. As características intratextuais dos textos não são consideradas “literárias” como tais, mas interpretadas como “literárias” pelos receptores no contexto de sua própria expectativa cultural, sendo ativadas por determinados pré-sinais extratextuais (tais como o nome do autor, denominações como “romance” ou “conto” etc.).¹⁵⁵

Por sua orientação cultural, esse conceito dinâmico de literariedade parece ser mais satisfatório no que diz respeito à tradução e à

¹⁵⁴ Christiane Nord, „Übersetzungshandwerk - Übersetzungskunst. Was bringt die Translationstheorie für das literarische Übersetzen?“.

¹⁵⁵ Se a literatura necessita do uso “normal” da língua para criar o seu próprio sistema literário, um texto que pertença a esse sistema tem que ser marcado de modo que a atenção do leitor se volte para as características não normais, secundárias e, mais precisamente, literárias do texto. Se o texto não for marcado como obra literária, pode acontecer de o leitor não reconhecer a sua função literária. Os marcadores literários podem ser fixados no paratexto, por exemplo, ao se anunciar o livro em um catálogo de livreria sob o título de “ficção”, ou ao se publicar um texto em uma revista “literária” (TITZMANN 1977, p. 72). O mesmo se aplica, em muitos casos, à ficcionalidade do conteúdo.

traduzibilidade da literatura do que um conceito puramente estático, baseado em características linguísticas.¹⁵⁶

c. A importância da função do TF para a tradução

O princípio básico do funcionalismo na tradução é a orientação para a função (prospectiva) do texto alvo. Uma vez que argumentamos que a mudança de funções é considerada caso normal e a preservação das funções do TF é o caso especial na atividade tradutória, a análise exaustiva da função do TF pode parecer supérflua, mas se, na nossa cultura, a tradução exige não só a funcionalidade do texto alvo como também a lealdade para com o emissor do TF e com sua intenção (que é um fator constitutivo da função do TF), é apenas pela análise da função do TF que o tradutor pode decidir qual(is) função(ões) do TA será(ão) compatível(is) com aquela(s) atribuída(s) ao TF.

Se uma tradução é uma oferta de informações sobre a oferta de informações do texto fonte, pode haver dois tipos fundamentais de relação entre o texto fonte e o texto alvo. Aqui, uma vez mais, encontramos as abordagens de tradução que têm dividido os pesquisadores da área em duas vertentes desde os tempos de Cícero: os apoiadores da liberdade e os seguidores da fidelidade. O texto-alvo pode ser (a) um documento de uma ação comunicativa anterior em que um emissor da CF fez uma oferta de informação para um receptor da CF por meio do texto fonte, e (b) um instrumento de uma nova ação comunicativa na CA, em que o receptor da CA recebe uma oferta de informação para a qual o TF fornece o “material”. Por conseguinte, distingue-se

¹⁵⁶ Mais detalhes em Christiane Nord, *Translation as a purposeful activity: functionalist approaches explained*, p. 80.

entre dois “tipos” de tradução: a tradução-documento e a tradução-instrumento.¹⁵⁷

As traduções-documento servem para documentar uma comunicação na CF entre o autor e o receptor do TF, ao passo que a tradução-instrumento constitui um instrumento comunicativo *sui generis* e transmite uma mensagem do autor do TF diretamente para o receptor do TA. Uma tradução-instrumento pode ter a mesma função do TF, ou uma função semelhante.

Em uma tradução-documento, certos aspectos do TF ou todo o TF-em-situação são reproduzidos para o receptor do TA, que tem consciência de que “observa” uma situação comunicativa da qual ele não é parte. Uma tradução-documento pode focalizar qualquer característica de cada categoria do texto fonte, deixando as outras características em segundo plano. Uma tradução palavra por palavra, por exemplo, que pretende reproduzir as características do sistema do idioma fonte, está centrada, então, nas estruturas morfológicas, lexicais e sintáticas apresentadas no texto fonte, e a textualidade é negligenciada. Outras formas de tradução-documento são: a tradução literal, a tradução filológica e o que chamamos de “tradução exortizante” (porque se procura preservar “a cor local” do texto fonte).

A tradução-instrumento, por outro lado, serve como ferramenta independente da transmissão da mensagem, é usada em uma nova ação comunicativa na CA e destina-se a satisfazer seu propósito comunicativo sem que o receptor esteja consciente de ler ou de

¹⁵⁷ A distinção entre tradução-documento e tradução-instrumento guarda algumas semelhanças com a diferenciação de House (1981a, p. 188) entre “tradução convergente” e “tradução abrangente”. House sugere, no entanto, que a função do TA depende do tipo de função atribuída ao TF. Em nossa opinião, a função ou funções do TA são determinadas pelo *skopos* do TA (enquanto esse for compatível com o princípio de lealdade). Mesmo na tradução-instrumento, a função do TA não precisa ser idêntica (House diz “equivalente”), mas apenas compatível com a função do TF.

ouvir um texto que, de uma forma diferente, foi utilizado antes em uma ação comunicativa diferente. Esse tipo de tradução compreende três formas. Na primeira forma, se o texto alvo pode satisfazer a mesma função ou as mesmas funções do texto fonte, nós a chamamos de uma tradução “equifuncional” (utilizada, por exemplo, no caso de manuais de instruções ou correspondência de negócios). Na segunda forma, se as funções do TF não podem ser percebidas como tais pelo receptor do TA, podem ser adaptadas pelo tradutor, desde que as funções do TA sejam compatíveis com as funções do TF e não contradigam as intenções do emissor (por exemplo, uma tradução de *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, para crianças). Essa forma é conhecida como “tradução heterofuncional”. A terceira forma, que chamamos de “tradução homóloga”, pretende atingir um efeito similar através da reprodução no contexto literário da CA da mesma função que o TF tem em seu próprio contexto literário. Essa forma é frequentemente encontrada na tradução de poesia — por exemplo, a tradução da poesia de Baudelaire por Walter Benjamin.

No contexto de nosso conceito cultural de “compatibilidade”, uma tradução-instrumento só é legítima se a intenção do emissor ou autor não for dirigida exclusivamente ao público da CF, mas se puder também ser transferida para os receptores da CA, de modo a oferecer informações no TA que estão incluídas na oferta de informação do TF. Se esse não for o caso, a tradução deve ser realizada com a função de documento. É comum marcar a situação do TF no paratexto (por exemplo, com algumas linhas introdutórias), dando assim aos receptores do TA uma indicação de que aquela é a leitura de uma tradução (documento).¹⁵⁸

¹⁵⁸ Mais detalhes em Christiane Nord, “A Functional Typology of Translations” e *op. cit.*, 1997c, p. 47.

d. Como obter informações sobre a função do texto

A fonte mais importante de informações é, mais uma vez, o paratexto, uma vez que denominações como “notícia”, “instruções de uso” ou “anedota” ativam a experiência de leitura desse tipo de texto nos receptores (por exemplo, a sua experiência de “intertextualidade”)¹⁵⁹ e evocam uma expectativa específica da função ou das funções do texto. É óbvio que esses “rótulos” podem ser enganosos quando utilizados inadequadamente pelo autor ou pelo emissor (intencionalmente ou não). Por outro lado, se pode considerar que, em uma comunicação normal, as denominações servem de orientação para o receptor.

Se não houver designação de gênero, a função ou as funções do texto têm que ser inferidas a partir da configuração dos fatores externos. É por isso que a função do texto deve ser analisada por último, quando houver o maior número possível de informações. Tal como foi ilustrado pelo exemplo dos textos literários, a intenção do emissor e as expectativas do receptor são as dimensões cruciais a esse respeito. No entanto, outros fatores também podem reduzir a gama de possíveis funções, tais como o emissor (por exemplo, um candidato à presidência), o meio e o lugar (por exemplo, um discurso público no mercado de uma aldeia na montanha), o tempo (por exemplo, pouco antes das eleições gerais) e o motivo (por exemplo, uma campanha eleitoral).

As relações pragmáticas entre emissor, receptor, meio e motivo fornecem ao tradutor uma série de pré-sinais que anunciam uma função especial, que será na sequência confirmada ou descartada pela análise das características intratextuais. Se o tradutor encontra suas expectativas confirmadas, ele tem razão para acreditar que elicitou a função correta — se não, há duas explicações possíveis: ou o autor deliberadamente

¹⁵⁹ De acordo com R. de Beaugrande, W. Dressler, *op. cit.*, 1981, p. 183.

violou as normas e convenções do tipo de texto ou o tradutor interpretou os pré-sinais indevidamente e, então, deve desconsiderar o processo de eliciação textual à base dos pré-sinais pragmáticos.

e. Questionário

As seguintes perguntas podem ajudar a encontrar informações relevantes sobre a função do texto:

1. Qual é a função do texto pretendida pelo emissor? Há alguma dica a respeito da função pretendida no paratexto, como denominações de gênero?
2. Quais pistas relacionadas à função do texto podem ser inferidas a partir de outras dimensões extratextuais (motivo, meio, receptor, intenção)?
3. Há alguma indicação de que o receptor possa utilizar o texto em uma função diferente daquela pretendida pelo emissor?
4. Que expectativas podem ser inferidas a partir dos dados e pistas coletados sobre a função do texto no que diz respeito:
 - a. a outras dimensões extratextuais (emissor, intenção, receptor, meio, tempo, lugar e motivo), e
 - b. às características intratextuais?

3.1.9. *A interdependência dos fatores extratextuais*

As perguntas sugeridas dos questionários em conexão com os fatores extratextuais ilustram a interdependência dos fatores extratextuais entre si por um lado e dos fatores extratextuais e intratextuais (que ainda não foram especificados) por outro. Dados e pistas sobre um determinado fator podem ser obtidos a partir dos dados e pistas obtidos sobre os outros fatores. É por isso que a ordem do processo analítico não deve ser vista como totalmente arbitrária, pelo menos não na situação da sala de aula.

O princípio mais importante, porém, é o da recursividade. Esse tipo de análise não é um processo de via única, mas contém números quaisquer de círculos recursivos, em que as expectativas são confirmadas ou rejeitadas e em que o conhecimento é adquirido e aumentado e a compreensão, constantemente modificada. Isso se aplica não só para a análise textual global e para os fatores individuais do texto, mas também para o processamento de unidades textuais menores, como capítulos ou mesmo parágrafos, desde que a análise e a tradução de microestruturas levem a novas descobertas que demandem que decisões anteriores de transferência sejam corrigidas.

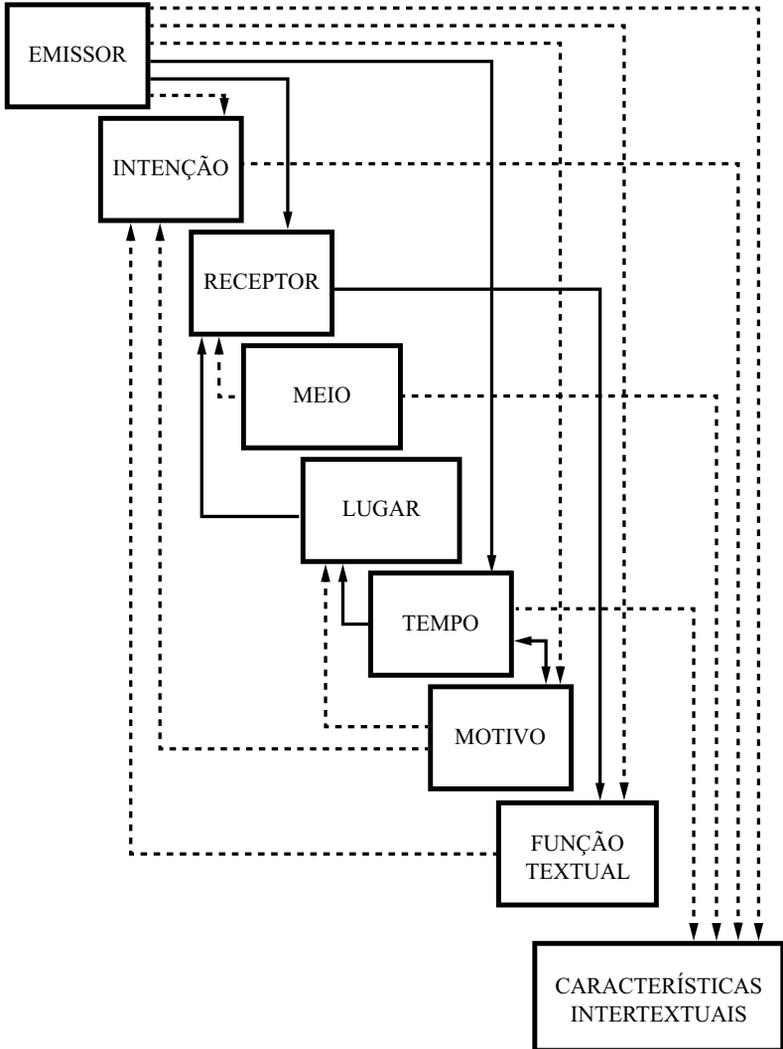
A análise extratextual desenvolvida no Capítulo 3.1 será demonstrada por meio de um texto curto, mas aqui daremos apenas os dados e algumas pistas situacionais. A interdependência entre os fatores extratextuais é ilustrada por um diagrama (Figura 5), no qual setas são utilizadas para mostrar o curso do processo analítico. Os passos que mostram os dados confiáveis são representados por uma linha contínua, enquanto os passos que apenas conduzem às pistas são representados por uma linha pontilhada. Uma vez que ainda não analisamos os fatores intratextuais, não há setas partindo dessa área (ver adiante, Figura 7).

Exemplo 3.1.9/1

Bertolt Brecht: *Maßnahmen gegen die Gewalt (Medidas contra a violência)*. A história foi extraída de uma antologia de contos modernos alemães, *Deutschland erzählt* (p. 128), editada por Benno von Wiese e publicada na série *Fischer Bücherei* por S. Fischer Verlag em Frankfurt e Hamburgo, em 1965. O volume contém uma bibliografia em que encontramos a seguinte referência para o conto em questão (p. 329): Bertolt Brecht¹⁶⁰

¹⁶⁰ (Augsburg 10/02/1898 - Berlin 14/08/1956) *Maßnahmen gegen die Gewalt*, extraído de: *Versuche* volume I, Suhrkamp Verlag Berlin/Frankfurt, 1959, p. 25-26. Primeira edição: *Versuche* vol. I, Gustav Kiepenheuer Verlag, Berlin, 1930.

Figura 5: A interdependência dos fatores extratextuais



O paratexto fornece o nome do emissor, que é ao mesmo tempo produtor do texto (Bertolt Brecht), e as datas de seu nascimento e morte (1898-1956). Desta informação o leitor pode inferir que o texto deve ter sido escrito entre 1898 e 1956 (\rightarrow tempo₁), ou melhor, olhando para a data da primeira impressão, antes de 1930 (\rightarrow tempo₂). Destina-se, portanto, a receptores separados dos receptores de hoje (digamos: um tradutor de 25 anos em 2014) por mais de duas gerações (bagagem de conhecimentos e \rightarrow expectativas do receptor R-TF₁/R-TF₂).

O leitor pode assumir que o texto foi escrito em alemão. Ele pode esperar que tenha sido em alemão moderno (mas não o alemão totalmente atual=característica intratextual) e que é um texto literário (\rightarrow função textual).

Mesmo que os receptores tenham apenas um mínimo de saber enciclopédico sobre o autor, cujas obras são textos canônicos em quase todas as escolas alemãs, esperam um texto literário politicamente comprometido (\rightarrow intenção) e talvez saibam que os primeiros trabalhos de Brecht foram publicados em 1918/19. O tempo da produção do texto, então, pode ser fixado entre 1918 e 1930. Juntamente com a informação sobre a dimensão do tempo, o título da história dá uma ideia do motivo para a produção do texto, ou seja, a iminência da violência nazista. Isso nos leva a deduzir o lugar da produção do texto e, eventualmente, da primeira recepção (\rightarrow lugar), o que é confirmado pelo fato (\rightarrow bagagem enciclopédica) de Brecht ter emigrado da Alemanha em 1933.

A intenção de Brecht ao escrever essa história não pode ser inferida nem a partir do paratexto, nem mediante investigações externas. O título sugere que o autor deseja propor “medidas contra a violência” para o leitor e isso nos leva a esperar que o texto possa ser uma espécie de instrução, ainda que, em virtude da pretendida

função literária, seja pouco provável que tenha sido escrito na forma convencional de instruções.

O público original pretendido não pode ser muito bem definido. O texto parece ter sido destinado, em primeiro lugar, a um contemporâneo de Brecht (R-TF₁) que estivesse interessado em experimentos literários (*Versuche*, “Ensaio” → meio₁), compartilhasse aproximadamente a mesma bagagem comunicativa do autor (pelo menos no que se refere à situação política na qual a Alemanha estava inserida) e esperasse dele uma atitude crítica, embora indireta, em relação à situação (→ motivo₁). Entretanto, na moderna edição de bolso da série *Fischer Bücherei* (→ meio₂), os receptores pretendidos (R-TF₂) são muito diferentes em termos de idade, *background* comunicativo, interesses literários e políticos, e ambientes socio-culturais, portanto, sua compreensão e interpretação também serão conseqüentemente muito diferentes (→ motivo₂). Esse segundo meio pode até incluir estrangeiros falantes da língua alemã como possíveis destinatários (R-TF₃).

O encargo de tradução teria que especificar sob qual ponto de vista o tradutor deve analisar o texto ou qual dos dois tipos de público do TF ele deve usar como um “modelo” para a tradução. Essa decisão pode servir de base para o próximo passo: a definição do *skopos* do TA, ou seja, da função que o texto alvo pode exercer na cultura alvo (por exemplo, informar os leitores estrangeiros sobre um escritor alemão “histórico”, como Brecht, para apelar a receptores que vivam em situação comparável ou informar receptores em situação análoga, assim como Brecht agiu com seus leitores alemães na época, isto é, a Alemanha de 1930).

A definição das possíveis funções do TA também depende do meio previsto para o texto alvo. O texto fonte é transmitido por dois diferentes meios de comunicação, que indicam dois grupos distintos de receptores. O que têm em comum, no entanto, é que o texto é

transmitido por escrito. Este fato teria que ser considerado se o TA fosse destinado a uma apresentação oral (por exemplo, uma transmissão radiofônica).

O lugar exato da produção do texto-fonte não é mencionado na referência. No entanto, a partir das informações obtidas sobre as dimensões do emissor e de tempo, podemos inferir que o texto foi escrito na Alemanha. Uma vez que a função de “texto literário” é frequentemente associada à ficcionalidade de conteúdo, podemos esperar que o lugar de produção do texto não seja pertinente para a dêixis intratextual. Os lugares de publicação, dessa forma, apenas podem ser utilizados para identificação de possíveis públicos: leitores no domínio do *Reich* alemão, no caso do lugar₁, e na área da República Federal da Alemanha, no caso do lugar₂.

O tempo de produção do texto foi reduzido para o período entre 1918 e 1930. O momento de recepção deve ter ocorrido após 1930, o que, juntamente com a dimensão do motivo, dá uma indicação da função do texto (ou seja, uma especificação adicional da função geral de “texto literário”). A definição do motivo como sendo a “iminência da violência nazista” impõe ainda mais restrições, tanto para a dimensão da intenção (fazer o leitor pensar e apelar para que ele “tome medidas” contra a violência) como do público (os leitores para os quais a história de Brecht pode significar uma espécie de instrução, e que não são certamente simpatizantes da ideologia nazista). Ao mesmo tempo, outras funções (pretendidas) são tidas como improváveis (por exemplo, ensinar ao receptor a língua alemã). Ainda que nenhum receptor possa ser impedido de utilizar o texto em uma função que não a designada, uma tradução para a função de ensino de línguas, no entanto, não faria muito sentido.

Nesse ponto, definimos, na medida do possível, a função do texto a partir do ponto de vista extratextual, sem considerar o gênero (parábola) a que pode ser atribuído essa história. Tal análise

não rende qualquer informação sobre as características intratextuais, e só há uma vaga expectativa quanto ao conteúdo (alusão à violência, reivindicações de poder e as possíveis reações das pessoas). A análise não é completa — de fato, parece ser uma das características constitutivas de um modelo recursivo que o processo de interpretação realmente nunca chegue ao fim. No entanto, o que isso mostra é que a análise puramente extratextual da situação comunicativa de um texto, que à primeira vista aparenta ser relativamente obscura, pode oferecer um fundamento para a análise das características intratextuais.

3.2. FATORES INTRATEXTUAIS

3.2.0. Noções básicas

a. Especificação dos fatores intratextuais

A fórmula de Lasswell ampliada e escolhida como ponto de partida para o nosso modelo de análise tinha apenas duas perguntas sobre o texto propriamente dito — O que diz o emissor? e Como ele o diz? —, e ambas referem-se aos aspectos tradicionais de conteúdo e forma. A discussão acerca de se é possível ou aconselhável separar a forma e o conteúdo no signo linguístico não tem fim.¹⁶¹ No caso

¹⁶¹ Pode-se demonstrar facilmente que, em cada texto, os fenômenos semânticos, como a coerência, por exemplo, têm correspondências formais (tais como os mecanismos de coesão) e que cada característica formal carrega um elemento semântico, na medida em que informa o leitor sobre a atitude do falante, sua avaliação sobre a informação dada ou sobre a sua intenção no que diz respeito ao receptor. Em algumas áreas da comunicação (por exemplo, a comunicação entre *experts*), o elemento semântico das características formais é radicalmente reduzido (WILSS, 1977, p. 673) e algumas vezes o *skopos* da tradução exige a diferenciação de conteúdo e forma. Portanto, não podemos abandonar a ideia de distinguir (não separar) os fatores semânticos e formais no caso de uma análise textual direcionada à tradução. Por exemplo, quando o iniciador

de uma análise de texto orientada à tradução, foi extremamente difícil usar essas duas categorias como ponto de partida para a análise.

Partindo da hipótese de que o inverso de um modelo de síntese textual deve levar a um modelo de análise textual, adotamos a perspectiva de um emissor que produz um texto com um propósito comunicativo, a fim de averiguar quais são os fatores intratextuais que devem ser considerados no processo de produção textual.

O emissor geralmente inicia o processo de comunicação porque deseja transmitir uma mensagem para o receptor. Entende-se “mensagem” aqui em um sentido amplo, que inclui: pedidos, ordens, perguntas e até mesmo o esforço dos interlocutores para estabelecer contato, ou seja, todos os enunciados que preenchem as funções básicas da comunicação humana, já descritos anteriormente. Através da mensagem, o emissor faz referência a uma parte da realidade extralinguística que constitui o tema ou assunto do enunciado. Uma vez decidido o assunto, o emissor seleciona as informações que podem ser novas ou de interesse para o receptor, pois são elas que constituem o conteúdo do texto que está sendo produzido.

Ao formular a mensagem, o emissor deve levar em consideração a bagagem presumida do receptor. O emissor deseja que o texto seja “comunicativo” e, por isso, evitará incluir informações “presumivelmente” conhecidas pelo receptor, pois, mesmo não verbalizadas, essas informações estão presentes no texto como pressuposições. Logo que o assunto, o conteúdo e as pressuposições sejam determinados, o emissor decide a ordem em que o conteúdo deve ser apresentado e como as diferentes informações

pede uma tradução prévia, não revisada, ou um resumo rápido do conteúdo do TF na língua alvo, todos os elementos do TF pertencentes ao componente formal (marcas estilísticas, mecanismos retóricos, escolha do léxico etc.) têm importância secundária.

podem ser relacionadas umas com as outras. Esse aspecto é compreendido pela categoria da estruturação textual, que engloba tanto as macroestruturas do texto (capítulos, parágrafos etc.) como as microestruturas das orações e frases.

A estruturação do texto é geralmente marcada por sua aparência externa. Aberturas de parágrafo, títulos e números de capítulos, asteriscos, disposição formal do texto na página, ilustrações, tabelas, iniciais, negritos e itálicos ou (na comunicação face-a-face) gestos e expressões faciais, que naturalmente podem servir também a outros propósitos, são chamados de elementos não verbais.

Os elementos mais importantes para transmitir a mensagem são os elementos verbais: léxico, sintaxe e as assim chamadas características suprasegmentais, que ditam o “tom” do texto e enfatizam ou destacam determinadas partes dele, relegando outras a um segundo plano. Todos esses elementos não só têm uma função informativa (ou seja, denotativa), mas também estilística (ou seja, conotativa).

Conforme já mencionado, as características intratextuais são amplamente influenciadas pelos fatores situacionais (por exemplo, origem geográfica do emissor, exigências especiais do meio escolhido, condições de tempo e lugar da produção textual etc.), mas podem ser determinadas também pelas convenções de gênero ou pela intenção comunicativa específica do emissor, que, por sua vez, afeta a escolha dos meios intratextuais para a comunicação. Deve-se considerar também o fato de as decisões estilísticas serem frequentemente interdependentes, ou seja, se o emissor adota um estilo nominal no âmbito lexical, por exemplo, essa decisão afetará a escolha das estruturas sintáticas.

Na nossa perspectiva orientada ao emissor, é possível, no entanto, destacar oito fatores intratextuais: assunto, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais, léxico, sintaxe e características suprasegmentais. Na prática, o trabalho com os

fatores analisados nessa ordem tem se mostrado bastante eficiente, o que não significa que ela não possa ser alterada, desde que o princípio da recursividade permita retroalimentações constantes, se necessárias.

A separação dos fatores se deve a considerações puramente metodológicas. Na prática, eles formam um sistema intrincado de interdependência, como ilustrado na Figura 6. O assunto, por exemplo, pode determinar a estruturação do texto (por exemplo, ordem cronológica dos eventos em um relatório) ou a escolha dos itens lexicais (por exemplo, terminologia jurídica em um contrato). Já a inserção de elementos não verbais pode influenciar a estruturação do texto, que, por sua vez, pode afetar a escolha das estruturas sintáticas etc.

Por essa razão, nem sempre é necessário, na aplicação prática do modelo, que toda a análise intratextual seja executada passo a passo. Em alguns encargos de tradução, a análise dos elementos intratextuais já é suficiente para determinar, por exemplo, se o texto corresponde ou não aos padrões de gênero, enquanto outros podem exigir uma análise detalhada ao nível de morfemas ou fonemas.

Exemplo 3.2.0/1

Se um texto altamente convencionalizado, como um boletim meteorológico, tem que ser traduzido de tal modo que o TA siga o padrão desse gênero na cultura alvo, então não é necessário analisar todos os detalhes intratextuais do TF, desde que se tenha determinado que são “convencionais”. Considerando que, neste caso, as marcas intratextuais do TA devem ser adaptadas às convenções da cultura alvo, as características intratextuais do TF podem ser consideradas irrelevantes para a tradução.

Em alguns tipos textuais, a análise deverá concentrar-se em certos aspectos intratextuais específicos, já em outros, esses aspectos

serão convencionais e, portanto, previsíveis. Essa consideração abre a possibilidade de esquematizarmos uma aplicação didática do modelo, o que permitiria que a análise textual pudesse ser estabelecida em aulas de tradução sem que se perdesse um tempo excessivo em detrimento da prática tradutória.¹⁶²

b. Estado da arte

Esse item discute como e até que ponto as abordagens existentes para uma análise textual orientada para a tradução consideram os aspectos intratextuais descritos anteriormente.

Todas as abordagens enfatizam a importância da referência a uma realidade extralinguística. Assunto e conteúdo geralmente não são mencionados como fatores separados um do outro¹⁶³ e, às vezes, apenas um é mencionado.¹⁶⁴

A importância das pressuposições é explicitada somente por Reiss.¹⁶⁵ Koller¹⁶⁶ não faz menção alguma a isso, mas parece fornecer uma pista sobre as pressuposições quando baseia sua tipologia textual no fato de o conteúdo do TF estar ou não vinculado ao entorno da LF e em se o contexto da LF é verbalizado ou não no TF. Thiel¹⁶⁷ sustenta que o tradutor deverá suscitar o “conhe-

¹⁶² Christiane Nord, „Textanalyse im Übersetzungsunterricht? Überlegungen zur Verhältnismäßigkeit der Mittel: Verhindert die Textanalyse im Übersetzungsunterricht dessen eigentliches Ziel, das Übersetzenlernen?“

¹⁶³ Por exemplo, W. Wilss, *op. cit.*, 1977; K. Reiss, *op. cit.*, 1984.

¹⁶⁴ Por exemplo, o conteúdo em G. Thiel, *op. cit.*, 1974a e G. Thiel, „Überlegungen zur übersetzungsrelevanten Textanalyse“; o assunto em C. Cartellieri, *op. cit.*, 1979; G. Thiel, *op. cit.*, 1980; W. Wilss, „Semiotik und Übersetzungswissenschaft“ e H. Bühler, *op. cit.*, 1984.

¹⁶⁵ K. Reiss, *op. cit.*, 1984.

¹⁶⁶ W. Koller, *op. cit.*, 1979, p. 213.

¹⁶⁷ G. Thiel, *op. cit.*, 1974a.

cimento especializado exigido para a compreensão textual”, o que também parece apontar para a questão das pressuposições.

A estruturação textual é enfatizada, sobretudo, nas contribuições de Thiel. Wilss¹⁶⁸ também menciona esse fator em conjunto com a análise prática de um texto-amostra¹⁶⁹ quando fala da “composição temática” do texto. Ele se refere a parágrafos introdutórios, citações, seqüências temáticas etc. como segmentos textuais separáveis.

Já quanto aos elementos não verbais, eles não são normalmente mencionados nessas abordagens, fundamentadas em um conceito mais restrito de texto, que exclui elementos não linguísticos. Somente Thiel¹⁷⁰ enfatiza a importância de “estruturas textuais formais” e “marcações óticas”.

Geralmente, o léxico e a sintaxe são analisados juntamente com os aspectos estilísticos ou linguísticos da análise textual, que abarcam as figuras retóricas, como metáforas, comparações, formação criativa de palavras, elipses etc.,¹⁷¹ bem como os níveis de estilo,¹⁷² convenções de gênero¹⁷³ e a “organização artística” de textos literários.¹⁷⁴ Em nossa opinião, os elementos onomatopéicos, rimas, ritmo e outras características agrupadas por Koller na categoria “características estético-formais” devem ser classificadas como características suprasegmentais.

¹⁶⁸ W. Wilss, *op. cit.*, 1977.

¹⁶⁹ *Idem*, p. 641.

¹⁷⁰ G. Thiel, *op. cit.*, 1978a.

¹⁷¹ W. Wilss, *op. cit.*, 1977

¹⁷² G. Thiel, *op. cit.*, 1974a.

¹⁷³ K. Reiss, *op. cit.*, 1974a; C. Cartellieri, *op. cit.*, 1979.

¹⁷⁴ K. Reiss, *op. cit.*, 1980a.

A especificação da “função linguística dominante”,¹⁷⁵ considerada por Koller¹⁷⁶ uma das fases mais importantes na análise textual orientada à tradução, parece ir além dos limites de análise intratextual, visto que esta não pode ser determinada sem que sejam consideradas as características extratextuais da situação comunicativa.

Quando analisamos as características linguísticas de um determinado texto, logo percebemos que devem ser avaliadas de maneiras diferentes, dependendo da função que exercem. Algumas características dependem de condições situacionais que não podem ser controladas ou modificadas pelo emissor (por exemplo, pragmáticas de tempo e de espaço, origem geográfica ou sociocultural do próprio emissor) ou de características que tenham sido determinadas por uma decisão anterior à produção textual (como a escolha do meio ou do público). Existem, além disso, outras características ditadas pelas normas sociais (por exemplo, convenções de gênero). Por essa razão, durante o processo de análise, o tradutor deve retornar, constantemente, aos fatores já analisados (= princípio da recursividade). Por fim, existe um tipo de característica que depende da escolha do emissor dentre vários meios alternativos de expressão e que é determinada pela intenção de produzir um determinado efeito no receptor. Essa inter-relação entre os fatores extra e intratextuais é ilustrada na Figura 7, que pode servir de matriz para a análise textual no ensino de tradução.

¹⁷⁵ O primeiro passo na análise do texto voltada à tradução de Koller (1979) consiste em determinar a “função linguística dominante” (BÜHLER, 1934). No nosso entender, isso somente pode ser elicitado depois de uma análise cuidadosa de todos os fatores intratextuais. Um alinhamento mais ou menos “automático” da função linguística dominante com o método otimizado de tradução, que Reiss (1971) e Koller (1979) parecem ter em mente, só é concebível no contexto de uma teoria tradutória baseada na equivalência.

¹⁷⁶ W. Koller, *op. cit.*, 1979.

c. Considerações gerais sobre o conceito de estilo

A informação semântica, que é transmitida essencialmente pelos elementos lexicais, deve ser analisada ao nível do texto. Isso significa que, com a inclusão dos mecanismos globais de coesão e coerência, elementos e estruturas textuais (verbais e não verbais) ambíguos podem ser mais facilmente esclarecidos. Assim, a informação semântica pode ser atribuída às categorias de assunto, conteúdo e pressuposições. Já a estruturação, os elementos não verbais, o léxico, a sintaxe e os elementos suprasegmentais referem-se, principalmente, às implicações estilísticas da *Gestalt*, ou seja, à aparência externa do texto. Aqui, parece necessária uma explicação sobre o nosso conceito de estilo.

Estilo diz respeito ao modo como o texto é apresentado ao receptor. Portanto, o termo não é empregado no seu sentido avaliativo (como quando falamos de um estilo “claro” ou “bonito”,¹⁷⁷ ou dizemos que alguém ou alguma coisa “tem estilo”). Estilo tampouco é um meio de definir o “desvio” de uma convenção ou norma estilística ou literária, pois isso implicaria na existência de textos “destituídos de estilo”. Tal conceito choca-se com a observação empírica de que existem desvios sem valor estilístico e de que existem valores estilísticos que não se devem a desvios.

O nosso conceito de estilo é puramente descritivo e refere-se às características formais de um texto, sejam elas estabelecidas por normas e convenções ou determinadas pela intenção do emissor. Em ambos os casos, o estilo do texto diz alguma coisa sobre o emissor e sua atitude, e envia determinados sinais prévios para o receptor sobre como (isto é, em qual função) o texto deve ser lido.

Para ser capaz de entender um signo ou sinal extralinguístico, o receptor, da mesma forma que o emissor, precisa conhecer e

¹⁷⁷ D. Crystal, D. Davy, *op. cit.*, 1969.

dominar os padrões estilísticos e as funções que eles normalmente exercem. Esse conhecimento constitui o que se chama de competência textual e permite ao receptor inferir as intenções ou atitudes do emissor a partir do estilo apresentado no texto. Isso se baseia no fato de que muitas ações comunicativas são convencionalizadas e muitos produtores textuais também procedem de acordo com um padrão determinado. Na comunicação habitual, ter um conhecimento intuitivo, inconsciente ou “passivo” dos padrões estilísticos é mais do que suficiente para assegurar a compreensão do texto, porém o receptor/tradutor não pode se orientar sem um bom conhecimento ativo acerca desses padrões, tanto na LF como na LA, pois é esse conhecimento que permite a ele analisar a função dos elementos estilísticos empregados no TF e decidir quais podem ser reproduzidos para se alcançar a função alvo e quais devem ser modificados ou adaptados.

Em diversas culturas, muitas categorias estilísticas foram herdadas da retórica antiga — ainda que seus valores estilísticos atuais possam variar sutilmente devido às características específicas das diferentes línguas —, e isso parece ser bastante vantajoso para o tradutor, pelo menos no que se refere às culturas ocidentais.

3.2.1. Assunto

a. Considerações gerais

A questão do assunto é fundamental em todas as abordagens de análise textual orientada à tradução, embora nem sempre a referência a ele se faça sob este nome. Reiss¹⁷⁸ classifica o assunto e o conteúdo mediante o questionamento “Sobre o que o emissor fala?”, que parece englobar o “potencial adicional” de significação que a

¹⁷⁸ K. Reiss, *op. cit.*, 1984.

organização artística pode dar a um texto literário. Tomando o ensaio *Miseria y esplendor de la traducción*, de José Ortega y Gasset, como exemplo, Reiss¹⁷⁹ demonstra que o assunto “real” do texto pode ficar escondido atrás de recursos estilísticos como metáforas ou comparações.

Wilss¹⁸⁰ classifica o assunto como fator pragmático, mas não justifica sua classificação. Quando descreve o tema como “assunto central” — que, como uma tônica, pode ser reconstruído cognitivamente ao se analisarem os mecanismos de coerência —, faz referência a um fator intratextual. Cartellieri,¹⁸¹ por outro lado, menciona claramente o aspecto pragmático ao tentar estabelecer a “relevância sociológica” do assunto.

Com exceção de Reiss,¹⁸² que exemplifica suas análises através de texto amostra, somente Thiel discute explicitamente a questão de como descobrir o assunto do texto. Segundo Thiel, para alguns tipos de texto (o seu texto amostra é uma resolução) existe uma convenção de que o assunto deve ser indicado no título ou em alguma outra parte do texto.

Para o tradutor, analisar o assunto é importante por diversas razões:

1. Se um assunto domina consistentemente todo o texto, trata-se de um indício de que o texto é coerente. Se um texto não tem somente um assunto ou uma hierarquia de assuntos compatíveis, mas um número de assuntos diferenciados, ele apresenta uma “combinação textual”. Plett¹⁸³ cita o *Question time* parlamentar, um item da ordem do dia no qual cada

¹⁷⁹ K. Reiss, *op. cit.*, 1980a.

¹⁸⁰ W. Wilss, *op. cit.*, 1977.

¹⁸¹ C. Cartellieri, *op. cit.*, 1979.

¹⁸² K. Reiss, *op. cit.*, 1980a.

¹⁸³ H. F. Plett, *Textwissenschaft und Textanalyse*, p. 102.

deputado pode questionar o Governo sobre qualquer assunto, como exemplo dessa combinação textual com variedade temática. A mudança temática pode ser sinalizada por elementos não verbais. Ela pode ser um problema para o tradutor se o texto a ser traduzido tratar de diferentes assuntos, visto que as condições da situação alvo podem variar de acordo com essas mudanças (por exemplo, com respeito à bagagem do receptor). Nesse caso, o assunto deve ser identificado separadamente pelos componentes individuais da combinação textual.

2. A inserção do assunto em um contexto cultural específico¹⁸⁴ pode indicar possíveis pressuposições e sua relevância para a tradução. Se o contexto cultural não for universal, não significa necessariamente que deva estar vinculado à cultura da LF, como afirma Koller.¹⁸⁵ O contexto pode estar igualmente vinculado à cultura alvo (ou ao que o emissor imagina que seja a cultura alvo). O contexto cultural pode também não ser real, mas fictício. Nesse caso, pode variar do quase realista ao não muito realista, ao utópico etc.
3. Como a elicitação do assunto restringe o número de realidades extralinguísticas possíveis descritas no texto,¹⁸⁶ ela capacita o tradutor a decidir se possui o conhecimento especializado (incluindo terminológico) exigido para a compreensão e tradução do texto e/ou que tipo de pesquisa deve ser realizada antes de se traduzi-lo.
4. A análise do assunto pode também demonstrar a traduzibilidade do texto, se for conduzida na primeira fase da

¹⁸⁴ A. Popovič, *op. cit.*, 1977.

¹⁸⁵ W. Koller, *op. cit.*, 1979, p. 213.

¹⁸⁶ G. Thiel, *op. cit.*, 1980.

análise do TF (possivelmente na fase do controle de viabilidade do encargo).

5. Quando o assunto já tiver sido analisado, pode-se identificar a função do título ou cabeçalho. Quando os títulos ou cabeçalhos indicam o tema de textos científicos, como ocorre frequentemente nas culturas ocidentais,¹⁸⁷ eles podem muitas vezes ser traduzidos de forma literal, seguindo as convenções sintáticas.¹⁸⁸
6. O questionamento sobre o assunto revela, muitas vezes, informações sobre certos fatores extratextuais (por exemplo, emissor, tempo, função textual), quando estes não tiverem sido determinados por uma análise externa. Por outro lado, certas expectativas sobre o assunto, construídas no curso da análise externa, podem ser confirmadas ou corrigidas pela análise interna.

b. Como obter informações sobre o assunto

As convenções de certos tipos de texto parecem requerer que o título, o cabeçalho ou o contexto do título (isto é, o título e os subtítulos) representem um tipo de programa temático. Um exemplo em um artigo científico: “Teoria e software: reflexões sobre a divisão de trabalho nas Letras ontem e hoje” (*Cadernos de Tradução*, n. 30, 2012/2).

Quando a informação não é transmitida por um título temático como este, o assunto do texto pode ser formulado em um *lead* introdutório, como é o caso de muitos artigos jornalísticos,¹⁸⁹ ou

¹⁸⁷ G. Graustein, W. Thiele, *op. cit.*, 1981, p. 10.

¹⁸⁸ Christiane Nord, “Funcionalismo y lealtad: algunas consideraciones en torno a la traducción de títulos” e Christiane Nord, *Lernziel: Professionelles Übersetzen Spanisch-Deutsch*.

¹⁸⁹ H. Lüger, *Journalistische Darstellungsformen aus linguistischer Sicht*.

na primeira frase, que pode, então, ser considerada uma “oração temática”, parafraseando a essência do assunto textual.

Exemplo 3.2.1/1

Governo do Rio protela decisão sobre concessão do Maracanã

Investimentos estão suspensos, o que beneficia o concessionário

Jornal do Brasil

Caio Lima

O governo do Estado adiou a data em que deveria receber a resposta do Consórcio Maracanã S.A. sobre o futuro do complexo do estádio. O prazo expirou nesta quinta-feira (22), com o anúncio da suspensão das demolições dos equipamentos ali instalados, feito no dia 2 de agosto pelo governador do Rio, Sérgio Cabral, na tentativa de recuperar sua popularidade. [...] *Jornal do Brasil*, sexta-feira, 23 de agosto de 2013.

Exemplo 3.2.1/2

22/08/2013 — 17:44

Chefe de direitos humanos da ONU quer investigação na Síria o mais rápido possível

Reuters

GENEBRA, Suíça, 22 Ago (Reuters) - Alegações de um ataque com armas químicas na Síria são “excepcionalmente graves” e devem ser investigadas assim que for humanamente possível, disse a chefe da área de direitos humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), Navi Pillay, nesta quinta-feira. *O Globo Online*, 23/08/2013.

Isso se aplica não só aos títulos que sejam paráfrases condensadas do texto, mas também aos títulos descritivos, como no caso de obras literárias.

Exemplo 3.2.1/3

O título original *El siglo de las luces* (*O século das luzes*, ver Texto Amostra 1, Capítulo 5.1), do escritor cubano Alejo Carpentier, indica, metaforicamente, o assunto do romance, enquanto que os títulos das traduções inglesa e alemã (*Explosion in a Cathedral*; *Explosion in der Kathedrale* — literalmente, “Explosão em uma catedral”) usam a designação de um quadro que exerce uma função simbólica na trama do romance. O leitor, entretanto, não tem como reconhecer isso, e provavelmente interpretará a designação como uma indicação do assunto ou do conteúdo. Isso pode levar a uma classificação (errônea) do livro como uma obra de suspense.

Se o assunto não for descrito no título ou no contexto do título, é possível descobri-lo reduzindo as estruturas macrotextuais a proposições semânticas básicas ou unidades informacionais, constituindo-se assim um tipo de resumo ou “condensação” do texto. Por vezes, solicita-se ao próprio tradutor a produção de uma versão resumida do texto na língua alvo. No ensino de tradução, a produção de resumos pode ser utilizada para se verificar a compreensão textual.

Condensar e resumir, entretanto, não leva à descoberta do assunto real em todos os textos, visto que em alguns casos o processo dessa descoberta é ofuscado por um assunto “falso” que ocupa o primeiro plano do texto. Nesses casos, somente a análise dos fatores intratextuais, especialmente do léxico, pode oferecer pistas mais adequadas.

Um conceito muito importante na análise do assunto, no nível dos itens lexicais, é o da isotopia. Características isotópicas são temas compartilhados por vários itens lexicais em um texto, interconectando-os e formando uma espécie de cadeia isotópica no texto. Os itens unidos por isotopias constituem um “nível isotópico”, que

pode indicar o assunto do texto. Pode haver diversos níveis isotópicos se complementando mutuamente ou hierarquicamente subordinados uns aos outros.

Exemplo 3.2.1/4

Madeira

A Ilha da Madeira é um autêntico Éden, um oásis verdejante no meio do Atlântico. Com falésias imponentes, praias rochosas e montanhas verdejantes envoltas em bruma, este destino inesquecível possui um convidativo clima subtropical e uma esplêndida beleza natural [...].¹⁹⁰

Nesse parágrafo de um anúncio publicitário, uma das isotopias constitui a base das unidades lexicais *Éden / oásis / verdejante / beleza natural*; outra, a base dos lexemas *ilha / Atlântico / praias*.

O assunto pode ser também descoberto ao se isolar conceitos temáticos para analisar sua distribuição e densidade no texto, como Gerzymisch-Arbogast¹⁹¹ demonstra através de textos norte-americanos sobre economia. Visto que estruturas isotópicas constituem uma “rede de relações semânticas”,¹⁹² elas podem revelar a coerência textual. Mudersbach e Gerzymisch-Arbogast¹⁹³ sugerem que a invariância da isotopia, chamada por eles de “isomorfia”, deve substituir a noção comumente usada de equivalência na tradução.

¹⁹⁰ Disponível em: <<http://www.portugal-live.net/P/regions/madeira.html>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

¹⁹¹ H. Gerzymisch-Arbogast, *Zur Thema-Rhema-Gliederung in amerikanischen Wirtschaftsfachtexten*, p. 111.

¹⁹² K. Mudersbach, H. Gerzymisch-Arbogast, *Isotopy and translation*, p. 147.

¹⁹³ *Idem*, p. 148.

c. O papel da competência linguística

Elicitar os mecanismos de coerência representados em um texto não é o suficiente para um entendimento completo sobre o seu verdadeiro assunto. É certo que a coerência explica as relações entre os elementos de um texto, mas não a relação entre o texto e a realidade extralinguística à qual ele se refere. A compreensão pode ser alcançada, no entanto, ao se coordenar a informação verbalizada no texto com uma forma ou manifestação da realidade em geral ou de uma realidade em particular, ou seja, os leitores que desejem “compreender” devem conectar ou associar a nova informação trazida pelo texto ao conhecimento de mundo já armazenado em sua memória.

Como funciona isso? Scherner¹⁹⁴ especifica quatro fatores fundamentais que permitem ao leitor compreender um texto: (a) o “horizonte” do emissor e do receptor (isto é, qualquer conhecimento prévio que eles tenham armazenado na memória); (b) a “competência linguística” (isto é, os conhecimentos linguísticos adquiridos por eles); (c) a “situação” comunicativa (isto é, a situação — tempo, lugar etc. — na qual ocorre a ação comunicativa e que é percebida da mesma maneira pelo emissor e pelo receptor); (d) o “contexto” (isto é, o entorno linguístico dos elementos em questão).

Os fatores situacionais já foram discutidos na análise extratextual, e o contexto é produzido por meio da coesão e da coerência. Mas como a “competência linguística” e o “horizonte” contribuem para o processo de compreensão textual?

Isso pode ser ilustrado pela seguinte piada.¹⁹⁵

¹⁹⁴ M. Scherner, *Sprache als Text*.

¹⁹⁵ Adaptado de M. Scherner, *op. cit.*, p. 59.

O comerciante Meisl vem a Viena a negócios pela primeira vez na vida e, à noite, ele quer assistir a uma peça de teatro no famoso Teatro Nacional Austríaco *Burgtheater*. Ele pergunta então à mulher na bilheteria: “O que se apresenta esta noite?”. E ela responde: “Como gostais”. “Bem”, responde Meisl, “eu gostaria de ver *O Danúbio Azul*”.

Meisl detém competência linguística suficiente para entender a informação que recebe, mas o seu “horizonte” não inclui o conhecimento de que *Como gostais* é o título de uma comédia de Shakespeare. Por isso, Meisl o entende no sentido de “o que você preferir”. Meisl tão pouco sabe que em um teatro não é o expectador que escolhe a peça nem que o *Burgtheater* não é um teatro para a apresentação de operetas como *O Danúbio Azul*.

O leitor compreende o conteúdo de um enunciado ao fazer uma associação entre a informação adquirida através dos elementos sintáticos e lexicais do texto, por meio da sua competência linguística, e o conhecimento de mundo armazenado no seu “horizonte”, e une-os em um “todo” novo. Ele estabelece analogias entre a informação nova do texto e a informação que faz parte da sua bagagem empírica. Comparações e metáforas podem facilitar esse processo. Portanto, o princípio de combinar uma nova informação com o conhecimento já existente também se aplica a textos ficcionais, mesmo para a ficção científica.

Essas considerações têm uma relevância especial para a tradução. Visto que a diferença no horizonte dos leitores fonte e alvo não se deve somente às idiosincrasias individuais, mas, sobretudo, às influências culturais, o tradutor jamais pode ser um mero “observador desinteressado”, como afirma Scherner.¹⁹⁶ Pelo contrário, o tradutor deve ser considerado um “observador interessado”

¹⁹⁶ M. Scherner, *op. cit.*, p. 60.

que, após compreender o texto intuitivamente e contrastá-lo com o seu próprio “horizonte” de conhecimento, tenta encontrar uma justificativa intelectual para sua compreensão intuitiva.

No processo de tradução de um texto escrito em língua estrangeira, uma competência linguística insuficiente pode ser um fator a mais que complica a compreensão do TF.

d. Questionário

As perguntas a seguir podem fornecer informações relevantes sobre o assunto do texto:

1. O TF é um texto homogêneo, tematicamente coerente, ou é uma combinação de textos?
2. Qual é o assunto do texto (ou de cada componente da combinação)? Existe uma hierarquia de assuntos compatíveis?
3. O assunto identificado pela análise intratextual corresponde à expectativa construída na análise extratextual?
4. O assunto é verbalizado no texto (por exemplo, em uma oração temática no início) ou no paratexto (título, subtítulo, cabeçalho, introdução etc.)?
5. O assunto está vinculado a um contexto cultural particular (da LF, da LA ou outro)?
6. As convenções da cultura alvo exigem que o assunto seja verbalizado em algum lugar dentro ou fora do texto?

3.2.2. *Conteúdo*

a. Considerações gerais

Até agora, a análise do conteúdo não foi tratada de forma satisfatória nas abordagens referentes à análise textual orientada à tradução. Os conceitos de “conteúdo”, “significado”, “sentido” continuam vagos, e existem poucas dicas sobre como, de fato,

descobrir o conteúdo de um texto.¹⁹⁷ As análises ficam restritas geralmente ao nível lexical,¹⁹⁸ aparecendo apenas como resumo¹⁹⁹ ou paráfrase do texto.²⁰⁰

Quando o tradutor domina a língua fonte e está familiarizado com as regras e normas que regem a produção textual, as dificuldades para determinar o conteúdo do texto são mínimas ou nulas. Mesmo assim, é útil conhecer meios para se verificar a compreensão intuitiva e conceber um quadro de referência no treinamento de tradução, quando a competência linguística ainda não está plenamente desenvolvida.

b. Paráfrase como procedimento de análise de conteúdo

Entende-se por conteúdo a referência textual a objetos e fenômenos da realidade extralinguística, reais e/ou fictícios, expressos pela informação semântica das estruturas lexicais e gramaticais

¹⁹⁷ Na sua análise do conteúdo, Thiel fala de “informação semântica” (1974a, 1978b) refletida em uma “estrutura semântica”, ou seja, o “conjunto de relações semânticas entre os elementos linguísticos do texto”. Reiss (1974a) sugere que a análise do conteúdo deva explicar os fatos ou objetos de referência no texto. Através da análise dos significados das palavras, das frases e do texto (1980a), o tradutor deve elicitar o “sentido” do texto. Cartellieri (1979) formula apenas duas perguntas referentes ao conteúdo (“O conteúdo do texto pertence a várias áreas sobrepostas? Existe uma relação entre essas áreas no que se refere ao objeto de referência e a terminologia?”) e associa “área” a um campo de especialização. Portanto, essas perguntas parecem apontar para a dimensão do assunto e não do conteúdo. No modelo de Bühler (1984), a análise “cognitiva” do conteúdo, ou seja, a compreensão das estruturas cognitivas do texto, por meio da determinação do seu “núcleo” semântico, é o terceiro passo depois da análise da situação comunicativa e da análise linguística. No treinamento de tradução, o núcleo semântico deve ser parafraseado em frases sem redundâncias. No caso de dificuldades — por exemplo, se a competência linguística na língua estrangeira não for ainda suficientemente desenvolvida —, Bühler recomenda uma análise componencial.

¹⁹⁸ G. Thiel, *op. cit.*, 1978a; K. Reiss, *op. cit.*, 1984.

¹⁹⁹ G. Thiel, *op. cit.*, 1978a.

²⁰⁰ H. Bühler, *op. cit.*, 1984.

(palavras e frases; padrões sintáticos; tempo verbal; modo etc.) empregadas no texto. Tais estruturas não apenas se complementam entre si, mas também reduzem a ambiguidade, formando um texto mais coerente.

Por essa razão, o ponto de partida para a análise do conteúdo deve ser a informação articulada pelos elementos textuais encontrados na superfície do texto unidos por mecanismos de ligação linguístico-textuais, tais como: conectores lógicos, relações tema-remática, perspectiva funcional da frase etc. Considerando que a análise da situação comunicativa está completa, já é possível identificar o significado do texto quase “através do filtro” do conhecimento extralinguístico.²⁰¹

Analisar um conteúdo textual sintática e semanticamente complexo pode ser facilitado por uma paráfrase simplificada das unidades informacionais, que pode ser formulada independentemente da estrutura sintática, embora anotando-se as relações lógicas, se explicitadas no texto. Esse procedimento permite ao tradutor identificar (e possivelmente compensar) pressuposições e mesmo falhas na coerência, que ocorrem com frequência nos textos.

Exemplo 3.2.2/1

Resumo sobre o romance *El tesoro*, do escritor espanhol Miguel Delibes, em uma crítica: “Arando la tierra un labrador encuentra casualmente un tesoro celtibérico que va a conmocionar la vida de un pueblecito. Dada la noticia, una expedición de arqueólogos se dirige al lugar, donde los campesinos, que los miran con sospecha, dan paso a su propia codicia”. (Literalmente: “Ao arar a terra, um lavrador encontra casualmente un tesouro celtibérico que vai abalar a vida de

²⁰¹ H. Kalverkämper, *Orientierung zur Textlinguistik*. Tübingen: M. Niemeyer, 1981, p. 44.

uma pequena aldeia. Dada a notícia, uma expedição de arqueólogos dirige-se para o lugar, onde os camponeses, que os olham com suspeita, sucumbem a sua própria avidez”.)

A segunda frase pode ser dividida nas seguintes unidades informacionais. “A notícia é dada/, um grupo de arqueólogos dirige-se para o lugar/, os habitantes os olham com suspeita/, eles sucumbem a sua própria avidez [...]”. A primeira coisa que descobrimos sobre essa paráfrase é que a chegada dos arqueólogos na aldeia é apenas deduzida. Segundo, a paráfrase mostra que a estrutura sintática (oração relativa: “onde os camponeses”...) é falaciosa, porque não corresponde à estrutura semântica do texto, segundo a qual todas as ações têm igual importância para a história e não estão subordinadas uma à outra.

Essas paráfrases, no entanto, devem ser consideradas com cuidado. As unidades informacionais parafraseadas formam um novo texto que não é idêntico ao original; portanto, paráfrases devem ser utilizadas apenas para simplificar estruturas textuais, tornando-as mais transparentes. No Exemplo 3.2.2/1 são empregadas “paráfrases sintáticas” ou “transposições”. Wilss²⁰² fala de “retransformações”. Ao parafrasear itens lexicais devemos considerar o conteúdo conotativo, o qual tem que ser preservado, ou pelo menos marcado, no texto parafraseado. De qualquer modo, é o TF que deve ser o ponto de partida para a tradução, e não a paráfrase simplificada.

c. Mecanismos de coesão

Os mecanismos de coesão que aparecem no texto, como anáforas, catáforas, substituições, recorrências (isto é, repetição de elementos com referência idêntica), paráfrases (isto é, expressar

²⁰² W. Wilss, „Übersetzungswissenschaft“, p. 72.

o mesmo conteúdo de formas diferentes), proformas (como pronomes pessoais ou possessivos) etc.,²⁰³ podem ser empregados também para se analisar o conteúdo. Os mecanismos de coesão podem variar de acordo com a língua. No espanhol, por exemplo, conforme o Exemplo 3.2.2/2a, a paráfrase (*pasos fronterizos para visitantes*) é utilizada para estabelecer coesão, enquanto que o elemento lexical correspondente em português (*passagens de fronteira*) na primeira tradução (2b) não é reconhecido como paráfrase, de modo que o leitor espera informações “novas” na segunda frase. Porém, visto que a segunda frase é simplesmente uma paráfrase da primeira, a estrutura fica sem coerência. Esse problema poderia ser resolvido com a inserção de um elemento catafórico no final da primeira frase (dois pontos, por exemplo), um elemento anafórico no início da segunda frase, como *quando* ou *isto significa*, ou uma substituição pronominal, como na segunda tradução (2c).

Exemplo 3.2.2/2

a) España ha tenido durante el mes de julio medio millón menos de visitantes que en las mismas fechas del año pasado. Los pasos fronterizos han descendido un 7,2 por ciento sobre los 7.356.809 registrados en julio de 1984 (El País 21-08-1985, p. 29).

Tradução literal:

b) A Espanha registrou em julho meio milhão de visitantes a menos que no mesmo período do ano passado. As passagens pela fronteira caíram em 7,2%, em comparação às 7.365.809 registradas em julho de 1984.

²⁰³ M. A. K. Halliday, R. Hasan, *op. cit.*, 1977; R. de Beaugrande, W. Dressler, *op. cit.*, 1981.

c) A Espanha registrou meio milhão de visitantes a menos em julho em comparação ao mesmo período do ano passado, quando 7.365.809 de viajantes cruzaram a fronteira. Isto significa uma redução de 7,2 por cento.

A experiência mostra que as paráfrases, particularmente em TF escritos em língua estrangeira, podem gerar dificuldades consideráveis. Hartmann²⁰⁴ fala de “procedimentos de tradução” intratextuais, enquanto Kloepfer²⁰⁵ chama esse fenômeno de “autotradução”, à qual o tradutor pode recorrer ao analisar o conteúdo. Entretanto, em algumas culturas, as paráfrases (em vez de repetições) constituem um traço característico de certos tipos de textos ou registros.²⁰⁶

Exemplo 3.2.2/3

Se em um artigo de um jornal espanhol a entrada da Espanha na Comunidade Europeia (ver exemplo 3.1.3/4) é descrita como *ingresso en La CEE, ingreso en el Mercado Común, integración en Europa, incorporación, adhesión al Tratado de Roma e entrar en la Comunidad*, o uso de paráfrases ao invés de recorrências não tem nenhuma relevância informacional, mas está de acordo com o princípio de variação estilística frequentemente observado na linguagem jornalística espanhola, a despeito de possíveis problemas de compreensão ou mesmo erros claros (por exemplo: *Mercado Comum não é o mesmo que Comunidade Europeia*).

d. Conotações

A quantidade de informações verbalizadas em um texto inclui não só o significado denotativo como também o conotativo ou

²⁰⁴ P. Hartmann, „Semantische Textanalyse“, p. 40.

²⁰⁵ R. Kloepfer, “Intra and intercultural translation”.

²⁰⁶ Christiane Nord, „‘Nación,’ ‘pueblo,’ ‘raza’ bei Ortega y Gasset — nicht nur ein Übersetzungsproblem“.

“secundário”, isto é, a informação expressa por um elemento linguístico marcado por sua afiliação a certo código (níveis estilísticos, registros, estilo funcional, dialetos regionais e sociais etc.). Ao selecionar um elemento específico em detrimento de outro, dentre um número de possíveis elementos, o autor confere significado secundário ao texto. Nesse caso, como o significado conotativo pode ser analisado somente em detalhes junto com os valores estilísticos lexicais, sintáticos e as características suprasegmentais, é recomendável fazer uma marcação provisória dos elementos que podem ser classificados intuitivamente como “provavelmente conotativos” nessa etapa da análise. A função como categoria extratextual (por exemplo, função padrão de uma coluna em um jornal, como no Exemplo 3.2.2/4) geralmente suscita expectativas sobre possíveis conotações.

Exemplo 3.2.2/4

Sob o título de *El rojo y el verde*, Juan García Hortelano escreve no jornal espanhol *El País* de 22 de julho de 1979: “Es un hecho conocido que el hombre de ciudad anhela vivir en el campo. Otro hecho conocido es que el hombre de campo anhela vivir en la ciudad. Parece mentira que tantos se hayan equivocado tanto durante tantos siglos. Ahora que la sociedad industrial desarrollada ha logrado la metrópoli abomina de ella, le espanta esa aglomeración proletaria que ha creado. [...] No se necesitan más de dos minutos de reflexión para percatarse de que la única tendencia sensata es la del hombre rural, que huye a poco que puede del verde y en dirección al rojo infierno de la ciudad, porque conoce lo que el verde representa. Debe de ser desesperante pertenecer a esa retaguardia de la humanidad que aún no ha conseguido liberarse de la Naturaleza y oírles entonar la bucólica a unos tipos que confunden la Naturaleza (y, encima, la llaman Madre) con su campito de fin de semana o sus arenitas de veraneo. Ni un mes iban a durar, si se cumpliese su anhelado retorno a la tierra. [...]”.

Certas conotações representam uma parte do conhecimento comunicativo do falante, independentemente de o falante usar a língua nacional ou um dialeto regional e/ou social específico. Essas conotações são tão estreitamente vinculadas ao item lexical que são especificadas no dicionário da língua em questão — por exemplo: *equivocarse* (VOX: “tener o tomar [una cosa] por otra juzgando u obrando desacertadamente), *infierno* (VOX: “lugar destinado por la divina justicia para eterno castigo de los réprobos”), *proletario* (VOX: “adj. fig. Plebeyo vulgar”). Conotações como estas, embora possam mudar ao longo do tempo, devem ser consideradas parte da competência linguística do emissor e do receptor. Outras conotações, entretanto, são válidas apenas para certas pessoas, visto que funcionam somente se os participantes compartilharem o conhecimento dos mesmos fenômenos sociais, políticos, regionais e culturais específicos, como, por exemplo: *verde* (avaliado como “bom” pelas pessoas da cidade e “mau” pelas do campo), *campito de fin de semana* (em oposição irônica à verdadeira vida rural), *retaguardia* (em sentido figurado combinado com *esa* e *que aún no ha conseguido liberarse [...]*). Tais conotações pertencem ao repertório de conhecimento do emissor e do receptor.

e. A “situação interna”

A informação no texto pode ser factual, ou seja, fundamentada em fatos advindos do que é convencionalmente conhecido como “realidade” pelo emissor e receptor, ou ficcional, isto é, referir-se a um mundo diferente, fictício, imaginado ou inventado pelo autor, separado do mundo real, no qual ocorre a ação comunicativa. Essa distinção, no entanto, não tem relevância imediata para a análise do conteúdo. A ficcionalidade é uma propriedade pragmática conferida ao texto pelos participantes na interação comunicativa. Sua definição depende da noção de realidade e das normas de textualidade

que prevalecem em uma determinada sociedade.²⁰⁷ Quando a noção de realidade muda, um texto pensado para ser factual pode ser lido como sendo ficcional ou vice-versa. Se observarmos a obra *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, ou *1984*, de George Orwell, podemos concluir que um texto ficcional, descrevendo uma situação utópica, poderia ser factual se a realidade mudasse de acordo. A questão da ficcionalidade ou factualidade torna-se relevante para a tradução somente quando consideramos as pressuposições.

Não obstante, uma análise de conteúdo deve especificar se a situação interna do texto é idêntica ou não à sua situação externa. Caso não seja, a situação interna deve ser analisada separadamente, utilizando-se as perguntas analíticas da nossa “Fórmula Q” aplicadas na análise externa. Isso é, muitas vezes, o caso em textos ficcionais e em textos factuais do tipo complexo,²⁰⁸ que contêm intratextos de outras categorias.

A situação interna pode conter diversos fatores, por exemplo: um emissor interno (falante, narrador) que pode adotar várias atitudes ou perspectivas sobre a narração (como a perspectiva do autor onisciente ou a de um personagem envolvido na história ficcional), um leitor ou ouvinte implícito, bem como condições implícitas de tempo e lugar; pistas sobre o meio utilizado, o motivo da comunicação e a função designada ao texto subjacente. A situação interna pode até, a exemplo da *matrioshka*, as famosas bonecas russas, conter outras situações subjacentes umas às outras.

Os fatores situacionais de um texto subjacente são normalmente explicitados no hipertexto, ao passo que a situação interna (o cenário) de um texto ficcional muitas vezes pode ser inferida somente a partir de pistas subentendidas ou indiretas, tais como

²⁰⁷ Christiane Nord, *op. cit.*, 1997a, p. 80.

²⁰⁸ K. Reiss, H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1984.

nomes próprios de pessoas ou lugares, referências a realidades culturais específicas, elementos de um dialeto regional em um diálogo etc. Entretanto, existem casos em que a análise da situação externa fornece informações sobre a situação interna, conforme o exemplo a seguir.

Exemplo 3.2.2/5

Em um de seus contos escritos no seu exílio em Paris, o escritor argentino Julio Cortázar descreve um ambiente urbano que não é nomeado explicitamente, mas sugerido pela informação de que, da janela do seu apartamento (duplex), o narrador vê uma placa dizendo *Hôtel de Belgique*. A referência ao cenário não é crucial para a interpretação da história, que versa sobre o problema da rotina diária e a vida sem esperança na sociedade moderna. A trama poderia igualmente desenrolar-se em qualquer cidade grande do mundo industrial ocidental. Mas, ainda, ao descrever (ou fingir descrever) a vista da janela, o autor dá um “toque pessoal” à história, tornando-a mais autêntica. Isso pode ser importante para o tradutor quando ele tem que decidir como traduzir a situação rotineira do café da manhã (*tomamos café con leche*): “tomamos nosso café da manhã” — culturalmente neutro —, “tomamos nosso café com leite” — familiaridade para leitores em cuja realidade café com leite é a bebida normal da manhã — ou “tomamos café au lait” — referência explícita à França como cenário da história.

f. Questionário

As perguntas a seguir podem suscitar informações relevantes sobre o conteúdo:

1. Como os fatores extratextuais são verbalizados no texto?
2. Quais as unidades informacionais no texto?
3. Existe uma distância cultural entre a situação externa e a interna?

4. Existem lacunas de coesão e/ou coerência no texto? Elas podem ser preenchidas sem utilizar informação ou material adicional?
5. Quais conclusões podem ser tiradas da análise do conteúdo com referência a outros fatores intratextuais, tais como pressuposições; estruturação e características estilísticas?

Outras perguntas que ajudam a esclarecer a dimensão do conteúdo são apresentadas nos capítulos a seguir.

3.2.3. *Pressuposições*

a. O que é uma pressuposição?

A noção de pressuposição é relativamente complexa porque “não existe um único conceito que pouco difere de pessoa para pessoa, mas sim vários conceitos que diferem radicalmente e sempre são relacionados à palavra *pressuposição*”.²⁰⁹ Essa não é uma referência à “pressuposição lógica”, que trata do valor de verdade dos enunciados e/ou a existência de objetos e fenômenos a que o enunciado se refere, nem à “pressuposição filosófica” de Frege, “condição necessária para se ter referência” e para “a frase ser plenamente significativa”.²¹⁰ O foco é a “pressuposição pragmática”, denominada por Schmidt²¹¹ “pressuposição situacional”. Essas pressuposições são implicitamente aceitas pelo falante que acredita acontecer o mesmo também com o ouvinte. Portanto, a comunicação somente pode ter sucesso se o falante e o ouvinte aceitarem, implicitamente, uma quantidade suficiente das mesmas pressuposições.²¹²

²⁰⁹ J. Garner, “‘Presupposition’ in philosophy and linguistics”.

²¹⁰ M. Black, “Presupposition and implication”, p. 57.

²¹¹ S. J. Schmidt, *op. cit.*, 1976.

²¹² *Idem*, p. 105.

Na anedota mencionada anteriormente, por exemplo, a resposta *Como gostais* pressupõe o conhecimento por parte do receptor de que este é o título de uma peça teatral, e essa pressuposição constitui a base sobre a qual a brincadeira “funciona”.

Na comunicação diária, a pressuposição envolve os fatores da situação comunicativa que, pressupõe-se, sejam compartilhados pelos participantes e, por essa razão, não são mencionados explicitamente; não obstante, devem ser considerados quando o enunciado é realizado. Se o referente da informação é, por exemplo, uma pessoa presente no mesmo local, o falante pode reduzir ou aumentar sua voz ou escolher formulações simples, complexas ou até mesmo codificadas etc. Naturalmente, é supérfluo mencionar coisas e pessoas para as quais possamos apontar.

As pressuposições frequentemente se referem a objetos e fenômenos da cultura à qual pertence o emissor, conforme ilustrado pelo trecho a seguir, no qual Balcerzan²¹³ comenta as imensas dificuldades com as quais os tradutores poloneses eram confrontados ao traduzirem o *Canto geral* do poeta chileno Pablo Neruda para o polonês:

Exemplo 3.2.3/1

Quando Neruda escreve *las mariposas de Muzo*, é necessário especificar: “as borboletas azuis de Muzo”; quando escreve *jacarandá*, é preciso acrescentar: “a árvore violeta de jacarandá”. Para o poeta que vê todos os dias o azul brilhante e a árvore de jacarandá coberta de flores violetas, a cor está reafirmada no próprio nome, enquanto nós devemos explicá-la ao nosso leitor.

²¹³ E. Balcerzan, “La traduction, art d’interpréter”, p. 8.

É certo que a informação pressuposta pelo autor deve ser mostrada também ao leitor da tradução; porém, o tradutor deve estar ciente de que a explicitação de uma informação antes implícita, especialmente em um texto poético, tem que gerar alterações consideráveis no efeito que o texto exerce sobre o receptor (ver Capítulo 3.3c).

Entendemos aqui que as pressuposições abrangem todas as informações que o emissor espera, isto é, pressupomos serem parte do horizonte do receptor. Visto que o emissor deseja que o enunciado seja compreendido, parece lógico que ele pressuponha somente as informações que, imagina, o receptor consiga “reconstruir”.²¹⁴ Por essa razão, adota-se o conceito de “pressuposição” orientado ao emissor em vez da noção de “pré-informação” orientada ao receptor, utilizada pelos autores de linguística textual funcional da antiga Alemanha Oriental.²¹⁵ Além disso, o termo “pressuposição” abrange tanto o aspecto dinâmico de “pressupor” quanto o aspecto orientado ao resultado de “alguma coisa pressuposta”. Com seu aspecto dinâmico, o conceito se encaixa na perspectiva de produção textual adotado como base para a análise intratextual (ver Capítulo 3.2.0).

As pressuposições podem se referir não só aos fatores e condições da situação e realidades da cultura fonte, mas também abranger fatos da biografia do autor, teorias estéticas, tipos de textos comuns e suas características, disposições métricas, detalhes sobre o assunto, motivos, a iconografia e os argumentos preferidos de certos períodos literários, ideologia, religião, conceitos mitológicos e filosóficos, condições político-culturais de uma época, meios e

²¹⁴ K. Ehlich, J. Rehbein, *Linguistische Pragmatik*, p. 101.

²¹⁵ Por exemplo, S. Bastian, „Die Rolle der Präinformation bei der Analyse und Übersetzung von Texten“; M. Penkova, „Die Präinformation bei der Analyse und Übersetzung von Texten“.

formas de representação, situação educacional ou a história da recepção de um texto antigo.

O fato de que o enunciado não deve ser nem trivial nem incompreensível, o que é uma das convenções sociais da comunicação, leva o emissor a avaliar a situação, o conhecimento prévio do público e a relevância da informação que será transmitida no texto a fim de decidir quais pressuposições podem ser feitas e quais não. Essa convenção se aplica não só para as relações entre emissor e receptor do TF, mas também para as relações entre o produtor do TA — ou seja: o tradutor — e o receptor da tradução. O tradutor deve considerar o fato de que uma informação “trivial” para os emissores do TF, em razão do seu conhecimento prévio da cultura fonte (que logicamente não é mencionada no TF), pode ser desconhecida do público leitor da tradução e, portanto, deve ser mencionada no texto alvo ou vice-versa.

b. Identificando as pressuposições no texto

Visto que a pressuposição, por definição, é uma informação não verbalizada, ela não pode ser “observada” no texto. No seu papel como receptor do texto, o tradutor tem familiaridade com a cultura fonte e — idealmente — compreende as informações pressupostas como se fosse um receptor dessa cultura, o que torna a descoberta das pressuposições contidas no texto uma tarefa relativamente difícil.

Por essa razão, o tradutor deve primeiro investigar a qual cultura ou “mundo” o texto se refere (informação que pode já ter sido revelada na análise do conteúdo). É importante, nesse momento, fazer uma distinção entre textos factuais e ficcionais. O texto factual, presumidamente, tece uma proposição acerca da realidade (como geralmente aceita pela cultura), enquanto os textos ficcionais não o fazem, pelo menos não do mesmo modo. A diferença está na

relação entre o texto e a realidade (assumida). Textos ficcionais são, logicamente, tão reais quanto os textos factuais, e pode haver informações fictícias tanto num quanto noutra.²¹⁶

A categorização do texto como factual ou ficcional não depende somente da estrutura do texto em si. É o autor e, sobretudo, o leitor quem classifica o texto como um ou outro, de acordo com o conceito de realidade aceito e defendido em sua cultura — conceito este determinado por convenções filosóficas e sociológicas. Um texto pensado para ser factual pelo emissor do TF pode ser, dessa maneira, “compreendido” como fictício (e vice-versa) por um receptor do TA que tenha uma visão diferente, culturalmente específica, daquilo que é “real”.

Nesse contexto, é possível voltar ao critério de “entorno” cultural de um texto, enfatizado por Koller,²¹⁷ que fala até mesmo de “âncoragem”. Se o TF estiver “ancorado” no mundo da cultura fonte, alguma informação sobre a CF será naturalmente pressuposta no texto em virtude da “máxima de relevância”, como se diria em termos griceanos. Se, por outro lado, o TF referir-se à cultura do receptor do TA, que não é familiar ao receptor do TF, espera-se que o produtor do TF verbalize algumas informações para que esse receptor compreenda o texto. Essas informações verbalizadas seriam, portanto, irrelevantes ao receptor do TA que já as conheça. Em ambos os casos, o tradutor geralmente ajusta o nível de explicitação ao conhecimento prévio geral (assumido) do público prospectivo do TA, utilizando, por exemplo, procedimentos de expansão ou redução textuais.

Se o TF se refere a um mundo igualmente “distante” tanto dos receptores do TF como do TA, é menos provável que surjam problemas de tradução a partir do contraste entre as pressuposições do

²¹⁶ H. Grabes, „Fiktion — Realismus — Ästhetik. Woran erkennt der Leser Literatur?“.

²¹⁷ H. Koller, *op. cit.*, 1979.

TF e do TA. Nesses casos, o tema do TF pode ser entendido como “geralmente comunicável”²¹⁸ ou, pelo menos, “comunicável transculturalmente”, isto é, entre as duas culturas envolvidas no processo de tradução.

O nível de explicitação varia de acordo com o tipo de texto e a função textual. É interessante observar que, em textos ficcionais, a situação é, muitas vezes, mais explícita do que em textos não ficcionais. Ao passo que a compreensão de textos factuais é baseada no fato de emissor e receptor compartilharem um mesmo modelo de realidade, o texto ficcional precisa construir um modelo próprio, referindo-se explicitamente a um modelo realista ou criando um fictício, que pode estar relacionado de algum modo a um modelo realista já existente. Pode até mesmo ser oposto aos valores normais de enunciados não ficcionais (nos contos de fada, por exemplo). O texto ficcional, entretanto, deve conter também alguma referência ou analogia à realidade dos receptores porque, de outra maneira, eles não teriam capacidade de acessar o mundo do texto (Capítulo 3.2.1c).

Se a informação, na situação interna, estiver camuflada em certos elementos do texto ficcional, tais como nomes próprios ou dialetos regionais e sociais (por exemplo, *Pigmaleão*, do dramaturgo irlandês George Bernard Shaw, que inspirou o musical *My fair lady*, em 1956), transmiti-la no TA pode se tornar uma tarefa bastante difícil. Isso porque muitas vezes não é apropriado utilizar substituições, traduções explicativas ou notas de rodapé em textos literários.

Exemplo 3.2.3/2

No conto *Pecado de omisión*, de Ana María Matute (Exemplo 3.1.1/2), os personagens são socialmente classificados pelos nomes. O personagem principal, um

²¹⁸ *Idem*, p. 13

garoto simples do interior que, apesar dos seus talentos, não tem oportunidade de estudar para ter uma profissão, é chamado apenas pelo nome *Lope*, enquanto seu amigo, cujo pai tem condições financeiras para mantê-lo estudando no curso de Direito, é apresentado pelo nome e sobrenome: *Manuel Enríquez*. O tio de Lope, prefeito do vilarejo, tem um nome mais pomposo: *Emeterio Ruiz Heredia*; o professor da escola é chamado pelo nome acrescido da partícula *Don* (*Don Lorenzo*). O pastor de origem simples com quem Lope fica nas montanhas não pode nem se orgulhar de ter um nome próprio, e é chamado de *Roque el Mediano*.

Essas pistas não podem ser explicadas ao receptor do TA sem que se incorra no risco de o texto perder o seu encanto literário. Felizmente, muitos autores não confiam exclusivamente nas caracterizações implícitas, mas incluem algumas pistas explícitas, como é o caso de Ana Maria Matute (aclamada autora espanhola e uma das vozes mais fortes do pós-guerra) no exemplo mencionado acima.

c. Redundância

Se a informação for verbalizada repetidas vezes no texto (na forma de explicação, repetição, paráfrase, resumo, tautologia etc.), é possível falar em “redundância”, ou melhor, “redundância situacional”,²¹⁹ em oposição às “redundâncias linguísticas” exigidas por um sistema linguístico específico. A teoria da informação explica a redundância como um meio de neutralizar ruídos. Isso significa que em um “ruído” de obscuridade, irrelevância ou pensamentos complexos,²²⁰ a redundância assume a função de auxiliar a compreensão do leitor. O nível de redundância escolhido depende, por sua vez, do alcance do conhecimento prévio que o emissor pressupõe ou espera que o receptor tenha. Mas a redundância pode ser

²¹⁹ H. J. Vermeer, *op. cit.*, [1974a] 1983, p. 5.

²²⁰ P. Newmark, *Approaches to translation*, p. 77.

também determinada pelas convenções culturais específicas no que diz respeito à legibilidade do texto.

d. Indicadores de pressuposição

A probabilidade de haver pressuposições em um texto pode ser calculada pela distância entre os receptores (do TF e do TA) e o contexto cultural do assunto, bem como a partir do nível de explicitação e de redundância. Além dessas possibilidades, existem poucos meios de se descobrir as pressuposições feitas no TF. Bastian²²¹ sustenta que o texto contém certos “elementos de cristalização” que podem indicar pressuposições. Já Helbig²²² afirma que esses elementos podem estar vinculados a estruturas sintáticas e lexicais, tais como gerúndio, infinitivo, construções passivas, verbos auxiliares modais ou valências de lexemas, conforme o exemplo que segue.

Exemplo 3.2.3/3

“João vai ser buscado na estação. Pedro é sempre pontual”. Como o verbo *buscar* requer dois atores, semanticamente especificáveis como agente e paciente, o leitor deduz automaticamente que *Pedro* refere-se à pessoa que irá buscar João na estação de trem. Se as duas frases devem constituir um texto, a existência do agente é pressuposta na primeira frase.²²³

As pressuposições podem ainda ser reveladas pelas dimensões intratextuais do assunto, conteúdo, sintaxe e características suprassegmentais. A negação deixada em um enunciado presumidamente irônico pode, por exemplo, ser sinalizada por uma entonação: “Que

²²¹ S. Bastian, *op. cit.*, p. 93.

²²² G. Helbig, „Zur Stellung und zu Problemen der Textlinguistik”.

²²³ *Idem*, p. 262.

esperteza a sua!”. Elementos não verbais, tais como fotos mostrando o maravilhoso apartamento com jardim, rodeado de arranha-céus, também podem ilustrar condições situacionais pressupostas.

A análise das dimensões extratextuais referentes ao emissor, receptor, tempo, lugar e motivo da comunicação também podem revelar informações pressupostas. Os tradutores competentes na cultura alvo são capazes de verificar a inteligibilidade da informação verbalizada partindo do ponto de vista do receptor do TA. Dessa maneira, qualquer lacuna ou excesso informativo quanto ao conhecimento prévio do público do TA, conforme descrito no encargo de tradução, pode ser localizado e, caso seja necessário, compensado.

e. Questionário

As perguntas abaixo podem servir para revelar as pressuposições textuais:

1. A qual modelo de realidade a informação se refere?
2. A referência à realidade é verbalizada explicitamente no texto?
3. Existem alusões implícitas a um determinado modelo de realidade?
4. O texto contém redundâncias supérfluas para o receptor do TA?
5. Quais informações pressupostas no TF devem ser verbalizadas para o receptor do TA?

3.2.4. Estruturação

a. Considerações gerais

O aspecto da estruturação textual é analisado em detalhes por Thiel.²²⁴ A autora sugere que a macroestrutura informacional do

²²⁴ G. Thiel, *op. cit.*, 1974b; G. Thiel, *op. cit.*, 1978; G. Thiel, *op. cit.*, 1980.

texto (isto é, a estrutura e ordem de unidades informacionais) consiste em um número de microestruturas. De acordo com Thiel, os segmentos textuais que formam a macroestrutura são marcados ou delimitados, primeiramente, pela continuidade ou descontinuidade dos tempos verbais.

A macro e a microestrutura textual constituem aspectos importantes para uma análise textual orientada a tradução devido a uma série de razões.

1. Se um texto é composto por diferentes segmentos textuais com condições situacionais distintas, esses segmentos podem exigir diferentes estratégias tradutórias, de acordo com suas diferentes funções.
2. O papel que o princípio e o fim do texto desempenham para sua compreensão e interpretação determina que esse aspecto deverá ser analisado detalhadamente, a fim de se descobrir o modo como orienta o processo de recepção e influencia o efeito do texto como um todo.
3. Para certos gêneros textuais, existem convenções culturais a respeito de suas macro e microestruturas. Por essa razão, a análise da estrutura textual pode revelar informações valiosas sobre o tipo de texto e, talvez, até sobre a função textual.
4. Em textos muito complexos ou incoerentes, a análise de microestruturas informacionais pode revelar a informação básica ou o assunto do texto.

b. Níveis textuais

Um TF pode ser parte de uma unidade de nível superior que poderíamos chamar de combinação textual. Assim, um conto ou um artigo científico podem estar incluídos numa antologia ou numa coleção, em que os outros textos atuam como ponto de referência, ou um romance pode ser escrito como parte de uma

trilogia ou tetralogia. Os diferentes textos podem estar relacionados ou ligados um a outro de várias maneiras.²²⁵ Na prática profissional, textos longos são, algumas vezes, traduzidos por partes, cada uma sob a responsabilidade de diferentes tradutores, conforme o exemplo abaixo:

Exemplo 3.2.4/1

A versão alemã do livro de linguística editado por André Martinet²²⁶ foi produzida por dois tradutores: os Capítulos 1 a 25 foram traduzidos por I. Rehbein, enquanto os Capítulos 26 a 51, por S. Stelzer. Cada um dos capítulos é um texto independente e, ao mesmo tempo, parte de uma unidade maior, cujas características devem ser levadas em consideração pelos dois tradutores.

A inclusão do texto em uma unidade de nível superior é normalmente marcada pelo título e/ou pelo contexto do título, que pode ser considerado um tipo de “hiper-oração” ou “enunciado metacomunicativo”.²²⁷

No nível mais alto, essa hiper-oração é frequentemente substituída pela informação sobre a situação comunicativa que o receptor infere a partir de pistas extratextuais. Entretanto, se a análise extratextual mostra que a situação do TA difere consideravelmente

²²⁵ Um bom exemplo da combinação de textos inter-relacionados é o *Panchatantra* sânscrito, ou *Cinco princípios da sabedoria*, a mais antiga coleção de fábulas indianas conhecida. O fio de sua narrativa principal é interrompido por várias histórias independentes, apresentadas com o argumento de que têm o propósito de ilustrar certa situação, ação ou um conflito ao dar como exemplo um evento similar (ver BEER, 1982, p. 405).

²²⁶ A. Martinet, *Linguistik*.

²²⁷ Ver E. Gülich, K. Heger, W. Raible, *Linguistische Textanalyse*, p. 82. Usando a fábula de James Thurber, *The lover and his lass*, demonstram como a informação implícita nas referências bibliográficas pode ser explicitada.

daquela do TF e que o receptor do TA não consegue extrair informações suficientes sobre a situação do TF, o tradutor pode se sentir obrigado a incluir uma espécie de hiper-oração em sua tradução, como é o caso do parágrafo introdutório de notícias (*lead*) no jornalismo.

Exemplo 3.2.4/2

Em jornais alemães, comentários extraídos de outros jornais são normalmente apresentados através de hiper-orações, como: “O discurso do presidente Reagan perante a ONU é criticado pelo *The Times* (Londres)” (*Süddeutsche Zeitung*, outubro 26/27, 1985). A forma dessas hiper-orações é culturalmente marcada e elas podem até mesmo ser elípticas. No *International Herald Tribune*, por exemplo, textos reproduzidos de outros jornais são impressos em uma coluna especial sob o título “Outros comentários” e assinados com o nome e o lugar de publicação do jornal utilizado como referência: por exemplo, “Asia-week (Hong Kong)”.

c. Macroestrutura

Orações metacomunicativas do tipo “A disse (para B)” também podem sinalizar o início de um texto subjacente a outro (Exemplo 3.1.0/1), separando-se assim os diferentes níveis de comunicação. Isso é particularmente importante na tradução porque, conforme mencionado anteriormente, cada nível de comunicação pode exigir uma análise situacional própria. Por essa razão, um dos aspectos cruciais na análise da macroestrutura é a questão de existir ou não textos subjacentes no TF.

Outras formas de intratextos incluem citações, notas de rodapé e exemplos, como os empregados neste livro. A tarefa principal do tradutor é determinar qual função os intratextos preenchem no hipertexto. Embora outros fatores extratextuais (público, lugar, meio,

tempo) possam ser os mesmos para o hipertexto e os intratextos, a função deve ser analisada separadamente.²²⁸

Exemplo 3.2.4/3

Citações, assim como outros textos, podem ter uma função informativa, expressiva, apelativa e fática. A função da citação é basicamente independente daquela do hipertexto, embora pareça haver certa correlação entre gênero e tipos de citações. Por exemplo, em textos científicos e técnicos encontramos mais citações informativas, cujo formato é quase padronizado (especialmente no que diz respeito a referências bibliográficas), enquanto textos de divulgação popular ou ensaios (literários) frequentemente contêm citações expressivas enfatizando a opinião do autor, citações que apelam à experiência pessoal do leitor ou citações cujo objetivo é impressionar o leitor — citar uma personalidade famosa, como Aristóteles ou Camões, pode causar esse efeito.

Notas de rodapé, inseridas em um texto alvo para oferecer informações de pano de fundo ou dar explicações adicionais, também podem ser consideradas intratextos. Como o efeito que um texto com notas de rodapé exerce sobre o leitor é diferente daquele do texto sem notas, o tradutor deve ter cuidado ao considerar se outros procedimentos (traduções explicativas ou substituições, por exemplo) são mais apropriados ao gênero e função do texto alvo do que as notas.

A relação entre os intratextos e o hipertexto pode ser comparada com aquela entre um título e o texto ao qual pertence (“cotexto”).²²⁹

²²⁸ Ver o estudo sobre a tradução de citações em Christiane Nord, „Neue Federn am fremden Hut. Der Umgang mit Zitaten beim Übersetzen“ e Christiane Nord, *op. cit.*, 1990b.

²²⁹ Ver em Christiane Nord, *op. cit.*, 1988b e Christiane Nord, *Einführung in das funktionale Übersetzen. Am Beispiel von Titeln und Überschriften*.

Um título é um metatexto que nos diz algo sobre o cotexto em questão e que pode, igualmente, preencher várias outras funções comunicativas.

Exemplo 3.2.4/4

O título do capítulo XVIII de *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, não apenas informa o leitor sobre o conteúdo do capítulo, como também recomenda o texto para este leitor: *Capítulo XVIII — Donde se cuentan las razones que pasó Sancho Panza con su señor Don Quijote, con otras aventuras dignas de ser contadas.*

Inclusões que contêm comentários sobre o próprio texto (por exemplo: *por assim dizer* ou *conforme mencionado anteriormente* ou *em resumo*) também podem ser consideradas enunciados metacomunicativos que exercem uma função (fática) de sinalização para o receptor, representando a orientação (extratextual) ao público através de elementos intratextuais.²³⁰

Dentro do próprio texto, a macroestrutura é definida a partir de um ponto de vista semântico. Delimitações hierárquicas de seções textuais (como capítulo, segmentos, parágrafo, período composto por subordinação, orações simples etc.)²³¹ fornecem apenas uma orientação superficial. Desde a época da retórica clássica, considera-se que o começo e o fim do texto exercem particular importância na interpretação do texto todo,²³² portanto, devem ser analisados separadamente. Conforme se demonstra no Exemplo 3.2.4/5 e no Texto Amostra 2 (Capítulo 5.2), a análise detalhada

²³⁰ Christiane Nord, „Das hinkende Beispiel und andere Merkwürdigkeiten. Metakommunikation in deutschen, spanischen und französischen Lehrbuchtexten“.

²³¹ G. Graustein; W. Thiele, *op. cit.*, p. 5.

²³² K. Berger, *Exegese des Neuen Testaments.*

do(s) primeiro(s) parágrafo(s) de um texto relativamente longo pode fornecer orientações para a análise de todo o texto, caso o significado das características previstas no início do texto possam ser confirmadas posteriormente.

O começo e o fim do texto podem ser marcados por certas características verbais e não verbais que, em alguns gêneros, são convencionalizadas, como é o caso da moral no final de uma fábula ou a expressão “era uma vez” no começo de um conto de fadas. Já o final tende a ser menos frequentemente marcado do que o início (A palavra *Fim* ao término de um filme, por exemplo, é provavelmente um eco de quando o final de um texto era, convencionalmente, marcado pelo termo *finis*.) O final iminente de um texto pode ser marcado também pela mudança para um nível superior de comunicação, por exemplo, uma recapitulação metacomunicativa tal como “concluindo, permitam-me reafirmar...”. Assim, na fábula *The lover and his lass*, por exemplo, a moral (“ria e o mundo rirá com você, ame e você amará sozinho”) estabelece uma comunicação direta entre emissor e receptor.

O exemplo da fábula mostra que certas características da estruturação textual são específicas ao gênero. Certos tipos de texto são caracterizados por uma macroestrutura e também por marcadores estruturais específicos, bem como meios específicos de conjunção entre as partes do texto. Outro exemplo é a carta, com seus segmentos textuais padronizados: data, endereço, saudação, mensagem e encerramento. Em uma tradução-instrumento, o tradutor deve observar o padrão da cultura alvo para o tipo de texto em questão.

d. Microestrutura

Tanto nas macro quanto nas microestruturas é preciso distinguir estruturas funcionais de estruturas semânticas e formais. Se a metacomunicação é o nível mais elevado do texto e o segundo é constituído pelas unidades macroestruturais, tais como capítulos e parágrafos

(estrutura formal) ou começo e fim (estrutura funcional), o terceiro nível será o das orações simples e complexas (estrutura formal). De um ponto de vista semântico ou funcional, é possível distinguir unidades informacionais, enunciados, fases do curso de ação ou enredo ou relações lógicas, como a causalidade, finalidade, especificação etc. O quarto nível será o das partes da oração e suas relações, tais como estruturas tema-remata (ETR).

Em textos escritos, uma “oração” é a unidade entre dois pontos-finais (ou pontos de exclamação, interrogação etc.). Em textos orais, a “oração” é delimitada por mecanismos de entonação, tais como tom ou pausas prolongadas. Em qualquer dos casos, a integralidade gramatical não é vista como critério. Apesar das possíveis reservas em relação a essa definição, a divisão do texto em orações pode favorecer uma primeira aproximação à microestrutura textual. Além disso, essa divisão conduz à análise das estruturas sintáticas. Em uma segunda fase, é preciso analisar se a divisão formal em orações corresponde à divisão semântica em unidades informacionais.²³³ Períodos compostos por subordinação normalmente devem ser subdivididos em frases.

Em textos narrativos, por exemplo, as unidades informacionais podem coincidir com as fases do curso da ação. Uma das características intratextuais da estruturação é, nessa conexão, a ordem dos tempos verbais empregados no texto. Stempel²³⁴ fala da “diacronia”

²³³ Em razão de a divisão formal em orações ser culturalmente específica — e, portanto, não apropriada para comparações interculturais —, Vermeer (1970) recomenda uma divisão em “partes textuais”, que permita a inclusão de frases que estejam incompletas ou mal-formadas. “Partes textuais” são elementos funcionais que abarcam orações e unidades gramaticais, cuja extensão não é formalmente definida. Essas “partes textuais” de Vermeer parecem corresponder amplamente ao que nós chamamos de “unidades informacionais”.

²³⁴ W.-D. Stempel, „Möglichkeiten einer Darstellung der Diachronie in narrative Texten“, p. 65.

do texto narrativo e desenvolve seu “perfil diacrônico”. A mudança da ordem cronológica das unidades da narrativa produz suspense, enquanto uma narração estritamente cronológica caracteriza-se por um fluxo regular de informações.

Exemplo 3.2.4/5

No primeiro parágrafo do conto *La isla* (1961), do poeta, ensaísta e novelista espanhol Juan Goytisolo, observa-se como o autor usa o instrumento da estruturação a fim de produzir suspense, apesar da ordem cronológica das unidades informacionais. Na seguinte tradução em português do primeiro parágrafo, estão indicados entre parênteses as informações que os leitores obtêm e as que inferem. Os pontos de exclamação na última frase indicam as respostas às perguntas levantadas durante o processo de recepção do texto.

“Quando aterrissamos (narrador pessoal, aeroporto?, onde?), a paisagem (interior do país, onde?) estava inundada pelo sol (verão?, sul?). Tínhamos deixado para trás o céu cinzento e poeirento (negativo, contraste?) de Madri (não é verão, mas é sul, sul da Espanha?), e quando eu (narrador em primeira pessoa) desci da aeronave (aeroporto!) coloquei meus óculos escuros (muito sol, sem sombra). Um homem com um boné branco (clima ensolarado, Mediterrâneo?) veio me oferecer amendoins, amêndoas e avelãs (Mediterrâneo!). Lembrei dos meus passeios (memórias de uma estadia anterior no lugar?) com Rafael (amigo?, amante?, marido? — o narrador é mulher?) por Gibral Faro (sul da Espanha, Málaga?) e comprei um saquinho. A comissária nos levou por uma pérgola cheia de trepadeiras (aeroporto pequeno, Málaga?). No terraço vi um grupo de estrangeiros (narrador/a não é estrangeiro/a!) e fui para a sala de espera. Lentamente me acostumei ao sotaque familiar (memórias de casa?, da infância?, narrador/a é nativo/a!) dos funcionários do aeroporto e, quando ouvi um carregador gritando — sua voz áspera, meio embriagada, mas ainda suave e quase doce (sentimentos de carinho) —, senti meu coração bater mais rápido (alegria? sentimento de estar em casa?) e, com uma precisão que surpreendeu a mim mesma (narradora!),

me dei conta — e este conhecimento fez com que me sentisse feliz (!) — de que estava de volta em Málaga (!).”

Essa técnica narrativa ilustra a experiência do narrador (narradora, de fato, ver Exemplo 3.2.6/2), que está lentamente começando a se sentir em casa novamente após uma longa ausência, sem explicitar isso verbalmente.

Uma estruturação que segue um curso de ação representa uma estrutura análoga a objetos e situações do mundo real (na retórica antiga: *ordo naturalis*). Essa estrutura não é característica específica da linguagem, portanto, não traz problemas insolúveis para o tradutor, pelo menos quando não existe distância considerável entre cultura fonte e cultura alvo. Isso se aplica, também, a diálogos que podem ser considerados uma sequência cronológica de vários monólogos.²³⁵

Estruturações que não seguem essa *ordo naturalis* são determinadas — nos níveis macro e microestrutural — por normas culturais, utilizando-se mecanismos de ligação específicos (tais como renominalizações, conjunções adversativas etc.) ou elementos de métrica, rima, aliteração e outras figuras sonoras que possam auxiliar a estruturar o texto.

Em línguas com aspectos verbais (caso do espanhol, por exemplo), os textos podem ser estruturados por meio da chamada *mise en relief*, ou “colocação em relevo”. As ações perfectivas e pontuais são salientadas no primeiro plano pelo uso de tempos perfectivos, em contraste com as ações imperfectivas, durativas ou iterativas, processos ou condições do segundo plano que são descritos nos tempos imperfeitos. Em outras línguas, como o alemão, é possível alcançar um relevo de primeiro e segundo plano através da distribuição das informações em orações subordinadas ou principais (ver Texto Amostra 2, Capítulo 5.2.4c). Através desses recursos,

²³⁵ E. Gülich, K. Heger, W. Raible, *op. cit.*, 1979, p. 31.

certas informações têm mais ênfase do que outras, o que também pode contribuir para a estruturação do texto.

e. Organização temática de orações e frases

A divisão semântica e formal de orações ou unidades informacionais em tema e rema (ETR), pertencente à microestrutura textual, é independente das estruturas sintáticas, embora seja frequentemente combinada com certas características da sintaxe. Ligando as unidades informacionais pelo mecanismo de progressão temática, o escritor consegue produzir uma determinada macroestrutura. Assim, a ETR é uma característica que combina os níveis micro e macroestruturais.

No entanto, este não é o lugar para discutirmos todos os aspectos problemáticos da ETR.²³⁶ Para a análise textual orientada à tradução, podemos limitar-nos aos aspectos da ETR ligados ao contexto. Desta perspectiva, o tema refere-se à parte da informação presente na frase ou oração que pode ser inferida a partir do contexto (verbal ou não verbal), isto é, a informação dada. Já o rema é a parte da informação não inferível, isto é, a informação nova. Sem consideração de sua função gramatical como sujeito ou predicado ou de sua posição no início ou fim da oração, o tema refere-se à informação armazenada no que Brown e Yule²³⁷ chamam de “reservatório de pressuposições” dos participantes. Esses reservatórios contêm as informações obtidas a partir dos conhecimentos gerais, do contexto situacional e da parte completada do próprio discurso. Cada participante possui um reservatório de pressuposições, que aumenta à medida que o discurso prossegue.²³⁸

²³⁶ G. Brown, G. Yule, *Discourse Analysis*, p. 126, entre outros.

²³⁷ *Idem*, p. 79.

²³⁸ *Idem*, pp. 79-80.

De acordo com a distribuição das informações dadas e novas em um texto, é preciso distinguir as diferentes formas de progressão temática²³⁹ que caracterizam a estrutura argumentativa do texto. Não pode haver dúvida de que a dinâmica comunicativa de um texto com uma progressão temática linear, em que o rema de uma oração constitui o tema da próxima, é completamente diferente daquela de um texto que tem um tema contínuo com diversos remas.

A ETR deve ser considerada um universal semântico percebido de maneiras diferentes em cada língua. Entretanto, estruturas de foco ou de ênfase (como as estruturas de “clefting” ou a perspectiva funcional da oração em inglês) são correlatos específicos de uma língua com a ETR nos níveis sintático e fonológico. A importância desse mecanismo de estruturação é ilustrado no Texto Amostra 2 (Capítulo 5.2).

f. Marcadores da estruturação textual

A macroestrutura do texto é, antes de qualquer coisa, sinalizada por mecanismos formais utilizados para demarcar as fronteiras de segmentos tanto em discursos orais quanto escritos, segmentos estes que constituem unidades maiores, como capítulos ou parágrafos em textos escritos e “para-tons”²⁴⁰ em textos orais, ou seja, mecanismos que sinalizam um novo parágrafo por meio de um tom de voz mais alto para demarcar a mudança temática, por exemplo. Os capítulos são marcados por títulos ou numerais, os parágrafos por adentramento e os para-tons pela entonação, pausas de mais de um segundo etc. Esses marcadores não verbais são frequentemente combinados com marcadores lexicais, tais como expressões adverbiais no início (por exemplo, *primeiro* — *então* — *finalmente*) ou em posição focal (por exemplo, *por um lado* — *por outro lado*). Em tipos textuais que

²³⁹ F. Daneš, „Zur linguistischen Analyse der Textstruktur“, p. 188.

²⁴⁰ G. Brown, G. Yule, *op. cit.*, p. 100.

possuem uma *ordo naturalis* convencional (como é o caso de relatórios), a estruturação é marcada de acordo com o assunto e o conteúdo.

As microestruturas são marcadas por meio de estruturas sintáticas (orações principais e subordinadas, tempos verbais, inclusões) ou mecanismos lexicais (por exemplo, catáforas) e características suprasegmentais (estruturas de ênfase, pontuação, etc.).

g. Questionário

Para descobrir as principais características da estruturação textual, as seguintes perguntas podem ser consideradas:

1. O TF é um texto independente ou subjacente a uma unidade maior de um nível superior?
2. A macroestrutura do texto é marcada por sinais óticos ou outros?
3. Existe uma estrutura convencional para esse gênero?
4. Qual forma de progressão temática é realizada no texto?

3.2.5. Elementos não verbais

a. Considerações gerais

Signos oriundos de outros códigos não linguísticos, empregados para suplementar, ilustrar, desambiguar ou intensificar a mensagem do texto, são chamados de “elementos não verbais”, que é um conceito funcional, e, insistimos, exercem um papel complementar na comunicação verbal. O termo, de acordo com nossa abordagem funcional, engloba os elementos paralinguísticos da comunicação face a face (por exemplo, expressões faciais, gestos, qualidade da voz etc.) bem como os elementos não linguísticos pertencentes ao texto escrito (por exemplo, fotos, ilustrações, logos, fontes especiais de impressão etc.). Entretanto, as características de entonação, pausas etc. e os mecanismos gráficos

que realizam funções análogas na comunicação escrita (por exemplo, pontuação, uso de maiúsculas, itálicos etc.) são classificados como “características suprasegmentais”.

Exemplo 3.2.5/1

INTRANSMISSÍVEL / NOT TRANSFERABLE

**Encontramo-nos
à chegada.**

Seja qual for o seu destino, estamos lá para o receber. Oferecendo-lhe a nossa habitual assistência, 24 horas por dia, e os serviços das Agências American Express, em todo o mundo.

E, quando chegar, tem sempre a garantia de encontrar um dos milhões de estabelecimentos onde pode utilizar o seu Cartão American Express e beneficiar de todas as suas vantagens.

Desejamos-lhe uma óptima viagem... e ficamos à sua espera.

***We'll meet
you on arrival.***

No matter what your destination is, we will be there to greet you.

We provide 24 hour customer service by telephone and the support of our American Express Offices, all over the world.

When you arrive, you will always find at least one of the millions of establishments where your American Express Card is welcome. Use it and enjoy all the benefits.

We wish you a wonderful trip... we'll be waiting for you.

 Cards

Não saia de casa sem ele. 

 Banco Comercial Português

 Atlântico

Fonte: *Atlantis*, Revista da TAP, Air Portugal, n. 2, 1998.

Os elementos não verbais são particularmente orientados ao público. Por essa razão, é surpreendente que, de todos os autores que falam da análise de textos voltada à tradução, somente Thiel²⁴¹ sublinhe a importância dos elementos textuais não verbais, especialmente dos marcadores formais de estruturação textual. Isso talvez se deva, pelo menos em parte, ao fato de outros autores terem um conceito mais fechado de texto, que não inclui os elementos não verbais.

b. Formas e funções dos elementos não verbais

É importante distinguir os elementos não verbais que acompanham o texto (por exemplo, layout, gestos) daqueles que complementam o texto (por exemplo, tabelas, gráficos) e também daqueles que constituem uma parte textual independente (por exemplo, figuras de quadradinhos) ou que substituem certos elementos textuais (por exemplo, o [*] que substitui palavras consideradas tabu).

Na comunicação face a face é comum empregar gestos faciais e corporais (por exemplo, piscar o olho ou encolher os ombros). Leonhard²⁴² estabelece uma distinção entre gestos realizados de forma mais ou menos involuntária pelos falantes para expressar seus sentimentos e gestos realizados intencionalmente e com um significado específico. Enquanto os involuntários constituem um fenômeno universal que, com exceção de diferenças de temperamento e convenções culturais, são comuns entre pessoas mundo afora, os gestos intencionais são signos pertencentes a códigos culturais. Portanto, pode ser necessário verbalizar certos gestos realizados pelo falante, se houver risco de mal-entendidos, em uma situação de interpretação. Os receptores percebem somente os gestos do falante

²⁴¹ G. Thiel, *op. cit.*, 1978a; G. Thiel, *op. cit.*, 1978b; G. Thiel, *op. cit.*, 1980.

²⁴² K. Leonhard, *Der menschliche Ausdruck in Mimik, Gestik und Phonik*, p. 42.

do TF e, geralmente, não notam o intérprete na cabine “traduzindo” os gestos do orador no código da cultura alvo.

A interação entre elementos textuais verbais e não verbais é também particularmente importante no palco. Bassnett-McGuire²⁴³ comenta que certas peças teatrais, nas quais a palavra é subordinada aos gestos e movimentos (ela cita os casos de Feydeau, Goldoni, Noel Coward e do teatro do absurdo), são menos problemáticas na tradução do que peças nas quais haja uma tensão cuidadosamente equilibrada entre palavras e gestos. Essa tensão deve ser considerada uma característica intencional do texto que o tradutor pode ter que reproduzir no TA (se for exigido pelo *skopos*).

No discurso oral existem situações nas quais o ouvinte não perceberia expressões de mímica ou gestos do falante em razão da distância espacial entre eles (por exemplo, um discurso eleitoral em uma praça). Existem também tipos de textos ou funções em que o uso de sinais verbais e não verbais é convencionalmente proibido. Nesses casos, os elementos não verbais são cada vez mais substituídos por sinais linguísticos suprasegmentais, tais como a intensidade, a entonação ou a redução do ritmo da fala, que podem, inclusive, se desenvolver em características específicas de gênero, como nos sermões religiosos.

Na comunicação escrita, mímicas ou gestos não podem ser utilizados, mas a contextualidade pragmática reduzida de textos escritos deve, é claro, ser compensada. Isso se alcança em parte com a seleção de elementos verbais específicos, especialmente aqueles que representem características suprasegmentais na escrita (por exemplo, dois pontos, travessão, negrito) e também por meios não verbais adicionais, tais como imagens (uma foto do autor, uma caricatura ilustrando o assunto, um desenho mostrando como se deve

²⁴³ S. Bassnett-McGuire, “Translating spatial poetry: an examination of theatre texts in performance”, p. 165.

manusear o cabo de uma ferramenta). Às vezes, os elementos não verbais transmitem informações até mais relevantes para o leitor do que a própria mensagem transmitida no texto. As letras miúdas no rótulo de uma garrafa de vinho podem, em si, não ser de grande interesse para o consumidor, mas para o enólogo elas dizem muito mais sobre a qualidade da bebida do que a própria marca.

A variedade de elementos não verbais utilizados na literatura vai dos antigos acrósticos aos recursos tipográficos encontrados em poemas de Klopstock e Stefan George, Apollinaire ou E. E. Cummings. Porém, não é só na literatura que esses elementos podem ser empregados. A fonte gótica utilizada no título e nos cabeçalhos do diário alemão *Frankfurter Allgemeine Zeitung* não só aponta para certa atitude tradicionalista como fornece informações sobre as bases filosóficas e ideológicas do jornal.

Exemplo 3.2.5/2



Frankfurter Allgemeine
FAZ.NET

Certos elementos não verbais podem pertencer ainda às convenções de certos tipos textuais, tais como as linhas reduzidas de textos poéticos tradicionais ou as letras pequenas das condições exigidas de um contrato. Os espaços atipicamente amplos entre os parágrafos no Texto Amostra 1 (Capítulo 5.1), por exemplo, são in-comuns em textos científicos e sugerem um texto literário.

É claro que nem sempre o autor ou o emissor, com suas intenções comunicativas específicas, são os responsáveis pela disposição e o formato do texto. Independente de quem toma a decisão final da organização textual, o efeito que esses elementos produzem

no receptor permanece o mesmo. Se o *skopos* da tradução requer “equivalência de efeito”, o tradutor deve, então, considerar todos os tipos de elementos não verbais.

Ilustrações, diagramas, desenhos de certas operações etc. são complementos convencionalizados e podem até mesmo constituir parte integral de manuais de instruções, por exemplo. Em alguns casos, pode até ser necessário que o tradutor execute as instruções ele mesmo, a fim de verificar a coerência dos elementos verbais e não verbais e a funcionalidade do texto.²⁴⁴

A análise dos elementos textuais não verbais geralmente revela informações sobre aspectos da estruturação textual (por exemplo, marcadores de parágrafos), pressuposições (por exemplo, marcas de omissão), léxico (por exemplo, expressões faciais que sugerem um significado irônico) e características suprasegmentais (por exemplo, linhas reduzidas em um poema). Dentre os fatores extra-textuais, a intenção do emissor e a função do texto são muitas vezes caracterizados pelos elementos não verbais.

c. A importância de elementos não verbais na tradução

Os elementos não verbais são, a exemplo dos verbais, culturalmente marcados. Dentro do contexto de uma análise do TF orientada à tradução, o tradutor deve descobrir quais elementos não verbais do TF podem ser preservados na tradução e quais devem ser adaptados às normas e convenções da cultura alvo. Um logo ou um nome em particular, empregado com expectativa de conotação positiva na cultura fonte, pode estar associado a valores negativos na cultura alvo; do mesmo modo, as convenções da cultura alvo podem não permitir a representação gráfica de certas informações, suas normas podem exigir

²⁴⁴ G. Saile, em „Wie montiert man einen Fleischwolf? Linguistische Analyse einer Anleitung“, compara diferentes versões de instruções de montagem em alemão, inglês e francês.

representações não verbais ao invés de verbais etc. O que se espera dos elementos textuais linguísticos (isto é, que eles devem ser “traduzidos”) nem sempre se pode esperar dos elementos não verbais, pois os iniciadores frequentemente não estão dispostos a se comprometer com despesas extras envolvidas na adaptação de materiais não verbais.

Não é difícil identificar os elementos não verbais do TE, visto que são relativamente óbvios e usualmente previsíveis em certos tipos textuais ou meios. Mas é importante analisar, em cada caso, a função desses elementos. Aspas, por exemplo, podem marcar um significado irônico (quando representam uma característica suprasegmental ou uma determinada entonação), apontar um neologismo introduzido *ad hoc* e explicado no texto ou ainda fazer referência ao enunciado dito por outra pessoa. No último caso, o produtor textual pode, por exemplo, desejar expressar uma pausa que teria sido marcada por uma piscada de olhos na oralidade.

d. Questionário

As seguintes perguntas podem levar a interpretações funcionais de elementos não verbais.

1. Quais elementos não verbais estão inclusos no texto?
2. Que função eles exercem em relação aos enunciados verbais do texto?
3. Eles são convencionalmente vinculados a um gênero?
4. Eles são determinados pelo meio?
5. Eles são ligados, especificamente, à cultura fonte?

3.2.6. *Léxico*

a. Considerações gerais

As características do léxico desempenham um papel importante em todas as abordagens de análise textual orientadas à

tradução, sendo que os autores geralmente enfatizam a importância de aspectos semânticos, estilísticos e formais. Com base em um conceito semiótico de sintaxe, Thiel²⁴⁵ e Wilss²⁴⁶ enfatizam a inter-relação entre léxico e estruturas sintáticas, enquanto outros autores discutem muitos exemplos isolados relacionados a aspectos específicos do léxico, tais como a afiliação de uma palavra a níveis estilísticos e registros,²⁴⁷ formação de palavras²⁴⁸ ou certas figuras retóricas, como as metáforas e a repetição de elementos lexicais.²⁴⁹

A escolha do léxico é determinada conjuntamente pelos fatores internos e pelos externos, revelando-se, portanto, informações não apenas sobre os fatores extratextuais, mas também sobre outros aspectos intratextuais. As características semânticas e estilísticas do léxico (tais como conotações, campos semânticos, registro), por exemplo, podem apontar para dimensões de conteúdo, assunto e pressuposições, enquanto as características formais e gramaticais (tais como partes da oração, função de palavras, morfologia) indicam estruturas sintáticas e características suprasegmentais previsíveis.

b. Determinantes intratextuais do léxico

A seleção dos itens lexicais é determinada, em grande parte, pelas dimensões de assunto e conteúdo. Dependendo do assunto, certos campos semânticos serão representados por mais itens do que outros, e a conexão textual de palavras-chave constituirá cadeias isotópicas

²⁴⁵ G. Thiel, *op. cit.*, 1974a; G. Thiel, *op. cit.*, 1978b.

²⁴⁶ W. Wilss, *op. cit.*, 1980a.

²⁴⁷ G. Thiel, *op. cit.*, 1974b; G. Thiel, *op. cit.*, 1978a; K. Reiss, *op. cit.*, 1974a; K. Reiss, *op. cit.*, 1984; W. Koller, *op. cit.*, 1979.

²⁴⁸ W. Wilss, *op. cit.*, 1977; G. Thiel, *op. cit.*, 1978a; G. Thiel, *op. cit.*, 1978b.

²⁴⁹ W. Wilss, *op. cit.*, 1977; G. Thiel, *op. cit.*, 1978b.

por todo o texto. Fröland,²⁵⁰ referindo-se a um conto do escritor alemão Günter Grass que analisara para uma tradução, fala de “palavras temáticas” contendo pistas camufladas para revelar o verdadeiro tema do texto. Em obras literárias, tais pistas são frequentemente empregadas de forma indireta, como em nomes próprios (Exemplo 3.2.3/2), e especialmente em nomes descritivos ou aptônimos (por exemplo, Soledade, no livro *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida).

Nesse contexto, os aspectos morfológicos (sufixos, prefixos, palavras compostas, acrônimos etc.), colocações, expressões idiomáticas, uso figurativo (metáforas e metonímias) etc. devem ser analisados do ponto de vista da semântica textual. Análises componenciais,²⁵¹ investigações etimológicas e estudos comparativos lexicológicos também podem ajudar quando o significado de certas palavras, especialmente neologismos, não é claro.

c. Determinantes extratextuais do léxico

O campo lexical, por outro lado, ilustra particularmente bem a interdependência de fatores extra e intratextuais (ver Figura 7). Em qualquer texto, as características estilísticas significativas do léxico refletem claramente os fatores extratextuais da situação na qual o texto é utilizado, incluindo os participantes que o fazem para fins comunicativos.²⁵² Os fatores extratextuais não só conferem um critério de referência para a seleção de palavras como são também muitas vezes — direta ou indiretamente — mencionados no texto, razão pela qual vamos analisar os fatores extratextuais um a um, a fim de explicar o seu impacto sobre a escolha de itens lexicais.

²⁵⁰ R. Fröland, „Einige Gesichtspunkte zur Übersetzungsproblematik anhand von fünf Übersetzungen von Günter Grass’ ‘Aus dem Tagebuch einer Schnecke’“, p. 275.

²⁵¹ P. Newmark, *op. cit.*, 1981, p. 30.

²⁵² D. Crystal, D. Davy, *op. cit.*, p. 81.

A primeira pergunta que se deve fazer é se as expectativas oriundas das informações externas e das pistas concernentes às características gerais do emissor (tempo, origem social e geográfica, educação, *status* etc.) ou sua posição particular em relação ao texto analisado (por exemplo, papel comunicativo) são ou não comprovadas pelo texto. Isso se aplica também a qualquer emissor interno que possa ter sido mencionado ou pressuposto no texto, por exemplo, em citações ou textos ficcionais. Se a análise confirmar essas expectativas, presume-se que as características não sejam intencionais, caso contrário, parece provável que, ao frustrar as expectativas do receptor, o emissor deseja produzir um determinado efeito. Se há pouca ou nenhuma informação externa sobre o emissor, a análise dos aspectos pragmáticos do léxico pode fornecer algumas pistas a seu respeito.

A segunda questão é se o autor é mencionado no texto como sendo o emissor. Nesse caso, o uso da primeira pessoa e de expressões como *no meu ponto de vista*, em contraste com a opinião de outras pessoas, dá aos leitores a impressão de que o emissor se dirige a eles diretamente. Em textos não ficcionais, presume-se que a primeira pessoa se refira, de fato, ao autor. Para alguns tipos de textos, existem convenções sobre se os autores devem se referir a si mesmos através da primeira pessoa do plural ou da terceira pessoa do singular, por exemplo, como no caso de teses e dissertações (*El autor*, no Texto Amostra 1, Capítulo 5.1.3) ou textos científicos.

Exemplo. 3.2.6/1

Em textos de língua inglesa, *the author* pode se referir a um homem ou a uma mulher. Na língua alemã ou na portuguesa, o tradutor deve usar a forma marcada *Verfasserin* ou *autora*, se o autor for uma mulher. Isso pode ser difícil de decidir

em casos em que existe uma grande distância cultural. Recentemente, lemos uma crítica (escrita em inglês), publicada em um jornal chinês, na qual o autor se referia a Christiane Nord usando o pronome masculino.

Em textos ficcionais, presume-se que haja um “narrador implícito” que não é idêntico ao autor.

Exemplo 3.2.6/2

No romance (curto) *La isla*, de Juan Goytisolo (ver Exemplo 3.2.4/5), o leitor é confrontado com um narrador que se expressa na primeira pessoa do singular. As convenções parecem levar o leitor a supor que um autor masculino “normalmente” cria narradores homens (embora, no caso de uma autora do sexo feminino, isso não seja igualmente “normal”). Não existem no texto pistas sobre o sexo do locutor até quase o final do primeiro parágrafo, quando a expressão “eu mesma” sinaliza ao leitor que o narrador é mulher. Já em uma tradução para o alemão ou para o inglês, não haveria possibilidade de se apresentar um gênero marcado (*eu mesmo/mesma = ich selbst, I myself*). Felizmente, o locutor é abordado como *misis* [sic] por um motorista de táxi no parágrafo seguinte, de modo que os leitores alemães e ingleses também podem detectar a informação necessária.

No que diz respeito ao impacto da intenção do emissor sobre o léxico, é preciso questionar se e como a intenção se reflete na seleção de palavras ou, caso não haja informação externa, qual intenção se pode deduzir do uso das palavras no texto. Nesse contexto, é o aspecto pragmático da intencionalidade, no sentido de “interesse concreto” que determinou a produção textual, que deve ser analisado.

A intencionalidade é, portanto, reflexo das características lexicais que não se originam em condições situacionais específicas ou em normas e convenções, e das características que sinalizam uma “violação” intencional de quaisquer normas e/ou convenções

válidas tanto para o gênero em questão como para as condições de meio, lugar, tempo e motivo da comunicação — que, por sua vez, caracterizam a situação do texto. Isso significa que uma característica lexical pode ser presumida como intencional se o tradutor tiver de analisar o interesse e o propósito que induziram o autor a utilizar uma determinada expressão, figura ou palavra.

Exemplo 3.2.6/3

A linguagem pode ser usada, por exemplo, para camuflar o significado real de um evento, por exemplo, quando se diz que uma aeronave não colidiu, mas teve um *contato descontrolado com o chão*; que porteiros são *técnicos do meio ambiente*; que foi um *infortúnio diagnosticado de alta magnitude* que causou a morte de um paciente em um hospital, não um erro médico, e que o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, não estava realmente inconsciente enquanto passava por uma cirurgia de pequeno porte, mas sim em *estado de não tomar decisões*, como dizia um jornal americano.

A fim de se descobrir a intenção do emissor, parece apropriado analisar o “grau de originalidade” do léxico utilizado no texto, prática comum com respeito às comparações e às metáforas. Newmark,²⁵³ por exemplo, distingue quatro tipos de metáforas: fossilizada, armazenada, recentemente criada e original. Isso também pode ser aplicado a outras figuras de linguagem, tais como a adoção de palavras de outras áreas lexicais (por exemplo, linguagem para fins específicos em um texto comum), de outros registros (por exemplo, gírias em um texto formal) ou de dialetos regionais e sociais, além do uso metonímico de palavras (por exemplo, *o Pentágono*, para se fazer referência ao Ministério da Defesa dos Estados Unidos). Em

²⁵³ P. Newmark, *op. cit.*, 1981, p. 32.

todos esses casos, o tradutor deve verificar se a escolha de palavras é comum — ou pelo menos padronizada para certos tipos de textos — ou se essas escolhas podem ser consideradas originais ou até mesmo extravagantes.

A análise de vários itens lexicais pode demonstrar, muitas vezes, que certa marca estilística é característica do texto inteiro. Se o *skopos* da tradução exige a preservação dessas características, qualquer decisão tradutória pessoal (no campo do léxico e também do conteúdo, da estruturação, da sintaxe etc.) deve estar também subordinada a esse propósito. O tradutor deve, portanto, definir suas estratégias tradutórias com isso em mente, buscando recursos estilísticos para alcançar tal propósito na língua e na cultura alvo, em vez de traduzir metáfora por metáfora ou comparação por comparação.

O tradutor deve ainda avaliar as implicações estilísticas da “intencionalidade semântica” do autor.²⁵⁴ Essa intencionalidade refere-se às razões que induziram o autor a selecionar uma determinada informação dentre a quantidade infinita de informações possíveis para o texto e também ao efeito que essa escolha exerce sobre o público. Isso pode ser bastante importante em textos ficcionais, visto ser presumível que o número de detalhes informativos que o autor pôde escolher foi limitado somente pelas condições situacionais. A decisão de utilizar um detalhe e não outro é uma dica importante para a intenção (estilística, literária) do autor (ver a disposição dos detalhes informacionais como em um mosaico no Exemplo 3.2.4/5).

O texto pode, assim, não só conter dicas implícitas sobre a intenção do emissor como também expressões ou clichês explícitos, através dos quais a intenção do emissor é comunicada.

²⁵⁴ S. J. Schmidt, „‘Text’ und ‘Geschichte’ als Fundierungskategorien“, p. 41.

Exemplo 3.2.6 /4

- a) No que segue, *busco transpor* tais oposições rígidas e sua estrutura hierárquica para uma configuração “suave” da relação entre ambas. No entanto, *isso significa, para mim, lançar* outra luz sobre as posições que ocupam tanto arte e ciência, quanto representação e registro, *não fazendo* uma separação entre ambas, mas impelindo-as numa inversão. (Gabriele Brandstetter, em *Cadernos de Tradução XXX*, 2012, p. 21; ênfase C.N.)
- b) É sempre com prazer que escrevo sobre os destinos que a TAP Air Portugal serve. É igualmente com grande prazer que *vou assinalando* na *Atlantis* as transformações que a empresa vai sofrendo [...]. (Manuel Ferreira Lima, Presidente do Conselho de Administração, no editorial da revista *Atlantis*, março/abril 1998; ênfase C.N.)
- c) *O objetivo deste breve prefácio é* oferecer informações de apoio quanto à literatura de cordel, ao cangaço e ao projeto de tradução em si. (*Cordel bilingue*, Universidade de Viena 2013; ênfase C.N.)

Um texto orientado ao público revela-se, principalmente, através das escolhas lexicais: emprego de palavras de registros específicos, dialetos e estilos²⁵⁵ que não são determinados pelo emissor²⁵⁵ ou pela inserção de explicações, como se observa no Exemplo 3.2.6/5.

Exemplo 3.2.6/5

Descobrimo a floresta

Nossa viagem começa em Manaus, a capital do Estado do Amazonas. Em plena Floresta Amazônica, a cidade fica às margens do lendário Amazonas, o maior

²⁵⁵ H. Bühler, “General theory of terminology and translation studies”, p. 429; W. Wilss, *op. cit.*, 1977, p. 637.

rio do planeta. Sozinho, ele fertiliza uma área que corresponde a mais da metade da Europa. O primeiro passeio é uma caminhada pela Floresta Amazônica, a maior área verde do mundo, onde se encontra a maior variedade de espécies de plantas e animais. Agora que estamos na trilha, olhe para cima. As árvores encobrem quase todo o céu; não é para menos, elas alcançam de 30 a 60 metros de altura! Não dá para ver o sol, mas veja quantos macaquinhos pulando de galho em galho [...].²⁵⁶

Conforme o exemplo, o receptor também pode ser mencionado no texto ou, às vezes, o autor dirige a palavra ao receptor. Existem formas pronominais de tratamento na segunda pessoa — como, por exemplo, *você* ou *tu* — ou infinitivos em função de imperativo (ver abaixo). Observe-se que, em muitas culturas, o tradutor tem que distinguir entre várias formas de tratamento: no alemão, *du/ihr versus Sie*; no espanhol, *tú/vosotros versus usted/ustedes*; no espanhol falado na Argentina, *vos/ustedes versus usted/ustedes*; no francês, *tu/vous versus vous*.

O meio influencia especialmente o nível de estilo dos elementos lexicais (coloquial, formal), a formação de palavras (por exemplo, abreviaturas ou acrônimos, como os utilizados em mensagens de celular) e expressões dêiticas (por exemplo, nas instruções de uso que vêm junto com uma máquina adquirida pelo receptor).

Exemplo 3.2.6/6

Alguns exemplos de cabeçalhos e abreviações, coletados de uma página do *Jornal do Brasil* (28/09/2013): **Natan Donadon requer ao STF regime diferenciado; IPI de móveis e linha branca sobe em outubro; Pnad mostra que país está muito**

²⁵⁶ Disponível em <http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/brasilcrianca-02.pdf>. Último acesso em 28 set. 2013.

melhor, diz ministra; Governador do Ceará, Cid Gomes anuncia saída do PSB; Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios 2012 (Pnad), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Justiça suspende advogados e contadores por fraudes no INSS.

A influência do aspecto do espaço no léxico é evidente não só nos elementos dêiticos e nas referências a situações internas, mas também nos itens lexicais que se referem ao entorno cultural, tais como nomes próprios e termos institucionais e culturais.²⁵⁷

Exemplo 3.2.6/7

Em um conto com o título *El Sol*, ambientado no norte da Espanha, o autor compara o sol com a *prata derretida* e também com *um banho de chumbo derretido*. Para um leitor do norte da Europa, para quem o sol representa algo de positivo, pois que o associa ao calor e à vida, o *tertium comparationis* para essas comparações (“luz ofuscante” e “calor insuportável”, respectivamente) passa a ser de difícil compreensão. Em alemão, por exemplo, o sol é normalmente associado ao ouro, enquanto a prata é vista como a cor da lua, assim como no português. Para o autor espanhol e os seus leitores, é normal (no verão) que o sol seja algo que todos tentem evitar.

O aspecto do tempo também é refletido nos elementos dêiticos, em referências internas de tempo e em marcações temporais de certos itens lexicais. Este último aspecto é particularmente relevante tanto para a tradução de textos antigos como para aqueles cuja linguagem é marcada como “moderna”. Em textos antigos não se espera encontrar “modernismos” e vice versa.

²⁵⁷ P. Newmark, *op. cit.*, 1981, p. 70.

O tradutor precisa, no entanto, decidir se o *skopos* requer uma tradução “sincrônica” ou uma tradução “atualizada” (Capítulo 3.1.6b). Como provavelmente é difícil para um tradutor no século 21 traduzir um texto para a linguagem do século 18, ele deve pelo menos cuidar para não usar um léxico típico do século 21, como palavras da moda, por exemplo.

Exemplo: 3.2.6/8

Em *A voyage to Lilliput*, de Jonathan Swift (1735), formas arcaicas como *giveth*, *mathematicks*, *physick*, *Old Jury* em vez de *Old Jewry* e *my self* marcam o texto como “antigo”, sem que representem um obstáculo para a compreensão. A tradução alemã,²⁵⁸ entretanto, é escrita em alemão moderno, não marcado.

Certos tipos de texto, como documentos jurídicos, são caracterizados por um léxico arcaico.²⁵⁹

O motivo ou a situação comunicativa podem influenciar na escolha do léxico caso demandem um nível estilístico específico, como em um obituário, ou ainda certas fórmulas ou clichês. Esse pode ser um aspecto importante quando o texto alvo tem por objetivo ser utilizado em uma situação distinta daquela do TF.

A função textual (juntamente com o tipo textual) frequentemente se reflete na escolha dos itens lexicais. Crystal e Davy²⁶⁰ listam alguns exemplos de características lexicais típicas da linguagem da imprensa inglesa: pré e pós-modificações complexas, adjetivos compostos típicos como *more and faster-arriving*, sequências de adjetivos, léxico coloquial e enfático etc. A linguagem para fins

²⁵⁸ J. Swift, *A voyage to Lilliput/Gullivers Reisen nach Lilliput*.

²⁵⁹ D. Crystal, D. Davy, *op. cit.*, p. 193.

²⁶⁰ *Idem*, p. 173.

específicos e a metalinguagem são outros campos de emprego de palavras específicas da função textual. Convenções de gênero apontam para o fato de o emissor estar interessado em subordinar a forma ao conteúdo, estabelecendo orientações para um determinado efeito textual (Capítulo 3.3d). Se a função muda no texto, o uso de convenções textuais típicas ou de estilos funcionais pode sinalizar um interesse estilístico particular da parte do autor.

Exemplo: 3.2.6/9

No romance *Niebla*²⁶¹ (ver Texto Amostra 2, Capítulo 5.2), do escritor espanhol Miguel de Unamuno, o tio de Eugenia, defensor do esperanto como língua franca e da transcrição fonética, dá o seguinte conselho ao admirador de sua sobrinha: “Quando você escrever a Eugenia, faça-o escrevendo seu nome com ‘j’ e não com ‘g’: Eujenia”. Em espanhol, “j” é o grafema usual do fonema [x]. Em uma tradução literal inglesa — “If you write to Eugenia, you should spell her name with j instead of g: Eujenia not Eugenia” —,²⁶² o conselho perde a função de apontar para uma transcrição fonética. Em inglês, o tio poderia recomendar a grafia *Ugenia* em vez de *Eugenia*; em alemão, idioma no qual “eu” pronuncia-se “ói”, ele poderia sugerir *Óigenia*.

d. Questionário

Essas perguntas podem ser úteis ao se analisar o léxico empregado no texto.

1. Como os fatores extratextuais se refletem no uso do léxico (dialetos sociais e regionais, variações linguísticas históricas, escolha de registros, léxico específico do meio de publicação, fórmulas convencionais determinadas pela situação ou função etc.)?

²⁶¹ M. Unamuno, *Niebla*.

²⁶² M. Unamuno, “Mist”, p. 71.

2. Quais características lexicais indicam a atitude do emissor e o seu “interesse estilístico” (por exemplo, marcadores estilísticos, conotações, figuras retóricas como metáforas e comparações, criação de palavras, jogos de palavras)?
3. Quais campos lexicais (terminologias, metalinguagem) são representados no texto?
4. Existem partes da oração (substantivos, adjetivos) ou modelos de formação de palavras (compostas, palavras prefixadas, apocopes) que ocorrem com mais frequência no texto do que seria normalmente o caso?
5. A que nível de estilo o texto pode ser associado?

3.2.7. Sintaxe

a. Considerações gerais

Os aspectos formais, funcionais e estilísticos da sintaxe são mencionados como fatores importantes em quase todas as abordagens sobre a análise textual voltada à tradução, embora não sejam analisados de modo sistemático. A construção e complexidade de orações,²⁶³ a distribuição de orações principais e subordinadas no texto,²⁶⁴ a extensão das orações²⁶⁵ e o uso de focalizações²⁶⁶ e mecanismos de coesão na superfície do texto²⁶⁷ são algumas das características tidas como relevantes no processo de análise textual orientada à tradução. Incluem-se aqui tanto as estruturas sintáticas convencionais em certos tipos de textos (por exemplo, imperativos em textos de instrução no inglês ou

²⁶³ W. Wilss, *op. cit.*, 1977.

²⁶⁴ G. Thiel, *op. cit.*, 1978a.

²⁶⁵ *Idem*, 1978b.

²⁶⁶ *Idem*, 1974b.

²⁶⁷ H. Bühler, *op. cit.*, 1984.

no português *versus* infinitivos no alemão) quanto estruturas sintáticas intencionalmente selecionadas para produzir um determinado efeito sobre o leitor.

Apesar de constituírem um repertório transcultural de figuras retóricas sintáticas, tais como paralelismos, quiasmos, perguntas retóricas etc., o efeito dessas figuras pode ter uma variação sutil de acordo com diferentes estruturas linguísticas. As orações hipotáticas complexas são, geralmente, consideradas meios apropriados para descrever fatos complexos. No alemão, entretanto, podem parecer complicadas e intrincadas (em parte pelo fato de o verbo aparecer no final da oração subordinada), enquanto no português, cuja sintaxe é mais linear, as construções não finitas isoladas (gerúndios, participípios, infinitivos) são às vezes preferíveis às subordinadas.

A análise da sintaxe revela informações sobre as características do assunto (por exemplo, simples ou complexo), a estruturação textual (relevo informacional, ordem de detalhes informacionais) e características suprasegmentais (intensidade, velocidade e tensão). Ademais, algumas figuras sintáticas, tais como orações inacabadas, podem indicar pressuposições. Dentre os fatores extratextuais, intenção, meio e função textual são os aspectos que podem ser caracterizados por estruturas sintáticas específicas.

b. Como obter informações sobre a sintaxe

O tradutor obtém uma primeira impressão da sintaxe típica de um texto ao analisar o tipo e a extensão média das orações (por exemplo, afirmações, perguntas, exclamações, elipses) e ao verificar construções que substituem orações (infinitivos, participípios no presente e passado, gerúndio), a distribuição das orações principais e subordinadas e sua inclusão no texto (estruturas paratáticas e hipotáticas) e a conexão das orações por conectivos, tais como

conjunções, advérbios de tempo, substituições etc.²⁶⁸ Essa análise permite ao tradutor determinar o modo como a informação textual é estruturada. Contudo, é importante enfatizar que a análise da sintaxe no processo tradutório não é um fim em si mesma, mas tão somente um meio para se alcançar uma interpretação funcional.

Abaixo do nível das orações e frases é possível analisar a ordem dos constituintes (por exemplo, sujeito-predicado-complemento) ou das palavras (por exemplo, posição dos advérbios) que possam levar a estruturas diferentes. Dependendo das normas que nelas regem a ordem de palavras, a entonação, os padrões de tom etc., as distintas línguas utilizam meios distintos para enfatizar determinadas partes de uma oração ou para dar um relevo ao texto (tempo e aspecto verbal no espanhol, por exemplo). Ao analisar diferentes aspectos da sintaxe, como a distribuição das orações principais e subordinadas, as construções não finitas ou o tempo e o aspecto verbal, por exemplo, o tradutor pode ter uma base sólida para a interpretação textual (Texto Amostra 2, Capítulo 5.2).

Além das clássicas figuras retóricas, são os desvios de normas sintáticas e convenções — sobretudo, mas não exclusivamente, em textos literários — que também podem produzir efeitos estilísticos específicos sobre o leitor. Nesses casos, o tradutor deve descobrir primeiro qual tipo de desvio é utilizado e como ele funciona, antes de decidir se deve “traduzi-lo” (no sentido mais amplo da palavra) à luz do encargo de tradução e como fazê-lo.

Exemplo 3.2.7/1

No romance *Los cachorros*, o escritor peruano Mario Vargas Llosa brinca com as estruturas sintáticas ao misturar, ousadamente, a narração, o discurso direto e o

²⁶⁸ D. Crystal, D. Davy, *op. cit.*, p. 43.

monólogo interior para apresentar os pensamentos e sentimentos do personagem no exato momento em que ocorrem:

Y un día, toma, su mamá, corazón, le regalaba ese pic-up, ¿para él solito?, sí... Através da análise sintática, podemos separar a oração narrativa, que está de acordo com as normas sintáticas, Y un día su mamá le regalaba ese pic-up, do discurso direto inserido (toma, corazón, sí) e do monólogo interior (¿para él solito?).

Revertendo esses passos de análise, a tradução torna-se mais fácil: *E um dia, aí está, sua mãezinha, querido, deu-lhe esse toca discos? Só para ele? Sim...*

As características sintáticas dependem ainda de várias outras características intratextuais, especialmente aquelas relativas ao conteúdo e à estruturação (por exemplo, distribuição de detalhes informacionais no texto e nas orações), ao léxico (por exemplo, construções verbais ou nominais) e aos elementos suprasegmentais (por exemplo, foco e entonação). Entre os fatores extratextuais, intenção, público, meio (fala ou escrita) e função das estruturas convencionais são os principais aspectos que afetam as características sintáticas.

c. Questionário

As perguntas a seguir podem ser úteis para se analisar a sintaxe do texto:

1. As orações são curtas ou longas, coordenadas ou subordinadas? Como estão ligadas umas as outras?
2. Que tipos de oração ocorrem no texto?
3. A ordem dos constituintes da oração corresponde à estrutura tema-remática? Existem estruturas de focalização ou desvios da ordem padrão?
4. Existe algum relevo no texto?
5. Existem figuras sintáticas retóricas, como paralelismos, quiasmos, perguntas retóricas, parênteses, orações inacabadas, elipses etc.? Qual a função delas no texto?

6. Existem características sintáticas determinadas por convenções de gênero ou pelo meio, em função da sua orientação ao público leitor? O *skopos* da tradução requer alguma adaptação nesse sentido?

3.2.8. Características suprasegmentais

a. Considerações gerais

As características suprasegmentais de um texto referem-se a todos os aspectos da sua organização textual que se sobreponham às fronteiras da análise de segmentos lexicais ou sintáticos, frases e parágrafos, e que formem a “configuração” fonológica ou o “tom” específico de um texto.

Essa “configuração” depende, em primeiro lugar, do meio através do qual o texto é transmitido. Nos textos escritos, as características suprasegmentais são sinalizadas por meios visuais, como itálicos, espaços, negritos, aspas, travessões, parênteses etc.²⁶⁹ Já em textos orais, esses elementos são sinalizados por meios acústicos, como tonicidade, modulação, variações no tom e na sonoridade,²⁷⁰ que restringem as características “não segmentais” apenas aos textos orais. Isso se aplica tanto a textos falados produzidos espontaneamente (por exemplo, contribuições a uma discussão, depoimento de uma testemunha de um acidente), quanto a textos escritos, mas apresentados oralmente (por exemplo, palestras, notícias televisionadas ou difundidas por rádio etc.).

²⁶⁹ A disposição do texto (por exemplo, combinação de textos e fotos, mancha gráfica, escolha da fonte para os títulos ou cabeçalhos), que algumas vezes exerce um efeito sobre as características suprasegmentais (por exemplo, representação de longas pausas por espaçamentos amplos entre parágrafos) faz parte da categoria de elementos não verbais (Capítulo 3.2.5), pois sua realização fonética é afetada somente de modo indireto.

²⁷⁰ D. Crystal, D. Davy, *op. cit.*, p. 24.

Do ponto de vista funcional, textos escritos, que são lidos silenciosamente pelo receptor, também podem ter uma configuração fonológica, que se torna evidente ao leitor cuidadoso e fornece informações sobre a intenção do emissor e outros fatores. No que diz respeito a poemas e certas obras de prosa literária, não é provável que essa afirmação seja contestada, embora, a nosso ver, pode ser aplicável também a qualquer texto escrito. Isso depende, entre outros aspectos, das convenções estilísticas e de gênero.

É importante distinguir as características suprasegmentais (na sua função de características da organização verbal do texto) dos elementos não verbais ou paraverbais que acompanham o texto, tais como expressões faciais e gestos. Por outro lado, características físicas e psicofísicas habituais na fala (por exemplo, qualidade da voz ou excitação), bem como as características resultantes de fatores pessoais (por exemplo, origem, idade, *status*, dialetos sociais e regionais), devem ser distinguidas de características funcionais “controláveis”, isto é, características dependentes da intenção do emissor ou de outros fatores situacionais, tais como o relacionamento entre emissor e receptor.²⁷¹ Nos artigos existentes sobre o processo de análise textual orientado à tradução, as características suprasegmentais

²⁷¹ Quaisquer “efeitos vocais não verbais” ou “ruídos de fundo” (GUTKNECHT; MACKIEWITZ, 1977, p. 96), tais como a qualidade da voz pela qual uma pessoa é identificada ou reflexos fisiológicos como tossir ou espirrar, pertencem à dimensão da pragmática do emissor (Capítulo 3.1.1), se forem independentes do texto analisado. Embora revelem informações sobre o emissor, seu estado físico ou psíquico, esses ruídos não podem ser tomados como intencionais ou funcionais, como quando são contrastados com uma tosse intencional empregada para direcionar a atenção do ouvinte para um determinado momento. Por outro lado, se essas qualidades vocais são simuladas, devem ser consideradas como “elementos de um código alternativo” (THÜRMAN, 1977, p. 24), e atribuídas, se parecerem ser complementares de um texto verbal, pela categoria de “elementos não verbais”. Christiane Nord, “Alice abroad. Translating paralinguage in fictional texts”.

não são estudadas explicitamente, embora as “características estético-formais” de Koller,²⁷² por exemplo, que englobam ritmo e rima, apontem para esta direção.

b. Prosódia, entonação, intensidade

O conceito de entonação refere-se à “totalidade das qualidades prosódicas de enunciados que não estejam ligadas a sons individuais”.²⁷³ Incluem-se aí as características gerais de tonicidade e tom, a modulação, ritmicalidade, velocidade, sonoridade, intensidade e pausas.²⁷⁴

A entonação como meio de organização textual, ao contrário da entonação que indica estados físicos, características habituais do emissor ou mesmo fenômenos psicopatológicos, tem duas funções: a primeira é marcar a estrutura da informação e dividir o discurso em unidades tonais, separadas por pausas, que correspondem normalmente às unidades informacionais; a segunda, marcar o núcleo semântico da frase.

Além disso, a entonação ajuda a desambiguar os vários significados possíveis de uma oração — por exemplo: sério ou irônico no enunciado “Muito esperto da sua parte!”. O “significado” transmitido pela entonação é independente (não subordinado, mas coordenado) das unidades semânticas e lexicais. A entonação sinaliza ainda a atitude do falante em relação à mensagem e, nesse sentido, sua função pode ser comparada àquela da função estilística do léxico e da sintaxe, e analisada apenas em conjunto com os outros dois fatores.

²⁷² W. Koller, *op. cit.*, 1979, p. 214.

²⁷³ H. Bussman, *Lexikon der Sprachwissenschaft*, p. 219.

²⁷⁴ D. Crystal, R. Quirk, *Systems of prosodic and paralinguistic features in English*, p. 44.

Em determinados textos, a entonação abrange “o tom” específico com o qual um texto é falado. No caso da tradução da parábola do filho pródigo, por exemplo, Stolt²⁷⁵ mostra que, ao escolher o tom de um conto de fadas em vez do de um texto didático, o tradutor não apenas reduz a credibilidade do texto como também altera, radicalmente, os seguintes fatores: o modo como esse texto é avaliado pelos leitores, e a intenção, a personalidade e a autoridade do emissor, na medida em que são expressas no texto.

As pausas também podem ser incluídas entre as características suprasegmentais, embora não sejam realmente “suprasegmentais”, porque ocorrem em sequência, e não simultaneamente à verbalização do enunciado.²⁷⁶ No entanto, no que diz respeito à função, tanto a posição como a extensão e as variações das pausas em um texto não podem ser separadas da entonação, pois exercem forte influência sobre a melodia e velocidade desse texto. Portanto, é necessário distinguir entre pausas como características suprasegmentais e pausas com funções puramente fonológicas, por exemplo: pode ser ainda pausas com função paralingüística, como quando não se diz nada porque não há nada a dizer *versus* não dizer nada para ocultar a verdade.²⁷⁷

A análise das características prosódicas é especialmente relevante para o intérprete, pois facilita a compreensão do conteúdo e da estrutura textual, uma vez que marcas de intensidade são um instrumento textológico importante para explicitar relações de coerência entre enunciados. Por exemplo, a intensidade sobre o elemento em itálico na frase “João encontrou um maço de *dinheiro* hoje” aponta para o item que o substitui em “E o gastou imediatamente”. Na interpretação simultânea, a análise da entonação

²⁷⁵ D. Stolt, „Die Relevanz stilistischer Faktoren für die Übersetzung“, p. 38.

²⁷⁶ D. Crystal, D. Davy, *op. cit.*, p. 34.

²⁷⁷ H. J. Vermeer, *op. cit.*, 1972, pp. 111-122.

auxília o intérprete a antecipar o que segue no texto. As pausas entre elementos informacionais, sejam vazias ou preenchidas com sons como *hã* ou *é*, dividem ainda o discurso e possibilitam que o intérprete recupere o fôlego ao longo de seu trabalho.

Por sua vez, intensidade “contrastiva” ajuda a revelar ainda a intenção do falante. Nas frases “João encontrou um maço de *dinheiro* hoje” e “Pedro encontrou a *felicidade*”, a intensidade colocada sobre o substantivo *dinheiro* contrasta, paradigmaticamente, com a intensidade colocada sobre o substantivo *felicidade*. Um contraste sintagmático é produzido pelas duas palavras enfatizadas em “João encontrou um maço de *dinheiro hoje*” caso a frase seguinte (ou precedente) seja “Ele encontrou a *felicidade ontem*”. Em algumas línguas, a intensidade contrastiva é combinada a determinadas estruturas sintáticas, como o denominado *clifting* em inglês: “Foi João quem encontrou um maço de *dinheiro* hoje, mas foi Pedro quem encontrou a *felicidade ontem*”. A intensidade contrastiva pode ser útil ao intérprete também por limitar a variedade de possíveis “orações sucessivas”, facilitando a antecipação. É lógico, no entanto, que os procedimentos de análise do TF precisam ser automatizados e internalizados durante os treinamentos de interpretação, visto que o tempo para começar a se pensar sobre a intensidade contrastiva durante o processo da tradução simultânea é bastante reduzido.

A intensidade colocada sobre os itens lexicais auxilia na diferenciação dos significados, por exemplo, “(meu) erro *versus* (eu) erro”. Já a intensidade da unidade tonal produz pontos de foco nas frases (“uma criança *esperta*” *versus* “uma criança *estúpida*”), enquanto a intensidade na oração muitas vezes sinaliza ênfase por parte do emissor. Algumas formas de entonação de frases ou “contornos entoacionais”²⁷⁸ vinculam-se convencionalmente

²⁷⁸ H. A. Gleason, *An introduction to descriptive linguistics*, p. 40.

a determinados tipos de orações (perguntas, inclusão, enunciados incompletos) ou intenções retóricas. Por exemplo, O. Von Essen²⁷⁹ distingue a “entonação final” (em afirmações, pedidos, exclamações e perguntas suplementares), que dissipa a tensão da “entonação” (em enunciados incompletos), que sustenta a tensão, e “entonação interrogativa” (em perguntas que demandam decisões), que aumentam a tensão. Embora muitas publicações sobre características suprasegmentais não sejam expressamente restritas a uma linguagem específica, muitas parecem fundamentadas em características fonológicas específicas de uma língua determinada e, até o momento, a validade supralinguística dessas descobertas ainda não foi comprovada.

Determinados gêneros, como comentários radiofônicos sobre um jogo de futebol²⁸⁰ ou a chegada de um trem anunciada pelo alto-falante na estação, são caracterizados por uma entonação específica identificada prontamente pelo ouvinte, mesmo que ele não compreenda a informação ou que essa mesma informação seja ouvida em outro lugar.

c. “Fonologia” de textos escritos

Dentro deste contexto, a importância do som e do ritmo para a interpretação de um poema não precisa ser enfatizada. Trata-se de assunto recorrente nos estudos literários.²⁸¹ Kayser aponta também a importância de se analisar formas rítmicas em textos de prosa, mas como seu assunto é a “obra de arte”, suas considerações ficam restritas apenas à literatura. Fatores rítmicos, como melodia, aliterações

²⁷⁹ O. von Essen, *Allgemeine und angewandte Phonetik*, p. 209.

²⁸⁰ D. Crystal, D. Davy, *op. cit.*, p. 125.

²⁸¹ W. Kayser, *op. cit.*, p. 241 e muitos outros.

e rima, sempre tiveram um papel importante na análise de textos literários, e sua relevância na tradução literária é indiscutível.²⁸²

No nosso entender, entretanto, os aspectos prosódicos e de entonação que podem ser observados em textos orais e literários são também fatores valiosos na análise de qualquer tipo de texto escrito. Muitas vezes, uma oração que fora entendida de um determinado modo pode ter um significado relativamente diferente quando entendida sob outro ponto de vista, isto é, quando se coloca uma entonação ou intensidade em outros elementos de uma mesma frase, conforme analisado anteriormente. Embora fisicamente mudo ou inerte em uma página impressa, o texto pode falar e “agir” eloquentemente por si só, no ouvido e nos olhos interiores do leitor, pois o receptor de um texto escrito parece ativar um tipo de “imaginação acústica” que sugere uma “fonologia” específica ao texto lido. Nesse sentido, é necessário distinguir uma “entonação normal” de outras formas de entonação, evocadas na imaginação acústica devido a uma escolha lexical ou sintática específica, pela pontuação ou mesmo pelo conhecimento situacional do leitor. Por essa razão, a imagem acústica nem sempre é igual para todos os leitores, o que equivale dizer que um mesmo texto não evoca, necessariamente, as mesmas imagens fonológicas em todos os leitores.

d. Representação das características suprasegmentais na escrita

A organização fonológica de um texto é representada, na escrita, pela seleção de palavras específicas, pela ordem das palavras, onomatopeias, algumas características de digitação — tais como itálicos ou espaços —, desvios ortográficos (como os exemplos de Nathalie Sarraute dados por Tophoven:²⁸³ *Le soooleil, lês vaaacances*), aspas,

²⁸² S. Bassnett-McGuire, *op. cit.*, p. 165, no trecho em que se fala de “ritmos subtextuais”.

²⁸³ E. Tophoven, „Möglichkeiten literarischer Übersetzung zwischen Intuition und Formalisierung“, p. 129.

sublinhados e até mesmo — onde as normas linguísticas permitirem certo grau de liberdade — pela pontuação. As possibilidades do uso intencional da pontuação variam de acordo com normas específicas da língua. Por exemplo, no alemão e também no inglês, as regras de pontuação sintático-formais, especialmente as referentes às vírgulas, costumavam ser um tanto rígidas. Sendo assim, havia menos oportunidades de se usar a vírgula como um instrumento de diferenciação estilística do que no espanhol, por exemplo, idioma em que as vírgulas são usadas principalmente de acordo com critérios semânticos, prosódicos ou rítmicos. Nesse caso, a vírgula pode sinalizar, por exemplo, o final de certa extensão do discurso em vez do final de uma unidade sintática formal (frase ou oração). Com a recente reforma ortográfica e de pontuação na Alemanha, as pessoas parecem se sentir um pouco inseguras quanto a esse aspecto, visto que nunca aprenderam a utilizar vírgulas por razões estilísticas.

Portanto, mesmo em línguas com sistemas de regras complexos a pontuação ainda pode ser considerada, principalmente, uma característica estilística. Behrmann²⁸⁴ mostra que a pontuação e mesmo a ortografia nas obras de Friedrich Gottlieb Klopstock (1724-1803) ou Stefan George (1868-1933) produzem uma “fisionomia ortográfica” do texto.

Nesse sentido, podemos distinguir entre marcas de pontuação “sintáticas” ou “discursivas” (ponto-final, vírgula, pontos de exclamação e interrogação), cuja função é guiar a compreensão por sinais convencionais, e marcas de pontuação “estilísticas”, que conferem “elegância e expressividade” à oração.²⁸⁵ Assim, a pontuação, seja convencional ou estilística, é utilizada principalmente como meio de representar a entonação e a prosódia na escrita.

²⁸⁴ A. Behrmann, *Einführung in die Analyse von Prosatexten*, p. 30.

²⁸⁵ J. Stenzel, *Zeichensetzung*, p. 6.

A análise de características suprasegmentais geralmente revela informações sobre o conteúdo (como a ironia) e o assunto (por exemplo, o tom “solene” do obituário), mas também sobre as pressuposições (por exemplo, a interrupção do contorno entoacional em alusões) e a estruturação (pausas, intensidade sobre partes remáticas do enunciado). No que diz respeito aos fatores extratextuais, as características suprasegmentais estão relacionadas com emissor, intenção, lugar, motivo e função textual.

e. Descobrir características suprasegmentais em textos escritos

Afetividade e expressividade são características definidas principalmente pelas escolhas lexicais. Determinadas expressões afirmativas, como *na verdade* ou *de fato*, e também avaliações enfáticas, como *fantástico* e *excelente*, parecem atrair uma intensidade maior para a frase, enquanto outras, como as partículas modais *doch* e *ja* no alemão, produzem contornos entoacionais específicos ao desviar essa intensidade para uma determinada direção e explicar o potencial ilocucionário de um enunciado.

Quanto à sintaxe, são principalmente as estruturas de ênfase, como o já citado *clefting* (por exemplo, *Foi João quem chutou a bola*), as inserções em parênteses — faladas em um tom mais baixo e a uma velocidade mais alta do que na oração subjacente —, as elipses e as aposiopeses que parecem sugerir padrões entoacionais especiais. Enumerações assindéticas, por exemplo, são caracterizadas por uma velocidade maior do que enumerações polissindéticas (por exemplo, “João, Pedro, Maria e Paulo estavam lá” *versus* “João e Maria e Paulo e Pedro estavam lá”).

Caso a intensidade contrastiva não esteja sustentada por meios lexicais ou sintáticos, ela é normalmente produzida pelo contexto. Se este não for suficientemente claro, o leitor deve ser orientado

por características gráficas, tais como sublinhados, espaçamentos, negritos, itálicos, aspas etc. Quando esses meios são empregados para outros fins que não marquem a intensidade, podem ocorrer dificuldades linguísticas (ver Texto Amostra 3, Capítulo 5.3.4e).

Exemplo 3.2.8/1

No espanhol europeu, as aspas são utilizadas não só para indicar ironia ou intensidade etc., mas também — pelo menos na mídia mais conservadora ou por puristas da linguagem — para marcar neologismos não reconhecidos (ainda) pela Real Academia de La Lengua Española. Por essa razão, a função das aspas deve ser analisada cuidadosamente sempre que forem empregadas.

É preciso mencionar ainda que a imagem fonológica de um texto é determinada também pelas estruturas tema-remas. Como o elemento temático normalmente vincula uma oração a um enunciado precedente, ele é normalmente colocado na posição inicial, com o rema estruturando o final da frase, momento apropriado para o emissor colocar os elementos que deseja intensificar. Um desvio desse padrão geralmente causa surpresa ou certa tensão entre duas frases, reverberando igualmente no contorno entoacional.

Para o tradutor, essas considerações sobre fonologia ou entonação são muito importantes, pois a imaginação acústica do leitor é determinada por padrões específicos da linguagem. Cada receptor lê o texto contrapondo-o ao seu próprio arcabouço de conhecimento nativo a respeito de padrões entoacionais e de intensidade. Esse é um conhecimento intuitivo em muitos casos, portanto, os receptores podem não ser capazes de se adaptar a padrões que lhe causem estranheza, mesmo que tenham ciência de que estão lendo uma tradução. O tradutor deve, portanto, adaptar a entonação do TF aos padrões da língua alvo, após analisar suas funções.

Exemplo 3.2.8/2

O último capítulo do romance (curto) *La isla*, do escritor espanhol contemporâneo Juan Goytisolo (ver também Exemplos 3.2.4/5 e 3.2.6/2), começa com as seguintes frases:

"El día siguiente amaneció *desvaído, gris*. Las nubes *escurrían* como *churretes sucios* sobre la playa de la Carihuela y los pájaros *atravesaban* el cielo en *bandada* y *giraban* de vez en cuando al *compás* del *viento*, igual que un *remolino*. Herminia me *subió* el café *a las doce* y dijo que Rafael *se había marchado*." (Os sublinhados indicam as assonâncias e os itálicos marcam os pontos de foco.)

"The next day was *dawning faded and grey*. The clouds *swept* like *filthy frazzles* over the beach of La Carihuela, and *flights* of *flushed birds* *crossed* the sky, *whirling* to and fro with the wind. Herminia *brought* me the coffee up at twelve o'clock and *told* me that Rafael had *gone*." (Trad. Nord/Sparrow)

"O dia seguinte amanheceu *pálido, e cinzento*. As nuvens *moviam-se* rapidamente como *farrapos de tecido* sujo sobre a praia de La Carihuela e os pássaros *cruzavam* o céu em massa, *rodopiando* para lá e para cá ao sabor do vento, igual a um *redemoinho*. Herminia *trouxe-me* o café *as doze* e *disse-me* que Rafael *partiu*."

A história do final de um verão para o início do outono, cujos primeiros sintomas desagradáveis são descritos por meios de onomatopeias e um ritmo quase que monótono, são marcados, no espanhol, pelo [u] assonante e pelo [a] em sílabas de intensidade, entrelaçadas com [i] que varia de posições não marcadas para posições marcadas. Na tradução inglesa, tivemos que substituir muitas das assonâncias (típicas das línguas românicas) por aliterações (típicas das línguas germânicas). A sequência onomatopeica das vogais posteriores foi alterada para uma sequência de sibilantes. Como as vogais posteriores parecem corresponder a sentimentos melancólicos, especialmente quando em posição focal, *gone* foi escolhido ao invés de *left* (na versão em português, *partiu*, com tom mais finalizador do que *tinha partido*). A posição de *a las doce* no final da oração parece intensificar a monotonia do ritmo, embora não esteja de acordo com a estrutura tema-rema:

o tempo é o único elemento que fora mencionado anteriormente (*El día siguiente*, na primeira oração) e, por essa razão, tem que ser considerado temático. O mesmo critério pode ser aplicado na versão em língua inglesa.

f. Questionário

As perguntas a seguir, referentes à prosódia e à entonação em textos orais e sua representação gráfica em textos escritos, auxiliam a análise das características suprasegmentais:

1. Quais características suprasegmentais estão presentes no texto? Como são apresentadas graficamente?
2. Essas características são específicas para o gênero?
3. As características suprasegmentais oferecem pistas para características habituais ou emocionais, ou ainda do estado psicopatológico do emissor?
4. O texto pode ser dividido em unidades prosódicas? O contorno entoacional indica a intenção do emissor de esclarecer, intensificar ou focar algum elemento do enunciado?
5. As características suprasegmentais correspondem à estrutura tema-rema do texto?
6. O *skopos* da tradução exige alguma adaptação das características suprasegmentais aos padrões da língua alvo?

3.2.9. Interdependência dos fatores intratextuais

Assim como os fatores extratextuais, os fatores intratextuais são intimamente relacionados uns aos outros, de modo que o caráter recursivo do modelo de análise precisa ser novamente enfatizado. Considerando que a informação e as pistas suscitadas e reveladas sobre cada fator incidem também sobre elementos característicos de outros fatores, não é possível manter sempre uma progressão linear no processo de análise do texto.

A fim de ilustrar a interdependência dos fatores intratextuais, recorreremos à mesma história empregada no Capítulo 3.1.9 para demonstrar a interdependência dos fatores externos, traduzida aqui com esse propósito (!). A inter-relação entre os fatores intratextuais é ilustrada na Figura 6.

Exemplo 3.2.9/1

Bertolt Brecht: Medidas Contra a Violência

Quando o senhor Keuner, homem pensante, se pronunciou contra a violência frente a um grande público, notou que seus ouvintes lhe deram as costas e saíram da sala. Ele se virou e viu atrás de si — a Violência. “O que você disse?”, perguntou a Violência. “Eu me pronunciei a favor da violência.”

Depois que o senhor Keuner também deixou a sala, seus seguidores perguntaram onde estava sua vértebra, e o senhor Keuner respondeu: “Não tenho vértebra para quebrar. Precisamente, eu tenho que sobreviver à Violência.”

E ele lhes contou a seguinte história:

Um dia, na era da ilegalidade, veio até a casa do senhor Egge, homem que tinha aprendido a dizer não, um agente que apresentou-lhe um documento, assinado por aqueles que exerciam o poder sobre a cidade, afirmando que a ele pertenceria qualquer casa na qual ele pusesse os pés; da mesma forma, pertencia-lhe qualquer comida se a pedisse, e qualquer homem sobre quem pusesse os olhos deveria servi-lo. O agente sentou-se, exigiu comida, lavou-se, foi para a cama e disse com o rosto virado para a parede: “Você será meu servo?”.

O senhor Egge cobriu-o com um cobertor, espantou as moscas e ficou velando seu sono enquanto dormia; e, conforme fizera no primeiro dia, ele o obedeceu por sete anos. Mas, apesar de tudo o que fazia para ele, havia uma coisa que ele tomava cuidado para não fazer, que era dizer qualquer palavra. E quando os sete anos se passaram e o agente já tinha engordado, comendo, dormindo e dando ordens, ele morreu. E então o senhor Egge embrulhou-o no velho cobertor em farrapos, arrastou-o para fora da casa, limpou a cama, calfinou as paredes, deu um suspiro de alívio e respondeu: “Não”.

Como o título sugere, o assunto do texto é o que pode ser feito contra a violência. O senhor Keuner é um personagem fictício que aparece também em outras histórias de Brecht. Por essa razão, ele pode ser apresentado pelo nome como alguém já “conhecido” do leitor. Presume-se que o nome *Keuner* seja uma distorção da palavra alemã *keiner* (“ninguém”). O senhor Keuner, caracterizado pelo epíteto “homem pensante”, exibe um comportamento específico perante a violência: tendo se pronunciado contra ela em público, ele nega sua convicção quando confrontado, pessoalmente, por essa mesma violência. Por meio da parábola do senhor Egge, ele ensina aos discípulos, que se questionam por que ele mostra tão pouca firmeza de caráter, que é mais importante sobreviver à violência do que se tornar sua vítima. O senhor Keuner e o senhor Egge aparentemente se submetem à violência para poder sobreviver a ela.

O conteúdo da história aponta para o assunto sugerido no título, falando sobre medidas, ou melhor, não medidas, em um sentido irônico, contra a violência, além de determinar também a estruturação do texto. O que se tem é uma parábola subjacente a um hipertexto. O hipertexto não reaparece ao final da história porque espera-se que os leitores tirem as suas próprias conclusões. A narrativa consiste, então, de duas partes formalmente ligadas pelo elemento catafórico de “seguinte história”.

O assunto e o conteúdo exercem, desse modo, uma grande influência sobre o léxico. Na primeira parte, a palavra *violência* é mencionada quatro vezes: duas de forma abstrata e duas como uma alegoria (indicada pela letra maiúscula). Na segunda parte, a palavra *violência* não é mencionada, mas o conceito é parafraseado de maneiras distintas. No documento *assinado por aqueles que exerciam o poder sobre a cidade* consta que o “agente” é um representante da violência, o que é sustentado pela história: “as coisas *pertencem* a ele, ele *exige*, *dá ordens*, e seu comportamento na casa do senhor

Egge mostra sua superioridade”. A isotopia de *servir* marcada por *pertencia, servir, servo, obedecia* e pelas atividades do senhor Egge (*cobriu-o com um cobertor, espantou as moscas, ficou velando seu sono*) caracterizam os contrastes do campo semântico.

A coerência entre as duas partes da história é baseada na presuposição de que a violência emana daqueles que estão no poder e que isso é “ruim” ou “imoral”, e um cidadão crítico, isto é, alguém que aprendeu a pensar ou a dizer não, deve se opor a tal estado de coisas. Sem este conhecimento o leitor não é capaz de entender a razão de os discípulos questionarem o caráter do senhor Keuner, referindo-se, metaforicamente, à sua coluna vertebral, nem a razão pela qual a época em que se passa a história é chamada de *era da ilegalidade*.

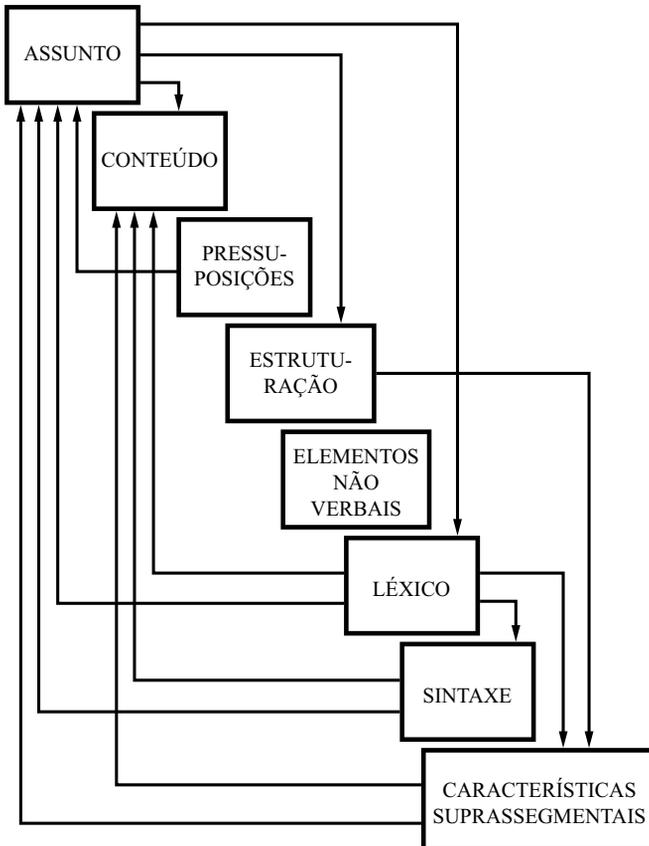
As paráfrases que caracterizam o léxico exigem uma sintaxe específica (por exemplo, orações paralelas descrevendo os poderes do agente) que, por sua vez, esclarece o conteúdo. A repetição de palavras e estruturas similares lembra o leitor da linguagem padrão de documentos legais e confere autoridade ao conteúdo. Enquanto no original, em alemão, o nível estilístico é marcado, principalmente, por recursos sintáticos (por exemplo, ordem de palavras arcaicas), a tradução para o português movimentou esses marcadores para o léxico.

A sintaxe também determina as características suprasegmentais. Nas frases paralelas, os verbos-chave *pertencer* e *servir* são colocados em posições enfáticas. A relação entre a sintaxe e as características suprasegmentais mostra-se ainda mais clara no último parágrafo, na construção “havia uma coisa que ele tomava cuidado para não fazer, que era...”, e também no final do primeiro parágrafo, quando o travessão aumenta a ênfase sobre a palavra-temática-chave *violência*. Assim, a característica suprasegmental de intensidade conduz o leitor, mais uma vez, para o assunto do texto. O mesmo se aplica à expressão “precisamente, eu tenho que

sobreviver à Violência?”. São as pessoas pensantes, ou seja, aquelas que aprenderam a dizer não, que precisam sobreviver à violência, e, portanto, devem se abster de sacrifícios fúteis.

Esses são apenas alguns dos exemplos que mostram a interdependência dos fatores intratextuais, ilustrada na Figura 6. Assim como na Figura 5, as flechas referem-se somente às relações entre o que foi discutido sobre o texto utilizado como exemplo e, portanto, não devem ser generalizadas.

Figura 6: A interdependência dos fatores intratextuais



3.3. EFEITO

a. Considerações gerais

A questão do efeito, em nossa opinião, deve ser considerada uma categoria orientada ao receptor. Os leitores e ouvintes recebem o conteúdo e a forma do texto e os contrapõem ao aparato de suas expectativas, derivadas da análise dos fatores situacionais e de seu conhecimento prévio. Eles comparam os fatores intratextuais do texto com suas expectativas pessoais, construídas à base dos fatores extratextuais, resultando em uma impressão consciente, inconsciente ou subconsciente que pode ser chamada de “efeito”. Por essa razão, a categoria do efeito não é totalmente extratextual nem exclusivamente intratextual. É uma categoria abrangente, que vincula o texto, em um sentido mais restrito, à sua situação. A categoria do efeito se refere à relação entre texto e usuários e, portanto, a análise do efeito pertence à área da interpretação e não àquela da descrição linguística.

O efeito que o texto exerce sobre o receptor é o resultado (provisório ou definitivo) do processo de comunicação. Em um diálogo, ambos os parceiros são afetados pelo resultado, já em um processo unidirecional o efeito age somente sobre os receptores. Como resultado, a relação social entre leitores e emissor, através da recepção do texto, é modificada, influenciando o seu nível de conhecimento, seu estado emocional e mesmo suas ações futuras. Nenhum desses aspectos (relações sociais, emoções, conhecimento, ações) permanece o mesmo, mas, dependendo da função do texto, um pode ser mais fortemente afetado do que outros.

A categoria do efeito inclui também consequências a médio ou longo prazo, embora elas sejam mais difíceis de antecipar do que o efeito imediato da recepção. Por exemplo, depois de ouvir um sermão, os frequentadores da igreja podem se sentir muito emocionados (efeito imediato). Alguns deles podem ser tão profundamente

tocados que acabam fazendo doações generosas, no dia seguinte, a alguma organização de combate à fome (efeito a curto prazo), enquanto outros podem até mesmo decidir mudar seu modo de vida (efeito a longo prazo). Por essa razão é importante distinguir os vários níveis ou tipos de efeito.

Essa categoria, entretanto, não abrange o efeito histórico de um texto, isto é, a sua história receptiva, inclusive a recepção de traduções prévias que não podem ser ignoradas pelos tradutores de textos antigos, tais como da Bíblia ou das obras de Shakespeare, Camões ou Dante. Esses aspectos pertencem à categoria do tempo (Capítulo 3.1.6b).

Um texto só pode exercer um efeito se o público é suscetível de ser influenciado no decorrer e através do processo de comunicação. Os receptores devem ser impressionáveis, além de capazes de tomar decisões e de ser motivados para a ação. Ao mesmo tempo, a categoria do efeito se baseia na premissa de que as palavras os textos realmente têm efeitos sobre os leitores, sendo, portanto, basicamente uma categoria pedagógica.

O efeito de um texto é determinado pela combinação específica de fatores extra e intratextuais. Todos os fatores intra e extratextuais podem desempenhar um papel na produção do efeito textual. No que segue, vamos discutir somente as três relações mais importantes que ocorrem no processo comunicativo: a relação entre a intenção do emissor e o próprio texto, a relação entre os receptores e o mundo textual, e a relação entre os receptores e o estilo apresentado no texto.

b. Relação I: intenção / texto

Um dos fatores mais importantes para o efeito do texto é a intenção do emissor. Presume-se que todo emissor que deseja ter seu texto lido por inteiro tem a intenção de produzir um

determinado efeito nos seus receptores, e de não deixar isso para o acaso. A intenção do emissor é uma antecipação teleológica, ou seja, previamente pensada, do efeito, o que significa dizer que o emissor e/ou o produtor textual estruturam os elementos internos que utilizarão no texto de modo a alcançar o efeito pretendido. Por outro lado, o efeito somente se produzirá de fato se essa antecipação for considerada suficiente e também se o produtor textual for capaz de empregar adequadamente os elementos internos dos quais dispõe.

Por essa razão, o produtor textual (ou o tradutor, no que diz respeito ao TA) é quem deve pensar sobre o possível efeito — a ser concretizado pela leitura — que o texto exercerá sobre os leitores, independentemente de ser ou não seu emissor ou de o texto ter sido produzido por outra pessoa, cuja intenção deve ser deduzida através do texto. O tradutor deve antecipar o efeito que o TA produzirá no público alvo, não importa que esse efeito, sempre definido pelo *skopos* da tradução, seja o mesmo que o TF exerce (ou exercia) sobre o receptor na cultura fonte ou não.

A antecipação adequada do efeito pretendido exige uma grande proficiência linguística por parte do produtor textual (quando o produtor é o próprio tradutor, demanda-se também proficiência cultural), além da imaginação concreta sobre possíveis consequências de ações linguísticas, a habilidade de se colocar no lugar do leitor prospectivo e um grande senso de responsabilidade sobre o resultado satisfatório para o processo social.

Descobrir a intenção do emissor tem grande importância social e ética, uma vez que a futura posição social do produtor textual (e também do tradutor) está em jogo. Um resultado satisfatório para essa prática social depende, principalmente, de quanto foi investido para se descobrir o efeito pretendido e se isso foi plenamente alcançado.

Na análise de textos orientada à tradução, a questão de se e como a intenção do emissor foi realizada pelos fatores internos, especialmente com relação ao conteúdo e ao estilo do léxico e sintaxe, conduz a interpretação textual.

c. Relação II: receptor / mundo do texto

Os receptores comparam a representação do mundo do texto, ou seja, o mundo extralinguístico verbalizado no texto, com suas próprias expectativas, que são determinadas pelo seu conhecimento prévio, seu horizonte e seu “estado de ânimo”. O conceito de estado de ânimo refere-se à influência dos fatores situacionais (meio, tempo, lugar e motivo) que tornam o receptor suscetível ou insensível a determinados efeitos textuais. Trata-se de um fenômeno bastante comum na comunicação de massa, mas está presente também em muitas outras formas de comunicação.

A escolha do assunto, quando contrastado com uma determinada expectativa, pode ser suficiente para produzir um determinado efeito. Um assunto tido como tabu pode chocar os receptores, outro mais popular pode agradá-los ou, ainda, um assunto estranho ao receptor pode exigir concentração ou despertar seu desinteresse. Quanto mais estranho o assunto, maior a probabilidade de o receptor reagir de maneira confusa, sem compreender o assunto e desistindo da leitura. Esse é um aspecto relevante para o tradutor que pretende ativar o interesse do leitor para um assunto estranho ao seu mundo e que requer, também, a construção de uma ponte, através de um assunto mais familiar, para facilitar o acesso do receptor a mundos diferentes. Nesse caso, o título ou cabeçalho podem exercer o papel de “pontes”, visto que resumem o assunto do texto (ver Capítulo 3.2.2).

Considerações similares se aplicam também ao conteúdo. O efeito do texto depende em grande parte da seleção de detalhes

informativas que ilustram o assunto. O efeito de um relatório sobre um evento político, por exemplo, depende da descrição de detalhes positivos ou negativos. Muitas vezes, a seleção desses detalhes resulta de um interesse específico do emissor (quando se deseja manipular a opinião do leitor, por exemplo), mas pode depender também da perspectiva sob a qual o emissor observou o evento, levando-o a enfatizar alguns detalhes e/ou a negligenciar outros (caso de uma testemunha que esteja fornecendo evidências, por exemplo).

A seleção de detalhes informativos é especialmente importante em textos ficcionais. O emissor é livre para escolher dentre uma variedade infinita de possíveis detalhes relativos a pessoas, eventos, ações e qualquer escolha, seja intuitiva ou intencional, que esclarece o efeito (a interpretação) que deseja produzir.

Exemplo 3.3/1

No texto discutido no Exemplo 3.2.8/2, a informação “final do verão” é dada por meio da descrição de certos detalhes da atmosfera outonal (nuvens, voos de pássaros, redemoinhos de vento etc.), embora a narradora esteja na sua cama em casa, tendo acabado de acordar. As viagens à praia tinham sido o passatempo favorito dos protagonistas da história, portanto, esses detalhes sinalizam, para o leitor, que o final do verão é, ao mesmo tempo, o fim de um certo modo de vida. A última frase, na qual ela é informada de que Rafael, que tinha sido uma companhia frequente neste modo de vida, “partiu”, parece marcar o último rompimento com tudo o que aquele verão tinha significado para ela.

As pressuposições também podem determinar o efeito do texto produzido no leitor. Quanto maior o conhecimento pressuposto pelo emissor, mais “compacto” se parece o texto. Isso deve ser levado em consideração pelo tradutor se ele decidir verbalizar uma

informação que dificilmente pode ser pressuposta como conhecida pelo receptor do TA em razão do seu conhecimento prévio (ver Exemplo 3.2.3/1). Se as cores das flores e das borboletas, que Neruda pressupõe serem conhecidas dos leitores, são mencionadas explicitamente no texto, o seu efeito torna-se bastante diferente, sobretudo porque “azul”, por exemplo, não é de modo algum uma qualidade objetiva, e a descrição não equivale à experiência pessoal do leitor. Esse é provavelmente um problema específico da tradução literária e menos importante para a tradução de textos não literários.

Na tradução, a relação entre o mundo representado no texto e as expectativas do receptor é de grande importância porque sempre há uma distância cultural — e, possivelmente, também espacial e temporal — que deve ser vencida. Se a distância é maior para o receptor do TA do que para o receptor do TF, podemos presumir que o efeito será diferente para cada um deles. O nível ou grau exato de estranheza ou de familiaridade intencionado para o receptor do TA deve ser estabelecido pelo *skopos* da tradução.

d. Relação III: receptor / estilo

Se a escolha dos meios intratextuais de expressão é determinada pela antecipação do efeito, este efeito, no que diz respeito aos seus componentes extratextuais, deve ser considerado uma categoria retórica em seu sentido clássico, isto é, as qualidades da sua produção são determinadas por princípios estilísticos (*virtutes elocutionis*) como: adequação (*aptum*), clareza (*perspicuitas*) ou adorno (*ornatus*). Esses princípios englobam as figuras de linguagem (*figurae elocutionis*) e registros (*genera elocutionis*), bem como os “formatos” estilísticos que caracterizam todo o texto, por exemplo, “pompae”, “popularidade”, “premência”, “interlocação”.

O produtor textual é quem deve dominar esses mecanismos retóricos. Já o receptor não precisa reunir conhecimentos teóricos

sobre retórica, pois, uma vez que entenda como o efeito foi produzido, torna-se “imune” contra a manipulação exercida pela “persuasão camuflada” no texto. Por outro lado, o tradutor, no seu papel de receptor, deve ter um conhecimento sólido das figuras retóricas e saber como elas funcionam em uma determinada cultura. Primeiro, a análise das qualidades retóricas do TF pode, como já foi mencionado, fornecer ao tradutor informações sobre as intenções do emissor. Segundo, os tradutores não podem confiar exclusivamente em suas próprias reações intuitivas, uma vez que são subjetivas e determinadas pelas condições de sua própria situação de recepção textual. Por essa razão, devem verificar a impressão que o texto deixa no leitor ao analisar as características retóricas intratextuais.

O efeito de um fator intratextual estilisticamente relevante não pode ser analisado isoladamente, especialmente no que diz respeito ao léxico, à sintaxe e às características suprasegmentais, em que a interação dos efeitos é tão forte que às vezes torna-se difícil identificar o efeito de um único mecanismo estilístico. A anáfora, por exemplo, aumenta a “tensão” do texto não só através da repetição de palavras ou de expressões no início de uma frase (léxico), mas também através do paralelismo (estrutura sintática) e do contorno entoacional específico (características suprasegmentais) que produz.

Exemplo 3.3/2

*No sé cómo acabó el día. No recuerdo cómo transcurrió la cena, ni de qué habló Borja, ni qué dije yo. No recuerdo, siquiera, cómo ni cuándo nos despedimos del Chino. Sólo sé que al alba, me desperté.*²⁸⁶

Existem três orações negativas paralelas (*no sé...*, *no recuerdo...*, *no recuerdo*) levando a um clímax, sustentado pelo aumento crescente das frases e que

²⁸⁶ A. M. Matute, *Erste Erinnerung*, p. 242.

culmina em um contraste positivo (*Sólo sé...*). Entre a primeira e a segunda frase, existe uma variação formal nos elementos iniciais (embora ambos os verbos sejam usados como sinônimos), enquanto a segunda e a terceira oração estão ligadas pela repetição anafórica *no recuerdo*. Na última oração, o elemento inicial da primeira oração é novamente retomado, variando apenas na continuidade dos elementos (*cómo* vs. *de qué*). A combinação de sintaxe, léxico e entonação com aumento da velocidade produz um efeito rítmico bem particular que se preserva na tradução portuguesa. *Non sei como o dia terminou. Non lembro como jantamos nem do que Borja disse ou do que eu falei. Non lembro nem mesmo como ou quando demos adeus a Chino. Somente sei que acordei de madrugada.*

Não se pode presumir que os efeitos dos vários elementos estilísticos presentes no texto apontem para uma única direção ou mesmo que constituam um padrão (Exemplo 3.3/2). Se a intenção é buscar o efeito global do texto, é preciso analisar todo o espectro de efeitos possíveis para cada fator. Somente pela comparação dos possíveis efeitos dessas características pode-se identificar o efeito dominante pretendido pelo emissor. Na maioria dos casos, mesmo os efeitos divergentes de uma única característica são envolvidos pelo efeito global do texto.

Por exemplo, na retórica clássica, o efeito de uma metáfora em um determinado texto pode ser tanto *docere*, isto é, “ensinar, transmitir conhecimento”, como *delectare*, isto é, “deleitar” ou produzir um efeito estético, ou *movere*, isto é, produzir uma reação particular no leitor. Portanto, seria interessante questionar qual efeito se pretende alcançar no mesmo texto com um clímax, símile, aliteração ou uma questão retórica. Se mesmo com todas essas figuras o efeito de *movere* for dominante, então esse mesmo efeito também será produzido, por exemplo, com uma perífrase, que, sozinha ou em um texto diferente, pode ter o efeito de *docere*. Esses movimentos fazem parte da retórica, são funções e princípios do discurso

persuasivo. Trata-se de uma consideração particularmente importante para os tradutores, pois eles não precisam — nem devem! — transferir toda característica produtora de efeito como tal. Mas caso isso seja uma exigência do *skopos* da tradução, o efeito global alcançado pelas combinações especiais das características produtoras de efeito deve ser transferido integralmente.

Na comunicação intercultural, a relação entre receptor e estilo deve ser contrastada com os códigos estilísticos específicos das culturas. Toda característica estilística deve ser analisada quanto ao seu nível na hierarquia de uso estilístico em uma determinada cultura, visto que o efeito que uma característica estilística exerce sobre o leitor depende de sua previsibilidade, de acordo com convenções e normas estéticas culturais.

A padronização das funções textuais, comuns em tipos textuais, frequentemente pressupõe também a padronização dos efeitos. Assim, ao escolher as características convencionais de um determinado gênero, o produtor textual espera que elas sejam reconhecidas pelo receptor como indicadores da função textual e produzam o efeito correspondente. Os receptores, por sua vez, percebendo que o texto corresponde às normas convencionalizadas, estarão de fato preparados para esse efeito. Por essa razão, a função textual é o fator mais apropriado para compensar ou “neutralizar” divergências intratextuais em relação a uma convenção. Nesse sentido, o sucesso é garantido através do efeito convencional somado à sua respectiva função textual. Um exemplo comum, as instruções de uso de um determinado aparelho, ajuda a ilustrar esse pensamento. Embora essas instruções muitas vezes sejam imperfeitas, presume-se que, na maioria dos casos, de acordo com a intenção do emissor de “instruir alguém a operar X” e havendo a função de “instruir a operar X” marcada no texto pelo receptor, o efeito padrão de “capacitar alguém a operar X” é mantido.

e. Tipos de efeito

Considerando as relações descritas acima, é possível distinguir tipos de efeito que permitem sistematizar suas análises. A fim de evitar os obstáculos que uma tipologia rígida geralmente impõe, caracterizamos os tipos de efeito marcando apenas os dois polos entre os quais o efeito originário de relações relevantes pode ser colocado.

Tipo I: Efeito intencional *versus* efeito não intencional

A comparação entre o efeito suscitado pela análise externa e a interpretação dos fatores internos pode ter dois resultados distintos:

- a. o efeito produzido pelo texto é, de fato, o efeito pretendido pelo emissor ou
- b. o texto produz um efeito que não condiz com a intenção do emissor. Na comunicação intercultural, essa relação é especialmente relevante porque era o receptor do TF (não o do TA) que o emissor ou produtor textual do TF tinha em mente quando decidiu qual intenção seria realizada por meio do texto.

Tipo II: Distância cultural *versus* distância zero

O efeito que a “realidade” descrita no texto exerce sobre o receptor depende da distância cultural. Na comunicação intercultural existem, grosso modo, três possíveis relações:

- a. O mundo textual corresponde à cultura fonte. Isso significa que os receptores do TF podem associá-la ao seu próprio mundo (= distância zero), enquanto o receptor do TA não consegue fazê-lo (= distância cultural).
- b. O mundo textual não corresponde à cultura fonte. Visto que os receptores do TF não são capazes de associá-la ao seu

próprio mundo, o emissor deve descrever, explicitamente, as características desse mundo, descrição esta que irá também auxiliar o receptor do TA. Ambos guardam uma distância cultural do mundo textual, mesmo que em níveis distintos. Excepcionalmente, o mundo textual pode corresponder à cultura alvo, resultando em uma distância zero para o receptor do TA.

- c. O mundo textual corresponde à cultura fonte, mas o emissor “desculturalizou-o” ao transpô-lo, de maneira explícita, para um tempo e/ou lugar distantes (“Era uma vez em um reino muito distante...”). Essa estratégia confere generalização e reduz a relevância de detalhes culturalmente marcados no texto. O efeito pode ser, então, a distância zero tanto para os receptores do TF como para os do TA.

Tipo III: Convencionalidade *versus* originalidade

Os tipos de efeito vinculados à relação entre receptor e estilo podem ser caracterizados de acordo com a matriz representada na Figura 7. Quanto mais previsíveis as características textuais, de acordo com a função textual, mais padronizado será o efeito.

Os elementos textuais determinados pelas características individuais ou pela intenção especial do emissor produzem um efeito mais “original”. Aspectos de lugar, tempo e motivo ganham em importância com o aumento da distância entre a situação de produção e a de recepção textual. Isso se aplica tanto à comunicação intra como à intercultural, ou seja, à tarefa tradutória.

O efeito de textos cujas características estilísticas são amplamente padronizadas (receitas culinárias ou leis, por exemplo) se baseia, principalmente, na mensagem que comunicam e nas convenções linguísticas que atuam como um pré-sinal da função textual. As características estilísticas desses textos somente adquirem

relevância para a categoria do efeito se não forem condizentes com as convenções de gênero e, portanto, indicarem uma função não padronizada e diferente ou adicional.

Exemplo 3.3/3

Uma lei escrita em verso provavelmente perderia seu caráter de obrigatoriedade e poderia ser vista até mesmo como uma peça anedótica. Instruções de uso em verso, entretanto, ainda poderiam funcionar bem, embora o efeito exercido sobre o leitor não fosse o convencional. Uma combinação de convenções pertencentes a diferentes tipos textuais pode produzir efeitos surpreendentes (Texto Amostra 1, Capítulo 5.1.5). Se utilizadas para um gênero específico, as caixas na matriz da Figura 7 poderiam ser preenchidas com todas as características típicas. Visto que as disciplinas filológicas ainda não oferecem descrições de características gênero-específicas, as entradas na Figura 7 servem apenas como exemplos.

Em outros textos, como folhetos turísticos ou comentários de jornal, a organização estilística pode não ser inteiramente padronizada, mas permanece subordinada à função textual pretendida. O efeito desses textos também se baseia, especialmente, na informação que é transmitida, enquanto as características estilísticas individuais atuam como pré-sinalizadores para o receptor.

Em alguns textos, entretanto, os elementos estilísticos devem ser vistos como componentes textuais relativamente independentes que, no que diz respeito ao efeito pretendido, são tão importantes quanto a informação (contos, propagandas, por exemplo). Nesses casos, o efeito não é apenas produzido pelo que é dito, mas também pelo modo como é dito (ver Texto Amostra 2, Capítulo 5.2.4).

Textos nos quais os fatores não correspondem uns aos outros podem produzir efeitos bastante especiais. A falta de correspondência

entre forma e conteúdo pode, por exemplo, indicar ironia (ver Texto Amostra 2). A paródia e a caricatura também podem ser caracterizadas por discrepâncias entre forma e conteúdo ou entre a função textual e a expectativa do receptor.²⁸⁷

Existem ainda textos cujos efeitos se baseiam quase que exclusivamente em mecanismos estilísticos e retóricos empregados pelo autor, enquanto o aspecto do conteúdo é quase irrelevante. O poema *Das ästhetische Wiesel* (*A doninha estética*), de Christian Morgenstern,²⁸⁸ é um exemplo:

Ein Wiesel Saß auf einem Kiesel Inmitten Bach geriesel. Wisst ihr? weshalb? Das Mondkalb Verriet es mir Im Stillen: Das raffinierte Tier tat's um des Reimeswillen.	A weasel perched on an easel within a patch of teasel. But why and how? The Moon Cow whispered her reply one time: The sophees- ticated beast did it just for the rhyme
--	---

Caso se deseje que a tradução reproduza o mesmo efeito, o conteúdo é praticamente intercambiável, contanto que o princípio formal da estrutura seja preservado, como o tradutor americano Max Knight demonstra através de quatro traduções alternativas das primeiras três linhas.²⁸⁹

²⁸⁷ K. Reiss, H. J. Vermeer, *op. cit.*, p. 182.

²⁸⁸ C. Morgenstern, M. Knight, *Galgenlieder — Gallows Songs*.

²⁸⁹ J. Levý, *op. cit.*, 1967, p. 1178.

(a) A ferret nibbling a carrot in a garret...	(b) A mink sipping a drink in a kitchen sink...	(c) A hyena playing a concertina in an arena...	(d) A lizzard shaking its gizzard in a blizzard...
---	---	---	--

As traduções para o espanhol e português foram feitas de acordo com este modelo.

<p>Una rata, vestida de bata, comió una patata. ¿Cómo sabremos por qué? La vaca lunar, bajito, bajito, me lo quiso contar: El genial animal lo hizo por el versito.²⁹⁰</p>	<p>Uma gata, Vestida de bata, Comeu uma barata. Como sabremos por quê? A vaca lunar, Olhando de cima Me quis contar O genial animal o fez pela rima.²⁹¹</p>
---	--

Os tipos de efeito baseados nos três tipos de relações mencionadas acima podem ser encontrados em qualquer texto, e isso sugere, novamente, que a equivalência (no sentido de “efeitos iguais” do TF e do TA) não é um critério praticável na tarefa tradutória. O tradutor precisa saber exatamente qual tipo de efeito é exigido para “permanecer igual”, visto que a preservação da distância cultural (relação receptor/mundo textual) frequentemente obstrui a preservação da interpretação (relação intenção/texto). Além disso, o efeito do texto alvo depende em grande parte do fato de o *skopos* da tradução demandar uma tradução-documento ou instrumento.

²⁹⁰ Trad. Nord [1988] 2012, p. 164.

²⁹¹ Trad. Nord e Zipser, 2014.

Figura 7: Relação entre fatores extra e intratextuais

INTRA-TEXTUAL	EXTRATEXTUAL	ESTILO						
		LÉXICO	SINTAXE	CARACTERÍSTICAS SUPRASEGMENTAIS				
		ELEMENTOS NÃO VERBAIS						
		ESTRUTURAÇÃO						
		PRESSUPOSIÇÕES						
		CONTEÚDO						
		ASSUNTO						
EMISSOR	assunto favorito, campo especial	perspectiva pessoal, comentários, opiniões	conhecimento de afiliação política do emissor	ordem cronológica se o emissor for uma criança	gesticulação típica de emissor mediterrâneo	déixis pessoal, idiosincrasias	sintaxe simples de um emissor sem escolaridade	qualidade habitual da voz, altura da voz
INTENÇÃO	assunto de atualidade, escândalo político	embelezamento ou obscuridade do conteúdo	pressuposições exageradas por razões de prestígio	aumento gradual do suspense	fotos enganosas	palavras conotativas	discurso indireto para marcar reserva	chamadas rítmicas na manifestação
PÚBLICO	referência ao mundo do público	adotar a perspectiva do público	"Como todos sabem perfeitamente bem..."	nota de rodapé com explicações	ilustrações adequadas para crianças	tratamento formal ou informal	ordens, imperativos, subjuntivo	entonação típica de fala de bebês
MEIO	assunto especial em jornal científico	conteúdos simples em texto falado	eventos atuais em jornal diário	ordem de perguntas em formulário	diagrama em vez de longas estatísticas na TV	acrônimos no linguagem do jornal	palavras abreviadas no mensagem curto	tom de voz bem alto na fala do microfone

LUGAR	assuntos culturalmente marcados	informação do conselho municipal	déixis local (neste país)	convenções culturais de estruturação	brasões, emblema, logos	elementos do dialeto regional no léxico, sintaxe e entonação, americanismos no inglês, português ou espanhol
TEMPO	assunto específico da estação do ano	notícias do dia	déixis temporal (a noite passada)	estruturação do drama clássico	suástica	léxico e sintaxe típicos de uma época histórica, uso de palavras obsoletas
MOTIVO	assunto natalino	detalhes biográficos em necrológio	conhecimento de rituais	ordem cronológica em protocolos	feição triste	fórmula batismal
FUNÇÃO	nenhum assunto pessoal em manual de instruções	evitar avaliações pessoais em comunicados de imprensa	poucas pres-suposições em contratos de venda	ordem lógica em argumentação	ilustrações em manual de instrução	aposiopese em razão de tristeza
						verso hexâmetro
						tom solene
						construções im-pessoais em documento legal
						terminologia em texto científico
						entonação típica de liturgia

4. APLICAÇÕES DO MODELO PARA O TREINAMENTO DE TRADUTORES

4.0. CONSIDERAÇÕES GERAIS

- a. A tradução como habilidade e como exercício nas aulas de idiomas

Conforme já mencionado, o nosso modelo de análise textual, orientado à tradução, tem por objetivo o treinamento de tradutores. O modelo visa ainda fornecer critérios para a seleção de material textual para aulas de tradução, sistematização de problemas e procedimentos de tradução, monitoramento da progressão do aprendizado e também para atividades voltadas a traduções.

No entanto, é preciso distinguir entre ensino de tradução, no que se refere ao treinamento de tradutores profissionais (situação em que o ato de traduzir é considerado um fim em si mesmo e uma habilidade adquirida com base em uma proficiência já existente em ambas as línguas), e a tradução como exercício em aulas de idiomas, em que sua aplicabilidade visa testar a compreensão da leitura (pela tradução da L2 para L1), auxiliar o aluno a adquirir habilidades de desempenho na língua estrangeira (na versão da L1 para L2) e orientá-lo no desenvolvimento de certas habilidades técnicas, como o uso de dicionários, por exemplo. Assim, espera-se que a tradução ofereça uma maior consciência metalinguística em relação às diferenças estruturais e às similaridades entre duas línguas. Essas são exigências de caráter obrigatório ou opcional, segundo o currículo de vários estados alemães, para o ensino de línguas estrangeiras.

No que se refere às aplicações desse modelo textual analítico, a nossa ênfase recai sobre o treinamento de tradutores profissionais, conforme praticado em formação (acadêmica e outras) ou cursos específicos de interpretação e tradução. Isso significa, portanto, e

primeiramente, priorizarmos o desenvolvimento da competência de transferência, deixando, nesse contexto, a aquisição e a verificação da competência e do desempenho linguísticos em segundo plano. Somente se adquire competência de transferência se houver um alto nível de proficiência tanto nas línguas como nas culturas fonte e de chegada.²⁹²

Contudo, a tradução como exercício nas aulas de língua estrangeira não deve ser ignorada. O fato de ser vista apenas como um tipo de exercício ou uma habilidade profissional não é importante se professores e alunos tiverem um conceito claro e bem definido do que desejam alcançar. Se o objetivo do ensino for bem definido, as considerações que seguem sobre a aplicação do modelo de análise textual orientado à tradução podem ser relevantes tanto para o treinamento de tradutores como para o ensino de uma língua estrangeira, especialmente se as habilidades tradutórias constituírem parte do conteúdo no ensino de línguas.

Por outro lado, a aplicação de uma análise textual pré-tradutória no ensino de língua estrangeira será útil somente se não ficar restrita à análise linguística do texto, ou seja, à marcação de trechos “difíceis” e à análise das intenções do autor e sua subsequente realização ou concretização no texto (conforme Ettinger,²⁹³ que descreve as realidades da análise textual no ensino de línguas de maneira

²⁹² Quando o nível de proficiência linguística ainda é insuficiente, a aquisição da competência de transferência não é possível. Os exemplos de uma experiência citada por Königs (1986) demonstram isso claramente. Se as pessoas testadas tivessem um domínio suficiente do espanhol para compreender que as expressões não idiomáticas, além da mescla inconsciente de termos institucionais do alemão e do espanhol, deviam-se ao fato de o TF em espanhol (o qual deveriam traduzir para o alemão) ser, na verdade, uma tradução, certamente teriam lidado de maneira diferente com os trechos “problemáticos” do texto. Teriam feito, por exemplo, uma retrotradução mais literal do texto espanhol traduzido à língua “original”, que era o alemão.

²⁹³ S. Ettinger, „Inwieweit ist die Übersetzung lehr- und lernbar?“, p. 70.

brilhante). Quando alunos de tradução perguntam ao professor “Você quer que a minha tradução seja literal ou livre?”²⁹⁴ torna-se evidente que eles não fazem ideia do que se trata a tradução e as implicações da ação tradutória. Segundo Königs,²⁹⁵ isso ocorre porque “todos os alunos de tradução foram, primeiramente, alunos de línguas estrangeiras”. Sendo assim, uma das primeiras tarefas, no que diz respeito à introdução à tradução (profissional), deve ser, geralmente, fazer com que os alunos revejam seus conceitos em relação à prática tradutória, especialmente aqueles adquiridos nas aulas de língua estrangeira.²⁹⁶

b. Análise textual e *skopos* de tradução

Para uma aula de tradução, o modelo de análise textual deve ser combinado a “instruções de tradução” que definam o *skopos* do trabalho e a função pretendida para o texto alvo da maneira mais clara possível, ou seja, sem ambiguidades. Explicamos a seguir, detalhadamente, como tais instruções podem ser formuladas.

Já em um curso preparatório à prática tradutória, os alunos devem ser apresentados ao modelo, que, depois, deverá ser aplicado sistematicamente em cada tarefa de tradução. Por ser fácil de ser ensinado e praticado, um dos exercícios possíveis de ser desenvolvido com os alunos vale-se de textos em L1 para a tradução intralingual, como, por exemplo, retextualizar uma reportagem empregando-se o formato de uma carta (ou email) pessoal ou um trecho de uma enciclopédia, transformando-o em uma pequena palestra.

²⁹⁴ K. Reiss, „Übersetzen und Übersetzung im Hochschulbereich“, p. 544.

²⁹⁵ F. G. Königs, „Der Vorgang des Übersetzens: Theoretische Modelle und praktischer Vollzug. Zum Verhältnis von Theorie und Praxis“, p. 11.

²⁹⁶ K. Reiss, „Der Übersetzungsvergleich als didaktisches Instrument im Übersetzungsunterricht“, p. 149.

A Figura 8 (para os dados, veja os Exemplos 4.0/2a e 4.0/2b) ilustra como o modelo pode ser formalizado em conjunto com a primeira fase do modelo circular do processo tradutório (Figura 4). Em um primeiro momento, os alunos analisam o perfil do texto alvo fundamentando-se no encargo de tradução e utilizando a Fórmula Q, conforme sugerido para a análise do TF. Os dados levantados são colocados na coluna à direita. No segundo passo, a análise do TF leva à identificação dos elementos e características relevantes para a tradução, e são escritos na coluna à esquerda.

A relevância desses vários fatores é determinada pelo encargo da tradução. Se o iniciador pede, por exemplo, um texto alvo, cujo léxico e sintaxe estejam em conformidade com as convenções de gênero da cultura alvo, o léxico e a sintaxe do TF não precisam ser analisados detalhadamente. A análise pode, então, se restringir à decisão de quais elementos do TF podem ser preservados (se as normas da cultura fonte forem idênticas às da cultura alvo) e quais devem ser adaptados às convenções da cultura alvo.

Se o *skopos* da tradução demandar uma tradução funcionalmente “equivalente” (um *skopos* certamente possível, embora raramente explicitado), o tradutor deve primeiro relacionar os resultados da análise textual detalhada na coluna à esquerda para só então preencher os dados correspondentes a cada um deles na coluna à direita. O mesmo procedimento vale para as situações nas quais o tradutor determina sozinho o *skopos* da tradução. Depois que ambas as colunas, da direita e da esquerda, estiverem preenchidas, o contraste entre o material do TF e as exigências da situação alvo revela os problemas de tradução escritos na coluna central, juntamente com os procedimentos que levam a soluções funcionalmente adequadas. Esse método permite um trabalho sistemático junto aos problemas tradutórios do texto como um todo, evitando-se assim soluções inconsistentes

para determinados problemas. O procedimento mostra também que preservar os fatores e funções é o propósito tradutório mais complexo.

Exemplo 4.0/1

Em uma aula de tradução em Heidelberg, em 1986, a tarefa era traduzir os primeiros parágrafos do texto *La subversión contemporánea y otros estudios*, do historiador espanhol Jesús Pabón (1971), sem que houvesse quaisquer instruções de tradução. A análise do TF produziu o seguinte resultado — entre parênteses, a designação dos fatores:

O professor de história espanhola Jesús Pabón (EMISSOR), cujos primeiros trabalhos foram publicados em 1925 (TEMPO), concedeu (MEIO₁) uma palestra (FUNÇÃO TEXTUAL₁) sobre o assunto “A subversão hoje” (TEMA₁), como parte de uma série de palestras (MOTIVO₁) para alunos e professores na academia militar *Escuela Superior del Ejército* (PÚBLICO₁), em Madri (LUGAR₁), em 1969 (TEMPO₁). Ela foi publicada em 1971 (TEMPO₂), juntamente com uma série de artigos (FUNÇÃO TEXTUAL₂) sobre a história moderna da Espanha (TEMA₂), na coleção *Biblioteca del estudiante* (MEIO₂) a fim de alcançar um número maior de leitores (PÚBLICO₂). O texto da palestra foi impresso sem alterações; ele continha características do discurso falado, tais como frases curtas e simples e uso da 1ª pessoa no singular (SINTAXE), redundâncias e metáforas coloquiais (LÉXICO). A organização do texto (ESTRUTURAÇÃO) era marcada por sinais de estruturação, como cabeçalhos e parágrafos numerados (ELEMENTOS NÃO VERBAIS).

Convidados a produzir uma tradução “equivalente”, os alunos não sabiam, por exemplo, se deviam “pensar para trás”, como no ano de 1971 (quando deviam ter cerca de 6 anos de idade!), ou traduzir o texto para seus contemporâneos (TEMPO₃), se deviam traduzi-lo nos moldes de uma palestra ou como se fora um artigo (MEIO), se deviam dirigir sua tradução ao correspondente alemão dos militares espanhóis em 1969 (!) (PÚBLICO₁), dos leitores espanhóis da edição impressa em

1971 (PÚBLICO₂) ou em 1986 (PÚBLICO₃) e se deviam reproduzir o efeito que o texto provavelmente teve sobre o Público₁ ou o Público₂ ou o Público₃ (EFEITO_{1,3}). Sem um consenso sobre esses fatores, os problemas linguísticos de tradução não puderam ser resolvidos satisfatoriamente.

O exemplo mostra não só na prática, mas também (e, talvez, especialmente) na sala de aula, que os tradutores precisam de uma descrição detalhada do *skopos* de tradução se pretendem enfrentar as tarefas de tradução de maneira consciente e responsável.

c. Formalizando o encargo de tradução

Utilizando a mesma Fórmula Q proposta para a análise do TF, o encargo ou as instruções de tradução podem ser formalizados conforme Nord:²⁹⁷

<p>Quem irá transmitir</p> <p>para Quê?</p> <p>para Quem?</p> <p>por Qual meio?</p> <p>em Qual lugar?</p> <p>Quando?</p> <p>por Quê?</p> <p>com Qual função?</p>	<p>Sobre qual assunto ele dirá</p> <p>o Quê?</p> <p>(o Que não)</p> <p>em Qual ordem?</p> <p>usando Quais elementos não verbais?</p> <p>com Quais palavras?</p> <p>com Quais orações?</p> <p>com Qual tom?</p>
<p>com Qual efeito?</p>	

Essa fórmula também pode ser utilizada como um questionário se o tradutor tiver de solicitar ao iniciador detalhes relacionados ao encargo de tradução.

²⁹⁷ Christiane Nord, "Defining translation functions. The translation brief as a guideline for the trainee translator".

Nem todas as informações sobre esses fatores devem ser fornecidas explicitamente nas instruções de tradução; algumas podem ser passadas implicitamente. Por exemplo, a informação sobre o meio pretendido também oferece dicas ao tradutor sobre o público pretendido, e a especificação da função textual ou do gênero pressupõe que certas convenções lexicais ou sintáticas deverão ser consideradas. Entretanto, na fase introdutória do ensino de tradução, a descrição dos fatores, especialmente os extratextuais, deve ser a mais clara possível, sem ambiguidades.

Exemplo 4.0/2a

As instruções para a tradução de um folheto turístico podem ser formuladas como segue: A administração da cidade de Sagunto, Espanha (1), pretende publicar uma versão em inglês do seu folheto de informações turísticas (2) em 1986 (3), em razão do crescente número de visitantes vindos da Inglaterra (4). O texto escrito por Santiago Bru y Vidal (5) descreve a história e os pontos turísticos de Sagunto (6). A versão em inglês, que estará disponível para os visitantes no Serviço de Informações Turísticas de Sagunto (7) e visa oferecer dados e aumentar o apelo da cidade (8), deve reproduzir todas as informações contidas no original (9), preservando-se seu *layout*, fotos etc. (10).

As informações para o tradutor inferidas a partir dessas instruções estão relacionadas na coluna à direita (Figura 8), empregando-se os números para uma referência cruzada. Observe que as flechas indicam outros fatores que podem ser afetados por essas informações. O exemplo mostra também a quantidade de informações sobre a situação do TA fornecida pelas instruções de tradução. Quanto mais detalhadas forem essas instruções, menor é a “liberdade de escolha” — que, na verdade, é mais uma “pressão de escolha”, enquanto o aluno ainda estiver adquirindo as competências necessárias para a prática tradutória.

Exemplo 4.0/2b

Se o TF for analisado sob a perspectiva do *skopos* do TA (Figura 8, coluna da esquerda), torna-se evidente que o seu efeito decorre principalmente de um conjunto de fatores simples apresentados de forma quase pomposa: orações extremamente longas (com uma média de 40 palavras, uso extensivo de gerúndio e participípio, aposições etc.) e léxico conotativo e redundante em um nível estilístico relativamente alto (por exemplo, uso frequente de adjetivos na frente do substantivo: “*feraces tierras, glorioso pasado*”). O TA deve ser adaptado às convenções culturais alvo (ver Exemplo 3.1.4/2). Visto que o TA é lido apenas em Sagunto (ao contrário do TF, que é distribuído por toda a Espanha), a função informativa terá prioridade sobre a da “propaganda” (= função apelativa-persuasiva). Como toda a informação deve ser reproduzida sem que se mude o *layout* e como haverá explicações adicionais a fim de compensar as pressuposições, o tradutor deverá reduzir as redundâncias estilísticas, mesmo que as convenções alvo permitam um estilo similar.

No ensino de tradução, as instruções não precisam ser “realistas” no sentido de que devam representar o que fazem os tradutores profissionais; porém, a motivação dos alunos será reforçada se as instruções estiverem tão próximas dessa realidade quanto possível.

Figura 8: Análise do texto fonte e do perfil do texto alvo

	ANÁLISE DO TEXTO FONTE	TRANSFERÊNCIA	PERFIL DO TEXTO ALVO
	A: FATORES EXTRATEXTUAIS		
EMISSOR	E: Prefeitura de Sagunto PT: Autor do texto: S. Bru y Vidal	Incluir nome do tradutor como produtor textual na informação legal.	E: Administração da cidade de Sagunto (1) vs. PT = TRD(5)
INTENÇÃO	Publicidade e informação (→ tipo textual) serviço para turistas	A informação é adequada para a publicidade? (por exemplo, descrição da indústria pesada).	Aumentar atratividade da cidade / alcançar publicidade através de informação → léxico, conteúdo (8).
PÚBLICO	Turistas falantes de espanhol, conhecimento geral sobre geografia, história da Espanha etc.	Diferentes conhecimentos prévios da geografia e história da Espanha → compensar as deficiências	Turistas falantes de inglês, pouco ou nenhum conhecimento prévio, mas interessados (4), (7).
MEIO	Folheto dobrável (seis páginas), papel brilhoso, fonte da letra pequena; fotos coloridas.	Restrições de espaço para o texto, primeira página em inglês? Legendas das fotos.	Como o TF, mudar o layout o menos possível (2).
LUGAR	Recepção: Sagunto (visita guiada da cidade), restante da Espanha.	Função do TA: instrumento (função guia) → nomes pró-prios dos pontos turísticos em espanhol.	Recepção: principalmente Sagunto, visita guiada da cidade (7) → léxico, sintaxe: hierarquia de funções textuais.
TEMPO	Produção: antes de 1977 Recepção: depois de 1977	Informações atualizadas? (verificar)	Produção: verão de 1986 Recepção: depois do verão de 1986 (3) → conteúdo
MOTIVO	Talvez a reabertura do castelo depois de sua restauração	Fator irrelevante	Mais turistas da Inglaterra (4) → público, conteúdo, função, léxico, sintaxe, pressuposições.
FUNÇÃO	A mesma da INTENÇÃO: informação + publicidade	HIERARQUIA DE FUNÇÕES (informação mais importante que publicidade)	PRIORIDADE DAS INFORMAÇÕES, visto que os receptores já estão em Sagunto.

B. FATORES INTRATEXTUAIS			
ASSUNTO	História e atrações turísticas modernas de Sagunto	O assunto pertence à cultura fonte, distância cultural não é problema para o efeito (ver função)	História e atrações turísticas modernas de Sagunto (6) → pressuposições
CONTEÚDO	Situação geográfica. Sagunto hoje, pontos turísticos históricos, porto e indústria, festivais.	Número de habitantes e datas: ATUALIZADOS? Informação sobre indústria pesada PERSUASIVA?	Informações completas (9), de acordo com a intenção e a função textual.
PRESSUPOSIÇÕES	História (período árabe), Igreja Católica (Santos), geografia (paisagem)	TERMOS CULTURAIS (explicar!) NOMES DE LUGARES (espanhol + explicação?).	Conhecimento da geografia a partir da experiência (7)
ESTRUTURAÇÃO	10 parágrafos (não correspondentes ao conteúdo), estruturação → conteúdo.	Mudar a divisão para parágrafos de acordo com os conteúdos.	De acordo com a função textual e o mais clara possível!
ELEMENTOS NÃO VERBAIS	Fotos, brasão, texto em três colunas abaixo de fotos, amplos espaços entre os parágrafos.	Compensar as expansões (→ pressuposições) por meio da redução de redundâncias e espaços!	<i>Layout</i> como no TE, fonte não menor (→ função) (10).
LÉXICO	Espanhol peninsular, parcialmente "literário", redundante, vocabulário conotativo.	Adaptar as convenções da cultura alvo (menos ênfase, reduzir redundâncias).	Inglês britânico (4) de acordo com as normas desse gênero, mais informativo do que elogioso.
SINTAXE	Longas hipotaxes, parênteses, apostos, enumerações.	Sintaxe simplificada (dividir frases longas, atenção ao foco!)	Não muito complicado (→ lugar da recepção), conforme as convenções deste gênero.
ELEMENTOS SUPRASSEGMENTAIS	Nenhum	Marcar nomes próprios (negrito?)	Antes de tudo: legibilidade.
C. EFEITO			
EFEITO	De acordo com a função textual: visitantes são atraídos, retornam, recomendam Sagunto	Efeito padrão: De acordo com a intenção, a distância cultural intensifica o efeito	Visitantes devem se sentir em casa, retornar, recomendar Sagunto para os amigos etc.

Mesmo uma tradução que pretenda servir como fonte de auxílio para a compreensão ou para monitorar o processo de aprendizado pode ser justificada se esse propósito for explicitado por algum tipo de instrução de tradução. Por exemplo: “Traduza o texto de forma a mostrar que você é capaz de aplicar as regras do discurso indireto no inglês!”. Somente assim os alunos saberão exatamente o que se espera deles, não podendo argumentar que “pensaram que a tradução tinha outro propósito”. Nesse sentido, a perspectiva adotada para esse modelo não é nem puramente “centrada no aluno” nem exclusivamente “centrada no professor”. Os professores, por seu maior conhecimento e sua experiência, devem orientar o processo de aprendizagem, mas, sobretudo, considerar as necessidades e o potencial dos seus alunos.

4.1. PLANEJAMENTO DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE TRADUÇÃO

4.1.0. Fundamentos

“Traduzir se aprende traduzindo, o que não permite nenhuma redução que seja”. Esta abordagem behaviorista²⁹⁸ parece ser confirmada pelo fato de 54,4% de todas as aulas oferecidas em um curso típico de tradução e interpretação serem aulas práticas.

Esse cenário, entretanto, gera uma impressão vaga, pois a tradução não é a única habilidade a ser ensinada e/ou praticada nessas aulas. Além da competência da tradução no sentido mais restrito, isto é, a competência de transferência, há muitas outras competências correlacionadas que são desenvolvidas e aprimoradas caso seja

²⁹⁸ P. Zalán, „Didaktik der Übersetzer Ausbildung auf Konfliktkurs oder sind Katastrophen auf der einen Seite und Resignieren auf der anderen vermeidbar?“, p. 200.

necessário: (a) a competência linguística na língua nativa (L1) e na língua estrangeira (L2), relativa aos aspectos formais e semânticos de vocabulário e gramática, variedades linguísticas, registro e estilo, convenções de gênero etc., (b) a competência cultural (por exemplo, conhecimentos sobre a cultura alvo, variando-se entre a vida cotidiana a instituições sociais e políticas), (c) a perícia em área, muitas vezes altamente especializadas, como o conhecimento sobre leis matrimoniais, políticas econômicas, balanços comerciais, tecnologia da informação etc., e (d) competência técnica para documentação e pesquisa, como uso de dicionários, métodos bibliográficos, armazenamento de informação etc.

Essas competências ilustram o papel importante que as aulas práticas exercem sobre o treinamento de tradutores profissionais. Pode ser útil refletir sobre como alguns desses objetivos de ensino podem ser alcançados separadamente da tradução propriamente dita. A competência linguística na língua nativa, por exemplo, frequentemente lamentada se deficiente, poderia ser facilmente ensinada em um curso à parte, independente da combinação de línguas estrangeiras escolhidas pelo aluno. Aulas sobre estudos culturais ou campos especializados poderiam ser coordenadas com as aulas de tradução, considerando-se um determinado tópico. O ensino de tradução deveria ser precedido por um curso introdutório, no qual os alunos aprenderiam as habilidades técnicas de pesquisa e documentação, métodos de análise textual orientada à tradução etc. em aulas de língua não contrastivas, além de gramática comparativa, estilística e linguística textual em aulas específicas de pares linguísticos. Todos esses procedimentos poderiam reduzir a pressão sobre as aulas de tradução, que poderiam, então, concentrar seu *skopos* no ensino da competência de transferência.²⁹⁹

²⁹⁹ Christiane Nord, *op. cit.*, 1987b; Christiane Nord, "Training functional translators".

Mesmo assim, uma aula de tradução quase sempre inclui mais do que apenas o desenvolvimento da competência de transferência. Entretanto, frente à grande variedade de objetivos de ensino, parece ser essencial estruturar e sistematizar o treinamento de tradutores de forma mais clara, inclusive a diferenciação no conteúdo sobre e para além das distinções relativamente duvidosas entre a tradução de textos gerais e a de textos para propósitos específicos. Isso pode levar ao que Wilss³⁰⁰ chama de um dos três mais importantes sub-objetivos do ensino de tradução, a saber:

A expansão da competência de transferência para padrões de transferência operacionais ou fórmulas de transferência com o objetivo último de construir técnicas de transferência dependentes do texto e do contexto e, ao mesmo tempo, idealisticamente padronizáveis (e não apenas uma única técnica de transferência).

No caso dessas técnicas de transferência, embora não em um sentido puramente linguístico, conforme sugere Wilss, os fatores do modelo de análise textual proposto aqui poderiam servir como pontos centrais para o ensino de tradução, empregados não só para sistematizar os problemas de tradução e sua solução satisfatória, mas também para fornecer uma base para a seleção de material textual para aulas de tradução.

4.1.1. A seleção de textos para aulas de tradução

Selecionar textos para aulas de tradução não precisa seguir princípios rígidos, especialmente quando a procura é por materiais autênticos, ou seja, que não foram produzidos por razões didáticas e,

³⁰⁰ W. Wilss, *op. cit.*, 1982, p. 183.

portanto, frequentemente resistem a uma sistematização. Isso não significa, no entanto, que essas escolhas sejam puramente intuitivas.

Uma exigência fundamental no ensino de tradução é que sejam utilizados apenas textos autênticos, isto é, textos reais “em-situação”, que devem ser apresentados aos alunos de tal forma que lhes seja fornecido o máximo de informações possíveis sobre a situação na qual o texto “funcionou” (no seu meio original, ou como uma fotocópia com detalhes adicionais sobre o emissor, intenção, tempo e lugar a produção textual etc.).³⁰¹ Isso explica por que coleções de textos não especificados, no que diz respeito às fontes, ou mesmo de frases isoladas são completamente inúteis.³⁰²

É claro que muitas vezes é difícil encontrar textos autênticos que não sejam extensos demais ou que tenham exatamente o grau de dificuldade apropriado para os alunos em um determinado estágio de seus estudos. Porém, se um texto é demasiado extenso e/ou demasiado difícil, a atividade pode ser tornada mais fácil através de um tipo específico de instruções de tradução: traduzir apenas certas partes do texto combinadas a uma leitura superficial e a um resumo na língua alvo, o que é outra forma de tradução que pode ser justificada pelas instruções de tradução.

O uso de textos autênticos em-situação deve, portanto, ser um princípio básico para as aulas de tradução; porém, deve haver ainda alguma forma de classificação³⁰³ que possa ser sistematizada de

³⁰¹ Ver exemplos em Christiane Nord, *op. cit.*, 2001d.

³⁰² Christiane Nord, „Zehn Thesen zum Thema ‘Übersetzungslehrbuch’“.

³⁰³ Para tradução durante treinamento de professores de língua estrangeira, Reiss recomenda considerar os seguintes aspectos: tipo textual, assunto (com respeito à motivação e ao nível de conhecimento dos alunos), direção da transferência (com respeito a gêneros traduzíveis) e o grau de dificuldade do texto (com respeito à complexidade da expressão e argumentação, grau de culturalidade e peculiaridades de texto individual) (REISS, 1977, p. 541). Esses aspectos são bastante heterogêneos, e podem se tornar relevantes para a seleção de material de treinamento de diferentes maneiras.

várias maneiras. Usando o modelo de análise textual como guia, é possível, por exemplo, classificar os textos de acordo com os fatores extratextuais, com uma tipologia de: emissores (por exemplo, com respeito a seu *status* e papel ou conhecimento prévio), intenções (por exemplo, vários textos de um mesmo autor representando diferentes intenções), de públicos (por exemplo, textos de um mesmo autor e com mesma intenção, destinados a públicos distintos). Vale lembrar que é mais fácil ressaltar as diferenças específicas entre os fatores se a variação for minimizada, associando-se os textos como “pares mínimos” de textos ou gêneros.

Exemplo 4.1.1/1

Se compararmos duas receitas escritas pelo mesmo autor, sob iguais condições de tempo e lugar, publicadas em dois livros de receitas culinárias, um para crianças e outro para donas de casa experientes, verificaremos que as características de conteúdo público-específicas (incluindo pressuposições), o estilo (incluindo convenções) e os elementos não verbais podem ser mais facilmente descobertos do que se compararmos duas receitas escritas por dois autores diferentes, sob condições de tempo e lugar distintas, publicadas uma em um livro de receitas culinárias para crianças e a outra em uma revista feminina.

Os fatores internos também podem ser utilizados como critérios de classificação. Para um curso de tradução, o professor pode escolher diversos textos sobre um mesmo assunto (ver Exemplo 3.1.4/2), textos com um conjunto similar de pressuposições (por exemplo, textos sobre certas realidades culturalmente marcadas tanto da cultura fonte quanto da cultura alvo) ou ainda textos com características lexicais e sintáticas semelhantes (por exemplo, textos sobre o mesmo assunto e que pertençam a diferentes gêneros ou vice-versa) etc. Os objetivos de ensino secundários, como a verificação

de conhecimentos temáticos, culturais ou linguísticos específicos (por exemplo, sobre o sistema educacional da cultura fonte, obras literárias, terminologia), também podem ser considerados.³⁰⁴

Essa classificação geral pode ser refinada mediante a seleção de textos que tragam combinações específicas de fatores extra e intratextuais. Se o modelo analítico for aplicado consistentemente a todos os textos escolhidos, o professor pode coordenar o material de acordo com características textuais similares ou distintas. Após trabalhar com um texto que apresenta uma combinação particular de fatores, os alunos podem intensificar seu treinamento partindo para a tradução de outros textos com essa mesma combinação de fatores, individualmente ou em grupos pequenos. Em um nível menor de competência de transferência, esse método de seleção textual seguramente envolve certo grau de simplificação e redução metodológica a tipos de problemas tradutórios. Isso há de ser aceito. A vantagem é que, assim, os alunos não se confundem ou se desmotivam com a multiplicidade de problemas que devem solucionar. A necessidade de solucionar demasiados problemas impede o sucesso das atividades realizadas.

O leque de estratégias tradutórias deve, portanto, ser mantido ao mínimo no início e expandido em um estágio mais avançado do aprendizado de tradução. Nesse sentido, van den Broeck³⁰⁵ tem razão ao afirmar que:

³⁰⁴ Alguns desses fatores foram considerados por Arntz (1982, p.111 ou 1984, p. 206), que sugere uma classificação textual de acordo com o grau de especialização. 1. Textos gerais: textos para comunicação não técnica; 2. Textos técnicos no seu sentido mais amplo: textos de divulgação, nos quais especialistas se dirigem a um leitor leigo sobre um campo específico do conhecimento; 3. Textos técnicos no seu sentido mais restrito: textos para comunicação técnica entre especialistas.

³⁰⁵ J. S. Holmes, J. Lambert, R. van den Broeck, *Literature and translation*, p. 96.

A didática de tradução pode considerar sua tarefa apropriada fornecer direcionamentos úteis e sistematizar possíveis estratégias no que diz respeito ao modo como tais adaptações fomentem a produção de traduções otimizadas. Os professores de tradução podem ser tentados a cumprir essa tarefa impondo regras rígidas que, presumem, levam a soluções corretas para problemas aparentemente uniformes. Mas parece ser mais razoável deixar a porta aberta para um número mais diversificado de estratégias possíveis, mesmo até tal grau que o tradutor possa manifestar sua liberdade ao escolher estratégias alternativas, de acordo com as normas que ele julga mais adequadas ao seu propósito.

Essas últimas considerações sobre a seleção de textos nos levam ao tema da progressão didática, isto é, a sequência de textos usados em aula. Os manuais de tradução normalmente graduam os textos em três ou quatro níveis, partindo do “fácil” para o mais “difícil”, embora a maioria não justifique essa classificação. Nos exames de muitos cursos universitários de tradução, por exemplo, os textos apresentados para tradução na língua C³⁰⁶ têm que ser mais “fáceis” do que aqueles apresentados na língua B. O pagamento dos tradutores também é escalonado de acordo com o “grau de dificuldade” da tradução. Sendo assim, o honorário para a tradução de um texto altamente especializado é, geralmente, maior do que o para a tradução de um texto mais geral; a tradução de um texto escrito em uma língua “minoritária” (o vietnamita,

³⁰⁶ De acordo com os padrões das instituições internacionais de tradução e interpretação (AIIC, FIT), as línguas são classificadas da seguinte maneira. **A:** a língua nativa (ou outra língua estritamente equivalente à língua nativa), no âmbito da qual o intérprete/tradutor trabalha preferencialmente a todas as suas outras línguas; **B:** uma outra língua que não a língua nativa do intérprete, que ele domina perfeitamente e no âmbito da qual ele trabalha preferencialmente a uma ou mais de suas outras línguas; e **C:** línguas que o intérprete/tradutor compreende perfeitamente e com as quais ele trabalha (ver www.aiic.net).

por exemplo) também custará mais do que um texto escrito em francês ou espanhol, e a tradução para uma língua estrangeira é geralmente mais cara do que para a língua nativa etc. Mas o que isso tem a ver com “dificuldade”?

Em nossa opinião, a “dificuldade” não é uma qualidade inerente aos textos. Para alguém com um conhecimento perfeito de vietnamita e pouco conhecimento de francês, a tradução do alemão para o vietnamita não será mais difícil do que a do alemão para o francês (logo, o valor maior é questão de oferta e procura). No capítulo a seguir, são apresentados os fatores que determinam o grau de dificuldade de uma tarefa de tradução, usando-se os fatores de análise como ponto de referência.

4.1.2. *O grau de dificuldade das tarefas de tradução*

Na prática tradutória, presume-se que o tradutor profissional seja plenamente competente quanto à linguagem, ao assunto e aos procedimentos de transferência. Nesse caso, o grau de dificuldade apresentado pela atividade tradutória reside nas características específicas do texto fonte em-situação.³⁰⁷ No ensino de tradução, entretanto, é preciso considerar o nível de competência dos alunos em um determinado estágio do treinamento, não só em relação à sua competência de transferência como em relação ao domínio das

³⁰⁷ Reiss (1974b, p. 5) distingue três dimensões: a) dificuldades linguísticas (estruturas sintáticas e semânticas do texto, por exemplo); b) dificuldades temáticas (por exemplo, o conteúdo textual); e c) dificuldades técnicas (como aquelas relativas à apresentação formal do texto). Porém, não especifica os determinantes dessas dificuldades. Sendo assim, na dimensão das dificuldades linguísticas, Reiss lista os seguintes aspectos: “nível estilístico” (que é uma característica intratextual do TF), “função do TF” (que é um fator extratextual do TF), “direção da transferência” (que é um fator dependente do tradutor) e “função do TA” (que é um fator relativo à transferência). Reiss não menciona quaisquer aspectos relacionados ao texto de chegada.

línguas fonte e alvo. Por essa razão, o grau de dificuldade apresentado por uma atividade de tradução é frequentemente mensurado por critérios linguísticos.³⁰⁸

Por outro lado, a descrição puramente linguística do grau de dificuldade de uma tarefa de tradução não é suficiente. As dificuldades de tradução não resultam apenas da natureza de um TF e de sua situação em relação a todas as possibilidades da língua alvo. Elas também variam de acordo com o nível de conhecimento e de competência do tradutor, do *skopos* da tradução (isto é, as qualidades estilísticas, funcionais e pragmáticas exigidas do texto alvo) e das condições (técnicas) de trabalho com as quais o tradutor deve lidar. Os fatores que dependem do tradutor são particularmente relevantes do ponto de vista didático, pois são diretamente influenciados pelo ensino. Esses fatores afetam também a prática profissional da tradução no que se refere, por exemplo, às diferentes avaliações de traduções para a língua nativa e de versões para a língua estrangeira. As condições de trabalho também exercem um efeito considerável sobre a prática e o ensino. Por exemplo, detalhes técnicos, tais como a falta de dicionários e material de documentação, tempo reduzido, baixa remuneração, alto padrão de exigência para a apresentação do texto alvo (por exemplo, manuscrito preparado para impressão imediata, formatos específicos

³⁰⁸ Com base na comparação entre TF e TA, Thiel (1975, p. 24) afirma *a posteriori* que “uma dificuldade de tradução ocorre sempre que a tradução de um segmento do TF exigir uma alteração obrigatória em termos semânticos e/ou formais”. Já Wilss, que distingue “dificuldades de tradução (DT) específicas de transferência”, “DT específicas do tradutor”, “DT específica do tipo textual” e “DT específicas do texto” (1982, p. 161), limita as aplicações didáticas para traduções da L2 para a L1. Sendo assim, ele chega a uma definição puramente linguística das dificuldades de tradução: “a DT ocorre sempre que uma correspondência unívoca lexical ou sintática entre a língua do TF e a língua do TA não puder ser realizada, caso a tradução literal acarretasse, inevitavelmente, em uma transferência negativa” (ibid., p. 164).

etc.) também podem determinar o grau de dificuldade de uma tarefa de tradução.

Seria necessário, portanto, distinguir entre *dificuldades* e *problemas* de tradução.³⁰⁹ Um *problema* de tradução é uma tarefa de transferência objetiva (ou intersubjetiva) que todo tradutor, independente do seu nível de competência e das condições técnicas de trabalho, deve resolver durante um processo específico de tradução. Existem quatro categorias de problemas tradutórios: (a) problemas de tradução pragmáticos (PTP), que surgem do contraste entre a situação na qual o TF é/ou foi utilizado e a situação para a qual o TA é produzido (por exemplo, a orientação ao público de um texto ou referências dêiticas de tempo e lugar); (b) problemas de tradução relacionados a convenções (PTC), que surgem das diferenças nas convenções comportamentais entre as culturas fonte e alvo (por exemplo, convenções de gênero, de mensuração ou de tradução); (c) problemas de tradução de ordem linguística (PTL), que surgem de diferenças estruturais entre as línguas fonte e alvo (por exemplo, a tradução do gerúndio do inglês para o alemão ou das partículas modais do alemão para o português) e (d) problemas de tradução específicos (PTE), que surgem de características específicas do TF (por exemplo, a tradução de um trocadilho).

Já as *dificuldades* de tradução são subjetivas e têm a ver com o tradutor individualmente e suas condições específicas de trabalho. Um problema de tradução que parece muito difícil para o iniciante continuará sendo um problema de tradução mesmo quando o aluno aprender a resolvê-lo. No entanto, o problema pode se tornar

³⁰⁹ Christiane Nord, „Übersetzungsprobleme — Übersetzungsschwierigkeiten. Was in den Köpfen von Übersetzern vorgehen sollte“.

uma dificuldade se o tradutor tiver que resolvê-lo sem os recursos técnicos necessários.³¹⁰

Um trocadilho, por exemplo, representa um problema de tradução (específico). Ao tradutor cabe descobrir sua função no e para o TF, a fim de decidir se o *skopos* da tradução requer ou não a transferência do trocadilho para o texto alvo. Se não for este o caso, o problema pode ser resolvido traduzindo-se o sentido geral do trecho e omitindo-se o trocadilho (= equivalência zero). Mas se o *skopos* exigir essa transferência, o tradutor deve analisar primeiro o uso geral (culturalmente marcado) e o efeito normal dos trocadilhos no gênero textual em questão, e então buscar as possibilidades estruturais para produzir um trocadilho na língua alvo, no trecho em questão ou noutro trecho do texto, e, por fim, analisar as consequências (pragmáticas) que essa transferência acarretará sobre a intenção do emissor ou para o efeito do texto como um todo. O grau de dificuldade que esse problema apresenta para o tradutor depende do gênero, do par linguístico e da distância cultural entre as culturas fonte e alvo, assim como das competências temáticas, linguísticas e de transferência do tradutor.

A fim de se especificar o grau de dificuldade da tarefa de tradução na prática tradutória, é preciso considerar os seguintes parâmetros, que pertencem a diferentes fases do processo de tradução: (a) o grau “absoluto” de dificuldade do TF, na fase de análise; (b) o nível de conhecimento e de competência do tradutor (perícia temática, competência na língua fonte, competência de transferência, competência na língua alvo, em todas as três fases); (c) o encargo de tradução e os problemas de tradução pragmáticos, culturais e linguísticos que ele apresenta nas

³¹⁰ Christiane Nord, „Leicht — mittelschwer — (zu) schwer. Zur Bestimmung des Schwierigkeitsgrades von Übersetzungsaufgaben“.

fases de transferência e de produção do TA, e (d) as condições técnicas e de trabalho nas fases de análise do TF e de produção do TA.

Esses parâmetros levam a quatro categorias de dificuldades tradutórias (DT específicas ao texto, DT dependentes do tradutor, DT pragmáticas e DT técnicas), que podem ser identificadas utilizando-se o modelo de análise textual voltada à tradução.

a. Dificuldades específicas do texto fonte

São aquelas relacionadas ao grau de compreensibilidade do TF e que podem ser descobertas através dos fatores intratextuais, ignorando-se tanto quanto possível os critérios dependentes do tradutor. O grau de dificuldade de um TF pode ser mensurado mediante análise da quantidade e da complexidade do seu conteúdo, da quantidade de pressuposições (grau de redundância), do grau de consistência e clareza da estruturação textual (incluindo a estrutura tema-remática), da complexidade das estruturas lexicais e sintáticas do TF (incluindo quaisquer falhas), da quantidade de características suprasegmentais (que tornam a compreensão mais fácil) e da quantidade e natureza de elementos não verbais.

O grau de dificuldade apresentado pelos fatores intratextuais é determinado pela quantidade de informação sobre as dimensões extratextuais que o tradutor tem à sua disposição. Isto é, quanto mais conhecimento o tradutor tiver acerca da situação na qual o TF é, ou foi, usado, tanto maior a compreensibilidade do texto. Assim, o professor pode variar o grau de dificuldade da tarefa de tradução fornecendo mais ou menos informação sobre a situação.

b. Dificuldades dependentes do tradutor

As dificuldades específicas do texto fonte existem até mesmo para o tradutor “ideal”, aquele que detém competência plena para seu trabalho, ainda que sua experiência lhe tenha ensinado

a superá-las. No ensino de tradução, essas dificuldades normalmente devem ser relacionadas ao nível de conhecimento e competência do aluno. Isso se aplica não apenas às dificuldades temáticas (o alto nível de abstração de um TF, por exemplo) ou ao conhecimento cultural prévio, mas também a quaisquer outros fatores intratextuais, se constituírem demandas excessivas sobre as habilidades dos alunos em um determinado estágio do seu treinamento.

Por essa razão, é justo afirmar que, no processo de ensino de tradução, as competências linguísticas insuficientes tanto na língua fonte como na língua alvo constituem o maior obstáculo — o que requer, por parte do professor, cuidado para assegurar que o texto (fonte) não seja demasiado difícil para o aluno. Embora, a princípio, um domínio pleno de todas as estruturas lexicais, sintáticas e suprasegmentais da LF e da LC deva ser considerado exigência básica nos cursos de tradução, é geralmente difícil aderir a esse princípio no treinamento de tradutores, especialmente quando as línguas fonte e alvo não estão inclusas no currículo escolar e têm que ser aprendidas do zero. Mesmo em sua língua nativa, os alunos não conseguem ser “plenamente competentes” em todos os tipos textuais e áreas do conhecimento. O ensino de tradução deve, portanto, começar em um determinado “nível mínimo” de competência, que possa ser expandido em cursos especiais coordenados com as aulas práticas de tradução até que se alcance o nível de competência desejado.

Deste ponto de vista, a diferença quanto ao grau de dificuldade entre a tradução direta (para a língua nativa) e a versão (para a língua estrangeira) deve ser observada como sendo, principalmente, dependente do tradutor. O domínio da língua nativa é geralmente maior do que o de qualquer língua estrangeira, mas a proficiência do tradutor na língua estrangeira pode, é claro, alcançar um nível

bem elevado para tarefas de tradução altamente especializadas. No ensino, as instruções de tradução devem levar isso em consideração. Se as instruções demandam uma tradução preliminar que será revisada por um falante nativo e especialista na área, é possível que certo nível de “interlíngua” seja tolerado, temporariamente, supondo-se que o texto esteja pelo menos compreensível para esse revisor imaginário. Enfim, existem imperfeições que não afetam a compreensão e desvios formais que não são necessariamente prejudiciais para o efeito comunicativo global de um texto.

c. Dificuldades pragmáticas

Estas dificuldades estão relacionadas à natureza da tarefa de tradução. Textos autênticos são produzidos para um público falante nativo que os recebe em uma situação específica, o que facilita sua compreensão. Esses textos não são dirigidos a um tradutor (possivelmente de outra cultura), cujo nível de conhecimento (relacionado ao assunto discutido no texto) pode ser limitado. Por essa razão, o professor deve “adaptar” o texto autêntico à situação de ensino sem simplificá-lo ou falsificá-lo, mas mediante redução da dificuldade da tarefa de tradução, utilizando para isso um tipo específico de encargo que nós chamamos de encargo “didático” de tradução. Se acompanhado por instruções apropriadas — que, por exemplo, excluam ou reduzam certas dificuldades linguísticas, culturais ou temáticas —, um texto considerado difícil pode ser usado em uma tarefa de tradução adequada até mesmo para um iniciante. Os fatores da análise textual orientada à tradução também atuam como estrutura de referência nesse caso. Por exemplo, as dificuldades de conteúdo podem ser minimizadas com uma tarefa de tradução-resumo, enquanto as dificuldades no campo das pressuposições podem ser quase eliminadas por um *skopos* de tradução que não demande compensações.

As dificuldades dependentes do tradutor também podem ser reduzidas pelas instruções de tradução. Para mencionar somente um exemplo: para os alunos, é relativamente fácil traduzir um texto que se destine a um tipo de público similar a eles mesmos, como alunos em um curso de tradução e interpretação! Se as instruções exigem um texto alvo correspondente às convenções da cultura alvo, as dificuldades no campo da competência da língua fonte adquirem menos importância. Há casos, inclusive, em que uma competência relativamente baixa na língua alvo é exigida. Para traduzir uma carteira de motorista, por exemplo, o tradutor muitas vezes tem que preencher somente um formulário preexistente na cultura alvo contendo dados como nome, data de nascimento, nacionalidade etc., todos já proporcionados pelo formulário na cultura fonte.

É claro que o professor também pode empregar as instruções de tradução como um método para aumentar o grau de dificuldade, solicitando, por exemplo, a alteração de certos fatores situacionais, especialmente a função ou a equivalência de efeito, apesar de uma grande distância cultural. Essas tarefas podem apresentar problemas adicionais que os alunos só conseguem solucionar se estiverem preparados para elas. Mas, atenção, este procedimento não é recomendado para o treinamento de tradutores.

d. Dificuldades técnicas

Nos casos em que a tarefa de tradução apresenta muitas dificuldades, ou se elas são muito complexas em relação ao nível do conhecimento e competência dos alunos, a tarefa pode ser facilitada reduzindo-se as dificuldades técnicas de pesquisa e documentação. Nas primeiras fases do ensino, o professor pode, por exemplo, fornecer material adicional na língua fonte ou alvo, isto é, “textos auxiliares”, como, por exemplo, “textos paralelos” (isto é, textos na língua alvo sobre o mesmo assunto e do mesmo gênero

do TF), “textos modelo” (mesmo assunto, mesmo gênero e até a mesma variedade de gênero, permitindo-se assim que o texto paralelo seja utilizado como modelo quanto a características sintáticas, lexicais e de registro), “textos comparativos” (mesmo assunto, gênero diferente) ou “textos enciclopédicos” (que oferecem informações temáticas e terminológicas). Em uma segunda fase, os alunos devem buscar esse material sozinhos. Esse método permite não só a tradução de textos da esfera de experiência pessoal dos alunos, mas também daqueles que, em um estágio inicial do seu treinamento, parecem mais difíceis de traduzir do ponto de vista linguístico e temático. O ponto interessante é que, com o uso desses textos auxiliares, os alunos conseguem concluir relativamente bem a tarefa de tradução, sem recorrer a dicionários bilíngues ou outras fontes de referência.³¹¹

Essas medidas afetam as condições de trabalho do tradutor em treinamento, visto que o grau de dificuldade de uma tarefa de tradução pode variar se houver alteração dos detalhes técnicos. Por exemplo, a disponibilidade do material de documentação, terminologias e bancos de dados, além de textos comparativos, paralelos ou modelo da cultura alvo, podem tornar a tarefa mais fácil, enquanto a falta ou a acessibilidade restrita desse material tende a aumentar o grau de dificuldade. A tradução de um texto especializado para a língua estrangeira realizada somente com um dicionário monolíngue na língua alvo tende a ser bastante difícil — e, por incrível que

³¹¹ „Leicht — mittelschwer — (zu) schwer. Zur Bestimmung des Schwierigkeitsgrades von Übersetzungsaufgaben”, in FLEISCHMANN, E. et al. (eds.), *Translationsdidaktik. Beiträge der VI. Internationalen Konferenz zur Grundfragen der Übersetzungswissenschaft*, Tübingen, Narr, 1997d, pp. 92-102 & “Functional units in translation”, in MAURANEN, A. & PUURTINEN, T. (eds.), *Translation — Acquisition — Use. AFinLa Yearbook*, Jyväskylä, University Press, 1997e, pp. 41-50.

pareça, esta é uma tarefa bastante comum exigida dos alunos nas provas de certos centros para treinamento de tradutores.

No nosso ponto de vista, portanto, os alunos devem aprender a usar quaisquer meios de documentação e pesquisa disponíveis, incluindo ferramentas eletrônicas e memórias de tradução, tradução automática, sistemas de gestão terminológica e de localização, dicionários e enciclopédias online, bases de dados terminológicas, redes léxico-conceituais etc. Se aprenderem a utilizá-los de maneira eficiente, isto é, controlando o limite de tempo, podem desenvolver um fator que, talvez, seja o mais importante na prática profissional.

4.1.3. O grau de dificuldade de textos

Reiss³¹² utiliza uma indexação numérica para classificar o grau de dificuldade de um texto. O nível de competência e conhecimento dos alunos não entra nessa classificação. Entretanto, no curso de uma unidade a ser ensinada (um curso de tradução de 30 horas em um semestre, por exemplo) ou de uma fase específica do estudo (por exemplo, um curso básico de tradução do português para o inglês ao longo de dois anos), o conhecimento dos alunos sobre certos componentes (por exemplo, vocabulário ou convenções de gênero) pode ser construído e expandido mediante um processo contínuo. Sendo assim, ao final de uma unidade e após preparação cuidadosa e sistemática, o grau relativo de dificuldade de um mesmo texto será menor do que era inicialmente.

Isso significa que a progressão da aprendizagem deve ser cuidadosamente planejada ao longo de todo um curso ou de uma unidade. Ao mesmo tempo, todas as outras matérias ensinadas ao longo do treinamento devem ser coordenadas com as aulas de tradução

³¹² K. Reiss, „Zur Bestimmung des Schwierigkeitsgrades von Übersetzungen aus didaktischer Sicht“, p. 46.

de acordo com um currículo que diga respeito tanto ao conteúdo (por exemplo, conhecimento cultural e temático) como à competência linguística (por exemplo, estilo e gramática das línguas envolvidas) e à competência de transferência (por exemplo, teorias e métodos de tradução). Somente assim será possível estabelecer uma progressão lógica para o ensino de tradução.

No que segue, esboçamos brevemente como se pode estruturar tal curso. No nível básico, os alunos trabalham com tipos textuais altamente padronizados, transculturais ou universais, cuja constelação de fatores permite pouca variação e cujas características intratextuais são convencionais (dificuldades específicas do texto). Esses textos devem tratar de assuntos que pertençam à esfera da experiência pessoal dos alunos, e as convenções de gênero do TF devem ser também conhecidas por eles. As convenções da cultura alvo devem ser relativamente rígidas e igualmente conhecidas dos tradutores (dificuldades dependentes do tradutor). Já o *skopos* da tradução deve ser definido de forma detalhada por instruções de tradução não ambíguas e exigir a preservação dos fatores situacionais (dificuldades pragmáticas). O TF deve estar livre de falhas e constar em seu formato original, enquanto o professor deve fornecer material auxiliar suficiente na língua alvo, como textos paralelos e modelo (dificuldades técnicas).

Dessa maneira, os iniciantes conseguem concluir a tarefa de maneira satisfatória, tendo apenas que produzir um TA copiando mais ou menos um modelo existente na língua alvo. As dificuldades resultantes da falta de proficiência em línguas serão quase que inexistentes, permitindo-se que os alunos não apenas tenham sucesso nas tarefas como também compreendam, de fato, o que é traduzir profissionalmente. Além disso, eles deixam de lado a tradução de palavras e frases da língua fonte, como costumava ser a prática corriqueira na aula de língua estrangeira.

Quando esse nível básico for superado, as dificuldades aumentam gradualmente. O professor escolhe textos fonte menos padronizados, já não tão livres de falhas mais, e que podem até conter uma linguagem mais apelativa (dificuldades específicas do texto). Por outro lado, consideramos que as dificuldades específicas do texto não devem jamais exigir demais da competência linguística do grupo, pois, caso contrário, a aula acaba se tornando, inevitavelmente, uma aula de língua estrangeira. Se necessário, a competência linguística pode ser expandida em um curso de línguas precedente ou paralelo às aulas de tradução.

Quando a competência de transferência aumenta através dos textos analisados e traduzidos em aula, as dificuldades dependentes do tradutor diminuem gradativamente de uma tarefa a outra. Portanto, o grau de dificuldade das tarefas de tradução pode ser aumentado gradualmente em relação aos fatores externos e internos. A exigência de se ter que alterar determinados fatores (orientação ao público, dimensões de tempo e lugar) ou de se estabelecer equivalência em diversos níveis do texto representará algumas dificuldades adicionais, lembrando que estabelecer equivalências é uma das tarefas mais difíceis no treinamento de tradutores. O professor deve, então, cuidar para que entre uma tradução e outra certos aspectos das instruções de tradução permaneçam os mesmos, a fim de conseguir uma progressão didática mais contínua, sem esquecer que, embora “não haja atalho sem trabalho” — ou “não se pesquem trutas a bragas enxutas” —, somente o sucesso gera motivação.

Em nossa opinião, uma tradução-instrumento não é, necessariamente, mais difícil do que uma tradução-documento. De fato, as tarefas que sugerimos para o nível básico do ensino de tradução normalmente envolvem uma tradução-instrumento. No entanto, a tradução-documento pode ser mais fácil nos casos em que o tradutor tem permissão de dar a informação necessária sobre a situação

original (emissor, tempo, lugar, meio etc.) no paratexto (em um parágrafo introdutório, por exemplo) sem ter que integrar tudo no texto alvo.³¹³

É interessante observar que a tarefa de tradução não é facilitada simplesmente pela redução da unidade de tradução, conforme parece sugerir Königs.³¹⁴ Pelo contrário, a tradução funcionalmente equivalente de um morfema que o autor empregou intencionalmente como “característica relevante” para alcançar um efeito estilístico específico³¹⁵ é muito mais difícil do que a tradução funcionalmente equivalente de um texto padronizado, que deve ser traduzido como um todo para uma situação igualmente padronizada.

4.2. A CLASSIFICAÇÃO DOS PROBLEMAS DE TRADUÇÃO

Conforme mencionado anteriormente, a coluna do meio da Figura 8 descreve a transferência do “material” fornecido pelo texto fonte (listado na coluna à esquerda) para a situação-alvo (definida pela coluna à direita). Também contempla quaisquer considerações que possam surgir na transferência, indicando a tarefa de tradução (quais problemas de tradução devem ser resolvidos?), a estratégia ou o método de tradução (quais técnicas de tradução e adaptação devem ser aplicadas?) e o próprio procedimento tradutório (por meio de qual procedimento o propósito exigido será melhor alcançado?)

Ao contrário do conceito de “dificuldade de tradução”, que, como descrito no capítulo anterior, permite a classificação dos

³¹³ Ver o curso de tradução espanhol-alemão proposto em Christiane Nord, *op. cit.*, 2001d.

³¹⁴ F. G. Königs, „Zur Frage der Übersetzungseinheit und ihre Relevanz für den Fremdsprachenunterricht“, p. 83.

³¹⁵ De acordo com o exemplo de um grafema com uma unidade de tradução dado em G. Toury, “Sharing relevant features. An exercise in optimal translating”.

textos selecionados para uma atividade específica de ensino, o conceito de “problema de tradução” é útil para estruturar os objetivos do ensino e aprendizagem na área de competência de transferência. Ao classificar os problemas de tradução apresentados por um texto específico, ou por todos os textos escolhidos para uma atividade de ensino, o professor obtém uma diretriz sobre quais aspectos da tradução devem ser tratados no curso. Ao mesmo tempo, os alunos aprendem a distinguir entre os problemas objetivos de tradução e as dificuldades (subjetivas) de tradução, e, ao fazê-lo, conseguem julgar o nível de competência que atingiram em determinado estágio.

Se quisermos classificar os problemas de tradução, podemos usar os fatores do modelo de análise como quadro de referência, conforme mostrado na Figura 8. Como indicado acima, os problemas de tradução também podem ser classificados em quatro categorias (listadas abaixo de acordo com sua generalidade), desde os problemas que ocorrem em qualquer tarefa de tradução àqueles presentes apenas em uma tarefa concreta de tradução.³¹⁶

a. Problemas de tradução de ordem pragmática

Todo texto fonte pode ser traduzido em diferentes línguas-alvo de acordo com diferentes propósitos de tradução. Assim, o primeiro conjunto de problemas de tradução surge da situação de transferência com seus contrastes específicos de receptores do TF *versus* receptores do TA, meio do TF *versus* meio do TA, motivo da produção do TF *versus* motivo da tradução (= produção do TA), função do TF *versus* função do TA etc. Visto que esses problemas estão presentes em qualquer exercício fictício de tradução, eles podem ser generalizados, independente das línguas e culturas envolvidas,

³¹⁶ Mais detalhes em Christiane Nord, “Text analysis in translator training”, pp. 45-47; Christiane Nord, *op. cit.*, 1993, p. 205; Christiane Nord, *op. cit.*, 1997a, pp. 64-67.

ou da direção da tradução (de ou para a língua estrangeira) etc. Os exemplos mostram que os problemas pragmáticos de tradução podem ser identificados usando-se os fatores extratextuais do modelo de análise textual. Nas fases introdutórias do ensino de tradução, recomendaríamos a análise de cada fator extratextual para apontar os eventuais problemas pragmáticos da tradução.

b. Problemas de tradução relacionados a convenções

Na tradução de uma cultura específica para outra podem surgir determinados problemas de tradução que não ocorreriam entre outras duas culturas. Tais problemas são resultado das diferenças de hábitos (verbais e não verbais), de normas e convenções culturais. Para uma listagem completa desses tipos de problema de tradução, precisaríamos de alguma espécie de “estudos culturais comparativos”, os quais, pelo que sabemos, não existem ainda. Por isso, temos de recorrer ao procedimento eclético de coletar problemas culturais de tradução conforme os encontramos, por exemplo: convenções de gênero, convenções gerais de estilo, convenções de medidas, convenções formais de marcação de determinados elementos em um texto (por exemplo, em contextos metalinguísticos) etc.

Basicamente, esses problemas também estão presentes em todo exercício de tradução, mas, dependendo das culturas ou grupos culturais específicos, eles devem, talvez, ser tratados de modo diferente.

c. Problemas de tradução de ordem linguística

As diferenças estruturais entre duas línguas, especialmente no léxico e na sintaxe, suscitam certos problemas que ocorrem em toda tradução envolvendo esse par de línguas, não importando qual das duas serve como língua-fonte ou língua-alvo. A

gramática contrastiva e algumas abordagens sobre uma “gramática tradutória didática”³¹⁷ prestam um auxílio valioso na solução desses problemas.

Nesse contexto, devemos distinguir claramente os problemas que se devem a uma competência linguística insuficiente dos problemas de tradução propriamente ditos. O valor estilístico específico dos latinismos nos textos alemães,³¹⁸ embora possa causar dificuldades “na tradução”, não é, como tal, um problema de tradução, mas um problema intralingual de competência linguística. Mas, visto que no português os equivalentes aparentes (etimológicos) desses latinismos alemães não são estilisticamente marcados, a tradução das palavras relacionadas etimologicamente (os chamados falsos amigos) parecem ser um problema geral de estilo e semântica que surge em toda tradução português-alemão e alemão-português (e, de modo semelhante, entre o alemão e outras línguas românicas). O mesmo se aplica, por exemplo, ao uso do subjuntivo no discurso indireto em alemão³¹⁹ ou de verbos auxiliares em italiano.³²⁰ Apenas quando contrastados com uma língua-alvo que os apresenta em maior ou menor grau, além de outras diferenciações semânticas ou estilísticas, é que tais fenômenos intralinguais tornam-se problemas de tradução. Como não existem regras gerais para solucioná-los, o professor pode apenas conscientizar os alunos sobre tais problemas, enfatizando sua relação com a função do texto, com o registro, com o tipo de público, etc.

³¹⁷ H. Raabe, „Didaktische Translationsgrammatik“,

³¹⁸ K. Reiss, „Didaktik des Übersetzens: Integration der Sprachwissenschaft in dem Übersetzungsunterricht“, p. 132.

³¹⁹ S.-O. Poulsen, „Der Gebrauch des Konjunktiv I als Übersetzungsproblem“, 1984.

³²⁰ E. Arcaini, “L’auxiliaire comme problème de traduction”, 1984.

d. Problemas de tradução específicos do texto

Qualquer problema que surja em um texto específico e que não possa ser classificado como pragmático, linguístico ou relacionado às convenções deve ser considerado “problema específico”, o que significa que sua ocorrência em um texto em particular é um caso especial. As figuras retóricas e a criação individual de palavras são exemplos de tais problemas. Como não se situam em uma categoria geral, e a solução encontrada para um deles em uma tarefa de tradução específica não permite generalizações, tais problemas devem ser evitados na fase inicial do ensino de tradução.

Por isso, tanto para o aluno quanto para o professor, a coluna do meio do esquema serve como um registro dos problemas de tradução resolvidos na tradução de um texto específico em sala de aula. Os esquemas preenchidos para todos os textos traduzidos durante um curso indicam a frequência e a distribuição de determinados problemas de tradução. Assim, tais esquemas oferecem uma lista de assuntos no campo da competência de transferência que podem ser usados como referencial na avaliação do progresso da aprendizagem ao final do curso de tradução.

Entretanto, como aponta Wilss,³²¹ devemos ter em mente que mesmo a avaliação mais sofisticada do ET (ensino de tradução) é apenas uma ajuda parcial. Isso levaria o tradutor a refugiar-se no pensamento criativo não generalizado e em procedimentos mais ou menos originais de transferência.

Contudo, se quisermos alcançar uma base sólida para o ensino de tradução, devemos aproveitar cada oportunidade, mesmo que pequena, que nos permita algum grau de sistematização. Ao identificar os problemas de tradução na fase inicial do processo

³²¹ W. Wilss, *op. cit.*, 1982, p. 192.

tradutório, o nosso modelo de análise textual pode ajudar a tornar o ensino de tradução mais eficaz.

4.3. AVALIAÇÃO DA COMPETÊNCIA DE TRANSFERÊNCIA

Depois de cada fase do curso, e antes que se inicie uma nova fase, a competência dos alunos deve ser avaliada. No capítulo seguinte discutiremos alguns métodos de avaliação da competência de transferência.

Nas universidades que oferecem cursos para treinamento de tradutores, o único método de monitoramento do progresso de aprendizado parece ser, até o momento, a tradução de um texto. O material fonte usado para as provas é selecionado quase exclusivamente de acordo com o grau de dificuldade do texto. A avaliação do que os alunos aprenderam até o momento se baseia no resultado do processo de tradução (tanto na língua nativa quanto na língua estrangeira) mesmo nas avaliações intermediárias, embora, geralmente, não haja meios para se verificar se as soluções que o professor espera que os alunos produzam tenham, de fato, sido ensinadas (isso acontece particularmente com a tradução de textos não especializados). Essa prática é insatisfatória por várias razões.

- a. Para traduzir um texto completo, os alunos precisam não apenas de competência de transferência, mas também de competência linguística na LF e na LA e de competência cultural na CF e na CA, assim como competência temática e de pesquisa. Em uma tarefa de tradução, todas essas competências são testadas de uma vez, e um erro de tradução não permite identificar o tipo de competência deficiente. Alguns erros podem até ocorrer devido à “dificuldade técnica de tradução”, como a falta de material de referência durante a prova, por exemplo.

Enquanto o ensino de tradução continuar a ter início antes que se adquira algum nível de competência linguística, cultural etc., e enquanto os textos de avaliação forem selecionados de acordo com o grau de dificuldade que apresentam em vez de serem ajustados ao nível previsível de conhecimento dos alunos, estes continuarão na injusta posição de não conseguirem demonstrar suas competências de transferência, pois o texto fonte é simplesmente muito difícil de se analisar ou compreender!

- b. Se o único critério que as normas dos exames oferecem para a seleção do material de prova é que o texto deve ser “geral” ou “especializado”, então praticamente qualquer problema concebível de tradução pode ocorrer nesse texto. Isso pode fazer bastante sentido nas avaliações finais, já que um tradutor profissional deve ter condições de lidar com qualquer problema concebível de tradução. Contudo, nas avaliações intermediárias os professores devem deixar claro o que esperam que o aluno saiba naquela fase. O aluno só consegue resolver adequadamente os problemas que foram solucionados em sala de aula, ou cujas soluções podem ser encontradas por analogia. Este princípio é de praxe em qualquer outro treinamento profissional, enquanto os tradutores no curso só conseguem alcançar a melhor nota se apresentarem a solução perfeita para todos os problemas presentes no texto (independente de terem sido trabalhados anteriormente ou não).
- c. Em uma avaliação, os alunos geralmente não podem comentar as soluções que escolheram em suas traduções. Fica a critério do professor decidir se marca como “omissão” alguma informação que não esteja reproduzida no TA ou se a considera uma redução funcional (que pode até

merecer um “ponto a favor” por adequação pragmática) de alguma informação que se espera fazer parte do horizonte cultural específico do receptor do TA. Além disso, se em teoria o aluno sabe como resolver determinado problema, mas tem dificuldade transformar a teoria em prática na LA, ele poderia descrever brevemente o procedimento para a solução. Assim, o professor poderia dar uma nota por “acerto parcial”.

Em nossa opinião, com o uso do modelo de análise textual orientada para a tradução e das instruções de tradução como quadro de referência podemos chegar a um modo mais objetivo de avaliar o progresso real que o aluno fez no decorrer do curso. Primeiro, a sistematização dos problemas de tradução em um esquema semelhante ao da Figura 8 permite ao professor identificar os problemas tratados ou não em sala de aula. Se determinado conjunto de problemas de tradução for estabelecido como obrigatório no currículo do curso, o examinador pode certificar-se de que o texto da avaliação não apresenta nenhum problema novo ou estranho, ou — de modo ainda mais realístico — de que tais problemas, pelo menos, não estejam incluídos na avaliação.

A sistematização dos propósitos de tradução em sala de aula conduz a uma metodologia mais clara de ensino de tradução, e dá aos alunos mais autoconfiança com respeito às expectativas do professor ou do examinador. Os alunos devem se acostumar a receber instruções claras de tradução ou a formular seu próprio *skopos* de tradução, que servirá como quadro de referência em relação ao qual a funcionalidade da tradução pode ser avaliada.

Tanto na sala de aula quanto na avaliação os alunos devem ser encorajados a comentar suas traduções e/ou justificar determinadas soluções usando os conceitos e termos de teoria e metodologia

de tradução. Holz-Mänttari³²² sugere que, para as avaliações, os alunos devem manter (junto com, ou em vez de, uma tradução) um “diário de trabalho” com anotações sobre cada decisão tradutória, explicando quais ferramentas foram usadas na tradução. Tal diário deve permitir ao examinador analisar o processo e não a tradução resultante, e avaliar a adequação dos métodos em uma determinada situação de trabalho.

Outras formas de avaliar a competência de transferência incluem pedir aos alunos para completar a coluna do meio de um esquema de análise de texto e *skopos* de tradução (Figura 8) ou para comentar uma tradução produzida por eles mesmos ou por outra pessoa³²³ usando o esquema como quadro de referência. Tais exercícios facilitariam a tarefa do professor de diagnosticar o nível de competência dos alunos, apontando em quais áreas estão deficientes. A terapia do erro se aproveitaria muito deste procedimento.

4.4. CRÍTICA DE TRADUÇÃO

4.4.0. Formas e funções da crítica de tradução

Os revisores de livros raramente tecem comentários a respeito da qualidade de uma tradução, já que, normalmente, um livro traduzido é revisado como se fosse um original. Se há qualquer referência sobre o livro ser uma tradução, a avaliação em geral é inteiramente baseada em uma análise superficial do texto em relação às normas da língua e da literatura da cultura alvo. Em outras palavras, o que está sendo revisado é o produto do processo tradutório. Por isso,

³²² Holz-Mänttari, „Sichtbarmachung und Beurteilung translatorischer Leistungen bei der Ausbildung von Berufstranslatoren“, p. 180.

³²³ K. Reiss, *op. cit.*, 1984, p. 79.

essa forma de crítica de tradução (ou, ainda, de avaliação do texto alvo, já que não há maneira de julgar a relação TF/TA olhando-se apenas para o texto alvo) é mais relevante para a didática dos estudos linguísticos ou literários do que para o ensino de tradução. Em nossa proposta, poderia ser usada apenas como meio indireto para chamar a atenção dos alunos para quaisquer infrações de normas lexicais ou sintáticas, ou para cultivar a consciência linguística, especialmente em relação à língua nativa. Como muitas traduções devem provar sua funcionalidade independente do texto fonte em uma situação na cultura alvo, Reiss³²⁴ e Koller³²⁵ sugerem que essa forma de avaliação de texto alvo poderia ser o primeiro passo em direção à crítica de tradução.

Nosso modelo de análise textual para a tradução pode ser usado para tal análise do texto alvo, e os resultados podem ser comparados às normas gerais idiomáticas, estilísticas, literárias e textuais da cultura alvo. Contudo, a avaliação do texto fonte não deveria ser usada como um meio de prevenção de erro, pois os erros de tradução típicos (como a tradução literal de construções curtas do inglês para o alemão ou de falsos cognatos), ao serem apresentados por escrito, podem ser facilmente fixados na mente dos alunos.

Uma forma mais objetiva de crítica de tradução deve ser baseada em uma análise comparativa tanto do texto fonte como do texto alvo, e fornecer informações sobre as semelhanças e diferenças das estruturas da LA e da LF representadas nos dois textos, assim como sobre o processo individual de tradução, as estratégias e os métodos usados. Também deve mostrar se o texto alvo é adequado para o *skopos* exigido da tradução. Esse tipo de crítica de tradução preocupa-se principalmente com os fatores e

³²⁴ K. Reiss, *op. cit.*, 1971.

³²⁵ W. Koller, *op. cit.*, 1979.

componentes que determinam o processo da tradução e com o próprio processo tradutório.

A mera comparação de estruturas entre texto fonte e alvo, na verdade, não pode ser considerada crítica de tradução. Isso pertence à esfera da comparação linguística ou textual, que é usada em linguística e estilística contrastiva para assegurar que nenhuma variável extra ou intralinguística entre em jogo. Esse procedimento pode ser pouco útil aqui, visto que a didática de tradução deve também levar em conta as condições extralinguísticas do processo tradutório (tais como propósito e métodos de tradução que servem de diretriz para o tradutor). Traduzir é muito mais do que uma mera operação de transcodificação linguística.

Se a crítica de tradução deve ser relevante para o ensino de tradução, ela precisa integrar dois métodos: a análise e avaliação do processo tradutório e seus determinantes (incluindo o *skopos* e o encargo de tradução) e a avaliação do texto alvo e sua funcionalidade para um propósito dado.

Tal crítica é importante tanto para professores quanto para alunos. Enquanto na tradução os alunos são parte do processo tradutório e estão nele envolvidos, na crítica de tradução eles podem assistir ao processo do lado de fora e analisar seus componentes à distância. Podem descrever o produto deste processo e, ao contrastá-lo com o texto fonte, reconstruir o processo e compará-lo ao quadro de referência oferecido pela teoria de tradução. Essa análise pode oferecer valiosas percepções sobre as atividades tradutórias. Por isso, Reiss³²⁶ sugere que a comparação de traduções e a crítica de tradução devem aparecer na fase introdutória do treinamento de tradutores.

³²⁶ K. Reiss, „Didaktik des Übersetzens. Probleme und Perspektiven“, p. 36; K. Reiss, *op. cit.*, p. 540.

Mais tarde, na vida profissional, os alunos também podem ser chamados a avaliar a qualidade de uma tradução, já que na indústria ou nas empresas os tradutores muitas vezes são empregados como revisores de tradução. Neste cargo, eles devem ser capazes não apenas de avaliar e/ou corrigir as traduções de seus colegas, mas também de justificar suas correções com argumentos fundamentados.³²⁷

Para os professores de tradução, a crítica pressupõe principalmente identificar, classificar e avaliar os erros de tradução para que se possa desenvolver métodos de terapia e prevenção do erro. Eles também podem encontrar critérios para tratar soluções bem-sucedidas — como elas devem ser levadas em consideração na avaliação de uma tradução?

4.4.1. *Crítica de tradução versus comparação de traduções*

Se a crítica da tradução tem como objetivo ser mais do que a mera avaliação do texto alvo, deve ser baseada na comparação do texto fonte com o texto alvo, o que às vezes se chama de “comparação de traduções”.³²⁸ Tendo em vista que o termo é ambíguo e apaga a distinção entre a comparação, por um lado, de um TF e seu TA, e, por outro, a comparação de diferentes traduções de um TF, falemos então de “comparação TF/TA”.

Reiss³²⁹ distingue várias formas de comparação TF/TA que serão brevemente discutidas nos parágrafos seguintes.

A comparação intralingual dos TF/TA (ou seja, a comparação de várias versões de um original em diferentes línguas alvo, ou

³²⁷ K. Reiss, „Übersetzungstheorien und ihre Relevanz für die Praxis“, p. 3.

³²⁸ W. Koller, *op. cit.*, 1979, p. 219.

³²⁹ K. Reiss, „Der Übersetzungsvergleich. Formen — Funktionen — Anwendbarkeit“, p. 312.

várias versões de um original em uma língua específica) pertence à área do desenvolvimento da competência de L1 e L2 em um curso preparatório de tradução, enquanto a comparação interlingual dos TF/TA (ou seja, a comparação de diferentes traduções em uma ou várias línguas alvo com o original) podem servir como uma boa introdução — ou um primeiro passo — a um curso de treinamento de tradutores.

A comparação interlingual dos TF/TA começa com o enfrentamento entre o texto fonte e o(s) texto(s) alvo, que dará algumas informações sobre o processo tradutório. Os alunos podem analisar e descrever os tipos de tradução, as estratégias ou métodos de tradução e os procedimentos de tradução sem ter de entrar, eles mesmos, na atividade complexa de traduzir. Em uma segunda etapa, quando o conhecimento teórico e metodológico dos alunos estiver consolidado, a comparação TF/TA é complementada pela crítica de tradução.

A crítica de tradução exige um quadro de referência teórico, como, por exemplo, um conjunto de critérios para a avaliação da tradução. Existem diversas maneiras de se estabelecer tal quadro. O tradutor pode ter comentado sobre seus princípios teóricos de tradução no prefácio ou posfácio do livro, mas em muitos casos os críticos de tradução devem inferir ou reconstruir esses princípios como um tipo de *tertium comparationis* entre os textos fonte e alvo e, antes de usá-los como quadro de referência, verificar se foram aplicados com consistência na tradução. Outro padrão para a avaliação da qualidade da tradução pode ser a visão do próprio crítico sobre o *skopos* da tradução. Em todo caso, a comparação TF/TA, assim como a crítica de tradução, pode ser baseada no modelo de análise textual orientada para a tradução, como mostraremos mais detalhadamente no próximo capítulo.

4.4.2. *Um modelo didático de crítica de tradução*

Os críticos de tradução procedem, por assim dizer, em direção anti-horária; partem do resultado em direção ao início. Se esse princípio for aplicado ao processo de tradução como representado na Figura 4, o processo de crítica de tradução (Figura 9) deve começar com uma análise da situação do texto alvo baseada no modelo desenvolvido nesse estudo. Durante a análise do TA, o crítico de tradução terá que verificar se o texto alvo é coerente com a situação na qual está “funcionando” e se é, de fato, adequado para o desempenho da função derivada da constelação de fatores extratextuais. Os resultados dessa análise do TA são inseridos na coluna à direita do esquema representado na Figura 8. Essa primeira parte do processo de crítica de tradução corresponde, mais ou menos, à avaliação do TA sugerida por Reiss e Koller. Porém, não está confinada à mera análise intratextual das normas gramaticais, lexicais e estilísticas e da coerência semântica, visto que inclui fatores extratextuais, tais como as dimensões pragmáticas do receptor, do tempo, do lugar etc.

Exemplo 4.4.2/1

O primeiro parágrafo de um aviso em espanhol, francês e alemão, distribuído na praia de Cullera/Valência, na Espanha, diz o seguinte:

ATENCIÓN BAÑISTAS: Presten atención en todo momento a las banderas de señalización colocadas en las torres de vigilancia de las playas y obedezcan los consejos de los salvavidas. El significado de las banderas es el siguiente: [...]

ATTENTION BAIGNEURS: Faites attention à tout moment aux drapeaux de signalisation installés dans les tours de surveillance des plages et suivez les conseils des agents de sauvetage. La signification des drapeaux est la suivante: [...]

VORSICHT BADENDER: Passen Sie auf die Regelungsfahnen, die auf der Aufsichttürmen am Strand sind und gehorchen Sie die Ratschläge der Retter. Die Fahnenbedeutung ist folgende: [...]

No que diz respeito à normatividade, as traduções, especialmente a alemã, com certeza não seriam aceitáveis. Mas a situação era clara: todos podiam ver os postos de observação com suas bandeiras nas cores “internacionais” vermelha, verde e amarela, e os salva-vidas que ficavam caminhando pela praia chamando de volta aqueles que nadavam afastados demais, em mar aberto. Nessa situação, os textos puderam cumprir a função pretendida (informação + aviso), apesar dos defeitos linguísticos e estilísticos. Embora o efeito imediato que o texto causou nos banhistas possa ter mudado de “ficar impressionado pelo aviso da autoridade” para “ficar entretido pela tradução não idiomática”, o efeito de “cumprir com a instrução” também deve ter sido atingido, já que os turistas alemães e franceses não pareciam mais audaciosos do que os leitores do original espanhol.

Nem a primeira nem as demais etapas do processo de crítica de tradução estão preocupadas com a análise de erros de pequenos segmentos do texto. Não querendo defender nenhuma “pseudotradução”, tais como aquelas mencionadas no exemplo, que são resultado, é claro, da competência deficiente do tradutor na LA, destacamos a ideia de que a função (ou as funções) e o(s) efeito(s) do texto como um todo deve(m) ser considerado(s) critérios fundamentais para a crítica de tradução.

A próxima etapa no processo de crítica de tradução depende de haver informação explícita sobre a fase de transferência, ou seja, sobre o *skopos* pretendido na tradução, os métodos e procedimentos da tradução, o manejo de certos problemas tradutórios etc. Se tais informações estiverem disponíveis por parte do tradutor, do editor,

do iniciador, talvez em um prefácio ou posfácio, ou na orelha do livro, elas podem ser inseridas na coluna do meio do esquema. Se não houver tais informações, a segunda etapa no processo de crítica de tradução será a análise do texto-fonte (documentada na coluna à esquerda do esquema). Nesse caso, o crítico precisa reconstruir os princípios implícitos da transferência contrastando os textos fonte e alvo e preenchendo a coluna do meio em uma terceira etapa.

Semelhante ao TA-em-situação, o TF-em-situação é analisado de acordo com o modelo de análise textual relevante para a tradução. Se o *skopos* da tradução for conhecido, a análise do TF pode ser restringida aos fatores relevantes ao *skopos*. De qualquer modo, o crítico deve dedicar atenção especial aos fatores chamados de “problemáticos” durante a avaliação do TA (como deficiências de coerência, terminologia inconsistente, interferências no léxico ou na sintaxe, orientação ao público não clara etc.). A combinação da análise do TF com as informações explícitas sobre os princípios de transferência resultam em um perfil do TA,³³⁰ que deve servir como um quadro de referência para a avaliação do resultado final da tradução.

A reconstrução dos princípios implícitos e dos métodos de transferência por meio da comparação TF/TA também leva a um perfil do TA. Nesse caso, os críticos de tradução conseguem verificar a consistência das estratégias apenas de acordo com os princípios de transferência inferidos, e não podem usar seus próprios padrões metodológicos como referência para a crítica de tradução. Todavia, se a tarefa de tradução foi explicitamente formulada e é conhecida pelo crítico, ela pode ser usada como base para se estabelecer o perfil do TA. Seja qual for o caso, a verdadeira crítica de

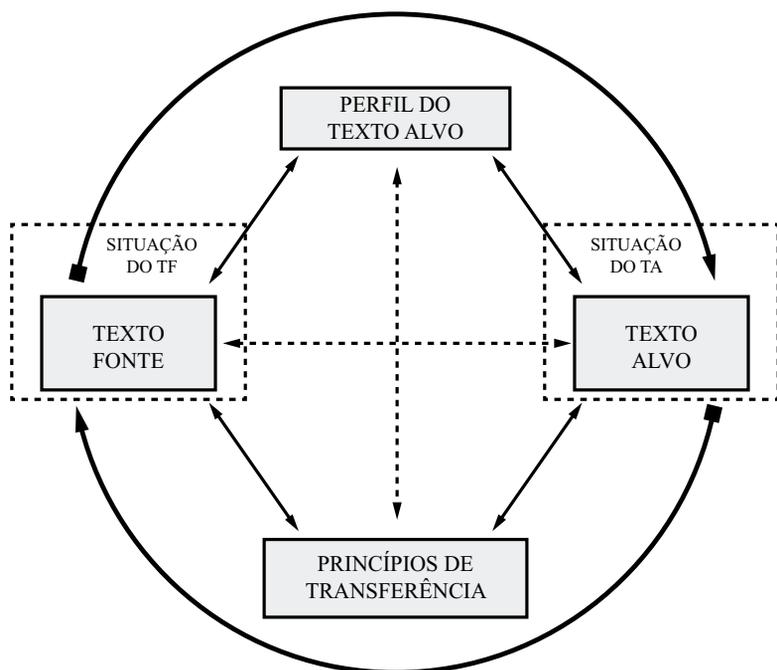
³³⁰ J. House, „Ein Modell zur Durchführung und Bewertung von Übersetzungen in der sprachpraktischen Ausbildung an der Hochschule“, p. 52.

tradução consiste em comparar o perfil do TA e o próprio texto-alvo. Se o perfil do TA for congruente com o texto-alvo, a tradução pode ser considerada funcionalmente adequada.

Depois de analisar e interpretar, por um lado, o texto fonte e, por outro, a situação-alvo, o crítico pode chegar à conclusão de que o método escolhido pelo tradutor não foi adequado. Nesse caso, não basta julgar o texto alvo com base nos princípios de transferências individuais do próprio crítico; uma crítica justa exigiria uma “comparação de métodos”. Isso significa que devem ser preenchidas duas colunas do meio do esquema, uma representando o método usado pelo tradutor e a outra representando o método do crítico. Também podem ser comparadas duas colunas da direita, uma representando o texto-alvo que está sendo criticado e a outra representando o texto-alvo produzido de acordo com o método do crítico. Elas mostrarão qual dos dois métodos é o mais adequado para se alcançar a função pretendida para o TA.

Como mencionado anteriormente, a direção do processo de crítica de tradução vai de encontro ao processo de tradução. Se o tradutor mencionou explicitamente suas estratégias de transferência, o ponto de partida para o crítico de tradução será a análise do TA-em-situação; se as estratégias de transferência precisam ser inferidas a partir da comparação TF/TA, o processo de crítica começa com a análise do TF-em-situação.

O diagrama mostra que a crítica de tradução não se preocupa com a comparação de elementos ou segmentos individuais do TF, mas com o contraste entre dois textos-em-situação. Embora cada um dos dois textos seja um texto *sui generis*, existe, por assim dizer, certa relação de coerência entre eles, que é definida pelo *skopos* da tradução. As “unidades” a serem traduzidas não são unidades linguísticas como tais, mas unidades estabelecidas pela análise textual orientada para a tradução.

Figura 9: Crítica de tradução

Isso significa que uma crítica de tradução que julga o texto como um todo consegue levar em conta as soluções compensatórias, como a inserção de um trocadilho completamente diferente na LA, e em outro lugar do texto, em vez de tratar de transferir o trocadilho da TF, e em seu lugar original. De acordo com o nosso modelo, as unidades de tradução não são unidades “individuais” que dependem da competência de transferência do tradutor, como Königs³³¹ sugere, mas unidades que podem ser identificadas logo no início em qualquer tarefa de tradução. Diferentemente de Königs,³³²

³³¹ F. G. Königs, *op. cit.*, 1981, p. 90.

³³² *Idem*, p. 89.

que faz a distinção entre unidades de tradução “analíticas” e “processuais”, para o processo de crítica de tradução não consideramos necessário trabalhar com unidades de tradução diferentes daquelas usadas no próprio processo tradutório. As “unidades de tradução” não são, a nosso ver, nem palavras nem frases, mas “características relevantes”,³³³ que variam desde o nível isotópico,³³⁴ passam pela estrutura tema-remática ou por uma metáfora, e chegam até o grafema.³³⁵ Esse conceito de unidade de tradução tem consequências consideráveis para a definição do que é um erro de tradução.³³⁶

4.4.3. O que é um erro de tradução?

Na filologia tradicional, no ensino de língua estrangeira e em outras disciplinas de linguística aplicada, tais como linguística contrastiva e psicolinguística, o quesito de como se definir um erro (linguístico), como detectá-lo e, acima de tudo, como desenvolver uma terapia do erro eficiente é discutida há algum tempo, enquanto a análise de erro nos estudos da tradução foi feita até agora apenas perifericamente.³³⁷

É uma prática comum definir o erro como desvio de uma determinada norma ou um determinado sistema de regras.³³⁸ Aplicado a enunciados verbais, tal tipo de desvio é geralmente especificado como “desvio de um modelo gramatical selecionado”.³³⁹ Deste modo,

³³³ G. Toury, *op. cit.*, 1983.

³³⁴ S.-O. Poulsen, „Textlinguistik und Übersetzungskritik“, p. 302.

³³⁵ Ver exemplo dado por G. Toury, *op. cit.*, 1983.

³³⁶ Para uma discussão mais detalhada sobre nosso conceito de “unidade funcional de tradução”, ver Christiane Nord, “Functional units in translation”.

³³⁷ Por exemplo, W. Wilss, *op. cit.*, 1982, p. 196.

³³⁸ D. Cherubim, „Abweichung und Sprachwandel“, p. 126.

³³⁹ G. Presch, „Über schwierigkeiten zu bestimmen, was als fehler gelten soll“, p. 229.

um erro de tradução é definido como “uma ofensa a uma norma em uma situação de contato linguístico”, que, como Wilss afirma, pode ser resultado de competência linguística deficiente ou de uma falta de compreensão advinda de conhecimento temático deficiente.³⁴⁰ O que temos aqui são dois tipos de erro completamente diferentes: a “falta de compreensão” é um erro em parte linguístico e em parte pragmático ligado à etapa da recepção do texto, enquanto a “ofensa contra as normas de uso” pode ocorrer tanto na fase de transferência, devido à competência de transferência deficiente, quanto na fase de produção do TA, devido à competência deficiente na LA.

Em oposição a esse conceito de análise de erro, sugerimos uma visão funcionalista, sendo que uma expressão ou um enunciado específico não possui em si a qualidade de ser incorreto, mas essa qualidade é atribuída pelo receptor à luz de uma norma ou padrão específico.³⁴¹ Os erros de tradução são identificados em relação ao critério mais importantes do *skopos* da tradução, e estão ligados aos fatores listados no modelo analítico. Por isso, a definição do *skopos* da tradução é tão importante para toda a tarefa individual de tradução. Se, por exemplo, o *skopos* da tradução exige a reprodução de todo o conteúdo, a menor omissão, contanto que não aconteça devido a uma pressuposição específica do receptor do TA, será um erro de tradução. A mesma omissão não é marcada como erro se o *skopos* da tradução exigir apenas um breve resumo das informações relevantes contidas no texto. Vista assim, a “ofensa contra a norma”,

³⁴⁰ W. Wilss, *op. cit.*, 1982, p. 201.

³⁴¹ Que nós sabemos, Kupsch-Losereit (1986, p. 16) foi a primeira a introduzir uma visão funcional na discussão de análise de erro nos estudos da tradução. Ela define o erro de tradução como uma ofensa contra: 1) a função do TA, 2) a coerência textual, 3) as normas de gênero, 4) as convenções linguísticas, e 5) as restrições situacionais e específicas da cultura.

de fato, pode ser uma tradução adequada, se o seu valor pretendido for informacional ou estilístico.

Deste modo, o erro de tradução é a falha em cumprir algumas das instruções do encargo de tradução. Alterando sutilmente a definição linguística dada acima, podemos dizer que o erro de tradução é “um desvio do modelo de ação selecionado (ou melhor, estipulado)”, do ponto de vista do tradutor, ou uma “frustração de expectativas” quanto a determinada ação,³⁴² do ponto de vista do receptor. Essa definição é de grande valia no curso de treinamento de tradutores, já que não se espera que o participante possua competência total na CF, na CA e de transferência. Ao formular instruções específicas de tradução, o professor pode ajustar o grau de dificuldade da tarefa de tradução ao nível da competência do aluno. Assim, é o professor quem decide o que irá marcar como erro de tradução em uma situação específica de avaliação de competência. Obviamente, esse procedimento funciona somente se houver uma sistematização sensata e uma progressão lógica dos objetivos de ensino, no tocante às competências linguísticas e de transferência.

Atualmente, no ensino de tradução, costuma-se pedir aos alunos que produzam um texto “funcionalmente equivalente”.³⁴³ A nosso ver, isso é pedir demais ao estudante que esteja nas primeiras fases do ensino de tradução, pois, ao olhar os resultados, o professor não conseguirá descobrir se um determinado erro de tradução se deve a (a) falta de competência na LF (nesse caso, o aluno deveria traduzir um texto mais fácil ou simplesmente não traduzir), (b) falta de competência temática (nesse caso, não se deve fazer com que o aluno traduza um texto sobre este tema), ou (c) falta de competência de transferência esperada nessa fase do curso.

³⁴² R. Keller, „Zum Begriff des Fehlers im muttersprachlichen Unterricht“, p. 40.

³⁴³ J. House, *op. cit.*, 1981a, p. 37.

4.4.4. A avaliação didática

A definição funcional de erro de tradução tem implicações consideráveis na avaliação da qualidade da tradução, que diz respeito não apenas à localização e à marcação de erros, mas também à atribuição de notas. Além disso, também se deve levar em conta o que Newmark³⁴⁴ chama de “uso elegante e sutil da própria linguagem, e, com ela, a versatilidade, a ousadia, o *Fingerspitzengefühl*, o pensamento lateral”.

Na distinção dos vários graus de dificuldade em textos-fonte, pode-se concluir que há uma correlação entre a dificuldade de um problema de tradução e a atribuição de nota ao erro correspondente, na qual o tratamento inadequado de um problema muito complicado é marcado como “leve”, enquanto a solução errada de um problema simples é marcada como erro “grave”. Tal correlação, porém, não parece fazer sentido.

Em poucas palavras: o grau de dificuldade do texto fonte deve ter alguma relação com o nível de competência do aluno. Além disso, a tarefa de tradução deve ser formulada de modo que não exija demais nem do domínio da LA por parte do aluno nem de sua competência de transferência, e as instruções devem deixar claro quais habilidades de transferência serão testadas no exercício. É somente sob essas condições que tanto os erros quanto ao *‘Fingerspitzengefühl’* podem ser avaliados com relação ao nível de desempenho esperado dos alunos.

Se a tarefa de tradução estiver de acordo com os objetivos de ensino globais ou parciais estabelecidos para um estágio específico do curso, o aluno deve conseguir atingi-lo totalmente (= 100%) quando chegar a esse estágio. Como provavelmente não haverá nenhum texto que apresente apenas um conjunto específico de problemas de tradução, um teste de competência deve considerar, portanto, apenas

³⁴⁴ P. Newmaerk, “Teaching specialized translation”, p. 127.

os erros que ocorrem devido à solução inadequada dos problemas de tradução com os quais o aluno está familiarizado. Além disso, achamos que seria muito mais estimulante para o aluno se o examinador considerasse as soluções adequadas em vez dos erros. Isso pode ser feito se os problemas de tradução contidos no texto forem listados sistematicamente.³⁴⁵ Ademais, se os alunos resolverem problemas que ainda não foram ensinados, ganham um ponto “extra”.

Nas avaliações finais, entretanto, os alunos devem ser capazes de resolver qualquer problema de tradução presente em um texto. Tendo em vista que a solução ideal deveria ser sempre o padrão exigido, atribuir pontos para soluções “especialmente elegantes” parece supérfluo. De qualquer modo, tais pontos “extra” geralmente são ditados pela intuição estilística subjetiva do examinador. Por outro lado, erros “criativos”, que mostram uma versatilidade particular em situações difíceis, podem ser considerados na avaliação do exercício de tradução.

A importância maior da função do TA fornece o padrão para o estabelecimento de uma hierarquia de erros. Os fatores extratextuais são de primeira importância, já que direcionam as expectativas dos receptores e às vezes lhes permitem tolerar ou até deixar passar ofensas leves contra as normas intratextuais. Por isso, os erros pragmáticos podem ser considerados mais sérios do que os

³⁴⁵ Nós usamos o seguinte procedimento: a soma de todas as ocorrências de problemas tradutórios considerados em um exercício específico de tradução marca o limite de 100 por cento de pontos possíveis. Os diferentes tipos de problemas de tradução podem ser considerados igualmente ou mediante uma escala gradual de acordo com a sua hierarquia de relevância, deste modo: problemas pragmáticos = 3 pontos, problemas relacionados às convenções = 2 pontos, problemas linguísticos = 1 ponto etc. O examinador marca o número correspondente de pontos para cada problema de tradução resolvido de modo satisfatório (incluindo variedades e repetições do mesmo problema). A porcentagem de soluções adequadas é a base para a avaliação da “competência de transferência”.

erros linguísticos. Visto que também na produção “normal” (= intralingual) de textos os fatores extratextuais são mais importantes do que os intratextuais, podemos presumir que essa hierarquia de erros pode ter um efeito positivo nas estratégias de produção do TA aplicadas pelos alunos.

A hierarquia dos fatores extratextuais depende da função do texto exigida pelo encargo de tradução. Tarefas diferentes levam a hierarquias diferentes de emissor e público, tempo e lugar, meio e motivo etc. Um requisito importante para o desenvolvimento de um modelo satisfatório de avaliação de tradução seria descobrir as regularidades na relação entre uma função textual específica e a relevância de determinados fatores extratextuais.

As dimensões de emissor, intenção, público, lugar, tempo, meio e motivo trazem sérios problemas para o tradutor não apenas quando são mencionadas explicitamente no texto (tais como realidades específicas da cultura fonte), mas especialmente nos casos em que estão implícitas ou pressupostas, ou em que o texto faz referência a elas (por exemplo, por expressões dêiticas). Nessas passagens da tradução é mais apropriado verificar se os fatores pragmáticos foram considerados adequadamente.

A hierarquia de fatores intratextuais também é determinada pelo *skopos* da tradução (por exemplo, a prioridade do conteúdo sobre a sintaxe, ou do léxico sobre as características suprasegmentais). Contudo, arriscaríamos fazer o prognóstico de que os erros gramaticais e estilísticos, por exemplo, seriam reduzidos consideravelmente se os requisitos para admissão em um curso de tradução fossem rigorosamente estabelecidos (e cumpridos), e se os exercícios de tradução fossem destinados ao nível de competência dos alunos. Ainda há muito a ser feito no campo da didática de tradução, uma área ainda bastante jovem.

5. TEXTOS AMOSTRA

5.0. CONSIDERAÇÕES GERAIS

A aplicação do modelo de análise textual orientada para a tradução é exemplificada com três textos ou fragmentos textuais, que também mostram como o modelo pode servir como base para a crítica de tradução, já que, sempre que possível, incluímos traduções desses textos em várias línguas alvo.

Para sustentar a afirmação de que a aplicação do modelo não se restringe a determinados pares de língua ou direções do processo tradutório, tentamos incluir o máximo de idiomas possível. Nos casos em que o alemão não era a língua alvo, consultamos falantes nativos familiarizados com o modelo e seus fundamentos teóricos. Como o Texto Amostra 3 contempla mais questões metodológicas do que o lado prático da tradução, não nos parece preciso fazer sugestões concretas para cada uma das diferentes versões alvo.

A tradução do Texto Amostra 1 para o holandês é uma tradução indireta ou “relay”, baseada na versão alemã, usando-se o original em espanhol e os resultados da análise do TF como quadro de referência adicional. Considerando o texto alvo, em nosso modo de ver, podemos constatar que, com a ajuda de uma análise do TF de acordo com nosso modelo, mesmo uma tradução indireta pode atingir um alto nível de adequação funcional.

Os Textos Amostra foram selecionados para ilustrar como a análise do TF, concentrada em dois ou três aspectos cruciais, ajuda a identificar os traços relevantes para a tradução de um TF, visando atingir um texto alvo funcional sem ameaçar a lealdade do tradutor. Os três textos pertencem a gêneros correntes na prática da tradução profissional. Dois deles são textos literários, mas, em nossa opinião, isso não prejudica seu valor didático, visto que os

aspectos seleccionados da análise também podem ser aplicados a outros tipos textuais. Por isso, os resultados da análise do TF e as conclusões referentes às estratégias e métodos podem ser até certo ponto generalizados.

5.1. TEXTO AMOSTRA 1: A RELAÇÃO ENTRE INTENÇÃO E FUNÇÃO — ALEJO CARPENTIER: ACERCA DE LA HISTORICIDAD DE VÍCTOR HUGUES

O posfácio do romance *El siglo de las luces*, do autor cubano Alejo Carpentier,³⁴⁶ servirá para ilustrar a importância da relação entre a intenção do emissor e a função textual para a tradução.

5.1.0. Texto

ACERCA DE LA HISTORICIDAD DE VÍCTOR HUGUES

Como Víctor Hugues ha sido ignorado por la historia de la Revolución Francesa — harto atareado en describir los acontecimientos ocurridos en Europa, desde los días de la Convención hasta el 18 Brumario, para desviar la mirada hacia el remoto ámbito del Caribe —, el autor de este libro cree útil hacer algunas aclaraciones acerca de la historicidad del personaje.

Se sabe que Víctor Hugues era marsellés, hijo de un panadero — y hasta hay motivos para creer que tuviese alguna lejana ascendencia negra, aunque esto no sería fácil de demostrar. Atraído por un mar que es — en Marsella, precisamente — una eterna invitación a la aventura desde los tiempos de Piteas y de los patrones fenicios, embarcó hacia América, en calidad de grumete,

³⁴⁶ A. Carpentier, *El siglo de las luces*.

realizando varios viajes al Mar Caribe. Ascendido a piloto de naves comerciales, anduvo por las Antillas, observando, husmeando, aprendiendo, acabando por dejar las navegaciones para abrir en Port-au-Prince un gran almacén — o *'comptoir'* — de mercancías diversas, adquiridas, reunidas, mercadas por vías de compra-venta, trueque, contrabandos, cambios de sederías por café, de vainilla por perlas, como aún existen muchos en los puertos de ese mundo tornasolado y rutilante.

Su verdadera entrada en la Historia data de la noche en que aquel establecimiento fue incendiado por los revolucionarios haitianos. A partir de ese momento podemos seguir su trayectoria paso a paso, tal como se narra en este libro. Los capítulos consagrados a la reconquista de la Guadalupe se guían por un esquema cronológico preciso. Cuanto se dice acerca de su guerra librada a los Estados Unidos — la que llamaron los yanquis de entonces “Guerra de Brigantes” — así como a la acción de los corsarios, con sus nombres y los nombres de sus barcos, está basado en documentos reunidos por el autor en la Guadalupe y en bibliotecas de la Barbados, así como en cortas pero instructivas referencias halladas en obras de autores latinoamericanos que, de paso, mencionaron a Víctor Hugues.

En cuanto a la acción de Víctor Hugues en la Guayana Francesa, hay abundante material informativo en las “memorias” de la deportación. Después de la época en que termina la acción de esta novela, Víctor Hugues fue sometido en París, a un consejo de guerra, por haber entregado la colonia a Holanda, después de una capitulación que era, en verdad, inevitable. Absuelto con honor, Víctor Hugues volvió a moverse en el ámbito político. Sabemos que tuvo relaciones con Fouché. Sabemos también que estaba en París, todavía, a la hora del desplome del imperio napoleónico.

Pero aquí se pierden sus huellas. Algunos historiadores — de los muy pocos que se hayan ocupado de él accidentalmente, fuera de Pierre Vitoux que le consagró, hace más de veinte años, un estudio aún inédito — nos dicen que murió cerca de Burdeos, donde “poseía unas tierras” (?) en el año 1820. La Bibliografía Universal de Didot lleva esa muerte al año 1822. Pero en la Guadalupe, donde el recuerdo de Víctor Hugues está muy presente, se asegura que, después de la caída del Imperio, regresó a la Guayana, volviendo a tomar posesión de sus propiedades. Parece — según los investigadores de la Guadalupe — que murió lentamente, dolorosamente, de una enfermedad que pudo ser la lepra, pero que, por mejores indicios, debió ser más bien una afección cancerosa.¹

¿Cuál fue, en realidad, el fin de Víctor Hugues? Aún lo ignoramos, del mismo modo que muy poco sabemos acerca de su nacimiento. Pero es indudable que su acción hipostática — firme, sincera, heroica, en su primera fase; desalentada, contradictoria, logrera y hasta cínica, en la segunda — nos ofrece la imagen de un personaje extraordinario que establece, en su propio comportamiento, una dramática dicotomía. De ahí que el autor haya creído interesante revelar la existencia de ese ignorado personaje histórico en una novela que abarca, a la vez, todo el ámbito del Caribe.

A.C.

¹*Nota del autor:* Estaban publicadas ya estas páginas al final de la primera edición que de este libro se hizo en México, cuando, hallándome en París, tuve oportunidad de conocer a un descendiente directo de Víctor Hugues, poseedor de importantes documentos familiares acerca del personaje. Por él supe que la tumba de Víctor Hugues se encuentra en un lugar situado a alguna distancia de Cayena. Pero con esto encontré, en uno de los documentos examinados, una asombrosa

revelación: Víctor Hugues fue amado fielmente, durante años, por una hermosa cubana que, por más asombrosa realidad, se llamaba Sofía.

5.1.1. *Análise dos fatores extratextuais*

A análise dos fatores extratextuais baseia-se nos resultados da pesquisa na literatura secundária. Para não esgotar a paciência do leitor, não trabalhamos o modelo de análise esquematicamente, mas destacamos os fatores em parênteses. As citações literais são retiradas da tradução para o português. As flechas indicam os fatores inferíveis.

Alejo Carpentier (PRODUTOR e EMISSOR DO TEXTO), 1904-1980 (TEMPO), era filho de um arquiteto francês e de sua esposa russa, que haviam emigrado para Cuba. Em sua infância, visitou a Europa, foi à escola na França e cresceu falando francês e espanhol. De 1921 em diante, após estudar arquitetura, literatura e música em Havana, dedicou-se ao jornalismo, juntando-se à vanguarda intelectual e política de Cuba. Foi preso por participar de uma campanha de protesto contra o ditador Machado, mas em 1928 conseguiu fugir para a França, onde escreveu para o rádio e para a imprensa e publicou seus primeiros artigos. Em 1939 voltou a Havana. Continuou com suas atividades jornalísticas e lecionou história da música na Universidade de Havana. A partir de 1946, viveu na Venezuela por 14 anos. Ali começou a trabalhar em seu romance (GÊNERO) *El siglo de las luces*, em 1956, ano em que Fidel Castro iniciou sua guerrilha contra o ditador Batista (→ MOTIVO?). O romance foi concluído depois de seu retorno a Cuba, em 1959 (TEMPO e LUGAR da produção do texto), mas só em 1962 foi publicado no México. Uma segunda edição apareceu na Espanha em 1965 (PÚBLICO, TEMPO e LUGAR da recepção).³⁴⁷

³⁴⁷ M. Strausfeld, *Materialien zur lateinamerikanischen Literatur*, p. 347.

Apesar de sua educação europeia, Carpentier permaneceu um escritor cubano, ou melhor, hispano-americano, por toda sua vida.³⁴⁸ Seus romances tratam do contraste entre o racionalismo europeu e o “mundo mágico” da América Latina, especialmente do Caribe (→ ASSUNTO).³⁴⁹ Seu trabalho pretendia fazer com que as pessoas entendessem a situação específica da América Latina (→ INTENÇÃO).

5.1.2. *A função do posfácio*

O Texto Amostra é um posfácio composto por três páginas adicionadas às 350 páginas do romance (MEIO), no qual o aventureiro francês Victor Hugues, de Marselha, que foi de fato uma figura histórica na Revolução Francesa (ASSUNTO), desempenha um papel importante. No posfácio, o autor relata que, por casualidade, ouviu falar dos feitos heróicos de Victor Hugues quando estava em Guadalupe (MOTIVO), e explica por que decidiu torná-lo protagonista de seu romance (CONTEÚDO).

O posfácio pretende dar mais autenticidade à obra (INTENÇÃO) ao informar o leitor sobre o segundo plano histórico do protagonista (FUNÇÃO). O autor descreve os fatos biográficos, relacionando-os à trama do romance (ASSUNTO), e indica as fontes de informação usadas (→ INTENÇÃO). Afirmar que escreveu o livro para perpetuar a memória de Victor Hugues “num romance que abarcasse, ao mesmo tempo, todo o âmbito do Caribe” (INTENÇÃO). A partir da segunda edição, usada por nós, o texto é complementado por uma nota de rodapé, na qual o autor informa o leitor sobre “uma assombrosa revelação” que parece confirmar ainda mais a autenticidade da história (CONTEÚDO, ESTRUTURAÇÃO).

³⁴⁸ “Un gran escritor del Caribe”, in *La Vanguardia Española*.

³⁴⁹ J. Marco, “La magia del mestizaje”.

5.1.3. Reflexos dos fatores extratextuais no texto

O autor (EMISSOR) introduz a si mesmo na primeira frase usando a terceira pessoa (*el autor de este libro cree...*). Isso dá ao texto um tom bastante impessoal, marcando-o como gênero informativo em geral e científico em particular (→ FUNÇÃO TEXTUAL). Essa impressão é confirmada por várias construções impessoais em função pessoal (por exemplo, *se sabe*, embora o autor relate os resultados de sua própria investigação) ou em função passiva (por exemplo, *los capítulos ... se guían*), assim como pelo uso da primeira pessoa no plural (por exemplo, *sabemos que tuvo relaciones con Fouché*) (→ SINTAXE), típico de textos científicos. Em algumas frases (por exemplo, *podemos seguir su trayectoria*), este último recurso atinge o efeito de dirigir-se ao leitor, que desta forma é convidado a participar do conhecimento do autor (relação entre EMISSOR e RECEPTOR).

Essas quatro formas de referência ao emissor são usadas ao longo de todo o texto, sendo mais frequente a primeira pessoa no plural. Uma exceção é feita na nota de rodapé (→ ESTRUTURAÇÃO), que por si só constitui um traço convencional de textos científicos. Ali, o autor relata uma experiência pessoal na primeira pessoa do singular, enfatizando, por esse contraste, o estilo impessoal do posfácio.

Outro elemento incomum é a “assinatura” com as iniciais do autor no fim do texto, o que caracteriza o posfácio como um comentário ao romance, ou seja, um metatexto (FUNÇÃO TEXTUAL).

Os traços seguintes são característicos de um texto científico (FUNÇÃO TEXTUAL₁):

- a. termos técnicos: *historicidad, dicotomía, acción hipostática* (→ LÉXICO),
- b. estilo nominal, por exemplo, *algunas aclaraciones acerca de la historicidad del personaje* (→ LÉXICO, SINTAXE),

- c. uso do tempo presente nos parágrafos de comentário (→ SINTAXE),
- d. nomes de autoridades e fontes, tais como *Pierre Vitoux, la Bibliografía Universal de Didot, los investigadores de la Guadalupe* (→ CONTEÚDO), e
- e. citações literais ou indiretas, por exemplo, *donde 'poseía unas tierras', según los investigadores de la Guadalupe* (→ CONTEÚDO, → ESTRUTURAÇÃO).

Contrastando com estes traços, existem outros que não estão em conformidade com o estilo científico e indicam uma função literária (FUNÇÃO TEXTUAL₂) (conforme já mencionado no item 3.1.8b).

- a. Léxico de linguagem geral com numerosos adjetivos expressivos e conotativos, muitas vezes posicionados antes do substantivo: *el remoto ámbito del Caribe, ese mundo tornasolado y rutilante, dramática dicotomía*; enumerações longas, parcialmente assindéticas: *firme, sincera, heroica..., desalentada, contradictoria, logrera y hasta clínica, mercancías diversas, adquiridas, reunidas, marcadas por vías de compra-venta, trueque, contrabandos, cambios de sederías por café, de vainilla por perlas* (→ LÉXICO, → SINTAXE),
- b. estilo verbal: *observando, husmeando, aprendiendo, acabando por dejar...* (→ SINTAXE),
- c. tempos verbais no passado, especialmente o pretérito perfeito simples, nas passagens narrativas (→ SINTAXE),
- d. falta de referências bibliográficas, referência a algumas autoridades anônimas: *historiadores, pesquisadores* (→ CONTEÚDO), e
- e. comentário metacomunicativo crítico acerca da citação, "(?)", em vez de uma referência exata da fonte (→ ESTRUTURAÇÃO).

Essa combinação de traços ilustra a intenção do autor, que deseja transmitir a impressão de que investigou cuidadosamente os fatos históricos (ASSUNTO). Ao mesmo tempo, ele não deseja cansar o leitor — que espera ler um romance e não um livro didático — com as referências típicas de um verdadeiro texto científico (expectativa do PÚBLICO). As duas intenções simultâneas são paralelas às duas funções simultâneas do texto: a função puramente informativa do texto científico e a função literária do romance (FUNÇÕES TEXTUAIS).

Outro indicador dessa interpretação é fornecido pelos numerosos parênteses, que são bastante incomuns em textos científicos espanhóis (→ SINTAXE, ESTRUTURAÇÃO) e exercem várias funções. A maior parte delas não sugere nenhuma informação indispensável para o entendimento, mas parecem voltadas ao público, com a intenção de ativar sua boa vontade (*harto atareado...*, *en Marsella, precisamente*), fazendo referência a seus conhecimentos sobre, por exemplo, a Revolução Francesa, a história norte-americana, um historiador chamado Pierre Vitoux etc. (→ PRESSUPOSIÇÕES). Este último exemplo, entretanto, parece ilustrar que não se pode pressupor que o público tenha tal conhecimento. É um recurso estilístico que ajuda a evitar que o texto tenha um tom acadêmico (→ CARACTERÍSTICAS SUPRASEGMENTAIS): o leitor é tratado de igual para igual (papel de EMISSOR e RECEPTOR, EFEITO) e sua necessidade justificável de informação é plenamente satisfeita pelo autor.

A inclusão de “o *comptoir*” serve para ilustrar (se é possível pressupor algum conhecimento de francês) o que significa *almacén* (→ LÉXICO), fornecendo-se, ao mesmo tempo, uma cor local (→ LÉXICO), enquanto os parênteses *según los investigadores...* é um mero marcador de discurso indireto (→ CONTEÚDO). No TAP,

essa função não fica clara porque se usa o artigo *o* em vez da conjunção *ou*.

O meio é mencionado no texto como *este libro* ou, indiretamente, como *esta novela* (→ LÉXICO). O motivo para a produção do texto é mencionado na última frase, em que o autor afirma que “seria interessante revelar a vida deste ignorado personagem histórico em um romance” (→ CONTEÚDO). A temática política, sugerida pela situação comunicativa, não é mencionada explicitamente no posfácio, embora o título do livro e a biografia do autor pareçam apontar para esse caminho. Tal referência temática pode ter estado nas expectativas, pelo menos, dos leitores latino-americanos em 1962. A questão é de considerável importância para a tradução do romance, mas não especialmente relevante para a tradução do posfácio.

5.1.4. *Análise dos fatores intratextuais*

a. Assunto

De acordo com as convenções de textos científicos, o assunto é mencionado no título. A expectativa provocada pelo título é confirmada pela análise dos níveis isotópicos no texto (abaixo, na análise do léxico).

b. Conteúdo

A seguinte análise do conteúdo mostra ao mesmo tempo a macroestrutura do texto.

Título: ACERCA DE LA HISTORICIDAD DE VÍCTOR HUGUES

1. Introdução: justificativa e “programação” do posfácio
2. Notas biográficas sobre Victor Hugues

2.1 Período antes do início da trama: origem, carreira como marinheiro, estabelecimento de um *comptoir* em Port-au-Prince (breve consideração cronológica das fases mais importantes de sua vida)

2.2 A trama do romance: retomada de Guadalupe, guerra contra os EUA, ação dos corsários, atividades na Guiana Francesa (comentário e referência às fontes)

2.3 Período depois do fim da trama:

- a. Submissão a um conselho de guerra, absolvição, atividades políticas na França (breve enumeração dos fatos autênticos);
- b. V.H. faleceu perto de Bordeaux em 1820 ou 1822, ou retornou à Guiana e faleceu mais tarde ali, vítima de lepra ou câncer (teorias de vários historiadores);
- c. V.H. foi enterrado perto de Caiena (nota de rodapé como parênteses: relatório pessoal de uma entrevista feita com um descendente de Victor Hugues confirma parte da trama — V.H. foi amado fielmente por uma “bela cubana” chamada Sofia).

3. Conclusão: valorização da personalidade de V.H. (ver Introdução) e referência ao assunto mais abrangente do romance.

Assinatura: A. C.

c. Pressuposições

Além das “pseudopressuposições” já mencionadas nos parênteses, o texto pressupõe algum conhecimento sobre a história do Haiti e da ilha de Guadalupe, assim como da geografia do Caribe (*Caiena*, por exemplo). Detalhes que foram mencionados no romance (por exemplo, *deportación*) podem ser pressupostos mesmo que não fizessem parte do horizonte do receptor do TF anteriormente. Alguns acontecimentos e personalidades da Revolução Francesa

fazem parte da formação geral do leitor do TF, o que prova (como já indicado pelo título) que o texto foi escrito para um público culto e interessado em assuntos históricos e políticos. Visto que as pressuposições não são inteiramente específicas da cultura fonte, elas não são relevantes para o efeito que o texto produz no leitor, exceto onde devem ser consideradas parte do horizonte do receptor do TA (como provavelmente acontece com a história da Revolução Francesa para os leitores franceses (Exemplo 5.1.6/17).

d. Estruturação

O texto apresenta as informações em ordem quase cronológica (ver CONTEÚDO), como é típico do assunto e da FUNÇÃO TEXTUAL₁.

Tanto o parágrafo introdutório quanto o final, que revela a intenção do autor e contém um apelo (indireto) ao leitor, apresentam uma estrutura bastante linear de tema-rema. O primeiro tema é introduzido pelo título, cuja segunda parte é retomada como tema da primeira oração. O rema da primeira oração é convertido em um tema contrastivo na segunda oração (*historia* vs. *el autor*), e o rema da segunda oração repete o título. Assim, a introdução é um tipo de expansão da breve referência ao tema apresentada no título.

O parágrafo final também está conectado diretamente à frase anterior (se desconsiderarmos a nota de rodapé): (a) a questão sobre o que aconteceu com Victor Hugues não pode ser respondida; (b) suas atividades, até onde se sabe, mostram a importância de sua personalidade; (c) por isso, o autor decidiu escrever o romance; (d) o romance pretende homenagear o mundo caribenho. Esta paráfrase simplificadora mostra claramente a progressão temática linear do trecho.

e. Elementos não verbais

O primeiro traço não verbal que chama a atenção é o espaçamento consideravelmente largo entre os parágrafos, cuja função, à primeira vista, não é clara. Com exceção da transição entre 2.2 e 2.3 (CONTEÚDO), a paragrafação corresponde à estruturação temática do texto. Os espaços largos parecem ser mais uma característica de textos literários do que de textos científicos.

No texto, um número (1) indica a nota de rodapé. A própria nota é chamada de *Nota del autor* (em itálico) e está impressa em letra menor, abaixo do texto, como convencionado em textos científicos.

A citação literal é indicada por aspas, sendo seguida por um ponto de interrogação em parênteses, que parece indicar a atitude crítica do autor em relação à informação apresentada na citação.

f. Léxico

Algumas peculiaridades do léxico, que parecem depender da intenção do autor, foram mencionadas acima (Capítulo 5.1.3). O tempo e o lugar da produção do texto não se refletem no léxico, já que não há palavras marcadas como modernismos ou americanismos; mas o texto tampouco contém algum item lexical obsoleto ou especificamente europeu. A origem (e afiliação política) do autor só é insinuada pelo uso pejorativo de *yanqui* em vez de *norteamericano* ou *estadounidense* em um dos parênteses.

Existe um nível isotópico que esclarece, de certa forma, o assunto do texto: é composto de expressões de conhecimento e ignorância (*saber, ignorar, no saber, saber muy poco, creer*), de expressões de transferência de conhecimento, que caracterizam a transição da ignorância para o conhecimento (*hacer aclaraciones, narrar, nos dicen, se asegura, parece — según los investigadores, revelar*), e de expressões que designam fontes de conhecimento (*material*

informativo, documentos, instructivas referencias). A distribuição desses elementos ao longo do texto marca sua divisão temática em fatos autênticos, informação dúbia e falta de informação sobre os estágios da vida de Victor Hugues.

g. Sintaxe

Os longos parênteses que caracterizam a sintaxe do texto já foram mencionados. Algumas inserções mais curtas (por exemplo: *con sus nombres y los nombres de sus barcos* ou *en su propio comportamiento*) servem para dar relevo sintático às extensas orações subordinadas, com suas numerosas construções de particípio e gerúndio, expressões adverbiais etc., as quais exigem muito da concentração do leitor (ver comentários sobre o grau de formação do público leitor). A sintaxe marca o estilo “barroco” do qual Carpentier se declarou um seguidor.³⁵⁰ É apenas nos parágrafos 2.1 e 2.3(a) que este princípio de estrutura é abandonado em favor de uma sintaxe mais linear, que, especialmente em 2.1, com suas longas enumerações, confere um efeito mais dinâmico ao texto. A sintaxe da nota de rodapé também é caracterizada por unidades sintáticas menores, como é típico em descrições de experiência pessoal.

Assim, a sintaxe do texto reflete as diferentes funções de suas partes e da estrutura temática, e pode ser justificável interpretar os traços sintáticos como recursos estilísticos que ilustram a intenção do autor. A combinação das características convencionais de diferentes tipos textuais, definitivamente, não é convencional. O autor brinca com as convenções de textos científicos e as usa como contraste para as características típicas de um estilo novelesco.

³⁵⁰ C. Barral, “De raíz americana y formación europea”.

h. Características suprasegmentais

Muitos parênteses, como aqueles na primeira e penúltima frase, trazem um contorno específico de entonação, pois os elementos seguintes a uma inclusão costumam ser destacados. Visto que a intensidade também cresce em direção ao final da frase, existem frases com dois ou mais focos. Isso dá um efeito de estruturação às hipotaxes, que, de outra forma, seriam longas demais para serem aceitas por leitores espanhóis, e também aumenta o grau de compreensão.

Como acontece em português, também em espanhol as locuções adverbiais longas, no início de uma frase, geralmente são separadas do resto da oração por meio de vírgulas. Quando isso é feito, como em nosso texto, mesmo com locuções adverbiais muito curtas (*en verdad, de paso*), o efeito desejado é evidente, basta ler a frase sem as vírgulas.

5.1.5. Análise do efeito

As características obtidas pela análise produzem um efeito específico no público. O leitor aceita a informação apresentada a ele, de forma compreensível, como o verdadeiro contexto histórico do romance que leram. Os elementos do texto que ele reconhece como típicos de textos científicos com função puramente informativa lhe asseguram a veracidade da informação (= EFEITO INTENCIONAL), enquanto os elementos do estilo literário, que estabelecem uma conexão entre o epílogo e o romance, formam um contraste surpreendente (= ORIGINALIDADE). Visto que o leitor tem a impressão de que o autor espera que haja um amplo conhecimento prévio, ele nunca sente que está sendo tratado como um ignorante, principalmente porque as passagens narrativas (como aquelas que descrevem a vida de aventuras do protagonista) agradam suas

emoções e o autor o trata em nível pessoal (A.C.) e de igual para igual (= DISTÂNCIA CULTURAL pequena).

Um efeito secundário (ou consequência) do texto é que o leitor provavelmente considera a trama do romance “autêntica” (talvez mais autêntica do que realmente é!), concordando com a visão do autor sobre a realidade da América Latina. Está claro que o autor conseguiu realizar sua intenção usando vários recursos estilísticos e produzindo o efeito desejado perante o público.

5.1.6. *Crítica das traduções*

Como não dispomos de informações explícitas sobre os métodos e estratégias dos tradutores, temos de partir de um encargo convencional que corresponda às expectativas do público alvo. Na maioria das “culturas ocidentais”, as convenções da tradução literária exigem uma tradução exotizante do conteúdo e uma tradução equivalente do estilo, que, no caso de nosso Texto Amostra, cujo efeito é alcançado quase exclusivamente com os recursos estilísticos usados pelo autor, é igualável a uma equivalência de efeito. Portanto, a tradução deve reproduzir o efeito descrito acima (ver 5.1.5) no receptor do TA, ou seja, os recursos estilísticos usados no texto alvo devem ser escolhidos para o propósito principal de atingir o efeito desejado.

Neste capítulo, discutimos alguns dos problemas resultantes desse *skopos*, que se relacionam principalmente às categorias de intenção e de função textual, usando exemplos das versões publicadas em alemão, inglês e português. A julgar pelo seu ano de publicação, as duas primeiras se baseiam na primeira edição do original. Por isso, a nota de rodapé, adicionada na segunda edição, não foi incluída nelas, embora a versão portuguesa, de 1976, inclua a nota. Nenhum dos três tradutores faz qualquer comentário sobre suas estratégias de tradução, por isso, devemos supor que — conscientemente ou

não — eles seguiram a convenção descrita acima e almejaram uma equivalência de efeito entre TF e TA.

A tradução em inglês de Victor Gollancz foi publicada como livro de bolso pela editora Penguin em 1963. De acordo com o texto impresso na capa, o livro está à venda apenas na Grã-Bretanha, na Nova Zelândia e na África do Sul (não nos EUA), por motivos de direitos autorais. A tradução alemã de Hermann Stiehl foi publicada com capa dura em 1964 pela Insel-Verlag. A tradução brasileira de Stella Leonardos foi publicada como livro de bolso pela editora Labor do Brasil, do Rio de Janeiro, em 1976. As três traduções foram precedidas pela edição francesa em 1962, e foi provavelmente essa versão que tornou o livro conhecido na Espanha e na América Latina antes que o original, difícil de adquirir na época, conseguisse alcançar seu público pretendido. Na ocasião da morte de Carpentier, em 1980, o editor espanhol Barral escreveu que lera o livro primeiro em francês, antes de começar a publicar as obras de Carpentier em espanhol.³⁵¹

A versão francesa, publicada na série *Folio*, pela editora Gallimard (tradução de René L. F. Durand) e classificada como “Texte intégral”, não pôde ser incluída neste estudo porque não contém o posfácio. Em vez dele, o editor, Jean Blanzat, acentua a importância da figura histórica de Victor Hugues em seu prefácio da tradução:

A personalidade de Victor Hugues é suficientemente obscura para que o romanista pudesse, sem abuso, dar-lhe uma vida imaginária, mas suas ações são suficientemente numerosas e conhecidas para ancorar o relato na verdade histórica que é, ali, necessária.³⁵²

³⁵¹ *Idem.*

³⁵² J. Blanzat, „Vorwort“, p. 13.

Para facilitar o entendimento, as versões estão marcadas como TF (= texto fonte), TAP (= texto alvo português), TAI (= texto alvo inglês) e TAA (= texto alvo alemão). Quando necessário, damos nossas próprias sugestões, nas quais também corrigimos os defeitos além daqueles comentados TAPS (= texto alvo português sugerido), de Meta Zipser e equipe, TAIS (= texto alvo inglês sugerido), de P. Sparrow, e TAAS (= texto alvo alemão sugerido), de Christiane Nord. Ao final do capítulo apresentamos as versões corrigidas integrais em português, inglês e alemão. Agradecemos a tradução indireta para o holandês de Joanna Best, Heidelberg.

a. Coerência e ênfase

A coerência do texto é sustentada pela ordem cronológica das informações (as etapas da vida de Victor Hugues são sempre mencionados tematicamente no início dos parágrafos), pela progressão linear de tema-rema, pela focalização de elementos temáticos significativos nas frases e pelos níveis de isotopia. Esses recursos de ligação não são específicos do espanhol, e podem ser encontrados em várias línguas. Tendo em vista que o *skopos* da tradução é a equivalência do efeito, logo presumimos que nas versões em português, inglês, alemão e holandês tais recursos tiveram de ser preservados usando-se as estruturas adequadas específicas das respectivas línguas.

A estruturação clara foi reproduzida tanto no TAI quanto no TAA com os elementos de foco na posição inicial. No Exemplo 5.1.6/1, o TAI corresponde melhor ao texto fonte (TF) do que o TAA, que se refere ao tempo (*dann* — “então”) em vez de ao lugar (TAAS: *dort* — “ali”), perdendo-se, assim, a conexão com a metáfora “*perderse las huellas*”. No que toca à estruturação do texto, a ênfase na cronologia no TAA também é aceitável.

Exemplo 5.1.6/1

TF: Pero aquí se pierden sus huellas.

TAP: Mas aqui se perdem suas pegadas.

TAI: But it is here that we lose trace of him.

TAA: Aber dann verliert sich seine Spur.

TAAS: Aber dort verliert sich seine Spur.

No Exemplo 5.1.6/2, a ênfase nos elementos temáticos no início da frase não é reproduzida idiomáticamente no TAA.

Exemplo 5.1.6/2

TF: En cuanto a la acción de Víctor Hugues en la Guayana francesa, hay abundante material informativo [...].

TAP: Quanto à ação de Victor Hugues na Guiana Francesa, há amplo material informativo [...]

TAI: As for Victor Hugues' activities in French Guiana, there is ample source material to be found [...].

TAA: Was die Tätigkeit Victor Hugues' in Französisch-Guayana betrifft, so findet sich [...] ausreichendes Material.

TAAS: Über Victor Hugues' Aktivitäten in Französisch-Guayana schließlich gibt es [...] reichliches Quellenmaterial.

A relevância das estruturas tema-remata e de recorrência/paráfrase para a coerência textual pode ser ilustrada por meio da relação entre o título e a primeira e a última frase. A reprodução metade literal, metade parafraseada do título marca a primeira frase como uma oração introdutória típica de um texto científico, e na frase final encontramos outra paráfrase da primeira. Por isso, o TF e o TAP dão a impressão de serem textos consistentes, bem

arrematados, enquanto no TAA *fast übergangen* (“quase ignorado”) e *unbekannt* (“desconhecido”) não têm coerência. No TAI, *almost completely ignored* (“quase completamente ignorado”) e *neglected* (“negligenciado”) são coerentes, mas não reproduzem o significado do TF corretamente.

Exemplo 5.1.6/3

TF: ACERCA DE LA HISTORICIDAD DE VÍCTOR HUGUES

Como Víctor Hugues ha sido ignorado por la historia de la Revolución Francesa [...], el autor de este libro cree útil hacer algunas aclaraciones acerca de la historicidad del personaje. [...] De ahí que el autor haya creído interesante revelar la existencia de ese ignorado personaje histórico en una novela [...]

TAP: ACERCA DA HISTORICIDADE DE VICTOR HUGUES

Como Victor Hugues foi ignorado pela história de Revolução Francesa [...], o autor deste livro julga útil prestar alguns esclarecimentos acerca da historicidade do personagem. [...] Daí que o autor julgou interessante revelar a existência desse ignorado personagem histórico num romance [...]

TAI: THE VICTOR HUGUES OF HISTORY

Since Victor Hugues has been almost completely ignored by historians of the French Revolution [...] the author feels it might be useful to throw some light on the historical background of the character. [...] That is why the author considered it would be interesting to reveal the existence of this neglected historical figure in a novel [...]

TAIS: THE VICTOR HUGUES OF HISTORY

Since Victor Hugues has been ignored by historians of the French Revolution [...] the author feels it might be useful to throw some light on the historical background of the character. [...] That is why the author considered it would be interesting to reveal the existence of this ignored historical figure in a novel [...]

TAA: ÜBER DEN HISTORISCHEN VICTOR HUGUES

Da die Geschichte der Französischen Revolution [...] Victor Hugues fast übergangen hat, hält es der Autor für angebracht, einiges über die historische Rolle dieser Gestalt zu sagen. [...] Deshalb schien es dem Autor interessant, das Leben dieser unbekannteren historischen Gestalt in einem Roman zu enthüllen [...]

TAAS: EINIGE BEMERKUNGEN ÜBER DEN HISTORISCHEN VICTOR HUGUES

Da Victor Hugues von den Geschichtsschreibern der Französischen Revolution [...] bisher nicht zur Kenntnis genommen wurde, hält der Verfasser einige klärende Bemerkungen über diese historische Gestalt für angebracht. [...] Aus diesem Grunde hielt es der Verfasser für lohnend, das Leben dieser bisher unbekannteren historischen Gestalt in einem Roman zu beleuchten [...]

Enquanto a progressão tema-remata entre o título e a primeira frase pode ser facilmente reproduzida, o destaque de certos elementos que marcam o enfoque da intenção comunicativa do autor pode apresentar mais dificuldades.

Exemplo 5.1.6/4

TF: [...] — *harto atareado en describir los acontecimientos ocurridos en Europa, desde los días de la Convención hasta el 18 Brumario, para desviar la mirada hacia el remoto ámbito del Caribe* — [...]

TAP: [...] — *bastante ocupado em descrever os acontecimentos ocorridos na Europa, dos dias da Convenção até o 18 Brumário, para desviar a vista até o remoto âmbito do Caribe* — [...]

TAI: [...] — *too busy describing what was taking place in Europe between the time of the Convention and the 18th Brumaire to divert their gaze to the distant confines of the Caribbean* — [...] (Exemplo 5.6.1/14).

TAA: [...] — die viel zu sehr damit beschäftigt war, die europäischen Ereignisse von den Tagen des Nationalkonvents bis zum 18. Brumaire zu beschreiben, um noch einen Blick für den fernen karibischen Raum übrig zu haben — [...]

TAAS: [...] — viel zu sehr mit den Ereignissen beschäftigt, die sich vom Nationalkonvent bis zum 18. Brumaire in Europa abspielten, als daß sie noch einen Blick auf die ach so fernen Länder in der Karibik hätten werfen können — [...]

A intensidade contrastiva paradigmática em *Europa e Caribe* (Capítulo 3.2.8), que no TAA não é atingida por *europäische Ereignisse* (“acontecimentos europeus”) vs. *karibischer Raum* (“âmbito caribenhinho”), é bastante relevante para o efeito produzido no leitor europeu, cujo olhar deve ser desviado também da Europa para o Caribe. Embora em alemão as orações relativas, que são sempre demarcadas por vírgulas, sejam um pouco “mais pesadas” que as orações relativas restritivas na língua inglesa, a solução no TAI poderia ser imitada no TAA.

Em espanhol, português e inglês, as orações relativas restritivas têm um efeito focalizador que, no exemplo a seguir, é intensificado pela inclusão de *en verdad*:

Exemplo 5.1.6/5

TF: [...] por haber entregado la colonia después de una capitulación que era, en verdad, inevitable.

TAP: [...] por haver entregue a colônia à Holanda, depois de uma capitulação que era, na verdade, inevitável.

TAI: [...] for having lost the colony to the Dutch after a surrender which was in point of fact inevitable.

TAA: [...] weil er die Kolonie im Anschluß an die Kapitulation, die in Wirklichkeit unvermeidlich gewesen war, den Holländern übergeben hatte.

TAAS: [...] weil er die Kolonie nach einer ohnehin unvermeidlichen Kapitulation an die Holländer abgetreten hatte.

Enquanto no TAI e no TAP a ênfase da frase é automaticamente direcionada a *inevitable* e *inevitável*, respectivamente, a oração relativa do TAA é entendida como não restritiva por causa do artigo definido em frente ao antecedente (*die Kapitulation*) e do uso do mais-que-perfeito. De fato, a expressão *in point of fact* no TAI fornece a ênfase produzida pelas vírgulas no TF e no TAP. No TAA, a expressão *in Wirklichkeit* (“na verdade”) contrasta com um *scheinbar* (“aparentemente”), não explícito no texto, e atrai o foco, enquanto no TAAS o enfoque é direcionado ao adjetivo *unvermeidlich* (“inevitável”) através do advérbio *ohnehin* (“de qualquer forma”).

Outro importante recurso de ligação é a isotopia. No exemplo seguinte, a coerência do TAA é afetada pela interrupção da cadeia isotópica:

Exemplo 5.1.6/6

TF: [...] se asegura que, después de la caída del Imperio, regresó a la Guayana [...]

TAP: [...] afirma-se que, depois da queda do Império, voltou à Guiana [...]

TAI: [...] one is assured that after the collapse of the Empire he returned to Guiana [...]

TAA: [...] versichert man, er sei nach dem Untergang des Empire nach Guayana zurückgekehrt [...]

TAAS: [...] versichern jedoch, er sei nach dem Zusammenbruch des Napoleonischen Reiches noch nach Guayana zurückgekehrt [...]

No TF, *caída del Imperio* é uma paráfrase elíptica de *el desplome del imperio napoleónico* (TAP: “a queda do império napoleônico”, TAI: “when the Napoleonic Empire foundered”; TAA: “als das napoleonische Reich unterging”). Em alemão, a palavra *Empire* (com pronúncia francesa) pode ser usada para designar o império

francês de Napoleão I,³⁵³ mas é muito mais usada (com pronúncia inglesa) para denotar o império britânico.³⁵⁴ O contexto aponta para a primeira leitura, mas, para um receptor não familiarizado com a situação histórica, a segunda leitura também pode ser possível. Considerando a função informativa do texto, uma recorrência, como no TAI e no TAP, seria mais adequada do que a paráfrase.

Conforme mencionado anteriormente, a isotopia mais importante é a de conhecimento/ignorância, verbalizada ao longo do texto por expressões que designam transferência e fontes de conhecimento. Uma lista de trechos contendo alguns desses elementos isotópicos mostra que o TAA geralmente perde a intenção do autor, enquanto o TAI e o TAP conseguem se manter mais próximos do TF.

Exemplo 5.1.6/7

TF: ha sido ignorado

TAP: foi ignorado

TAI: has been [...] ignored

TAA: fast übergangen hat

TAAS: nicht zur Kenntnis genommen wurde

TF: hasta hay motivos para creer [...]

TAP: há motivos até para crer

TAI: there is even cause to believe [...]

TAA: einiges spricht sogar dafür [...]

TAAS: man darf sogar annehmen [...]

³⁵³ DUDEN — *Deutsches Universal-Wörterbuch; Der Neue Brockhaus: Lexikon und Wörterbuch in fünf Bänden und einem Atlas.*

³⁵⁴ DUDEN — *Deutsches Universal-Wörterbuch.*

TF: hacer algunas aclaraciones

TAP: prestar alguns esclarecimentos

TAI: throw some light

TAA: einiges sagen

TAAS: einige klärende Bemerkungen

TF: revelar la existencia

TAP: revelar a existência

TAI: reveal the existence

TAA: das Leben [...] enthüllen

TAAS: das Leben beleuchten

TF: documentos

TAP: documentos

TAI: documents

TAA: Unterlagen

TAAS: Dokumente

TF: abundante material informativo

TAP: amplo material informativo

TAI: ample source material

TAA: ausreichendes Material

TAAS: reichliches Quellenmaterial

TF: en las "memorias" de la deportación

TAP: nas "memórias" da deportação

TAI: in the memoirs of the exiles

TAA: In den "Memoiren" der Deportation

TAAS: in den "Mémoires" der Deportation

Os exemplos mostram que a coerência (→ CONTEÚDO) e a ênfase (→ ESTRUTURAÇÃO, → CARACTERÍSTICAS SUPRASSEGMENTAIS) oferecem indícios valiosos sobre a intenção do emissor.

O que também ficou claro na análise do TF foi o fato de a combinação de elementos estilísticos literários e científicos ser um recurso característico usado para atingir a intenção do emissor.

b. Estilo científico

Uma das características do estilo científico espanhol é a referência ao autor pela terceira pessoa do singular (*el autor de este libro*) e o uso da primeira pessoa do plural (*sabemos*) ou de construções impessoais (*se sabe*). Tais elementos também são comuns em textos científicos em português, inglês e alemão.³⁵⁵ O TAI usa a forma convencional *the author* e a primeira pessoa do plural,³⁵⁶ enquanto o TAA usa *der Autor* em vez do comum *der Verfasser*, mas, no geral, reproduz corretamente o estilo funcional de textos científicos (primeira pessoa do plural, pronome impessoal *man* e um grande número de construções impessoais ou passivas). A referência ao emissor na nota de rodapé poderia ser traduzida pela primeira pessoa do plural, tanto no TAI quanto no TAA, e a fórmula *Nota del autor* deveria ser traduzida, de acordo com as convenções estilísticas, por *Author's Note* e *Anm. d. Verf.*, respectivamente (embaixo da nota de rodapé e em parênteses). No TAP, a indicação *Nota do autor* figura no início da nota, como no TF.

No exemplo seguinte, a formulação do TAA não corresponde às normas do estilo científico:

³⁵⁵ D. Crystal, D. Davy, *op.cit.*, p. 251; B. Sowinski, *Deutsche Stilistik*, p. 232.

³⁵⁶ Ver, por exemplo, *Foreword* e *Preface* em D. Crystal, D. Davy, *op.cit.*

Exemplo 5.1.6/8

TF: Se sabe que Víctor Hugues era marsellés [...]

TAP: Sabe-se que Victor Hugues era marselhês [...]

TAI: We know that Victor Hugues was a Marseillais [...]

TAA: Man weiß, daß Victor Hugues Marseiller war [...]

TAAS: Es ist bekannt, daß Victor Hugues [...] aus Marseille war [...]

Outra característica sintática do estilo científico é o uso do tempo presente para separar da narração os trechos de comentário. Devido ao uso semelhante de tempos verbais em português, inglês e alemão, as três traduções conseguem alcançar um efeito análogo simplesmente seguindo o modelo do TF.

No campo lexical, parece mais difícil dar ao texto as características típicas do estilo científico, como mostrado pelos problemas de tradução causados por três termos técnicos no TAI e no TAA: *historicidad*, *dicotomía* e *hipostático*. Embora os termos correspondentes existam tanto em inglês como em alemão (*historicity/Historizität*, *dicotomy/Dichotomie*, *hypostatic/hypostatisch*),³⁵⁷ estes ficam confinados a certas terminologias específicas (*Dichotomie*, *hypostatic/hypostatisch*), que portanto podem não ser reconhecidas por todos os leitores, ou diferir das expressões do TF quanto ao significado (caso de *Dichotomie*) ou quanto às conotações estilísticas (caso de *historicity/Historizität*). Assim, com exceção de *dicotomy*, que parece ser bastante equivalente a *dicotomía* tanto em significado quanto em estilo, eles não podem ser usados nas respectivas línguas alvo e devem ser substituídos por paráfrases ou sinônimos (ver o Exemplo 5.1.6/9, em que o TAI oferece uma paráfrase incorreta de *hypostatic*). Nesse

³⁵⁷ De acordo com DUDEN — Deutsches Universal-Wörterbuch e The Oxford universal dictionary illustrated.

caso, os marcadores do estilo científico devem ser substituídos por outros elementos lexicais (por exemplo, uma porcentagem maior de latinismos no TAA, tais como *Aktivitäten* em vez de *Tätigkeit*, *Deportation* em vez de *Verschleppung*, *Rehabilitierung* em vez de *ehrenvoller Freispruch*; ver também Exemplos 5.1.6/7 e 10).

Exemplo 5.1.6/9

TF: Pero es indudable que su acción hipostática — firme, sincera, heroica, en su primera fase; desalentada, contradictoria, logrera y hasta cínica, en la segunda — nos ofrece la imagen de un personaje extraordinario que establece en su propio comportamiento una dramática dicotomía.

TAP: Mas é indubitável que sua ação hipostática — firme, sincera, heroica, na primeira fase; desalentada, contraditória, oportunista e até cínica, na segunda — nos oferece a imagem de um personagem extraordinário que estabelece, em seu próprio comportamento, uma dicotomia dramática.

TAI: But there can be no doubt that his activities during his period of power — resolute, sincere and heroic in their first phase, wavering, mean and even cynical in their second — give us a picture of an extraordinary man, whose behaviour contains a dramatic dichotomy.

TAA: Zweifellos bietet aber sein für uns greifbares Wirken — entschlossen, aufrichtig, heroisch in der ersten und kleinmütig, widerspruchsvoll, opportunistisch und sogar zynisch in der zweiten Phase — das Bild einer außergewöhnlichen Persönlichkeit, die durch ihr eigenes Verhalten eine dramatische Zweiteilung darstellt.

TAIS: But there can be no doubt that his activities, as far as they are known — resolute, sincere and heroic in their first phase, wavering, mean and even cynical in their second — give us the picture of an extraordinary man whose very behaviour reveals a dramatic dichotomy.

TAAS: Zweifellos ist aber der historische Victor Hugues, soweit uns seine Taten überliefert sind, ein außergewöhnlicher Mann, dessen Verhalten

— standhaft, geradlinig, mutig in der ersten Zeit, später schwach, widersprüchlich, machtgerig und sogar menschenverachtend — eine tragische Gespaltenheit offenbart.

As características do estilo científico deveriam ser marcadas até nos trechos que parecem ser menos importantes:

Exemplo 5.1.6/10

TF: Algunos historiadores [...] nos dicen [...]

TAP: Alguns historiadores [...] afirmam [...]

TAI: Some of the very few historians [...] say [...]

TAA: Einige Geschichtsschreiber [...] teilen uns mit [...]

TAAS: Einige Geschichtsforscher [...] vertreten die Auffassung [...]

Outro recurso relevante que o autor usa para caracterizar o estilo científico são as citações.³⁵⁸ O TF contém uma citação literal entre aspas (Exemplo 5.1.6/11), duas citações indiretas (Exemplo 5.1.6/12) e uma informação supostamente retirada de uma bibliografia francesa (Exemplo 5.1.6/13).

Exemplo 5.1.6/11

TF: [...] nos dicen que murió cerca de Burdeos, donde “poseía unas tierras” (?) en el año 1820.

TAP: [...] afirmam que morreu perto de Bordéus, onde “possuía umas terras” (?) no ano de 1820.

TAI: [...] say that he died near Bordeaux, where he “owned lands” in 1820.

³⁵⁸ O problema da tradução de citações é tratado com detalhes em Nord 1990a;1990b.

TA: [...] teilen uns mit, er sei im Jahre 1820 in der Nähe von Bordeaux, wo er "Ländereien besaß" (?), gestorben.

TAIS: [...] say that he died in 1820, not far from Bordeaux where he "owned estates" (?).

TAAS: [...] vertreten die Auffassung, er sei im Jahre 1820 in der Nähe von Bordeaux, wo er "Ländereien" (?) besessen habe, gestorben.

O uso de *aspas* sugere ao leitor que a expressão é uma reprodução literal de alguma fonte. No TAA, a posposição do verbo (devido à oração subordinada) não parece ser uma citação literal. Seria, portanto, mais conveniente extrapolar o verbo da citação e usar o ponto de interrogação como comentário crítico sobre *Ländereien* ("terras") em vez de *besaß* ("possuía"). O TAI omite completamente a interrogação, e a ausência da vírgula antes da data distorce o sentido da frase.

As citações indiretas parecem apresentar menos dificuldades para o tradutor, visto que reproduzem apenas a mensagem, não a forma da fonte. Entretanto, podem surgir problemas na tradução se diferentes marcadores forem usados nas citações indiretas na LF e na LA. No Exemplo 5.1.6/12, nem o TAI nem o TAA interpretaram *parece* (em conexão com a inclusão *según los investigadores de la Guadalupe*) como um sinal de que a primeira parte da frase deve ser a continuação da citação indireta dada na frase anterior, diferente da segunda parte, que contém o comentário do autor. A tradução literal por *scheint* e *it seems* destrói a coerência do trecho. Como em alemão o modo subjuntivo basta para marcar o discurso indireto, a inclusão não precisa ser traduzida no TAA. Já que o contexto (ver análise do conteúdo, em 2.3b) deixa claro que a construção impessoal *se asegura* não se refere à opinião pública geral, mas às afirmações dos historiadores, as informações sobre a fonte podem ser transferidas para a primeira frase tanto no TAA quanto

no TAI. Esse procedimento também ajudaria a evitar possíveis mal-entendidos no TAI: como as expressões *one is assured* e *Guadeloupan historians* não estão conectadas por elementos anafóricos (por exemplo, um artigo definido), o leitor do TAI pode chegar à conclusão de que essas expressões se referem a diferentes fontes.

Exemplo 5.1.6/12

TF: Pero en la Guadalupe [...] se asegura que, después de la caída del Imperio, regresó a la Guayana, volviendo a tomar posesión de sus propiedades. Parece — según los investigadores de la Guadalupe — que murió lentamente, dolorosamente, de una enfermedad que pudo ser la lepra, pero que, por mejores indicios, debió ser más bien una afección cancerosa.

TAP: Mas na Guadalupe [...] afirma-se que, depois da queda do Império, voltou à Guiana, tornando a tomar posse de suas propriedades. Parece — segundo os pesquisadores da Guadalupe — que morreu lentamente, dolorosamente, de uma doença que podia ser lepra, mas que, por melhores indícios, devia ser mais uma afecção cancerosa.

TAI: But in Guadeloupe [...] one is assured that after the collapse of the Empire he returned to Guiana and once more took possession of his property there. It seems, according to Guadeloupan historians, that he died slowly and painfully of a disease which could have been leprosy but which there is better reason to believe was a form of cancer.

TAA: Aber auf Guadeloupe [...] versichert man, er sei nach dem Untergang des Empire nach Guayana zurückgekehrt und habe wieder von seinen Gütern Besitz ergriffen. Den Forschern von Guadeloupe zufolge scheint er eines langsamen, schmerzhaften Todes gestorben zu sein, von einer Krankheit befallen, die möglicherweise die Lepra, wahrscheinlich aber, wie bessere Indizien andeuten, ein krebsartiges Leiden war.

TAIS: But in Guadeloupe, [...] historians assure us that... According to them, he died slowly...

TAAS: Geschichtsforscher auf Guadeloupe [...] versichern jedoch, er sei nach dem Zusammenbruch des Napoleonischen Reiches nach Guayana zurückgekehrt und habe seine Güter wieder in Besitz genommen. Er sei dann nach langem, qualvollen Leiden an einer unbekanntem Krankheit, möglicherweise Lepra, gestorben. Viele Anzeichen deuten allerdings eher auf Krebs hin.

O nome da fonte de referência não apresenta nenhum problema. A formulação do TAA não está de acordo com as convenções do estilo científico, mas a ortografia obsoleta do nome da bibliografia (com hífen) parece um bom recurso para assinalar a idade — e a autoridade! — da fonte.

Exemplo 5.1.6/13

TF: La Bibliografía Universal de Didot lleva esa muerte al año 1822.

TAP: A Bibliografia Universal de Didot dá essa morte no ano de 1822.

TAI: Didot's Universal Bibliography gives the year of his death as 1822.

TAA: Didots Universal-Bibliographie verlegt diesen Tod in das Jahr 1822.

TAAS: Didots Universal-Bibliographie gibt als Todesjahr 1822 an.

c. Estilo literário

Uma das características mais importantes do estilo literário é, como já mencionamos, o uso de palavras — especialmente adjetivos — expressivas e conotativas. Um exemplo característico do léxico conotativo é a palavra *yanqui* como sinônimo pejorativo de *norteamericano*.³⁵⁹ Em alemão, *Yankee* também possui conotação pejorativa,³⁶⁰ e em inglês britânico é marcada como coloquial³⁶¹ ou

³⁵⁹ *Diccionario general ilustrado de la lengua española*.

³⁶⁰ *DUDEN — Deutsches Universal-Wörterbuch*.

³⁶¹ *Oxford advanced learner's dictionary of current English*.

pejorativa.³⁶² Em inglês americano, *Yankee* é usado para denotar os habitantes dos estados do norte, especialmente os da Nova Inglaterra.³⁶³ Como o TAI não é vendido nos Estados Unidos, o uso de *Yankee* parece aceitável; outra alternativa com conotação mais pejorativa seria *yanks*.³⁶⁴ O TAP usa a forma aportuguesada *ianque*.

Em espanhol, como em português, o adjetivo torna-se conotativo quando colocado antes do substantivo. Na tradução de textos em espanhol para línguas em que a posição dos adjetivos é fixa, o tradutor confronta-se com o problema (linguístico) de não poder transportar as conotações por meios sintáticos, mas somente por meios lexicais (ver TAI e TAAS para *el remoto ámbito del Caribe* no Exemplo 5.1.5/4; no TAI, o efeito conotativo de *distant confines* só poderia ser enfatizado pela adição de *far*). No caso de *dramática dicotomía*, o TAP, com *dicotomia dramática*, omite a conotação.

Exemplo 5.1.6/14

TF: Atraído por un mar que es — en Marsella, precisamente — una eterna invitación a la aventura desde los tiempos de Piteas y de los patrones fenicios [...]

TAP: Atraído por um mar que é — em Marselha, precisamente — um eterno convite à aventura desde os tempos de Piteas e dos arrais fenícios [...]

TAI: Attracted by a sea which, in Marseille especially, has been a perpetual call to adventure ever since the days of Pytheas and the Phoenician mariners [...]

TAA: Den Verlockungen eines Meeres erliegend, das — gerade in Marseille — eine ewige Einladung zum Abenteuer ist seit den Zeiten des Pytheas und der phönizischen Kapitäne [...]

³⁶² *The Oxford universal dictionary illustrated.*

³⁶³ *The Random House dictionary of the English language.*

³⁶⁴ *Oxford advanced learner' dictionary of current English.*

TAAS: Dem Ruf des Meeres folgend, das — gerade in Marseille — schon seit den Zeiten des Pytheas und der phönizischen Seefahrer eine ewige Verlockung zum Abenteuer gewesen ist [...]

No TAA, nenhuma conotação é transportada pelo substantivo *Einladung* (“convite”) ou pelo substantivo *Verlockungen* (“tentações”), que na forma plural converte a noção abstrata em uma concreta, enquanto, no TAAS, *Ruf des Meeres* e *Verlockung* (no singular) apontam para o nível de estilo literário. No TAI, as expressões *perpetual call* e *ever since* marcam o estilo do trecho como literário. E, no TAP, a expressão “arrais” também reforça o estilo poético, se comparada a “navegadores”.

A combinação de dois adjetivos quase sinônimos é outro meio bastante comum de intensificação literária. No exemplo a seguir, a diferença entre os dois adjetivos consiste no fato de que *tornasolado* contém não apenas o semema “colorido”, mas também uma conotação de inquietude e movimento, talvez até com pistas acerca do esplendor do sol, enquanto *rutilante* sugere o lustre metálico do ouro,³⁶⁵ o que vale também para os equivalentes portugueses.

Exemplo 5.1.6/15

TF: los puertos de ese mundo tornasolado y rutilante

TAP: nos portos desse mundo tornassolado e rutilante

TAI: the ports of that glittering and colourful corner of the world

TAA: in den Hafenstädten dieser schillernden, glänzenden Welt

TAIS: the ports of that sparkling and glittering corner of the world

TAAS: in den Hafenstädten jener buntschillernden, glitzernden Welt

³⁶⁵ M. Moliner, *Diccionario de uso del español; Diccionario general ilustrado de la lengua española*.

O aspecto do movimento pode ser intensificado substituindo-se *colourful* por *sparkling* no TAI, e *glänzend* por *glitzernd* no TAA. Os dois adjetivos possuem um efeito onomatopéico e permitem associações com a riqueza (por exemplo: diamantes ou champanhe) e a luz do sol. No TAA, o pronome demonstrativo em *diese... Welt* (“este ... mundo”) não deixa suficientemente claro que o autor refere-se ao remoto âmbito do Caribe. Além disso, o pronome *jene* (“esse”) pertence a um estilo mais literário.³⁶⁶

A interdependência entre o léxico e a sintaxe e sua influência no efeito do texto pode ser ilustrada pelas enumerações assindéticas de adjetivos (Exemplo 5.1.6/9), formas verbais (particípios, gerúndios) e substantivos, como no exemplo seguinte.

Exemplo 5.1.6/16

TF: Ascendido a piloto de naves comerciales, anduvo por las Antillas, observando, husmeando, aprendiendo, acabando por dejar las navegaciones para abrir en Port-au-Prince un gran almacén — o *comptoir* — de mercancías diversas, adquiridas, reunidas, mercadas por vías de compra-venta, trueque, contrabandos, cambios de sederías por café, de vainilla por perlas [...]

TAP: Ascendendo a piloto de naves mercantes, andou pelas Antilhas, observando, farejando, aprendendo, acabando por deixar as navegações para abrir em Port-au-Prince um grande armazém — o [sic] *comptoir* — de mercadorias diversas, adquiridas, reunidas, apreçadas por meio de compra e venda, permuta, contrabandos, trocas de sedas por café, de baunilha por pérolas [...]

TAI: Having risen to the rank of mate aboard merchantmen [sic], he travelled through the Antilles, observing, nosing about and learning, until he finally gave up the sea in order to open a large shop — or *comptoir* — in Port-au-Prince, for

³⁶⁶ DUDEN — *Deutsches Universal-Wörterbuch*.

an assortment of goods that were acquired, collected or purchased, either by trading, smuggling or exchange — silk goods for coffee, vanilla for pearls [...]

TAA: Zum Steuermann auf Handelsschiffen aufgestiegen, befuhr er, die Augen offenhaltend und immer dazulernend, das Gebiet der Antillen und ließ schließlich die Seefahrt sein, um in Port-au-Prince einen großen Laden — oder ‚Comptoir. — für verschiedene Waren zu eröffnen, die er durch Kauf oder Schmuggel oder Tausch erwarb — man tauschte Seide gegen Kaffee, Vanille gegen Perlen — [...]

TAPS: Promovido a timoneiro, mantendo-se ligado e aprendendo, percorreu as Antilhas para em Porto Príncipe abrir um grande armazém — ou um *comptoir* — de mercadorias diversas, adquiridas por meio de compra e venda, permuta, contrabando, trocas de sedas por café, de baunilha por pérolas [...]

TAIS: [...] he travelled through the Antilles, looking and learning until he finally gave up the sea in order to open a large shop, or *comptoir*, in Port-au-Prince, for an assortment of goods that were acquired, collected, purchased — by trading, smuggling or barter: silk for coffee, vanilla for pearls [...]

TAAS: Nachdem er zum Steuermann auf Handelsschiffen aufgestiegen war, segelte er durchs Karibische Meer, schaute hier, schnupperte da, lernte alles, hängte schließlich die Seefahrt an den Nagel, um in Port-au-Prince ein großes Geschäft aufzumachen, ein Kontor oder “Comptoir” mit allen möglichen Waren, die durch Kaufen, Tauschen, Schmuggeln erworben, erfeilscht, ergattert wurden, Seide gegen Kaffee, Vanille gegen Perlen [...]

O TAI troca todas as enumerações assindéticas com três ou quatro elementos por enumerações sindéticas de três elementos, conectando o segundo e o terceiro elemento por *and* ou *or*. Isso acarreta em certa monotonia de estilo e ritmo. O TAIS tenta aumentar a “velocidade” do trecho substituindo o primeiro assíndeto por um par de verbos aliterados (*lookingandlearning*), reproduzindo o segundo assíndeto (*acquired, collected, purchased*) e usando um travessão ou dois pontos, ou ponto e vírgula, em vez de conectivos lexicais.

Com pares de palavras conectadas e enumerações polissindéticas e pela omissão dos participios passados, o TAA transmite a impressão de um ritmo bastante moderado. O leitor não percebe que o autor está buscando quantidade e não qualidade semântica, enumerando todas as facetas da vida de seu personagem. Por isso, o TAAS tenta reproduzir ao máximo as estruturas assindéticas para dar a ideia de velocidade alta, quase telegráfica, com que o autor relata a história da vida de Victor Hugues pelo período de alguns anos.

Esse último exemplo pode ilustrar outras duas características do estilo literário. Primeiramente, verbos ou verbos nominalizados parecem dar mais cor e vida à descrição de ações do que substantivos, e deveriam ter preferência também nas traduções (ver TAAS: *Kaufen, Tauschen, Schmuggeln* em vez de *Kauf, Tausch, Schmuggel*). Em segundo lugar, o uso do tempo passado marca as partes narrativas do texto. Como o autor usa quase exclusivamente as formas do PPS, que raramente são contrastadas com formas do pretérito imperfeito, os tempos, nesse caso, não representam um problema de tradução. Na frase *Sabemos también que estaba en París, todavía, a la hora...*, o aspecto de duração fica explícito em *todavía*. Assim, não é difícil traduzi-la mesmo para uma língua sem diferenças de aspecto, como o alemão.

A assinatura do autor, também considerada um traço do estilo literário, foi omitida no TAA. A função exercida por tais detalhes, que à primeira vista parecem insignificantes e cujas “traduções” não apresentam nenhuma dificuldade, pode ser detectada a partir da análise do texto.

Apesar de sua função informativa, o posfácio do romance deve ser considerado texto literário. Além dos traços estilísticos que correspondem a gêneros e tipos textuais, temos que considerar, pois, as características do estilo pessoal do autor presentes no texto.

d. Estilo pessoal

Uma das características do estilo de Carpentier, mencionada anteriormente, é a sintaxe barroca, como visto no Exemplo 5.1.6/16. Frases longas são bastante comuns nos textos espanhóis, mas elas são geralmente construídas de modo linear. Contudo, Carpentier muitas vezes prefere hipotaxes bastante complicadas, com longas inclusões, o que produz uma forte tensão entre o início e o fim de uma frase (ver também Exemplos 5.1.6/3 e 4, 9 e 12).

Exemplo 5.1.6/17

TF: Quanto se dice acerca de su guerra librada a los Estados Unidos — la que llamaron los yanquis de entonces “Guerra de Brigantes” — así como a la acción de los corsarios, con sus nombres y los nombres de sus barcos, está basado en documentos reunidos por el autor en la Guadalupe y en bibliotecas de la Barbados, así como en cortas pero instructivas referencias halladas en obras de autores latinoamericanos que, de paso, mencionaron a Víctor Hugues.

TAP: Quando [sic] se diz de sua guerra decretada aos Estados Unidos — a que chamaram os ianques de então de “Guerra dos Brigantes” — assim como a ação dos corsários, com seus nomes e os nomes de seus navios, todo está baseado em documentos reunidos pelo autor na Guadalupe e em bibliotecas de Barbados, assim como em referências curtas, mas instrutivas achadas em obras de autores latino-americanos que, de passo, mencionaram Victor Hugues.

TAI: The passages dealing with the war against the United States — what the Yankees of those days called the “Brigands’ War” — together with the activities of the privateers, both their names and the names of their ships, are based on the documents consulted by the author in Guadeloupe and in the libraries of Barbados, as well as in brief but revealing references discovered in the works of those Latin-American writers who have mentioned Victor Hugues in passing.

TAA: Was über den Krieg gesagt wird, den er den Vereinigten Staaten lieferte — und den die Yankees damals “Seeräuberkrieg” nannten — ebenso die

Darstellung der Tätigkeit der Korsaren samt ihren Namen und den Namen ihrer Schiffe, gründet sich auf Unterlagen, die der Autor auf Guadeloupe und in den Bibliotheken der Insel Barbados sammeln konnte, sowie auf kurze, aber lehrreiche Hinweise in Werken lateinamerikanischer Verfasser, die Victor Hugues beiläufig erwähnen.

TAPS: Tanto a referência à guerra declarada aos Estados Unidos — a qual os ianques chamaram de “Guerra dos Brigantes” — quanto à ação dos corsários, com seus nomes e os nomes de seus navios, tudo está comprovado em documentos reunidos pelo autor em Guadalupe e em bibliotecas de Barbados, bem como em breves referências, porém instrutivas encontradas em obras de autores latino-americanos que, de passagem, mencionaram Victor Hugues.

TAIS: [...] the war against the United States — or the “Brigands’ War”, as the Yankees used to call it — [...]

STA: Alle Angaben über seinen Krieg gegen die Vereinigten Staaten — von den Yankees damals “Brigantenkrieg” genannt — und über die Korsarenaktionen, einschließlich der Namen von Personen und Schiffen, stützen sich auf Dokumente aus Guadeloupe und den Bibliotheken auf Barbados sowie auf kurze, aber aufschlußreiche Hinweise in Werken lateinamerikanischer Autoren, die Victor Hugues beiläufig erwähnen.

As construções hipotáticas são bastante comuns em alemão. Por isso, as características sintáticas do estilo pessoal devem ser modificadas para uma sintaxe nominal, condensada. Além disso, construções em participio, como *guerra librada...*, *documentos reunidos...* ou *referencias halladas...*, são normais em espanhol, e muitas vezes possíveis em inglês (*documents consulted...* e *references discovered...* vs. *war against...*), mas impossíveis em alemão. As orações relativas escolhidas em TAA (por exemplo: *der Krieg, den er ... liefert*) parecem extremamente estranhas, já que o verbo é redundante. Elas devem ser substituídas pelas construções preposicionais normais (*Krieg gegen...*, *Dokumente aus...*, *Hinweise in...*).

No TF, a condensação do estilo é feita com o uso de construções em presente contínuo no início da frase (5.1.6/14, 16) e construções no gerúndio (5.1.6/16). Em inglês, tais construções podem ser reproduzidas (6.1.6/14, 16 TAI), enquanto no alemão o uso de participio presente ou passado no lugar de uma oração temporal pode marcar um estilo literário (5.1.6/14 TAA) se usado de modo econômico. Entretanto, três participios em uma linha (5.1.6/16 TAA) são simplesmente indigestos, e devem ser substituídos por orações temporais ou principais (5.1.6/16 TAAS).

e. Orientação para o público

A orientação do texto para o público reflete-se, em primeiro lugar, nas pressuposições e, em segundo, nas inclusões, que no texto parecem estabelecer um sentimento de solidariedade entre o emissor e o receptor.

Como já explicado, muitas pressuposições são pseudo-pressuposições. Na maioria dos casos, porém, o tradutor pode reproduzir o mesmo efeito no leitor usando as mesmas pressuposições. Contudo, o efeito será diferente se uma pressuposição, cuja função é meramente retórica para o leitor do TF, pertencer à bagagem de conhecimento do leitor do TA ou puder ser inferida pelo texto.

No Exemplo 5.1.6/17, um nome inglês (*Brigands' War*) é citado por tradução literal ou “calque” tanto no TF como no TAP. A palavra *brigantes* não está incluída nos dicionários DRAE, 1984, VOX, 1979, Moliner, 1975, Alonso, 1979, Pequeño Larousse, 1970. No dicionário DEA, 1999 está marcada como histórica e definida como “bandolero”. Por ser bastante desconhecido, o nome da guerra pode ser considerado pelos leitores espanhóis e brasileiros um exotismo, ou seja, um termo pertencente à cultura estrangeira. Em português,

o contexto impede associações com o *Brigantaggio*³⁶⁷ ou com os *Brigantes* da Britânia antiga.³⁶⁸

Em inglês e alemão, as palavras *brigand*³⁶⁹ e *Brigant*³⁷⁰ geralmente não são conhecidas, mas pelo menos constam nos dicionários. Para os leitores alemães, a tradução *Brigantenkrieg* (TAAS) pode não soar tão exótica quanto o original, mas parece mais apropriada que a tradução explicativa *Seeräuberkrieg* (TAA). O mesmo se aplica aos leitores do inglês. Como, nesse caso, o nome deve ser traduzido de volta para a língua original, só podemos esperar que o leitor do inglês considere *Brigands' War* um americanismo estranho.

As inclusões servem para intensificar a tensão sintática (→ estilo pessoal) e trazer à tona um contorno de tom específico (→ características suprasegmentais). Também são usadas como forma de se dirigir ao público diretamente, não apenas àqueles familiarizados com a história europeia (ver Exemplos 5.1.6/4: *harto atareado...*, 5.1.6./14: *en Marsella...*), mas também àqueles com conhecimento de línguas e culturas estrangeiras (ver Exemplo 5.1.6/16: o *comptoir*, 17: *Guerra de Brigantes*) e àqueles que já leram todo o romance (ver Exemplo 5.1.6/9: *firme, sincera...*).

Existem apenas duas inclusões que não correspondem a esse padrão. Uma serve como marcador de discurso indireto (Exemplo 6.1.6/12: *según los investigadores*) e, por isso, não pode ser considerada um recurso estilístico específico para se dirigir ao receptor, e a outra pretende apresentar o autor como um especialista, cujas investigações sobre o assunto são confiáveis.

³⁶⁷ De acordo com <http://pt.wikipedia.org/wiki/Brigantaggio>.

³⁶⁸ De acordo com <http://pt.wikipedia.org/wiki/Brigantes>.

³⁶⁹ *Oxford advanced learner' dictionary of current English*.

³⁷⁰ DUDEN — *Deutsches Universal-Wörterbuch; Der Neue Brockhaus: Lexikon und Wörterbuch in fünf Bänden und einem Atlas*.

Exemplo 5.1.6/18

TF: Algunos historiadores — de los muy pocos que se hayan ocupado de él accidentalmente, fuera de Pierre Vitoux que le consagró, hace más de veinte años, un estudio aún inédito — nos dicen [...]

TAP: Alguns historiadores — um dos poucos que se ocuparam dele acidentalmente, além de Pierre Vitoux que lhe dedicou, há mais de vinte anos, um estudo ainda inédito — afirmam [...]

TAI: Some of the very few historians who have concerned themselves with him — purely by chance, except for Pierre Vitoux, who, more than twenty years ago, devoted an as yet unpublished study to him — say [...]

TAA: Einige Geschichtsschreiber — einige der wenigen, die sich zufällig mit ihm beschäftigt haben, abgesehen von Pierre Vitoux, der ihm vor mehr als zwanzig Jahren eine noch unveröffentlichte Studie widmete — teilen uns mit [...]

TAPS: Alguns historiadores — dos poucos que se dedicaram a ele, acidentalmente, foi Pierre Vitoux que o consagrou e dedicou-lhe, por mais de vinte anos, um estudo ainda inédito — afirmam [...]

TAIS: Historians — some of the very few who have concerned themselves with him, en passant, except for Pierre Vitoux [...] — say [...]

TAAS: Einige Geschichtsforscher — wenige haben sich mit ihm beschäftigt, die meisten nur flüchtig, außer Pierre Vitoux, der vor mehr als zwanzig Jahren eine bisher unveröffentlichte Arbeit über ihn verfaßte — vertreten die Auffassung [...]

Neste exemplo, parece difícil evitar a ambiguidade. No TF, a inclusão entre travessões é um complemento do sujeito *algunos historiadores*, enquanto *fuera de Pierre Vitoux...* é complemento para *accidentalmente*. O TAI reduziu a inclusão para esclarecer a referência, enquanto a tradução no TAA é ambígua. O TAP produz uma incoerência por acrescentar o artigo indefinido (*alguns historiadores* — **um dos poucos**)

As inclusões geralmente são usadas para adicionar informações ou comentários relacionados ao contexto sem integrá-los à sintaxe,

ou para sublinhar a importância de uma aposição. Em muitos casos, os travessões parecem supérfluos no TAA, já que a inclusão é uma oração subordinada que se encaixa na estrutura da frase (Exemplos 5.1.6/4, 17), geralmente marcada por vírgulas. Isso também se aplicaria ao TAI no Exemplo 5.1.6/17, mas, nesse caso, o uso errado do pronome relativo *what* destrói a coerência da frase. Na tradução para o inglês, as vírgulas podem ser usadas no lugar de travessões se a inclusão não for muito longa e não contiver outras inclusões (por exemplo: in Marseille especially, *or comptoir*), pois, como apontam Quirk et. al.³⁷¹ em respeito ao inglês: “[...] os travessões tendem a dar uma impressão um tanto mais dramática e informal, sugerindo improvisado em vez de inclusão planejada”.

O efeito causado na entonação e na focalização por uma inclusão é ilustrado pelo exemplo a seguir. O TAA adiciona travessões, enfatizando um detalhe não enfatizado no TF.

Exemplo 5.1.6/19

TF: Se sabe que Víctor Hugues era marsellés, hijo de un panadero [...]

TAP: Sabe-se que Victor Hugues era marselhês, filho de um padeiro [...]

TAI: We know that Victor Hugues was a Marseillais and the son of a baker [...]

TAA: Man weiß, daß Victor Hugues Marseiller war — Sohn eines Bäckers — [...]

TAAS: Es ist bekannt, daß Victor Hugues ein Bäckerssohn aus Marseille war [...]

5.1.7. Conclusões e sugestões de tradução

Ao analisar vários problemas de tradução e comparar com o original as soluções dadas nas versões em português, inglês e alemão,

³⁷¹ R. Quirk, S. Greenbaum, G. Leech & J. Svartik, *A grammar of contemporary English*, p. 1071.

pretendemos mostrar que o modelo de análise textual relevante para a tradução pode oferecer um quadro de referência para uma tradução funcional. Apesar de algumas imperfeições, as versões em português e inglês parecem cumprir muito melhor as exigências do *skopos* da tradução do que a versão em alemão. Isso pode se dever, em parte, às analogias estruturais entre espanhol, português e inglês, mas, como mostrado nas traduções sugeridas, a língua alemã também oferece meios estilísticos adequados para a resolução de tais problemas de tradução, como “coerência e ênfase”, “estilo científico”, “estilo literário”, “estilo pessoal” e “orientação para o público”.

Para concluir este capítulo, apresentamos as versões completas dos textos alvo sugeridos em inglês, alemão e holandês, nas quais foram considerados os aspectos discutidos acima.

a — Tradução para o português

(S. Leonardos, revisada por C. Nord e M. Zipser)

ACERCA DA HISTORICIDADE DE VICTOR HUGUES

Como Victor Hugues foi ignorado na história da Revolução Francesa — bastante ocupado em descrever os acontecimentos ocorridos na Europa, dos dias da Convenção até o 18º Brumário, para desviar a atenção até o mais remoto âmbito do Caribe —, o autor deste livro julga útil prestar alguns esclarecimentos acerca da historicidade do personagem.

Sabe-se que Victor Hugues era marselhês, filho de um padeiro — e há motivos até para se crer que tivesse alguma longínqua ascendência negra, embora não fosse fácil demonstrá-lo. Atraído por um mar que é — em Marselha, precisamente — um eterno convite à aventura desde os tempos de Piteas e dos arrais fenícios, embarcou para a América, como grumete, realizando várias viagens ao Mar do Caribe. Promovido a piloto de navios mercantes, andou pelas

Antilhas, observando, farejando, aprendendo, abandonando as navegações para abrir em Port-au-Prince um grande armazém — ou *comptoir* —, de mercadorias diversas, adquiridas, reunidas, marcadas por meio de compra e venda, permuta, contrabandos, trocas de sedas por café, de baunilha por pérolas, como ainda existem muitas nos portos desse mundo tornassolado e rutilante.

Sua verdadeira entrada na História data da noite em que seu comércio foi incendiado pelos revolucionários haitianos. A partir desse momento, podemos seguir sua trajetória passo a passo, tal como se narra neste livro. Os capítulos dedicados à reconquista da Guadalupe são orientados por um esquema cronológico preciso. Quanto se diz de sua guerra decretada aos Estados Unidos — a que chamaram os ianques de então de “Guerra dos Brigantes” — assim como a ação dos corsários, com seus nomes e os nomes de seus navios, tudo está baseado em documentos reunidos pelo autor em Guadalupe e em bibliotecas de Barbados, assim como em referências curtas, mas instrutivas achadas em obras de autores latino-americanos que, de passo, mencionaram Victor Hugues.

Quanto à ação de Victor Hugues na Guiana Francesa, há amplo material informativo nas “memórias” da deportação. Depois da época em que termina a ação deste romance, Victor Hugues foi submetido, em Paris, a um conselho de guerra, por entregar a colônia à Holanda, depois de uma capitulação que era, na verdade, inevitável. Absolvido com honra, Victor Hugues voltou a movimentar-se no âmbito político. Sabemos que teve relações com Fouché. Sabemos também que estava em Paris, ainda, à hora da queda do império napoleônico.

Mas aqui se perdem suas pegadas. Alguns historiadores — dos muito poucos que se ocuparam dele acidentalmente, além de Pierre Vitoux que lhe dedicou, há mais de vinte anos, um estudo ainda inédito — afirmam que morreu perto de Bordéus, onde “possuía

umas terras” (?) no ano de 1820. A Bibliografia Universal de Didot dá essa morte no ano de 1822. Mas em Guadalupe, onde a recordação de Victor Hugues está muito viva, afirma-se que, depois da queda do Império, voltou à Guiana, tornando a tomar posse de suas propriedades. Parece — segundo os pesquisadores de Guadalupe — que morreu lentamente, dolorosamente, de uma doença que podia ser lepra, mas que, por melhores indícios, devia ser mais uma afecção cancerosa.*

Qual foi, na realidade, o fim de Victor Hugues? Ainda o ignoramos, do mesmo modo que sabemos muito pouco de seu nascimento. Mas é indubitável que sua ação hipostática — firme, sincera, heroica, na primeira fase; desalentada, contraditória, oportunista e até cínica, na segunda — nos oferece a imagem de um personagem extraordinário que estabelece, em seu próprio comportamento, uma dramática dicotomia. Daí que o autor julgou interessante revelar a existência desse ignorado personagem histórico num romance que abarcasse, ao mesmo tempo, todo o âmbito do Caribe.

A.C.

*Nota do Autor. Estas páginas já estavam publicadas no final da primeira edição que se fez deste livro no México quando, achando-me em Paris, tive oportunidade de conhecer um descendente direto de Victor Hugues, possuidor de importantes documentos de família sobre o personagem. Por ele eu soube que o túmulo de Victor Hugues fica num lugar situado a alguma distância de Caiena. Mas com isto encontrei, num dos documentos examinados, uma assombrosa revelação: Victor Hugues foi amado fielmente durante anos, por uma bela cubana que, pela mais assombrosa coincidência, chamava-se Sofia.

b — Tradução para o inglês

(V. Gollancz, revisada por P. Sparrow; Nota de rodapé: Nord/Sparrow)

THE VICTOR HUGUES OF HISTORY

Since Victor Hugues has been almost completely ignored by historians of the French Revolution — too busy describing what was taking place in Europe between the time of the Convention and the 18th Brumaire to divert their gaze to the far distant confines of the Caribbean — the author feels it might be useful to throw some light on the historical background of the character.

We know that Victor Hugues was a Marseillais and the son of a baker, and there is even cause to believe that he was remotely descended from negroes, though this would be hard to prove. Attracted by a sea which, in Marseille especially, has been a perpetual call to adventure ever since the days of Pytheas and the Phoenician mariners, he sailed off to America as a cabin-boy, and made several voyages to the Caribbean. Having risen to the rank of mate aboard merchant-ships, he travelled through the Antilles, looking and learning, until he finally gave up the sea in order to open a large shop, or *comptoir*, in Port-au-Prince, for an assortment of goods that were acquired, collected, purchased — by trading, smuggling or barter: silk for coffee, vanilla for pearls. Many such establishments still exist in the ports of that sparkling and glittering corner of the world.

His real entry into history dates from the night when his business was burned down by the Haitian revolutionaries. From that moment onwards we can follow his progress step by step, exactly as it is charted in this book. The chapters describing the recapture of Guadeloupe follow a precise chronological plan. The passages dealing with the war against the United States — or the “Brigands’

War”, as the Yankees used to call it — together with the activities of the privateers, their names and the names of their ships, are based on documents consulted by the author in Guadeloupe and in the libraries of Barbados, as well as on brief but revealing references discovered in the works of those Latin-American writers who have mentioned Victor Hugues in passing.

As for Victor Hugues’ activities in French Guiana, there is ample source material to be found in the memoirs of the exiles. After the point in time at which this novel ends, he was tried in Paris before a military tribunal for having lost the colony to the Dutch, after a surrender which was in point of fact inevitable. Acquitted with honour, Victor Hugues again began to move in political circles. We know that he came into contact with Fouché. We also know that he was still in Paris when the Napoleonic Empire foundered.

But it is here that we lose trace of him. Historians — some of the very few who have concerned themselves with him *en passant*, except for Pierre Vitoux, who, more than twenty years ago, devoted an as yet unpublished study to him — say that he died in 1820, not far from Bordeaux where he “owned estates” (?). Didot’s Universal Bibliography gives the year of his death as 1822. But in Guadeloupe, where the memory of Victor Hugues is still very much alive, historians assure us that after the collapse of the Empire he returned to Guiana and once more took possession of his property there. According to them, he died slowly and painfully of a disease which might have been leprosy but which we have more reason to believe was a form of cancer.¹

What in fact was Victor Hugues’ fate? We still do not know for sure, just as we know very little about his birth. But there can be no doubt that his activities, as far as they are known — resolute, sincere and heroic in their first phase, wavering, mean and

even cynical in their second — give us a picture of an extraordinary man whose very behaviour reveals a dramatic dichotomy. That is why the author considered that it would be interesting to reveal the existence of this neglected historical figure in a novel which would, at the same time, embrace the world of the whole Caribbean.

A.C.

¹Author's Note: These lines at the end of the first edition of the novel had just been published in Mexico, when one day, in Paris, I happened to come across one of Victor Hugues' direct descendants, who was in possession of some important family documents. From him I learnt that Victor Hugues was buried in a place not far from Cayenne. In one of those documents I made an amazing discovery: Victor Hugues had been dearly loved, for a period of many years, by a beautiful Cuban girl whose name — believe it, or not — was Sofia.

c — Tradução para o alemão
(Christiane Nord)

EINIGE BEMERKUNGEN ÜBER DEN HISTORISCHEN
VICTOR HUGUES

Da Victor Hugues von den Geschichtsschreibern der Französischen Revolution — viel zu sehr mit den Ereignissen beschäftigt, die sich zwischen der Gründung des Nationalkonvents und dem 18. Brumaire in Europa abspielten, als daß sie noch einen Blick auf die auch so fernen Länder in der Karibik hätten werfen können — bisher nicht zur Kenntnis genommen wurde, hält der Verfasser einige klärende Bemerkungen über diese historische Gestalt für angebracht.

Es ist bekannt, daß Victor Hugues ein Bäckerssohn aus Marseille war — und man darf sogar annehmen, daß er ganz entfernte schwarze Vorfahren hatte, obwohl das natürlich nicht leicht zu beweisen wäre. Dem Ruf des Meeres folgend, das — gerade in Marseille — schon seit den Zeiten des Pytheas und der phönizischen Seefahrer eine ewige Verlockung zum Abenteuer gewesen ist, ging er, als Schiffsjunge zunächst, auf große Fahrt nach Amerika, in die Karibik. Nachdem er zum Steuermann auf Handelsschiffen aufgestiegen war, segelte er durchs Karibische Meer, schaute hier, schnupperte da, lernte alles, hängte schließlich dann die Seefahrt an den Nagel, um in Port-au-Prince ein großes Geschäft aufzumachen, ein Kontor oder “Comptoir” mit allen möglichen Waren, die durch Kaufen, Tauschen, Schmuggeln erworben, erfeilscht, ergattert wurden, Seide gegen Kaffee, Vanille gegen Perlen, so wie es auch heute noch viele Handelsunternehmen in den Hafenstädten jener buntschillernden, glitzernden Welt gibt.

In die Geschichte ging er aber erst ein, als eines Nachts sein Geschäft von den haitischen Revolutionären in Brand gesteckt wurde. Von diesem Augenblick an können wir seinen Lebenslauf verfolgen, Schritt für Schritt, so wie er im Roman erzählt wird. Die Kapitel über die Rückeroberung Guadeloupes sind nach einem strikt chronologischen Schema aufgebaut. Alle Angaben über seinen Krieg gegen die Vereinigten Staaten — von den Yankees damals “Brigantenkrieg” genannt — und über die Korsarenaktionen, einschließlich der Namen von Personen und Schiffen, stützen sich auf Dokumente aus Guadeloupe und aus den Bibliotheken auf Barbados sowie auf kurze, aber aufschlußreiche Hinweise in Werken lateinamerikanischer Autoren, die Victor Hugues beiläufig erwähnen.

Über Victor Hugues' Aktivitäten in Französisch-Guayana schließlich gibt es in den “Mémoires” der Deportation reichliches Quellenmaterial. Nach dem Zeitraum der Romanhandlung wurde

Victor Hugues in Paris vor ein Kriegsgericht gestellt, weil er die Kolonie nach einer ohnehin unvermeidlichen Kapitulation an die Holländer abgetreten hatte. Nach seiner Rehabilitierung konnte er sich erneut politisch betätigen. Wir wissen, daß er Kontakt zu Fouché hatte, und wir wissen auch, daß er den Zusammenbruch des Napoleonischen Reiches noch in Paris erlebte.

Aber dort verliert sich seine Spur. Einige Geschichtsforscher — wenige haben sich mit ihm beschäftigt, die meisten nur flüchtig, außer Pierre Vitoux, der vor mehr als zwanzig Jahren eine bisher unveröffentlichte Arbeit über ihn verfaßte — vertreten die Auffassung, er sei im Jahre 1820 in der Nähe von Bordeaux, wo er “Ländereien” (?) besessen habe, gestorben. Didots Universal-Bibliographie gibt als Todesjahr 1822 an. Geschichtsforscher auf Guadeloupe, wo sein Andenken immer noch stark lebendig ist, versichern jedoch, er sei nach dem Zusammenbruch des Napoleonischen Reiches noch nach Guayana zurückgekehrt und habe seine Güter wieder in Besitz genommen. Nach langem, qualvollen Leiden sei er dann an einer unbekanntem Krankheit, möglicherweise Lepra, gestorben. Viele Anzeichen deuten allerdings eher auf Krebs hin.¹

Wie ist nun Victor Hugues tatsächlich gestorben? Darüber wissen wir genauso wenig wie über seine Geburt. Zweifellos ist aber der historische Victor Hugues, soweit uns seine Taten überliefert sind, ein außergewöhnlicher Mann, dessen Verhalten — standhaft, geradlinig, mutig in der ersten Zeit, später schwach, widersprüchlich, machtgerig und sogar menschenverachtend — eine tragische Gespaltenheit offenbart. Aus diesem Grunde hielt es der Verfasser für lohnend, das Leben dieser bisher unbekanntem historischen Gestalt in einem Roman zu beleuchten, der gleichzeitig ein Bild der gesamten karibischen Welt vermittelt.

¹Der Roman mit diesem Nachwort war bereits in seiner ersten Auflage in Mexiko erschienen, als ich in Paris zufällig einen direkten Nachkommen von Victor Hugues kennenlernte, der wertvolle Familiendokumente besaß. Durch ihn erfuhr ich, daß Victor Hugues in einem Ort in der Nähe von Cayenne begraben liegt. Aus einem der Dokumente ging aber zu meinem großen Erstaunen auch hervor, daß Victor Hugues viele Jahre lang von einer schönen Kubanerin treu geliebt wurde, die, man kann es kaum glauben, tatsächlich Sofia hieß (Anm. d. Verf.).

d — Tradução para o holandês

(J. Best)

ENKELE AANTEKENINGEN BIJ DE HISTORISCHE FIGUUR VICTOR HUGUES

Aangezien Victor Hugues in de geschiedschrijving over de Franse Revolutie tot nu toe niet voorkomt — de historici waren veel te zeer in beslag genomen door de gebeurtenissen die zich tussen de Nationale Conventie en de 18e Brumaire in Europa afspeelden um nog een blik te kunnen werpen op de verre landen van het Caraïbische gebied — acht de auteur enkele verhelderende woorden over deze historische figuur op zijn plaats.

We weten dat Victor Hugues in Marseille als zoon van een bakker geboren werd. Verondersteld wordt zelfs dat hij ver in het verleden zwarte voorvaderen heeft gehad, hetgeen natuurlijk moeilijk te bewijzen valt. Hij voelde zich aangetrokken tot de zee die sinds Pytheas en de Fenicische zeevaarders — vooral in Marseille — altijd al tot avontuur heeft gelokt en ging op grote vaart naar Amerika, aanvankelijk als scheepsjongen. Nadat hij het to stuurman op handelsschepen had gebracht doorkruiste hij het Caraïbische gebied, nam hier een kijkje, snuffelde daar war rond,

leerde van alles en gaf er ten slotte de brui aan, om in Port-au-Prince een grote zaak oftewel “comptoir” te beginnen in allerlei waren, gekocht, gesmokkeld of geruild, zijde tegen koffie, vanille tegen parels, net zoals dat ook nu nog vaak gebruikelijk is bij veel handelsondernemingen in den havensteden van dit bontgekleurde en flonkerende gebied.

Historische betekenis kreeg Victor Hugues echter pas toen zijn zaak op zekere nacht door de Haitiaanse revolutionairen in brand werd gestoken. Vanaf dat tijdstip kunnen we zijn lotgevallen op de voet volgen, net als in den roman. Het hoofdstuk over de herovering van Guadeloupe volgt een streng chronologisch schema. Alle gegevens over zijn oorlog tegen de Verenigde Staten — door de Yankees toentertijd “Struikroveroorlog” genoemd — en zijn zeeroverijen, inclusief de namen van personen en schepen, zijn gebaseerd op documenten uit Guadeloupe en bibliotheken op Barbados. Bovendien vinden we enkele korte maar bruikbare aanwijzingen in werken van Latijnsamerikaanse auteurs die Victor Hugues terloops vermelden.

Omtrent zijn activiteiten in Frans-Guyana geven de “memoires” over de deportatie rijkelijk uitsluitsel. Na de gebeurtenissen die in de roman beschreven worden, werd Victor Hugues voor de krijgsraad in Parijs ontboden omdat hij de kolonie — na een overigens onvermijdelijk capitulatie — aan de Nederlanders had afgestaan. Hij werd in ere hersteld en ontwikkelde opnieuw activiteiten op politiek gebied. We weten dat hij contact had met Fouché. We weten eveneens dat hij tijdens de ineenstorting van het Napoleontische Rijk nog in Parijs woonde.

Dan raken we het spoor echter bijster. Enkele historici — slechts weinige hebben zich met hem beziggehouden, de meeste maar vluchtig, behalve Pierre Vitoux, die meer dan twintig jaar geleden een tot nu toe niet gepubliceerde studie aan hem wijdde — beweren

dat hij in 1820 in de buurt van Bordeaux, waar hij “landerijen” (?) zou hebben bezeten, is gestorven. Didots Encyclopedisch Woordenboek noemt 1822 als sterfjaar. Historici op Guadeloupe, waar de herinnering aan Victor Hugues nog zeer levendig is, verklaren echter uitdrukkelijk dat hij na de ineenstorting van het Napoleonische Rijk naar Guyana is teruggekeerd en zij goederen weer in bezit heeft genomen. Hier is hij volgens hen na een lange en kwellende onbekende ziekte, mogelijkerwijs lepra, overleden. Veel tekenen wijzen echter ook op kanker.¹

Hoe heeft het einde van Victor Hugues er werkelijk uitgezien? Daarover weten we net zo weinig als over zijn geboorte. Ongewijfeld geven zijn daden — voor zover bekend door overlevering — blijk van een tragische gespletenheid (in het begin is hij standvastig, recht door zee en moedig, later legt hij zwakheid, tegenstrijdigheid, machtswellust en verachting voor de medemens aan de dag). Om deze reden vond de schrijver het de moeite waard om het leven van deze tot nu toe onbekende figuur in een roman nader te belichten, een roman die tegelijkertijd een beeld geeft van de hele Caraïbische wereld.

A.C.

¹Nadat de eerste druk van de roman met dit nawoord in Mexiko was verschenen, leerde ik in Paris toevallig een directe nakomeling van Victor Hugues kennen die waardevolle familiedocumenten bezat. Door zijn toedoen ervoer ik dat Victor Hugues in een plaats in buurt van Cayenne begraven ligt. Uit een van de bovengenoemde documenten bleek eveneens tot mijn grote verbazing, dat Victor Hugues jarenlang trouw bemind werd door een Cubaanse schone die inderdaad — het is nauwelijks te geloven — de naam Sofia droeg (N. v. d. A.).

5.2. TEXTO AMOSTRA 2: A RELAÇÃO ENTRE ASSUNTO, ESTRUTURA TEXTUAL E EFEITO — MIGUEL DE UNAMUNO: NIEBLA

5.2.0. Texto

Al aparecer Augusto a la puerta de su casa extendió el brazo derecho, con la mano palma abajo y abierta, y dirigiendo los ojos al cielo quedóse un momento parado en esta actitud estatuaria y augusta. No era que tomaba posesión del mundo exterior, sino que observaba si llovía. Y al recibir en el dorso de la mano el frescor del lento orvallo frunció el entrecejo. Y no era tampoco que le molestase la llovizna, sino el tener que abrir el paraguas. ¡Estaba tan elegante, tan esbelto, plegado y dentro de su funda! Un paraguas cerrado es tan elegante como es feo un paraguas abierto.

(Traduções nos Capítulos 5.2.5 e 5.2.6)

5.2.1. Análise dos fatores extratextuais

Miguel de Unamuno (EMISSOR/PRODUTOR DO TEXTO), 1864-1936 (TEMPO), é um “escritor típico da *generación del 98*”³⁷². Passou a infância e a juventude na cidade natal de Bilbao, estudou filosofia e literatura e se tornou professor na famosa Universidade de Salamanca (LUGAR), onde ocupou o cargo de reitor por muitos anos (exceto no período da ditadura de Primo de Rivera).³⁷³

Sua obra literária consiste em estudos filosóficos, romances, várias peças de teatro e poesia modernista, sendo seus assuntos favoritos a religião, a Espanha antiga e moderna, as pessoas e sua relação

³⁷² W. Wittschier, *Geschichte der spanischen Literatur vom Kubakrieg bis zu Francos Tod*, p. 45.

³⁷³ A. Antón Andrés, *Geschichte der spanischen Literatur. (Vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart)*, p. 198.

com a sociedade, com seu país e com Deus.³⁷⁴ Seu estilo de escrita é descrito como “vivaz e expressivo” — evita as tradições conservadoras do estilo literário e busca novas maneiras de dar “mais graça e mais precisão” à linguagem.³⁷⁵

Ao quebrar as convenções linguísticas e literárias, Unamuno tenta escandalizar seus leitores, exigindo uma recepção ativa do texto (INTENÇÃO). Como escreve Anthony Kerrigan em sua introdução à versão inglesa, Unamuno “não acreditava em nenhum gênero de escrita (e de vida). E se os críticos insistissem em julgar seus livros de acordo com as regras, ele inventaria seu próprio gênero, e o fez, mudando os nomes existentes: também inventou ‘tragedias’ e ‘drumas’”.³⁷⁶ Por isso, *Niebla* é chamado de “nivola” (brinca-se com a semiassonância de *niebla* e *novela*).

Niebla foi publicado como livro na Espanha em 1914 (MEIO, LUGAR, TEMPO, → PÚBLICO) e foi o começo de uma nova era nos romances de Unamuno. Nesse livro, a preocupação de Unamuno (ASSUNTO) não é com a trama — uma simples história de amor (CONTEÚDO) —, mas com a análise filosófica de conceitos tais como “tempo” e “identidade”³⁷⁷ e da “ficcionalidade” como oposição à “realidade”.³⁷⁸

A oposição entre realidade e ficção é um assunto incomum para um texto ficcional, já que destrói parcialmente a ficção, fazendo emergir uma distância irônica entre o autor e seu protagonista, já refletida no título do livro. Stevens e Gullón explicam a metáfora na introdução da edição de bolso de *Niebla*:³⁷⁹

³⁷⁴ J. García López, *Historia de la literatura española*, p. 557.

³⁷⁵ *Idem*, p. 552.

³⁷⁶ A. Kerrigan, “Introduction”, p. VII.

³⁷⁷ A. Antón Andrés, *op. cit.*, p. 205.

³⁷⁸ W. Wittschier, *op. cit.*, p. 45.

³⁷⁹ M. Unamuno, *op. cit.*, 1979.

Névoa é o romance do absurdo existencial, do homem perdido na angústia de uma vida sem finalidade. A vida é névoa, e dentre a névoa abrem-se os caminhos pelos quais vagamos.³⁸⁰

Nos capítulos seguintes mostramos como o assunto se reflete em alguns traços estilísticos e como o efeito irônico é alcançado no texto. A análise baseia-se em um parágrafo curto, mas, em nossa opinião, característico do livro, e concentra-se em um único aspecto: a relação entre o assunto e a estrutura textual.

5.2.2. *O início do texto como chave para sua interpretação*

O início de um texto longo, especialmente na ficção, pode ser a chave para sua interpretação (Capítulo 3.2.4c), pois a maneira como o autor introduz os personagens, o tempo e o lugar da trama fornece a base para o entendimento de todo o texto. Por isso, uma análise completa do início deve ser o primeiro passo na tradução de um romance. O Texto Amostra confirma essa hipótese, apresentando algumas das características mais importantes da composição global e da estrutura interna do livro todo. Elas devem ser levadas em consideração se a tradução tiver de dar a impressão correta dos recursos estilísticos que o autor usa para realizar suas intenções. Se o *skopos* da tradução exigir uma equivalência de efeito — como parece ser o *skopos* convencional da tradução literária em nossa cultura contemporânea —, tais recursos estilísticos devem ser reproduzidos na tradução.

Pela análise da estrutura do texto pretendemos realçar a ironia como fio temático que percorre todo o livro. Tanto o protagonista Augusto quanto o romance como produto literário são tratados

³⁸⁰ H. S. Stevens, R. Gullón, “Introducción”, p. 11.

com ironia por Unamuno. Ele chega a ridicularizar-se como inventor de um personagem fictício que se liberta de seu “criador”, e choraminga: “Então hei de morrer como ser de ficção? Pois bem, senhor criador Dom Miguel, você também morrerá, você também, e voltará ao nada de onde saiu! Deus deixará de sonhá-lo!”³⁸¹ Assim, é o elemento temático da ironia que dá ao romance seu efeito especial, e demonstramos que isso se reflete nas microestruturas do texto.

5.2.3. Algumas considerações sobre a intenção irônica

Geralmente, se aceita que as afirmações irônicas tenham um “grau extra” de expressividade³⁸² que deriva do contraste entre certas qualidades linguísticas e as condições pragmáticas da situação. Os interlocutores irônicos violam a regra da sinceridade,³⁸³ indispensável para o sucesso de um ato discursivo, mas, ao mesmo tempo, dão ao ouvinte uma pista de que não querem dizer o que estão dizendo para que ele possa compreender o significado correto do enunciado.³⁸⁴

No discurso irônico, o emissor finge ser sincero ao mesmo tempo em sinaliza que não é. Se o contraste irônico entre o que é dito e o que se quer dizer não ficar claro na situação, o emissor deve usar alguns sinais ou marcadores de ironia chamados “fatores de interferência”, usados para evitar uma interpretação literal da afirmação. Existem marcadores verbais, não verbais ou paraverbais de ironia, como a repetição de palavras, metáforas

³⁸¹ M. Unamuno, *op. cit.*, 1976, pp. 20-21.

³⁸² U. Oomen, „Ironische Äußerungen: Syntax, Semantik, Pragmatik, Zeitschrift für Germanistische“, p. 22.

³⁸³ N. Groeben, B. Scheele, *Produktion und Rezeption von Ironie*, vol. I, p. 3.

³⁸⁴ R. Warning, „Ironiesignale und ironische Solidarisierung“, p. 418.

extravagantes, frases muito longas ou uma piscadela, uma entonação específica, uso de aspas ou itálico.³⁸⁵

Visto que a ironia se baseia em um entendimento entre emissor e receptor acerca da discrepância entre texto e situação, ela normalmente não apresenta nenhuma dificuldade na comunicação oral. Um texto escrito, entretanto, está separado de sua situação, e um texto ficcional chega a criar sua própria situação (fictícia). Quanto maior a distância entre o texto e o seu contorno pragmático, maior a necessidade do uso de marcadores de ironia. Para que os leitores entendam a ironia em um texto ficcional, devem estar familiarizados com o mundo do autor, e essa familiaridade muitas vezes é estabelecida pelo próprio texto.³⁸⁶

O fragmento da amostra contém uma descrição introdutória do protagonista de um texto ficcional. O autor não intervém diretamente (por exemplo, como narrador em primeira pessoa), mas dirige-se ao leitor em seu “pós-prólogo”, comentando sobre o prólogo de um certo Victor Goti (fictício). Nos romances “normais”, a descrição do personagem reside na ficção de ser realista, ao passo que, nesse caso, o autor já comprometeu essa ficção com seus comentários antes do início da história. A violação da regra segundo a qual um autor geralmente não faz comentários críticos sobre o prólogo escrito por um amigo (!) e a presença da palavra inventada *pós-prólogo* já podem ser consideradas dois marcadores de ironia que permitem aos leitores detectar algumas hipóteses sobre a relação entre texto e situação, conduzindo-os para a possibilidade da ironia no próprio romance.

Para o leitor/tradutor, é importante não apenas decifrar a ironia e recuperar o significado real do texto; o que mais importa é a

³⁸⁵ H. Weinrich, *Linguistik der Lüge*, p. 61.

³⁸⁶ R. Warning, *op. cit.*, p. 421.

intenção que o autor tenta alcançar com seus enunciados irônicos e a função que a ironia tem no texto. Esses dois aspectos determinam se a ironia no texto fonte deve ser reproduzida no texto alvo e como ela deve ser marcada.

A ironia pode ter diversas funções: pode servir para evitar as convenções de polidez, obter vantagem na argumentação, expressar distância emocional ou superioridade fria, estabelecer uma relação íntima entre emissor e receptor (que não é objeto da ironia) ou comentar uma situação.³⁸⁷ A ironia também pode ser usada para ridicularizar o leitor aos olhos de um terceiro, visando fortalecer a autoconfiança do falante.³⁸⁸

Podemos supor que em nosso Texto Amostra Unamuno deseje expressar certa distância, um efeito de alienação para com sua criação, Augusto, e estabelecer um sentimento de solidariedade entre o autor e o leitor (e não entre o leitor e o protagonista). Mas, de fato, parece improvável que o autor crie um personagem em um romance com o único propósito de ridicularizá-lo aos olhos do leitor (seria isso possível em um texto ficcional?).

A ironia de Unamuno não é grosseira ou rude, mas extremamente sutil,³⁸⁹ e, por isso, bastante difícil de detectar. Porém, quando analisamos a estrutura do fragmento da amostra, as características essenciais tornam-se claras. Unamuno descreve seu protagonista com grande precisão, usando a ironia como elemento temático em todo o livro, e combina distância crítica com simpatia terna. O romance é irônico no sentido de apresentar “[...] afirmações e asserções sobre a ficcionalidade do mundo [...]”³⁹⁰ na forma de ficção.

³⁸⁷ U. Oomen, *op. cit.*, p. 35.

³⁸⁸ N. Groeben, B. Scheele, *op. cit.*, p. 4.

³⁸⁹ Ver o conceito de “ironia poética”, proposto por B. Allemann, *Ironie und Dichtung*, p. 17.

³⁹⁰ U. Japp, *Theorie der Ironie*, p. 240.

5.2.4. *Análise da estrutura textual*

A interpretação temática e estilística do fragmento da amostra se baseia em três aspectos do fator de estruturação, ou seja, a estrutura tema-remática, a sintaxe e o relevo produzido pelo aspecto e tempo verbais. Os outros fatores intratextuais não são considerados nesta análise.

a. Estrutura tema-remática

A análise da estrutura tema-remática se baseia puramente na interpretação semântica das partes da oração (Capítulo 3.2.4e), independente de sua posição na frase. As unidades de informação são representadas no infinitivo para separar a estrutura semântica da sintática.

Os elementos temáticos e remáticos estão numerados para deixar claro a que tema pertence determinado rema. Por exemplo, o rema 1/4 é o quarto rema do primeiro tema.

Na primeira frase, o primeiro tema, ou seja, o protagonista do romance, é apresentado ao leitor apenas pelo seu nome, Augusto. Esse recurso transmite a impressão de que o leitor deve conhecer Augusto, já que apenas duas pessoas que conhecem uma terceira podem se referir a ela desta maneira no início de uma conversa. Assim, os leitores ficam com a impressão de que estão sendo tratados pessoalmente e de que fazem parte da situação (fictícia?). Esse é o primeiro indicador da “fusão” do mundo real e ficcional no romance.

O primeiro tema é complementado por dez remas:

Tema 1: Augusto

Rema 1/1: aparecer a la puerta de su casa

Rema 1/2: extender el brazo derecho, con la mano palma abajo y abierta

Rema 1/3: dirigir los ojos al cielo

Rema 1/4: quedarse un momento parado en esta actitud estatua-
ria y augusta

Rema 1/5: no tomar posesión del mundo exterior

Rema 1/6: observar si llueve

Rema 1/7: recibir en el dorso de la mano el frescor del lento orvallo

Rema 1/8: fruncir el entrecejo

Rema 1/9: no ser molestado por la llovizna

Rema 1/10: ser molestado por el tener que abrir el paraguas

Os dez remas apresentam Augusto, o protagonista do romance, sem dizer nada explicitamente sobre ele, sobre sua idade, aparência, profissão, estilo de vida etc. Contudo, o leitor recebe muita informação valiosa pelo modo como as ações (ou melhor, a ausência de ações) de Augusto, seu comportamento e seus sentimentos possíveis ou reais são descritos.

As ações e sentimentos de Augusto são apresentados em ordem estritamente cronológica³⁹¹ para que o leitor tenha a impressão de que se passou um longo tempo entre a primeira aparência de Augusto à porta e o sentimento descrito no Rema 1/10. A *ordo naturalis* convencionalmente sugere clareza e autenticidade, mas, ao mesmo tempo, corre o risco de ser monótona e chata, como aponta Lausberg.³⁹² Visto que ao longo do parágrafo não encontramos nenhuma descrição sobre o movimento do corpo todo, mas de algumas partes apenas (braço, olhos, testa), a longa sequência de remas transmite a impressão de uma cena imóvel e quieta. Os leitores têm tempo para seguir, uma a uma, as observações do narrador, como se eles próprios estivessem observando Augusto à porta de sua casa. O tempo da narração é mais longo que o tempo narrado.

³⁹¹ *Ordo naturalis*, de acordo com H. Lausberg, *Elemente der literarischen Rhetorik*, p. 27.

³⁹² H. Lausberg, *op. cit.*, p. 27.

Deste modo, o leitor também tem tempo para interpretar as expressões faciais e os gestos de Augusto. Entretanto, as conclusões óbvias sobre o que Augusto pode estar pensando ou sentindo são antecipadas — e imediatamente contraditas! — pelo narrador (Rema 1/5 e 1/9), que contrasta solenidade e trivialidade (Rema 1/4 e 1/6), senso prático comum e senso estético (Rema 1/9 e 1/10). Com esse recurso estilístico, Augusto é caracterizado como uma pessoa extraordinária. A velocidade da narração diminui ainda mais pela enumeração de sentimentos e intenções que são apenas supostos, e não realizados.

O segundo tema deriva de um segmento do último rema do Tema 1 (1/10): o guarda-chuva de Augusto. Os olhos do observador (ou melhor, do leitor) são desviados para fora da visão geral da cena evocada pelo Rema 1/1 e direcionados a diversos traços do corpo do personagem (Rema 1/2 a 1/10, movendo-se do aspecto geral de sua postura e de partes menos articuladas do corpo ao rosto e até aos pensamentos) — e, por fim, ao objeto específico na mão do personagem. Tal objeto, um guarda-chuva, parece bastante surpreendente no contexto espanhol inferido pelo leitor a partir da situação extratextual (nome do autor, lugar e meio de publicação etc.).

O Tema 2 é acompanhado por quatro remas que descrevem quatro qualidades do guarda-chuva. Ali, o estilo não convencional de Unamuno torna-se evidente mais uma vez. Duas das qualidades referem-se à aparência (*elegante, esbelto*) e as outras duas caracterizam a condição (*plegado*) e a localização (*en su funda*), sendo que as duas últimas qualidades sustentam as duas primeiras. Aqui, o autor usa a figura retórica do zeugma (ou seja, o verbo *estar* é usado em funções distintas sem ser mencionado a cada vez, também tido como marcador de ironia).³⁹³ Quando consideramos o Rema 1/10, do qual o

³⁹³ R. Warning, *op. cit.*, p. 419; N. Groeben, B. Scheele, *op. cit.*, p. 66.

Tema 2 é derivado, a ordem dos remas sugere um certo clímax em direção a *en su funda*. O guarda-chuva parece tão elegante porque está dentro de sua capa, e é por isso que Augusto hesita abri-lo mesmo estando chovendo. Evidentemente, Augusto não é apenas um esteta, mas também pedante, alguém que gosta das coisas em seus lugares.

Tema 2: (el paraguas de Augusto)

Rema 2/1: estar muy elegante

Rema 2/2: (estar) muy esbelto

Rema 2/3: (estar) plegado

Rema 2/4: (estar) en su funda

Os remas do segundo tema não contêm nenhuma ação ou atividade. Eles descrevem um estado das coisas, que, ao que parece, não deve ser mudado por importantes razões estéticas. Parece impossível reduzir ainda mais a velocidade da narração, mas, com o uso de um recurso simples, o autor consegue parar o curso do tempo completamente. Ele retira-se, por assim dizer, da cena, entrando na atemporalidade filosófica por meio da generalização. Assim, o guarda-chuva (fechado) (Tema 2) de Augusto torna-se um guarda-chuva fechado como tal (Tema 3) e, por contraste, um guarda-chuva aberto como tal (Tema 4). Aqui, os elementos remáticos que acompanham esses dois temas implicam em uma comparação. Entretanto, não é a qualidade (elegância ou feiura) que forma a base da comparação, mas o grau com que tais qualidades estão presentes!

Tema 3: un paraguas cerrado

Rema 3/1: ser muy elegante

Tema 4: un paraguas abierto

Rema 4/1: ser muy (= igualmente) feo

Aqui, mais uma vez, torna-se evidente a atitude irônica e distanciada do autor perante seu protagonista. Ele parece ansioso para compartilhar essa atitude com o leitor ao transformar um objeto bastante insignificante, pertencente ao protagonista, em um tema de reflexão filosófica geral. O leitor deve estar consciente do fato de que o autor não está seriamente preocupado com a estética de guarda-chuvas fechados ou abertos, mas de que o tema real da frase é Augusto ou, melhor, a ficcionalidade da realidade ou a realidade da ficção. Com uma piscada de olhos, o autor tenta prevenir o leitor de se tornar parte do mundo fictício descrito no texto.

Apresentamos, pois, brevemente, os resultados da análise da estrutura tema-rema. Observando todo o catálogo de temas e remas, descobrimos dois desenvolvimentos paralelos: por um lado, o número de remas que acompanha um tema diminui claramente (10 — 4 — 1) e, por outro, os temas tornam-se cada vez menos específicos, cada vez mais generalizados (*o indivíduo Augusto — o guarda-chuva de Augusto, um exemplar não específico de um tipo de objeto — o guarda-chuva fechado ou aberto como ideia abstrata*). As duas linhas de desenvolvimento não se opõem: complementam-se. Quanto mais individual a descrição de um objeto, mais específicas(os) as qualidades ou os traços que irá apresentar. O acúmulo de dez remas com um tema principal (“progressão com tema contínuo”, como o chama Daneš)³⁹⁴ transmite um alto grau de densidade e um mínimo de dinâmica comunicativa para o texto, enquanto a transição do Rema 1/10 para o Tema 2, que pertence ao tipo de “progressão linear simples”,³⁹⁵ mantém a narração de certa forma fluindo. As mudanças do Tema 2 para o Tema 3 (generalizando o tema e voltando, por assim dizer, ao Rema 2/1)

³⁹⁴ F. Daneš, *op. cit.*, p. 189.

³⁹⁵ *Idem, ibidem.*

e do Tema 3 para o Tema 4 (usando o antônimo no mesmo nível de generalização, conectando o Rema 3/1 e o Rema 4/1 indiretamente por comparação) sugerem uma paralisação total da narração. De fato, o parágrafo seguinte contém um monólogo interior bastante longo, no qual Augusto reflete sobre a incompatibilidade de beleza e utilidade (“Que bonita é uma laranja antes de ser comida!”) e a falta de sentido da vida. Dessa paralisia, só se liberta pelo encontro com Eugenia.

A análise detalhada mostra como o assunto se reflete na estrutura tema-remática do texto. A interdependência entre o assunto e a estrutura torna-se ainda mais óbvia quando consideramos a estrutura sintática sob um ângulo semelhante.

b. Estrutura sintática

Os aspectos da estrutura sintática que estamos considerando neste capítulo são o tamanho e a construção das frases, a distribuição das orações principais e subordinadas, a ordem dos componentes da oração e a conexão de orações e frases. A estrutura sintática é ilustrada por uma representação esquemática, na qual as orações principais são caracterizadas por linhas simples, as subordinadas por linhas pontilhadas e as conjunções coordenativas por um sinal de “+”. As construções adverbiais em forma de infinitivo ou gerúndio e as orações em função de complemento direto (OFC), que em espanhol estão integradas na entonação, são consideradas componentes da oração principal. Por questões de clareza, elas são mencionadas no modelo. A pontuação também está incluída.

- (1) Infinitivo (temporal) / ORAÇÃO PRINCIPAL 1, atributo preposicional ,
+ gerúndio (modal) / ORAÇÃO PRINCIPAL 2. .
- (2) + OR. PRINCIPAL 1 / ORAÇÃO PRINCIPAL 2 (inclusive OFC) .
- (3) + Infinitivo (temp.) / ORAÇÃO PRINCIPAL .
- (4) + OR. PRINCIPAL 1 / ORAÇÃO PRINCIPAL 2 (elíptica, sem verbo) .
- (5) + ;ORAÇÃO PRINCIPAL!
- (6) + OR. PRINCIPAL 1 / ORAÇÃO SUBORDINADA (comparação) .

A representação dos padrões ilustra as estruturas sintáticas do parágrafo. O fragmento consiste em seis orações, cinco das quais possuem tamanho médio (2, 3, 4, 5, 6). A sexta é mais longa, mas dividida em duas partes iguais, quase paralelas, ligadas apenas pela pontuação (vírgula em vez de ponto final). A estrutura paratática é óbvia. A única oração subordinada (6), que do ponto de vista semântico está conectada à oração principal pela comparação, não é separada dela por vírgula. A OFC *si llovía* está integrada à oração principal da mesma maneira como um complemento nominal, e não interfere na estrutura paratática. Os complementos adverbiais, alguns dos quais bastante longos, estão integrados nas orações principais na forma de construções no infinitivo ou no gerúndio, embora o sistema gramatical do espanhol também permita orações subordinadas.

Os conectivos (*y* na função aditiva e *sino que* na função adversativa) entre as orações e frases produzem um fluxo suave de sintaxe sem pausas significativas. A expressão *no era que* não é considerada oração principal, mas um conectivo coordenativo (verificar *es que* como conjunção causal), aqui introduzindo uma oração causal negativa. As orações causais que “estabelecem uma suposta

causalidade e fornecem uma justificativa que não é a esperada³⁹⁶ são marcadores convencionais de ironia. A conexão polissindética, ou seja, com mais conjunções do que seria necessário, diminui o “tempo” do fluxo sintático da narração.

As orações 2 e 4 são construções paralelas. Na frase 4, a segunda oração principal é substituída por uma construção nominal elíptica sem verbo. Assim, o efeito intensificador e abrandador da repetição combina-se ao princípio estilístico da variação (formal), que evita a monotonia e ao mesmo tempo aumenta a impressão estática do parágrafo. A repetição de padrões sintáticos (paralelismos) também é considerada um marcador de ironia.³⁹⁷

A frase 5 possui uma estrutura bastante original. Um verbo de ligação (*estar*) é combinado a quatro elementos na forma de uma enumeração sindética que parece completa em si mesma. Os dois primeiros complementos têm a mesma função e estrutura (duas qualidades expressas por *tan* + adjetivo), o terceiro complemento descreve um estado do objeto (*plegado*) e o quarto complemento refere-se ao lugar ou ambiente do objeto (*en su funda*). Essa combinação rara, na qual o verbo de ligação não é repetido, parece muito curta e condensada, e transmite a impressão de um clímax surpreendente. Visto que a frase não se inicia com um conectivo e é formulada como uma exclamação, ela apresenta um contraste claro em relação às frases anteriores.

A frase 6 parece um slogan. Com sua construção quiásmica, essa afirmação generalizadora sobre a beleza de guarda-chuvas parece ser o ápice de todo o parágrafo e novamente mostra o tom irônico do texto. O ritmo marcado da frase e das assonâncias entre *cerrado* e *elegante*, por um lado, e *feo* e *abierto*, por outro, também pode ser considerado um marcador de ironia.

³⁹⁶ R. Warning, *op. cit.*, p. 420.

³⁹⁷ N. Groeben, B. Scheele, *op. cit.*, p. 66.

No geral, a estrutura paratática do trecho, com suas várias ligações polissindéticas, intensifica a impressão de uma descrição imóvel e quieta. A diferença da estrutura tema-rema entre as frases de 1 a 4 e de 5 a 6 tem uma contrapartida na sintaxe, já que as duas últimas são claramente distintas das quatro primeiras em tamanho e sintaxe.

c. Estrutura de relevo

O conceito de estrutura de “posta em relevo” (ou “mise-en-relief”, termo cunhado por Harald Weinrich, romancista alemão) baseia-se na ideia de que a importância, ou peso, dado pelo autor a uma determinada informação se reflete na escolha de orações principais e subordinadas e em seus traços prosódicos e de entonação correspondentes. Assim, um enunciado formulado em uma oração principal seria marcado como ação de primeiro plano, enquanto as orações subordinadas e também as construções não finitas no infinitivo, particípio e gerúndio oferecem o plano de segundo plano. Vista desse modo, a distribuição das informações remáticas em orações principais e subordinadas produz uma estrutura de relevo no texto.

Além disso, em idiomas com aspectos temporais, como o espanhol e o português, a estrutura de relevo é marcada pelo uso dos tempos verbais. Os tempos verbais com aspecto perfeito (por exemplo, o pretérito perfeito simples — PPS —, como em *extendió/estendeu*) apresentam as principais ações e processos dinâmicos do primeiro plano, enquanto os tempos verbais com aspecto imperfeito (por exemplo, o pretérito imperfeito — PI —, como em *tomaba/pertubava*, ou os tempos do subjuntivo) descrevem as condições estáticas do plano de segundo plano.³⁹⁸

³⁹⁸ S. Gili y Gaya, *Curso superior de sintaxis española*, p. 149.

Tanto a distribuição de orações quanto o uso de tempos verbais possuem um efeito combinado na estrutura de relevo do nosso fragmento de amostra, com os tempos verbais fornecendo o aspecto decisivo.

Tema 1: *Augusto*

Rema 1/1: *al aparecer*: segundo plano (infinitivo em função adverbial)

Rema 1/2: *extendió*: primeiro plano (oração principal com verbo em PPS)

Rema 1/3: *y dirigiendo*: segundo plano (gerúndio em função adverbial)

Rema 1/4: *quedóse*: primeiro plano (oração principal com verbo em PPS)

Rema 1/5: *tomaba*: segundo plano (oração principal com verbo em PI)

Rema 1/6: *observaba*: segundo plano (oração principal com verbo em PI, incl. OFC)

Rema 1/7: *al recibir*: segundo plano (infinitivo em função adverbial)

Rema 1/8: *frunció el entrecejo*: primeiro plano (oração principal com verbo em PPS)

Rema 1/9: *no era que le molestase*: segundo plano (oração principal com verbo em subjuntivo)

Rema 1/10: *tener que abrir*: segundo plano (oração principal elíptica, verbo implicado de 1/9)

Nessa parte do parágrafo, o primeiro plano consiste em três ações bem pequenas ou mesmo não ações (*extendió el brazo, quedóse parado e frunció el entrecejo*), enquanto todos os outros enunciados são explicações do autor (onisciente) que oferecem a caracterização

do personagem. Assim, paradoxalmente, é o segundo plano que, de fato, contém as informações mais importantes. Aqui encontramos o contraste entre o que é dito e o que se quer dizer, traço característico do discurso irônico.³⁹⁹ Se supusermos que a distribuição das informações em orações principais e subordinadas, de acordo com sua significância comunicativa, é uma convenção literária, podemos caracterizar a estrutura de relevo específica do Texto Amostra como uma “violação” da convenção, sendo isso outro indicador da intenção irônica do autor.

Tema 2: *el paraguas de Augusto*

Rema 2/1: *estaba tan elegante*: segundo plano

Rema 2/2: (*estaba*) *tan esbelto*: segundo plano

Rema 2/3: (*estaba*) *plegado*: segundo plano

Rema 2/4: (*estaba*) *en su funda*: segundo plano

Os Remas 2/1 a 2/4 pertencem ao segundo plano. Eles contêm a justificativa do Rema 1/10 na forma de um monólogo interior, ou fluxo de consciência, marcado não apenas pelo uso do PI, mas também pelos pontos de exclamação e pelo uso de *tan* em vez de *muy*. Como apontado por Warning,⁴⁰⁰ a técnica do fluxo de consciência também pode ser considerada um marcador de ironia.

Tema 3: *un paraguas cerrado*

Rema 3/1: *ser tan elegante*: aparte

³⁹⁹ B. Willer, N. Groeben, „Sprachliche Hinweise auf ironische Kooperation: das Konzept der Ironiesignale unter sprechakttheoretischer Perspektive rekonstruiert“, p. 292.

⁴⁰⁰ R. Warning, *op. cit.*, p. 410.

Tema 4: *un paraguas abierto*

Rema 4/1: *ser (igualmente) feo*: aparte

A última frase é formulada no presente, que em espanhol possui um aspecto imperfeito.⁴⁰¹ O tempo presente caracteriza a frase como um comentário com o qual o autor, com um sorriso irônico, por assim dizer, parece identificar-se com seu protagonista. Não pertencendo nem ao segundo plano nem ao primeiro plano, essa frase poderia ser chamada de “periférica”.

A análise da estrutura de relevo confirma os resultados das análises das estruturas tema-remas e sintática. A estruturação do Texto Amostra segue um sistema engenhoso que não é imediatamente aparente. Somente uma análise estrutural profunda pode revelar os mecanismos escondidos da ironia. O tradutor que quiser reproduzir essa forma especial de ironia poética deve tentar reproduzir os traços estruturais nos quais ela se baseia, pelo menos aqueles que não são específicos da cultura e língua fonte. No capítulo a seguir discutimos se as traduções do texto em português, inglês e alemão reproduziram as estruturas irônicas do original em espanhol — e, se for o caso, quais procedimentos foram usados.

5.2.5. Crítica das traduções

A tradução em inglês do romance (*Mist*) está incluída no volume *Novela/Nivola*,⁴⁰² com tradução e uma introdução de Anthony Kerrigan. O primeiro parágrafo do Capítulo I (= TAI) é o seguinte:

⁴⁰¹ S. Gili y Gaya, *op. cit.*, p. 153.

⁴⁰² M. Unamuno, *op. cit.*, 1976.

Augusto appeared at the door of his house and held out his right hand, palm downward; gazing up at the sky, he momentarily struck the posture of a statue. He was not taking possession of the external world, but merely observing whether or not it was raining. As he felt the fresh intermittent wet on the back of his hand, he frowned, not because the drizzle bothered him, but because he would have to open up his umbrella. It made such a fine line folded in its case! A folded umbrella is as elegant as an opened one is awkward.

A versão alemã do romance (*Nebel*) foi publicada em 1968, com tradução de Otto Buek revisada por Doris Deinhard. O primeiro parágrafo do Capítulo I (= TAA) é o seguinte:

Augusto trat aus der Tür seines Hauses, streckte den rechten Arm aus, spreizte die Hand, die innere Fläche nach unten gewandt, und verharrte dann, den Blick zum Himmel gerichtet, einen Augenblick in dieser statuenhaften und erhabenen Haltung. Nicht, als ob er so von der ihn umgebenden Welt Besitz ergreifen wollte: er wollte nur feststellen, ob es regnete. Er runzelte die Stirn, als er die Kühle des langsam niederrieselnden Staubregens auf dem Handrücken verspürte. Und es war weniger der feine Regen, der ihn störte, als vielmehr der ärgerliche Umstand, daß er seinen Regenschirm öffnen mußte — so schlank, so elegant, so geschickt war dieser in sein Futteral gerollt. Ein geschlossener Regenschirm ist ebenso elegant, wie ein offener häßlich ist.

O texto alvo em português brasileiro (*Névoa*) foi publicado em 1986, com tradução de José Antônio Ceschin. O primeiro parágrafo do Capítulo 1 (= TAP) é o seguinte:

Quando Augusto apareceu na porta de sua casa estendeu o braço direito com a palma da mão aberta e virada para baixo e, dirigindo os olhos para o céu ficou parado um instante nessa atitude estatuária e augusta. Não estava tomando posse do mundo exterior, mas só queria ver se chovia. E quando recebeu nas costas da mão o frescor do fino orvalho, franziu o cenho. Não porque se perturbava com a garoa fina, mas sim por ter de abrir o guarda-chuva. Estava tão elegante e esbelto, dobrado dentro de sua capa! Um guarda-chuva fechado é tão elegante quanto é feio um aberto.

Na análise crítica a seguir, o TAP, o TAI e o TAA serão comparados com o texto fonte apenas no que diz respeito às estruturas de tema-rema, sintáticas e de relevo. Os problemas lexicais de tradução não serão discutidos em detalhe. Entretanto, na medida do possível, as falhas ou imperfeições lexicais foram corrigidas nas traduções sugeridas (TAPS, TAIS e TAAS) apresentadas no final do capítulo.

a. Estrutura tema-rema

A estrutura tema-rema do TAI, do TAA e do TAP estão na tabela a seguir. Todas as diferenças entre as traduções e o TF (ver Capítulo 5.2.4a) estão marcadas em *itálico*.

	TF	TAI	TAA	TAP
Tema 1	Augusto	Augusto	Augusto	Augusto
Rema 1/1	aparecer a la puerta de su casa	to appear at the door of his house	<i>aus der Tür seines Hauses treten</i>	aparecer na porta de sua casa
Rema 1/2	extender el brazo derecho [...]	to hold out his right hand [...]	den rechten Arm ausstrecken [...]	estender o braço direito [...]
Rema 1/3	dirigir los ojos al cielo	to gaze up at the sky	<i>die Hand spreizen</i>	dirigir os olhos para o céu
Rema 1/4	quedarse un momento parado [...]	To <i>strike the posture of [...]</i>	in dieser Haltung verharren	ficar parado um instante [...]

BASES TEÓRICAS, MÉTODOS E APLICAÇÃO DIDÁTICA

Rema 1/5	no tomar posesión del mundo	Not to be taking possession of [...]	nicht Besitz ergreifen wollen	Não estar tomando posse do mundo [...]
Rema 1/6	observar si llueve	to be merely observing whether or not it was raining	nur feststellen wollen, ob es regnete	querer ver se chove
Rema 1/7	recibir en el dorso de la mano [...]	to feel [...] on the back of his hand	die Stirn runzeln	receber nas costas da mão [...]
Rema 1/8	fruncir el entrecejo	to frown	auf dem Handrücken verspüren	franzir o cenho
Rema 1/9	no ser molestado por la llovizna	not to be bothered by the drizzle	nicht so sehr vom Regen gestört sein	não perturbar-se com a garoa fina
Rema 1/10	(ser molestado) portener que abrir el paraguas	(to expect) to have to open up his umbrella	von dem ärgerlichen Umstand, seinen Regenschirm öffnen zu müssen, gestört sein	(perturbar-se) por ter de abrir o guarda-chuva
Tema 2	(el paraguas de Augusto)	it (Augusto's umbrella)	dieser (Augustos Regenschirm)	(o guarda-chuva de Augusto)
Rema 2/1	estar muy elegante	make a fine line folded in its case	so schlank, so elegant, so geschickt in sein Futteral gerollt sein	estar muito elegante
Rema 2/2	(estar) muy esbelto			(estar) muito esbelto
Rema 2/3	(estar) plegado			(estar) dobrado dentro de sua capa
Rema 2/4	(estar) en su funda			
Tema 3	un paraguas cerrado	a folded umbrella	ein geschlossener Regenschirm	um guarda-chuva fechado
Rema 3/1	ser muy elegante	to be very elegant	sehr elegant sein	ser muito elegante
Tema 4	un paraguas abierto	an opened one (= umbrella)	ein offener Regenschirm	um (guarda-chuva) aberto
Rema 4/1	ser muy (= igualmente) feo	to be very (= equally) awkward	sehr (= ebenso) häßlich sein	ser muito (igualmente) feio

No tocante à ordem dos remas, o TAI e o TAP seguem o TF, enquanto o TAA converte o complemento do Rema 1/2 no Rema 1/3 e o Rema original 1/3 em complemento de 1/4. Consequentemente,

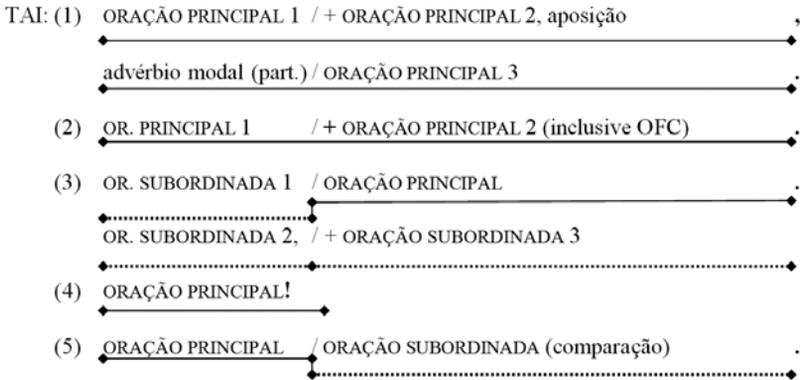
o movimento dos olhos não aparece no catálogo de ações. Além disso, o TAA muda os Remas 1/7 e 1/8, destruindo, assim, a *ordo naturalis* que dá à enumeração seu característico fluxo lento, produzindo uma *ordo artificialis* que introduz um elemento de suspense inexistente no TF.

No TAI e no TAA, os quatro remas que acompanham o Tema 2 são fundidos em um só. Esse procedimento intensifica a progressão dinâmica da frase, apresentando as qualidades do guarda-chuva, que parece tão importante para Augusto, em uma visão geral, em vez de caracterizá-las uma a uma (TAA) ou reduzindo os quatro detalhes em dois (TAI), perdendo-se, assim, a oportunidade de se criar um clímax e/ou zeugma que, como mencionado anteriormente, é outro indicador de ironia. O TAP funde os remas 2/3 e 2/4, o que também reduz a lentidão. O amor de Unamuno por mínimos detalhes não se reflete em nenhuma das traduções. O tempo de narração não é muito mais longo do que o tempo exigido pelo observador para olhar o personagem.

Embora as mudanças semânticas nos Remas 1/1 (TAA), 1/2 (TAI), 1/3 (TAI), 1/4 (TAI), 1/5 (TAP), 1/6 (TAI, TAA, TAP), 1/7 (TAP), 1/9 (TAA) e 1/10 (TAI) não sejam muito acentuadas, tampouco devem ser subestimadas, já que a imobilidade da cena e a meticulosidade da descrição (e, por isso, o efeito irônico) dependem de cada detalhe individual. Augusto aparece à porta de sua casa, não dá um passo para fora (TAA), estende o braço, e não a mão (TAI), e não abre a mão (TAA). Ele não adota uma postura de estátua (TAI), mas a postura que adota lembra uma estátua para o observador (o narrador, UNAMUNO!). Para Augusto, não é um objetivo menor (TAI, TAA) observar (e não querer *ver*, TAP) se está chovendo, mas é por isso que estende o braço, e não franze a sobrancelha porque não quer abrir seu guarda-chuva (TAI), mas porque molesta-o (e não perturba-o, como no TAP) a necessidade

de destruir a beleza de seu guarda-chuva (e não o incômodo de carregar um guarda-chuva aberto, TAI)!

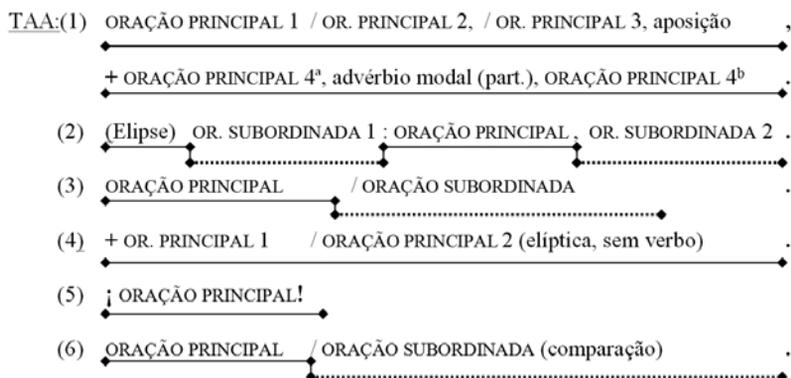
As três traduções perdem muito da ironia de Unamuno, mesmo que de maneiras diferentes. Apresentamos a análise comparativa dos marcadores de ironia em uma tabela no final do capítulo.



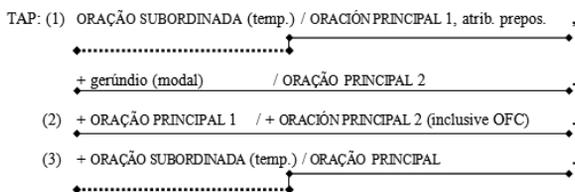
b. Estrutura sintática

Os modelos sintáticos do TAI e do TAA diferem consideravelmente do padrão do TF, como ilustram os diagramas seguintes.

A combinação das frases 3 e 4 no TAI é uma mudança menor que não estraga o efeito dos traços macroestruturais. Perdeu-se, entretanto, a pausa entre as duas frases, que serve para construir uma expectativa no leitor (por que Augusto franziu a sobrancelha?), pois a explicação vem imediatamente. Isso confere um tom muito mais objetivo e sério ao trecho, enfraquecendo o efeito irônico.



Os modelos sintáticos das traduções parecem muito mais hipotáticos que o padrão original. Perdem-se o caráter paratático e polissindético da estrutura sintática do TF e os paralelismos que formam a base do fluxo regular da narração no TF. No TAA, a alternância constante das orações principais e subordinadas, assim como as inclusões, transmitem a impressão de alta velocidade e agitação. Essa impressão é intensificada pela elipse na oração 2, pela substituição dos conectivos coordenativos por transições assindéticas (dois pontos, travessão), e pela combinação da frase 4 com a frase 5. As consequências da última mudança são muito mais sérias, pois destroem a macroestrutura do trecho, que é caracterizada pelo contraste entre as frases 1 e 4 e as frases 5 e 6, respectivamente. Além disso, a distinção entre as perspectivas da descrição distanciada e do fluxo de consciência perde seus contornos.



No TAP, a tradução dos dois infinitivos (*al aparecer ..., al recibir*) por orações subordinadas temporais (*quando ..., quando*) destrói a estrutura paratática, mas o paralelismo entre as orações (1) e (3) e as conexões sindéticas compensam a perda.

Nem o TAI nem o TAA tiveram sucesso na reprodução da estrutura característica da última frase (quiasmo, ritmo, assonâncias). Contudo, se essa afirmação surpreendente não for formulada com graça, perde muito de seu efeito irônico.

c. Estrutura de relevo

Em inglês e alemão, a distribuição das orações principais e subordinadas também pode dar uma certa estrutura de relevo ao texto. As construções não finitas, tais como gerúndios, participípios e infinitivos, podem ser usadas para indicar as informações de segundo plano, embora em alemão elas geralmente sejam marcadas como literárias.

No que diz respeito ao tempo verbal, o inglês possui dois conjuntos de contrastes de aspecto: perfeito/não perfeito e progressivo/não progressivo.⁴⁰³ Enquanto o primeiro refere-se à diferença aspectual do *present perfect* e do *simple past*, irrelevante em nosso Texto Amostra, o último é uma ferramenta para a distinção entre uma ação momentânea ou concluída, uma ação em progresso e a descrição de um estado ou posição.

⁴⁰³ R. Quirk et al., *op. cit.*, p. 90.

A língua alemã não tem aspectos verbais produzidos por meios gramaticais, mas distingue “modos de ação”. Estes se referem à maneira como uma ação ou um processo são percebidos, independente da forma gramatical na qual o verbo é usado. Os modos de ação também se caracterizam como perfeitos ou imperfeitos. Os verbos perfeitos servem para designar ações e processos pontuais (de ação) (tais como *aparecer* ou *franzir*), enquanto os verbos imperfeitos (de ligação) descrevem um estado ou condição (como *existir*), uma relação (como *ser*, *consistir em*), uma percepção (como *ver*, *crer*) etc. Existem verbos que podem ser usados tanto no modo perfeito quanto no imperfeito.

A língua inglesa também tem modos de ação, que interagem com os aspectos verbais produzidos por recursos gramaticais (por exemplo, *he frowned* vs. *he was frowning*), advérbios de tempo (por exemplo, *suddenly*) ou perífrases verbais, tais como *he used to sing* ou *she started to sing*. Nas orações principais, os verbos com aspecto perfeito (dinâmicos) geralmente marcam as ações do primeiro plano, mas podem receber um aspecto imperfeito em orações subordinadas, enquanto os verbos imperfeitos e as formas progressivas são usados apenas para informações de segundo plano.

À luz dessas considerações, iremos analisar a estrutura de relevo do TAI, do TAA e do TAP. Na tabela seguinte, as orações principais estão marcadas como OP, as subordinadas como OS, as ações do primeiro plano como *primeiro plano* e as ações e condições de segundo plano como *segundo plano*. Os aspectos verbais e o modo de ação estão caracterizados como p (= perfeitos) e i (= imperfeitos), respectivamente. As ações do primeiro plano estão destacadas em itálico.

Rema	TAI	Aspecto	Relevo
1/1	<i>appeared</i>	p/OP	Primeiro plano
1/2	<i>held out</i>	p/OP	Primeiro plano
1/3	<i>gazing</i>	p-i/OP	Segundo plano
1/4	<i>struck</i>	p/OP	Primeiro plano
1/5	<i>was not taking</i>	i/OP	Segundo plano

Rema	TAA	Aspecto	Relevo
1/6	<i>was observing</i>	i/OP	Segundo plano
1/7	<i>felt</i>	i/OP	Segundo plano
1/8	<i>frowned</i>	p/OP	Primeiro plano
1/9	<i>bothered</i>	i/OS	Segundo plano
1/10	<i>would have to</i>	i/OS	Segundo plano
2/1	<i>made a fine line</i>	i/OP	Segundo plano
3/1	<i>is elegant</i>	i/OP	Aparte
4/1	<i>is awkward</i>	i/OP	Aparte
1/1	<i>erschien</i>	p/OP	Primeiro plano
1/2	<i>streckte aus</i>	p/OP	Primeiro plano
1/3	<i>spreizte</i>	p/OP	Primeiro plano
1/4	<i>verharrte</i>	i/OP	Segundo plano
1/5	<i>nicht als ob er wollte</i>	i/OS	Segundo plano
1/6	<i>wollte</i>	i/OP	Segundo plano

Rema	TAA	Aspecto	Relevo
1/7	<i>runzelte die Stirn</i>	p/OP	Primeiro plano
1/8	verspürte	i/OS	Segundo plano
1/9	war störte	i/OP i/OP	Segundo plano
1/10	musste	i/OS	Segundo plano
2/1	war	i/OP	Segundo plano
3/1	ist	i/OP	Aparte

Rema	TAP	Aspecto	Relevo
4/1	ist	i/OP	Aparte
1/1	<i>apareceu</i>	p/OS	Primeiro plano
1/2	<i>estendeu</i>	p/OP	Primeiro plano
1/3	dirigindo	i/ger	Segundo plano
1/4	<i>ficou parado</i>	p/OP	Primeiro plano
1/5	não estava tomando	i/OP	Segundo plano
1/6	queria ver	i/OP	Segundo plano
1/7	recebeu	i/OS	Primeiro plano
1/8	<i>franziu</i>	p/OP	Primeiro plano
1/9	se perturbava	i/OP	Segundo plano
1/10	terde abrir	i/inf	Segundo plano
2/1	estava elegante	i/OP	Segundo plano

Rema	TAP	Aspecto	Relevo
2/2	(estava) esbelto	i/OP	Segundo plano
2/3	(estava) dobrado dentro de sua capa	i/OP	Segundo plano
3/1	é	i/OP	Aparte
4/1	é	i/OS	Aparte

Um texto que começa com duas (TAI) ou até três (TAA) ações de primeiro plano normalmente não tem o efeito de uma imagem em câmera lenta, mas de um filme que passa muito rápido. A ironia do TF, sugerida pelo contraste de um primeiro plano composto de apenas três movimentos mínimos ou quase imperceptíveis, mas escolhidos com extremo cuidado, contra um segundo plano de sete verbos que descrevem as razões, pensamentos, sentimentos, impressões e estados de espírito possíveis e reais, perde-se completamente se o leitor não conseguir reconhecer a lógica por trás da distribuição. No TF, os itens do primeiro plano e do segundo plano são mencionados em intervalos crescentes, ao passo que não há sistema na distribuição de detalhes no TAI nem no TAA, tampouco no TAP. Os primeiros planos do TF, do TAI, do TAA e do TAP contam quatro histórias diferentes:

TF: Augusto estende o braço, fica parado um momento e franze o cenho.

TAP: Augusto aparece na porta de sua casa, estende o braço, fica parado um instante, recebe o frescor do orvalho e franze o cenho.

TAI: Augusto aparece à porta de sua casa, estende o braço, adota determinada postura e franze o cenho.

TAA: Augusto dá um passo para fora de sua casa, estende o braço, abre a mão e franze o cenho.

Nos três textos-alvo, as orações (4) e (5) estão claramente relacionadas ao segundo plano. Como em alemão o fluxo de consciência não é marcado pelo uso específico de tempos verbais, o tradutor pode incluir, além do sinal de exclamação e do uso de *so* (“tão”), uma das partículas modais (por exemplo, *doch*), bastante típicas do alemão falado (e muito difíceis de serem “traduzidas” para outros idiomas!), como um indicador a mais do fluxo de consciência.

5.2.6. Conclusões e traduções sugeridas

Nenhuma das traduções passa a impressão verdadeira do efeito irônico produzido pelos traços específicos das estruturas tema-remata, sintáticas e de relevo. No quadro abaixo, podemos comparar as ocorrências de traços estruturais e de marcadores de ironia descobertos no TF com aqueles do TAI, do TAA e do TAP. É claro que pode haver marcadores adicionais nas traduções, que não aparecem no quadro. Por exemplo, no TAI, a expressão mais técnica *the fresh intermittent wet* produz um contraste irônico com o contexto menos técnico (*take possession, drizzle, fine line*). Mas, no todo, existem poucas compensações para os marcadores de ironia omitidos (que, em nosso modo ver, poderiam ter sido reproduzidos na língua-alvo), seja no TAI ou no TAA.

TRAÇOS ESTRUTURAIS	TF	TAI	TAA	TAP
ordo naturalis	+	+	-	+
movimentos do corpo	0	0	1	0
movimentos de partes do corpo	1	3	2	1
expressões faciais	2	1	2	2
contraste de trivialidade vs. solenidade	+	-	-	+
contraste senso comum vs. senso estético	+	-	+	+
tempo de narração mais longo que o tempo narrado	+	-	-	-

progressão dos remas 1/10-2	+	+	+	+
progressão dos remas 2/1-3	+	-	+	+
progressão dos remas 3/1-4/1 (contraste)	+	-	+	+
número de temas gradualmente decrescente	+	-	-	+
generalização crescente de temas	+	+	+	+
mínimo de dinâmica comunicativa em 1	+	+	+	+
progressão linear simples em 2 e 3	+	+	+	+
número de frases	6	5	5	6
frases longas	5	3	2	5
frases curtas ou médias	1	2	3	1
estrutura paratática	+	-	-	-
polissíndeto	+	-	-	+
"lacuna" macroestrutural entre as frases 4 e 5	+	+	-	+
elementos do primeiro plano	3	4	4	4
elementos do segundo plano	10	7	7	8
MARCADORES DE IRONIA	TF	TAI	TAA	TAP
clímax (em contexto trivial)	+	-	-	-
zeugma	+	-	-	+
causalidade imputada	+	-	+	-
paralelismo entre as frases 1a e 1b	+	-	-	-
paralelismo entre as frases 2 e 4	+	-	-	-
repetição de elemento lexical (<i>tan</i>)	+	-	+	+
quiasmo (em contexto trivial)	+	-	-	+
qualidades rítmicas da frase 6	+	-	-	-
assonâncias em frase 6	+	-	-	-
violação da distribuição convencional de informações	+	+	+	+
fluxo de consciência	+	+	+	+

O acúmulo de marcadores de ironia é muito importante para o efeito irônico. Cada traço estrutural mencionado pode ter um efeito completamente diferente quando usado sozinho ou em um

contexto diferente. Juntos, esses traços são indicadores inconfundíveis do sentido irônico.

Além dos marcadores estruturais de ironia, existem muitos marcadores lexicais, como o trocadilho entre o nome Augusto e sua *actitud augusta* (omitido no TAI), a variação de palavras que designam chuva (*llovía — orvallo — llovizna*), o uso de palavras ou colocações raras ou onomatopeicas (por exemplo, *lento orvallo*) etc., que também tentamos levar em consideração nas seguintes traduções sugeridas.

TAIS: Appearing at the door of his house, Augusto held out his right arm, the hand palm downward, and directing his eyes skywards, he remained for a moment in this statue-like and exalted pose. He was not, however, taking possession of the outside world, but observing whether or not it was raining. And, when he felt the freshness of the light droplets on the back of his hand, he frowned. Yet it was not the drizzle that was bothering him, but the necessity of opening up his umbrella. Didn't it look beautiful and slim, elegantly folded, and in its cover? A folded umbrella is a thing of beauty — yet how ugly is an opened one. (P.S.)

TAAS: Als Augusto in der Tür seines Hauses erschien, streckte er seinen rechten Arm aus, die Handfläche nach unten, und blieb dann, die Augen gen Himmel richtend, einen Augenblick in dieser erhabenen Haltung eines Denkmals stehen. Doch er machte sich nicht etwa die Außenwelt untertan, sondern stellte fest, ob es regnete. Und als er auf seinem Handrücken die Kühle des sanften Nieselns fühlte, runzelte er die Stirn. Aber ihn störte nicht etwa der leichte Regen, sondern die Notwendigkeit, seinen Schirm aufzuspannen. Der war doch so elegant, so schlank, gefaltet und in seiner Hülle! Zusammengerollt ist ein Schirm elegant, häßlich dagegen aufgespannt. (C.N.)

TAPS: Ao aparecer na porta de sua casa, Augusto estendeu o braço direito, com a palma da mão aberta e virada para baixo, dirigindo os olhos para o céu. Ficou parado um instante nessa atitude austera de estátua. Embora não estivesse tomando posse do mundo exterior, observava se chovia. E ao receber nas costas da mão o frescor do fino orvalho, franziu o cenho. Na verdade, não

era a garoa fina que o incomodava, mas sim a necessidade de ter de abrir o guarda-chuva. Estava tão elegante, esbelto, dobrado e dentro de sua capa! Um guarda-chuva fechado é tão elegante quanto é feio um guarda-chuva aberto. (C.N./M.Z.)

5.3. TEXTO AMOSTRA 3: A RELAÇÃO ENTRE A FUNÇÃO DO TEXTO E A ORIENTAÇÃO AO PÚBLICO — INFORMAÇÃO TURÍSTICA: SPEZIALITÄTEN

5.3.0. Texto

Spezialitäten

„Liebe geht durch den Magen“. Dieser Spruch findet in München seine besondere Bestätigung. Denn es gilt als ein Teil der vielzitierten Münchner Gemütlichkeit, daß man hier auch zu essen und zu trinken versteht. Probieren Sie deshalb zuerst, was unter „Schmankerl“ als Münchner Spezialität auf der Speisekarte aufgeführt ist: Die Weißwurst, jene zarte Köstlichkeit, „gemixt“ aus Kalbsbrat, Salz, Pfeffer, Zitrone und Petersilie. Den Leberkäs, der weder mit Leber noch mit Käse etwas gemein hat, sondern ein aus Rindsbrat und Speck gebackener Laib ist. Den Leberknödel, die berühmteste Sorte bayerischer Knödelarten. Kaum wegzudenken sind außerdem die altbekannten Schweinswürstl mit Kraut. Kenner wissen, wo sie besonders schmackhaft am Rost gebraten werden. Aber was wäre die gute Speis' ohne das berühmte Münchner Bier? Der Durstige bestellt „Eine Maß“ (1 Liter). Die meisten nehmen „Eine Halbe“ (½ Liter). Hell oder Dunkel? Süffiger ist, laut Volksmund, das „Dunkle“. Aber immer mehr bevorzugen das „Helle“ und das „Pils“. Und wie wär's mit dem obergärigen Weißbier (Weizenbier)? Oder mit „Märzen“ und „Bock“ (Starkbiere)? Köstlich

schmecken sie alle. Vor allem, wenn Sie mit einem sorgsam gesalzenen „Radi“ — auf Hochdeutsch Rettich — Ihren Durst erst so recht schüren und dazu die Münchner Brotspezialitäten probieren: Brez'n, Remische, Salzstangerl, Loawen, Mohnzöpferl. Noch vieles ließe sich nennen. Aber lassen Sie sich doch einfach vom Magenfahrplan einer altmünchner Gaststätte inspirieren! Auch die sich ständig erweiternde internationale Speisekarte der Stadt darf hier nicht unerwähnt bleiben. Wer in München eine kulinarische Weltreise unternehmen will, der braucht nicht lange zu suchen, um die Gaumenfreuden Italiens, Frankreichs, Ungarns, Japans, Jugoslawiens, Mexikos, Spaniens, Österreichs, Griechenlands, der Schweiz, der Tschechoslowakei, ja selbst Chinas und Indonesiens zu genießen.

Tradução em português para este livro:

Especialidades

“O amor passa pelo estômago”. Este provérbio encontra em Munique sua afirmação toda especial. Porque comer e beber faz parte da muito citada “Gemütlichkeit” (bem-estar) muniquense. Por isso, prove primeiro os “Schmankerl” - que se encontram no cardápio entre “Münchner Spezialitäten”: a salchicha branca, aquela mistura deliciosa de carne picada de vitela, sal, limão e salsa; o “Leberkäs”, que não tem nada a ver com Leber (fígado) nem com Käse (queijo), mas é uma massa de carne de vaca e de toucinho. O Leberknödel é o mais famoso dos Knödel bávaros. Também quase não se pode imaginar o menu bávaro sem as famosas Schweinsbratwürstl (linguiças fritas de porco) com Sauerkraut (chucrute). Os conhecedores sabem onde encontrar as mais gostosas, grelhadas na brasa. Mas o que seria tudo isso sem a famosa cerveja muniquense? Quem tem muita sede pede “eine Mass” (um litro), a maioria pede “eine

Halbe” (meio litro). Clara ou escura? Conforme a opinião do povo, a cerveja escura é mais gostosa. No entanto, cada vez mais gente prefere a cerveja clara e a “Pilsen”. Ou, que tal uma Weissbier (cerveja branca), altamente fermentada, feita de trigo? Ou então uma “Märzen” e uma “Bock” (cervejas fortes)? Seja qual for a sua escolha, sempre será gostosa. Especialmente, se tomada com um “Radi” (rábano) bem salgado, que dá mais sede ainda. Ou com um dos tipos de pão especial, como o “Brezn”, o “Remische”, o “Salzstangerl”, o “Loawen” ou o “Mohnzöpferl”. O melhor é deixar-se inspirar pelo “roteiro culinário” de uma cervejaria. Também não devemos esquecer o cardápio cada vez maior de pratos internacionais, sem o qual a lista de especialidades ficaria bem incompleta. Pretende-se fazer uma viagem culinária em volta ao mundo, não precisa ir longe: encontram aqui as delícias das cozinhas italiana, francesa, húngara, russa, iugoslava, mexicana, espanhola, austríaca, grega, suíça, tcheco-eslovaca, e até chinesa, japonesa e indonésia.

5.3.1. *Análise dos fatores extratextuais*

O texto foi publicado no verso de um mapa (MEIO) da cidade de Munique, vendido por alguns centavos nos postos de informações turísticas (LUGAR). Foi editado, como é dito ao leitor na versão em inglês pela Secretaria de Turismo da Cidade de Munique (EMISSOR, → PÚBLICO), cujo endereço é mencionado nas convenções técnicas do mapa, que também traz os nomes dos responsáveis pelo desenho, cartografia, imagens, fotografias, impressão, reprodução e tipografia. O nome do autor não é mencionado, mas as versões em inglês, francês, italiano e português (mas não a espanhola) trazem os nomes dos respectivos tradutores (PRODUTOR DO TEXTO). O original alemão data de 1984 (TEMPO).

O texto pode ser considerado parte de um folheto de informações turísticas (GÊNERO). Sua aparência e formato o distinguem de um encarte turístico mais elaborado e mais caro, caracterizado por um maior número de fotografias, papel com brilho, textos (muitas vezes) pseudoliterários etc, em que a função operativa tem papel mais importante (existem encartes desse tipo mais elaborado sobre Munique também). Para nosso Texto Amostra, devemos considerar que a função informativa tem prioridade, embora haja também alguns elementos persuasivos (FUNÇÃO). Como o texto foi impresso no verso de um mapa da cidade (MEIO), existem razões suficientes para acreditarmos que ele é lido principalmente em Munique (LUGAR DE RECEPÇÃO) por turistas (PÚBLICO) que desejam conhecer melhor a cidade e visitar os pontos turísticos mais importantes (FUNÇÃO). Os leitores do original em alemão serão visitantes falantes da língua alemã, vindos da Alemanha ou de fora, que não conhecem Munique. Além do texto sobre “Especialidades”, o folheto contém vários textos não relacionados sobre “História”, “O ano em Munique”, “Música”, “Museus”, “Compras” etc. (ESTRUTURAÇÃO).

5.3.2. *A relevância de orientação ao público*

Diferente dos textos que tratam de “História” ou “Museus”, o texto “Especialidades” não apenas fornece informações interessantes, mas também é de imediata relevância para o conforto (físico) de qualquer visitante em Munique. Nem o turista do norte da Alemanha nem o estrangeiro podem sair-se bem sem as explicações do texto se quiserem entender, por exemplo, o cardápio de um restaurante muniquense. Por isso, o Texto Amostra tem a importante função de servir como um “glossário” informativo para um cardápio bávaro. O texto ilustra a importância imediata da orientação ao público não

somente para a função do TF, mas também para qualquer tradução, já que esse tipo de texto geralmente é traduzido como tradução-instrumento. Usando o modelo de análise de texto orientada para a tradução, mostramos se — e como — os tradutores lidaram com os problemas de tradução relacionados à orientação ao público. Não entramos em detalhes sobre as convenções de gênero, do estilo ou sobre a variedade linguística escolhida para o texto alvo (como no caso da versão em português).

5.3.3. *Análise dos fatores intratextuais*

Se considerarmos a função informativa como prioritária, temos que analisar os seguintes fatores: (a) o assunto e seu reflexo no título, (b) o conteúdo e sua relevância para os diferentes tipos de público, (c) as pressuposições ou conhecimento prévio que a eles podemos (ou devemos) atribuir, (d) a estruturação, que nesse tipo de texto é um auxílio importante para a compreensão, (e) os elementos não verbais (especialmente *layout*, ilustrações, fonte da letra, restrições de espaço etc.), e (f) o léxico, especialmente quanto à transferência (tradução, empréstimo, adaptação etc.) de nomes próprios específicos da CF e às referências culturais.

Os fatores restantes são de importância menor em uma tradução equifuncional desse Texto Amostra. A sintaxe do TA deve estar de acordo com as convenções da cultura alvo para facilitar a recepção da informação. As características suprasegmentais (tais como efeitos onomatopéicos, rítmicos e prosódicos, estruturas de enfoque etc.), que têm importante papel nos textos persuasivos, são de importância secundária na tradução desse tipo de texto, e também devem ser adaptadas às normas da cultura alvo. A análise seguinte, portanto, ficará limitada aos seis primeiros fatores.

a. Assunto

Quando vários textos combinam-se para formar um todo, por mais que sejam independentes, é importante que cada componente possua um título ou cabeçalho indicando claramente seu assunto específico, e que os títulos sejam criados para que a relação hierárquica dos textos fique clara.

O TF cumpre esses requisitos. O título “Spezialitäten” refere-se ao campo das especialidades gastronômicas (o plural de *Spezialität* é usado apenas nesse sentido), e tem forma semelhante nos outros títulos. Como o leitor alemão não bávaro possui algumas ideias estereotipadas sobre a gastronomia da região (por exemplo, a importância da cerveja!), a foto de uma típica garçonete da região com várias canecas de cerveja nos braços indica claramente o assunto tratado antes mesmo da leitura do texto.

b. Conteúdo e estruturação

Embora o texto não seja dividido em parágrafos (provavelmente por motivos de espaço), sua estruturação é bastante clara. Uma breve introdução enfatiza a importância da comida e da bebida para nosso bem-estar geral e para o bem-estar dos bávaros, em particular. Tal introdução não possui valor informativo, mas serve como um tipo de introdução fática para as explicações seguintes (→ LÉXICO).

O primeiro parágrafo do texto principal menciona os famosos *Schmankerl*, explicando a palavra e listando as especialidades mais importantes de Munique. Se apenas o nome não fornece informações suficientes ou é confuso, o texto oferece alguns detalhes sobre os ingredientes (por exemplo, *Weisswurst* ou *Leberkäs*). Algumas expressões regionais, tais como *Kraut* (em vez do alemão formal *Sauerkraut*), são tidos como familiares pelo leitor (→ PRESSUPOSIÇÕES). Quanto às *Schweinswürstl* (“linguiças de porco”), o leitor recebe a informação

de que são grelhadas, enquanto a afirmação *Os conhecedores sabem...* parece ter valor menos informativo do que persuasivo.

A segunda parte explica alguns aspectos da cultura da cerveja bávara, tais como quantidades (por exemplo, *Mass*, “um litro”) e qualidades (por exemplo, *Dunkle*, “cerveja escura”, *Weissbier*, “cerveja clara”). As explicações que descrevem o sabor (*süffig*, “gostoso”), os métodos de produção (*obergäriges Weizenbier*, “cerveja altamente fermentada, feita de trigo”) ou efeito (*Starkbier*, “cerveja forte”) não podem ser considerados exaustivos (→ PRESSUPOSIÇÕES).

A terceira parte trata de petiscos que são servidos com a cerveja, tais como raiz forte ou os numerosos tipos de pão. Alguns dos nomes próprios bávaros transmitem pelo menos alguma informação para os leitores não bávaros falantes de alemão (por exemplo, *Salzstangerl*, que pode ser um palitinho salgado, tipo *Stiksy* da Elma Chips), enquanto outros (por exemplo, *Remische*, que pode ser uma distorção de *Römische*, ou seja, “[pães] romanos”) deixam-nos sem nenhuma orientação (→ PRESSUPOSIÇÕES). Talvez o autor não tenha tido muito espaço para explicar os nomes. O parágrafo termina de forma bastante abrupta, com apenas algumas explicações sobre o cardápio de alguns restaurantes de Munique.

O texto termina com uma lista de restaurantes europeus, asiáticos e latino-americanos. A ordem dos países não parece seguir uma lógica específica (→ ESTRUTURAÇÃO).

c. Pressuposições

De acordo com sua função informativa primária, o texto contém poucas pressuposições. Destina-se a leitores que não conhecem Munique e suas especialidades, por isso, as informações dadas pelo texto devem ser tão detalhadas quanto possível (ver, por exemplo, as explicações sobre *Weissbier* e *Märzen*, e os comentários sobre os ingredientes do *Leberkäs*).

Como vimos anteriormente, o TF nem sempre cumpre esses requisitos. Quando a falta de informação é um obstáculo para o entendimento, o tradutor deve decidir se adiciona ou não os detalhes necessários. A cor local (por exemplo, os nomes próprios bávaros) é um luxo a que um texto informativo raramente pode se dar, a menos que a finalidade seja confundir em vez de instruir o leitor (→ LÉXICO). Além das pressuposições linguísticas quanto ao valor informativo que alguns nomes próprios têm para os leitores falantes de alemão (mas não para os falantes de inglês, francês, português, italiano ou espanhol), há pelo menos uma pressuposição cultural que o tradutor deveria ter levado em consideração. Embora os receptores alemães geralmente conheçam o sabor suave ou amargo da *Helle* e da *Pils*, e, por isso, entendem o contraste implícito com o sabor *süffig* da cerveja escura, esse conhecimento prévio não pode ser pressuposto em todos os visitantes de outros países.

d. Elementos não verbais

A configuração é a mesma para todas as versões do texto. Se for preciso adicionar informações ou explicações (→ PRESSUPOSIÇÕES), o tradutor, portanto, se verá diante do problema de ter de compensar as expansões com reduções em outras seções do texto, sem prejudicar a funcionalidade do conjunto. Isso pode ser feito em trechos com menos valor informativo, tais como a introdução e as frases com função apelativa (*Os conhecedores sabem... etc.*).

O negrito é usado no original apenas para os títulos, e o itálico não é usado em nenhum momento. Esses marcadores poderiam ser bastante úteis para nomes próprios de comidas e bebidas. Se as instruções de tradução não permitem outros meios que não as aspas para salientar os exotismos, o tradutor deve certificar-se de usá-las

consistentemente para que os leitores reconheçam imediatamente as palavras e expressões que podem usar para pedir um tipo de especialidade em um restaurante de Munique.

e. Léxico

No que diz respeito ao léxico, identificamos os elementos que revelam intenções informativas, isto é, que chamam a atenção do leitor ou o induzem a adotar uma atitude positiva frente ao assunto do texto.

Esses elementos não informativos incluem provérbios na introdução, palavras bávaras (como *Schmankerl*, *Knödel*, *Brez'n*) e formas coloquiais (por exemplo, *Speis'* em vez de *Speise*, *wie wär's* em vez de *wie wäre es*, ou *gemixt* em vez de *gemischt*), expressões conotativas (por exemplo, *Gemütlichkeit*), metáforas (por exemplo, *Magenfahrplan*) e a maneira como o texto se dirige diretamente ao leitor (por exemplo, *Por isso prove primeiro...*).

As traduções a seguir são as publicadas no mapa da cidade de Munique, conforme mencionado no item 5.3.1.

ALEMÃO:

Spezialitäten

«Liebe geht durch den Magen». Dieser Spruch findet in München seine besondere Bestätigung. Denn es gilt als ein Teil der vielzitierten Münchner Gemütlichkeit, daß man hier auch zu essen und zu trinken versteht. Probieren Sie deshalb zuerst, was unter «Schmankerl» als Münchner Spezialität auf der Speisekarte aufgeführt ist: Die Weißwurst, jene zarte Köstlichkeit, «gemixt» aus Kalbsbrat, Salz, Pfeffer, Zitrone und Petersilie. Den Leberkäs, der weder mit Leber noch mit Käse etwas gemein hat, sondern ein aus Rindsbrat und Speck gebackener Laib ist. Den Leberknödel, die berühmteste Sorte bayerischer Knödelarten. Kaum wegzudenken sind

außerdem die altbekannten Schweinswürstl mit Kraut. Kenner wissen, wo sie besonders schmackhaft am Rost gebraten werden. Aber was wäre die gute Speis' ohne das berühmte Münchner Bier? Der Durstige bestellt «Eine Maß» (1 Liter). Die meisten nehmen «Eine Halbe» (½ Liter). Hell oder Dunkel? Süffiger ist, laut Volksmund, das «Dunkle». Aber immer mehr bevorzugen das «Helle» und das «Pils». Und wie wär's mit dem obergärigen Weißbier (Weizenbier)? Oder mit «Märzen» und «Bock» (Starkbiere)? Köstlich schmecken sie alle. Vor allem, wenn Sie mit einem sorgsam gesalzenen «Radi» — auf Hochdeutsch Rettich — Ihren Durst erst so recht schüren und dazu die Münchner Brotspezialitäten probieren: Brez'n, Remische, Salzstangerl, Loawen, Mohnzöpferl. Noch vieles ließe sich nennen. Aber lassen Sie sich doch einfach vom Magenfahrplan einer altmünchner Gaststätte inspirieren! Auch die sich ständig erweiternde internationale Speisenkarte der Stadt darf hier nicht unerwähnt bleiben. Wer in München eine kulinarische Weltreise unternehmen will, der braucht nicht lange zu suchen, um die Gaumenfreuden Italiens, Frankreichs, Ungarns, Japans, Jugoslawiens, Mexikos, Spaniens, Österreichs, Griechenlands, der Schweiz, der Tschechoslowakei, ja selbst Chinas und Indonesiens zu genießen.

INGLÊS:

Specialities

“The way to a man's heart is through his stomach”, it is said, and this proverb is perhaps particularly true in Munich, a city where some attention is devoted to good eating and drinking. As an introduction, try some of the “Schmankerl” on the menu, that is, Munich specialities. Weisswurst, that delicate mixture of veal, salt, pepper, lemon and parsley. Leberkäs which, despite its name, has nothing to do with liver or cheese but is a baked loaf of ground beef and bacon. Leberknödl, the best-known of the Bavarian dumplings. Life would

be almost inconceivable in Bavaria without the famous Schweinswürstl (pork sausages) with sauerkraut. Experts know where they are grilled to perfection. But what would good eating be without the famous Munich beer? Munich has been styled the unofficial beer capital of the world and who would contest this claim? If you're really thirsty, order "eine Mass" (a quart). Mostly one drinks "eine Halbe" (a pint). Which do you prefer, light or dark? Previously, dark had the preference. But now, more and more people drink "pale" or "Pils" beer. Then there's the sparkling Weissbier made from wheat. Or "Märzen" and "Bock" (strong beers.) All of them are delicious, especially when enjoyed with a carefully salted, thirst-inducing, "Radi" — in English, radish — and some of Munich's famous bread and rolls. The "Dampfnudel", "Rohrnudel", and "Schmalznudel" are Bavaria's answer to the doughnut, each quite an individual in itself. One could go on and on. But let yourself be inspired by the menu in an old-Munich restaurant. International cooking too has made great headway in Munich. Without leaving the city, you can make a world tour and enjoy the culinary pleasures of Italy, France, Austria, Hungary, Yugoslavia, Czechoslovakia, Switzerland, Greece, Spain, Mexico. Or for that matter, China, Japan, Vietnam and Indonesia.

FRANCÊS:

Gastronomie

»L'amour passe par l'estomac« affirme un proverbe allemand... qui se trouve à Munich amplement confirmé : l'art culinaire munichois est en effet d'une appétissante variété. Essayez donc nos »Schmankerl«, les saucisses blanches, un vrai régal fait de viande de veau assaisonnée de sel, poivre et citron; le Leberkäs' qui, en dépit son nom, ne contient ne Leber (foie) ni Käse (fromage), mais de la viande de bœuf accompagnée de lard; les Leberknödel, la plus renommée des nombreuses sortes de

quenelles bavaroises. N'oubliez pas non plus nos savoureuses »Schweinswürstl« (saucisses de porc) aux fines herbes ; les connaisseurs savent où l'on sert les meilleures. — Mais que seraient les meilleurs plats sans la célèbre bière de Munich? Celui que a grand-soif en commande d'emblée »eine Maß«: un litre bien tassé! Le plus souvent, pourtant, on commence par »eine Halbe« (un demi-litre). — Brun ou blonde? C'est une autre question! La brune passe par plus capiteuse, mais de plus en plus nombreux sont les amateurs de blonde ou de »Pils«. Il y a même aussi la »blanche« (Weißbier), brassée au blé au lieu d'orge. Et encore la »Märzen« et le »Bock« (bières fortes). Toutes, en tous cas, son délicieuses. Surtout lorsqu'on les accompagne d'un gros radis blanc, qui aiguise la soif. Citons aussi nos diverses sortes de pain: Brez'n, Remische, Salzstangerl, Loawen, Mohnzöpferl... Mais comment tout mentionner! Laissez-vous donc tenter par l'offre alléchante d'un restaurant de vieille tradition munichoise. — Par ailleurs les menus internationaux deviennent de plus en plus nombreux à Munich et permettent de faire, dans nos murs, un voyage »culinaire« autour du monde. Point n'est besoin de chercher longtemps pour goûter chez nous les plaisirs de la table à la française, ou ceux de nombreux autres pays: Italie, Hongrie, Japon, Yougoslavie, Mexique, Espagne, Autriche, Grèce, Suisse, Tchécoslovaquie, voire même de Chine et d'Indonésie.

ITALIANO:

Specialità

«L'amore passa per lo stomaco». Questo detto trova a Monaco di Baviera la sua particolare conferma, dato que é una parte della tanto citata gioivialità monacense, intesa qui anche come mangiare e bere. Provate quindi per prima cosa ciò che la lista delle vivande indica sotto la voce »Schmankerl« per le specialità monacensi: la

salciccia bianca, una squisitezza fatta di un «misto» di vitello, sale, pepe, limone e prezzemolo; il «Leberkäs», que nulla ha in comune né col fegato (Leber) né col formaggio (Käse) ma e un impasto di varne di manzo con lardo; i «Leberknödel» (gnocchi di fegato), la più famosa specie di gnocchi bavaresi. Da non dimenticare inoltre le note «Schweinswürstl mit Kraut» (salsicette di suino con crauti), e i conoscitori sanno dove esse vengono arrostate alla traticola in modo particolarmente gustoso. M che cosa sarebbe la buona pietanza senza la famosa birra di Monaco? L'assetato ordina «eine Maß» (1 litro); la maggioranza «eine Halbe» (mezzo litro). Chiara o scura? Più amabile é, secondo l'opinione popolare, «das Dunkle» (la scura); ma sempre più vengono preferite «das Helle» (la chiara) o «das Pils» (la Pils). E che dire della superfermentada «Weißbier» (birra di grano)? O della «Bock» (birra forte)? Tutte hanno un gusto delizioso, supratutto quando stimulate la sete con un «Radi» (rapa) — in puro tedesco - «Rettich» - accuratamente salato e vi aggiungete anche le specialità di pane monacensi: «Brez'n», «Remische», «Salzstangerl», «Loawen», «Mohnzöpferl» e tante altre ancora. Ma lasciatevi pure ispirare dal vasto programma culinario di una vecchia locanda monacense. Né si può qui scrodare di menzionare la sempre più ricca lista internazionale delle vivande della città. Chi a Monaco vuole intraprendere un viaggio nel mondo culinario, non ha bisogno die cercare a lungo per godere le giouie della tavola italiana, francese, ungherese, rumena, iugoslava, russa, messicana, spagnola, austriaca, greca, svizzera, cinese, giapponese e persino indonesiana.

ESPAÑHOL

Especialidades

«El amor pasa por el estómago» es una adagio que vale especialmente para Munich. Entender de comida y bebida forma

parte de la tan citada «Gemütlichkeit», la acogedora atmósfera de Munich. Pruebe lo indicado en la lista de platos bajo la rúbrica «Schmankerl», especialidades de la cocina muniquesa: la salchicha blanca, delicioso manjar, cuyos ingredientes son ternera, sal pimienta, limón y perejil. «Leberkäs», «Queso de hígado», que nada tiene de común ni con el queso ni con el hígado, pues se compone de carne de vaca y tocino. «Leberknödel», «Albóndiga de hígado», la más famosa entre las variedades bávaras. No se pueden pasar por alto las famosísimas salchichas de cerdo con chucrut. Los gourmets saben dónde las asan mejor a la parrilla. Pero ¿qué valdrían estos deliciosos bocados sin la proverbial cerveza de Munich? El sediento pide «eine Mass», un litro. Por lo general se bebe «eine Halbe», medio litro. ¿Negra o rubia? El pueblo opina que se deja beber mejor la negra, pero cada vez se bebe más la rubia y la «Pils». Sin olvidar la «Weissbier», cerveza blanca o de trigo, de fermentación especial, la «Märzen» y la «Bock», cervezas fuertes. Todas tienen su inconfundible sabor, sobre todo si se toman con una especialidad muniquesa, que son los rábanos salados. Hay que probar también las especialidades de pan: Brez'n, Remische, Salzstangerl, Loawen, Mohnzöpferl. Habría aún mucho que decir; pero es mejor que se deje guiar por la lista de platos de un tradicional restaurante muniqué. Los más conocidos restaurantes de este tipo los podrá encontrar en los alrededores de Marienplatz. Y no hay que olvidar el ambiente internacional. Si desea hacer un recorrido culinario internacional, no tendrá que esforzarse mucho. A mano tendrá las delicias que ofrecen al paladar Italia, Francia, Hungría, El Japón, Yugoslavia, Méjico, España, Austria, Grecia, Suiza, Checoslovaquia, y hasta China e Indonesia.

PORTUGUÊS

Especialidades

«O amor passa pelo estômago». Este provérbio encontra em Munique sua afirmação toda especial. Porque comer e beber faz parte da muito citada «Gemütlichkeit» (bem-estar) muniquense. Por isso prove primeiro os «Schmankerl» - que se encontram no cardápio entre «Münchner Spezialitäten»: a salchicha branca, aquela mistura deliciosa de carne picada de vitela, sal, limão e salsa; o «Leberkäs», que não tem nada a ver com Leber (fígado), nem com Käse (queijo), mas é uma massa de carne de vaca e de toucinho. O Leberknödel é o mais famoso dos Knödel bávaros. Também quase não se pode imaginar o menu bávaro sem as famosas Schweinsbratwürstl (linguiças fritas de porco) com Sauerkraut (chucrute). Os conhecedores sabem onde encontrar as mais gostosas, grelhadas na brasa. Mas o que seria tudo isso sem a famosa cerveja muniquense? Quem tem muita sede pede «eine Mass» (um litro), a maioria pede «eine Halbe» (meio litro). Clara ou escura? Conforme a opinião do povo, a cerveja escura é mais gostosa. No entanto, cada vez mais gente prefere a cerveja clara e a «Pilsen». Ou, que tal uma Weissbier (cerveja branca), altamente fermentada, feita de trigo? Ou então uma «Märzen» e uma «Bock» (cervejas fortes)? Seja qual for a sua escolha, sempre será gostosa. Especialmente, se tomada com um «Radi» (rábano) bem salgado, que dá mais sede ainda. Ou com um dos tipos de pão especial, como a «Brezn», o «Remische», o «Salzstangerl», o «Loawen» ou o «Mohnzöpferl». O melhor é deixarse inspirar pelo «roteiro culinário» de uma cervejaria. Também não devemos esquecer o cardápio cada vez maior de pratos internacionais, sem o qual a lista de especialidades ficaria bem incompleta. Se prenda fazer uma viagem culinária em volta ao mundo, não precisa ir longe: encontra aqui as delicias das cozinhas italiana, francesa,

húngara, russa, iugoslava, mexicana, espanhola, austriaca grega, suíça, tcheco-eslovaca, e até chinesa, japonesa e indonésia.

Esses traços dão ao texto um toque jovial e divertido, que compensa o caráter estritamente informativo de alguns trechos. Eles devem ser vistos como meios para se atingir esse fim, sem valor em si mesmos. É por isso que os tradutores devem sentir-se livres para usar qualquer outro recurso fornecido pelas línguas e culturas alvo, conquanto isso os ajude a alcançar o mesmo fim. Os tradutores não precisam se preocupar em buscar uma tradução exata para o provérbio ou para “*Gemütlichkeit*” (que não possui um correspondente equivalente), mas podem usar outros recursos, específicos da cultura alvo, para contentar o leitor. Entretanto, sempre que surgir conflito entre a função informativa e a apelativa do texto, a função informativa deve ter prioridade.

5.3.4. *Crítica das traduções*

De acordo com o procedimento de análise do TF, analisamos as versões em inglês (TAI, 1984, tradução Michael Orloff), francês (TAF, 1983, tradução Jaques P. Evin), italiano (TAIT, 1985, tradução Giuseppina Petan), espanhol (TAE, 1981, tradutor desconhecido) e português (TAP, 1978, tradução Maria Clara Maucher), concentrando-nos nos problemas que derivam dos fatores da função textual e da orientação ao público. Não faremos nenhuma avaliação geral dos textos traduzidos.

a. Assunto

Percebemos que o título do TF cumpre com os requisitos de título para esse tipo específico de texto. O mesmo não pode ser dito sobre os títulos das traduções. Observadas no contexto de uma

combinação de textos sobre vários assuntos (ver acima), as traduções literais de *Spezialitäten* por “Specialities” (TAI), “Specialità” (TAIT) e “Especialidades” (TAE e TAP) não são uma descrição precisa do assunto tratado pelo texto. O significado dessas palavras é mais geral do que o da palavra alemã *Spezialitäten*.⁴⁰⁴ Em um contexto mais específico (por exemplo, em um cardápio), certamente poderiam ser compreendidas como referência a comida, bebida ou gastronomia. Mas já que o título ou cabeçalho não tem contexto, a referência nos Textos Amostra não fica clara. O leitor pode chegar à conclusão de que o texto trata das especialidades de Munique em geral (e não apenas sobre culinária).

Por esta mesma razão, tais títulos não correspondem aos títulos no resto do folheto, que descrevem outras “especialidades” dignas de serem vistas ou visitadas na cidade. Uma especificação, como *culinárias* ou *gastrômicas*, serviria para não deixar ambígua a referência.⁴⁰⁵ Por outro lado, esta solução pode ser longa demais para uma linha (→ ELEMENTOS NÃO VERBAIS) ou pode destruir a analogia formal com os outros títulos, que consistem em uma única palavra. Ambos os problemas parecem ser resolvidos elegantemente pela versão francesa. O título “Gastronomie” dá ao leitor uma pista clara do que esperar do texto, e encaixa-se perfeitamente no *layout* da página.⁴⁰⁶

b. Conteúdo

Partindo para o fator de conteúdo, consideremos se as informações apresentadas nas traduções fazem sentido ou não para os

⁴⁰⁴ *The Oxford English dictionary*; E. de Felice, A. Duro, *Dizionario della lingua e della civiltà italiana contemporanea*; *Diccionario general ilustrado de la lengua española*; C. Aulete, *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*.

⁴⁰⁵ E. de Felice, A. Duro, *op. cit.*: *specialità culinarie*.

⁴⁰⁶ L. Guilbert, R. Lagane, G. Niobey, *Grand Larousse de la langue française*.

respectivos leitores. Isso depende muito das explicações que acompanham os nomes próprios bávaros.

INGLÊS:

O TAI explica *Schmankerl*, *Leberkäs*, *Knödl*, *Schweinswürstl*, *Weissbier*, *Märzen*, *Bock* e *Radi*. Entretanto, a explicação de que o “Leberkäs [...] não tem nada a ver com Leber (fígado), nem com Käse (queijo)” não faz sentido para o leitor que não saiba que, de acordo com as regras morfológicas do idioma, *Leberkäse* significaria “queijo de fígado”. Em vez de explicar as muitas variedades de pães e pãezinhos, o tradutor inglês usa um recurso compensatório engenhoso. *Dampfnudel*, *Rohrnudel* e *Schmalznudel* (que não são mencionados no TF) são semelhantes a um “doughnut”, e ao mesmo tempo ilustram uma grande variedade em um campo no qual o leitor-alvo conhece apenas um tipo. Portanto, o leitor tem uma ideia aproximada sobre o que esperar.

O problema do conhecimento pressuposto sobre especialidades de cervejas é resolvido por uma mudança de conteúdo. O TAI explica que a preferência pela cerveja clara é uma questão de tempo, enquanto o texto fonte insinua que a razão pela qual as pessoas em Munique preferem a cerveja clara e amarga *Helle* ou *Pils* à cerveja escura mais doce e forte é uma questão de gosto. Mas essa ligeira mudança não interfere na função do texto, e é preferível à incoerência.

A tradução de *Liter* por “quart” e de $\frac{1}{2}$ *Liter* por “pint” é inadequada, já que as medidas não são equivalentes. Além disso, as medidas convencionais inglesas parecerão estranhas aos leitores americanos.

O TAI omite os nomes alemães (ou melhor, bávaros) para *sauerkraut*, *clara* (“pale” não é nem inglês nem alemão) e *escura*, o que significa que o leitor não conseguirá pedir essas especialidades em um restaurante. Explicações adicionais teriam sido úteis para

os componentes *wurst* — em *Weisswurst* (“mixture” não é claro o suficiente) — e *Leber* — em *Leberknödl*.

FRANCÊS:

O TAF explica *Leber*, *Knödel*, *Schweinswürstl*, *eine Mass* (embora “un litre bien tassée” possa não fornecer uma imagem verdadeira da realidade), *eine Halbe*, *Weissbier*, *Märzen* e *Bock* dando o equivalente francês em parênteses depois do nome alemão, exceto para *blanche* (“Weissbier”), em que a ordem é modificada. O fato de mais pessoas preferirem cerveja clara, apesar da natureza mais alcoólica da escura (*passé por plus capiteuse*), não parece convincente, mas não interfere seriamente na função do texto.

O TAF omite os nomes alemães ou bávaros de *saucisse blanches*, *brune*, *blonde* e *radis*; não explica a palavra *Schmankerl* (o leitor não é informado de que a palavra aparece no cardápio) nem os diferentes tipos de pães e pãezinhos. A descrição dos ingredientes do *Weisswurst* omite a salsa e, na descrição de *Leberkäs* e *Schweinswürstl*, faltam informações sobre como são preparados (assados e grelhados, respectivamente). A explicação do nome alemão *Leberkäs* se torna compreensível pela adição dos equivalentes em francês para *Leber* e *Käse* em parênteses; todavia, ela parece ainda bastante supérflua, já que o leitor do francês sem conhecimento de alemão jamais esperaria *foie* ou *fromage* em algo chamado *Leberkäs*. A tradução de *Kraut* por “aux fines herbes” é um erro grave que fornece informação errada ao leitor.

ITALIANO:

O TAIT explica *Schmankerl*, *Leberkäs* (usando o mesmo procedimento da TF), *Leberknödel*, *Schweinswürstl mit Kraut*, *eine Mass*, *eine Halbe*, *das Dunkle*, *das Helle* e até *das Pils* (italiano: “la Pils”), *Weissbier*, *Bock*, *Radi*. A adição da palavra em alemão comum para

Radi (“Rettich”) parece supérflua, visto que raramente é encontrada nos cardápios bávaros. A marcação da diferença entre cerveja clara e escura é compreensível se *più amabile* for interpretada como descrição de sabor.

O TAIT omite as informações sobre a cerveja *Märzen*. A omissão, possivelmente decorrente da falta de espaço, não interfere na função do texto. Falta o nome alemão no caso da *salsiccia bianca*. Não há explicação sobre as especialidades de pães de Munique.

ESPAÑHOL:

O TAE explica *Schmankerl, Leberknödel, eine Mass, eine Halbe, Weissbier, Märzen, Bock e Leberkäse*. A tradução literal do nome alemão parece justificar a explicação, mas não se pode dizer se o leitor do espanhol tem ideia de qual seria o sabor de um *queso de hígado* (“queijo de fígado”), mesmo que não seja feito da combinação de fígado com queijo.

O TAE omite os nomes alemães ou bávaros para *salchicha blanca, salchicas* [sic] *de cerdo con chucrut, negra e rubia* (cerveja), *rábanos salados*. Não há explicação sobre as variedades de pães. O leitor não recebe nenhuma informação sobre a preparação de *Leberkäs*.

A afirmação de que *embora as pessoas considerem a cerveja escura mais agradável, cada vez mais pessoas preferem a cerveja clara* carece de coerência e é incompreensível. Não contribui para o entendimento da cultura alemã.

PORTUGUÊS:

O TAP explica *Leberkäs* (do mesmo modo que o TAF e o TAIT), *Schweinsbratwürstl* e *Sauerkraut* (que não é encontrada com esse nome nos cardápios bávaros), *eine Mass, eine Halbe, Weissbier, Märzen, Bock e Radi*.

O TAP omite as explicações sobre *Leberknödel* e *Knödel* e as especialidades de pães. A explicação de *Schmankerl* é confusa; além disso, o acúmulo de três palavras não traduzidas do alemão pode complicar a compreensão para o leitor.

Também são omitidos os nomes alemães e bávaros das *salchichas branca* (o tradutor se esqueceu de mencionar também a pimenta), *clara* e *escura*. Como os leitores do espanhol e do italiano, os visitantes lusófonos ficarão intrigados com a informação de que os alemães preferem cerveja clara mesmo que a escura tenha melhor sabor.

A mera enumeração de soluções boas, más e aceitáveis indica claramente que nenhuma das traduções apresenta uma estratégia de tradução consistente que pudesse ter sido resultado da análise do texto fonte e do *skopos* da tradução.

c. Estruturação

Em suas macroestruturas, todos os textos alvo são construídos de acordo com o modelo do texto fonte. Como o TF possui uma estrutura funcional que não está ligada às convenções da CF, esta parece ser uma solução adequada. Porém, em se tratando de microestruturas, existem alguns desvios menores em relação às informações sobre restaurantes étnicos em Munique.

INGLÊS:

Começando com os países europeus e o México, o TAI coloca os países asiáticos em uma frase separada, acrescentando o Vientã. Isso pode ser resultado da orientação ao público norte-americano; neste caso, encontramos uma discrepância com outros elementos que parecem apontar para uma orientação ao público britânico (por exemplo, *pint*).

FRANCÊS E ESPANHOL:

O TAF e o TAE seguem exatamente a ordem do texto fonte.

ITALIANO:

O TAI menciona o Japão ao lado dos outros países asiáticos no final da enumeração, adicionando uma referência aos restaurantes romenos e russos.

PORTUGUÊS:

O TAP adiciona uma referência à gastronomia russa entre as informações sobre restaurantes húngaros e iugoslavos, e também menciona o Japão junto aos outros países asiáticos. Tais variações podem ter ocorrido devido a diferenças no tempo de publicação, mas isso não pode ser confirmado pelas datas na ficha técnica. Se as informações adicionadas estão corretas, não há objeção. As mudanças de microestrutura em decorrência do tipo de público ou por razões factuais (geográficas, nesse caso) devem ser aceitas. Também não deve haver nenhuma objeção à reprodução da ordem do TF, já que a ordem na qual os países são mencionados não é uma característica relevante para a função do texto.

d. Pressuposições

O problema das pressuposições foi resolvido de modo satisfatório nos trechos em que as explicações são suficientes e permitem uma comparação com as realidades das culturas alvo (tais como a explicação de *Knödel* nos TAI, TAF, TAIT e TAE, mesmo que *dumplings*, *albóndigas* ou *gnocchi* não possam ser considerados equivalentes de *Knödel* em sentido estrito). A adição de *sparkling* (“borbulhante”) à *Weissbier* no TAI é uma boa maneira de compensar a falta de conhecimento do leitor do texto alvo sobre cerveja alemã.

O problema não foi resolvido de modo satisfatório em nenhum dos casos em que faltam explicações ou em que elas são falsas ou confusas (ver CONTEÚDO).

Nomes como *Mohnzöpferl* ou *Salzstangerl* contêm pressuposições linguísticas: o leitor de alemão capta uma certa ideia do objeto pela simples análise do nome (*Mohn* refere-se a sementes de papoula, *zopf* a um tipo de pão em forma de trança, *-erl* é o sufixo diminutivo bávaro), mas para os receptores alvo tais nomes são cadeias de fonemas e grafemas sem sentido. Essas pressuposições linguísticas não foram levadas em consideração de modo adequado nas traduções, exceto no TAI, que resolveu o problema por meio da compensação (CONTEÚDO).

Um caso semelhante de pressuposição linguística é apresentado pela brincadeira com o nome *Leberkäse* (em bávaro: *Leberkäs*). O autor pressupõe que o leitor presuma que *Leberkäse* seja uma composição de *Leber* (“fígado”) e *Käse* (“queijo”), e antecipa essa associação equivocada com sua explicação. Contudo, visto que hoje em dia muitos alemães de todas as partes do país conhecem o *Leberkäse*, isso também pode ser uma pseudopressuposição. Nesse caso, a “explicação” deve ser considerada um trocadilho humorístico. Mas esse trocadilho só pode funcionar quando os receptores conhecem o significado dos elementos lexicais. De outro modo, *Leberkäs* é para eles só mais uma marca de uma realidade desconhecida, que não precisa ser explicada.

e. Elementos não verbais

Apesar das numerosas expansões, todas as traduções apresentam o mesmo *layout* do texto fonte. O TAF separa as unidades estruturais (ver ESTRUTURAÇÃO) por travessões, dando clareza ao texto. A caracterização dos exotismos (ou seja, nomes próprios alemães ou bávaros) por aspas é uma regra nos TAI, TAF e TAP. As

explicações geralmente são colocadas em parênteses, enquanto no TAE a caracterização tanto dos exotismos quanto das explicações marcadas pelas aspas possui um efeito um tanto confuso. Por essa razão, o uso de aspas como recurso estilístico de ênfase deve ser evitado (por exemplo, TAIT: «misto», TAF: un voyage «culinaire»). No texto fonte isso também não é uma boa ideia.

Outro problema é a ortografia das palavras alemãs com o grafema *ß*. Os leitores do TAF e do TAIT podem achar difícil pronunciar essa letra, inexistente em suas línguas. Os TAI, TAE e TAP substituíram-na por *ss*.

f. Léxico

Uma das dificuldades que surgem no campo lexical é o provérbio usado como introdução do texto. *Liebe geht durch den Magen* (tradução literal: “o amor passa pelo estômago”) pode parecer estranho, ou mesmo incompreensível, para pessoas que não conheçam tal provérbio (TAP), ditado (TAI, TAIT) ou adágio (TAE), mesmo que caracterizado como “provérbio alemão” (TAF). Se a cultura alvo possui um provérbio ou ditado semelhante, que enfatize a importância de se comer e beber para o bem-estar das pessoas (não apenas de homens, como o TAI sugere!), o tradutor pode usar esse substituto. Mas, para a função do texto, não é necessário encontrar um provérbio ou ditado. Qualquer forma de introdução (factual, humorística, literária ou mesmo poética!) ao assunto ficaria melhor do que uma tradução que seja capaz de criar incompreensão cultural.

Junto com *Weltanschauung* e jardim de infância, a palavra alemã *Gemütlichkeit* é, de fato, “muito citada” (como diz o TF), mas quase sempre como exemplo de “intraduzibilidade”. No nosso contexto, ela não apresenta nenhuma dificuldade para o tradutor, já que significa simplesmente “atmosfera convidativa”, como o TAE

(*acolhedora atmósfera*) e o TAP (*bem-estar*) parafraseiam. Em um texto já recheado de palavras alemãs (necessárias), os leitores-alvo não devem ser incomodados com outra que nunca encontrarão no cardápio de um restaurante na Alemanha. O TAI e o TAF simplesmente evitam-na, enquanto o TAIT muda sutilmente o seu significado, traduzindo-a como *gioivialità*.

Os traços estilísticos que pretendem influenciar a atitude dos leitores para com o tema são reproduzidos em quantidade e qualidade diferentes nas traduções, tais como *Munich has been styled the unofficial beer capital of the world, Bavaria's answer to the doughnut* (TAI), *un vrai régal, laissez vous donc tenter par l'offre alléchante d'un restaurant....!* (TAF), ... *una squisitezza, un gusto delizioso, un viaggio nel mondo culinario...* (TAIT), *delicioso manjar, deliciosos bocados, las delicias que ofrecen al paladar...* (o TAE poderia ter usado mais variação lexical), *uma viagem culinária em volta ao mundo, as delícias das cozinhas...!*, *roteiro culinário* (TAP).

5.3.5. Conclusões

A análise das cinco traduções mostra que nenhuma delas cumpre os requisitos estabelecidos pela função do texto e a orientação ao público. Embora todos os tradutores pareçam dispor dos meios linguísticos necessários para a produção de um texto alvo funcional, é evidente que não conseguiram usar esses meios de modo consistente e adequado. Os defeitos e imperfeições descobertos nas traduções poderiam ter sido evitados por uma análise textual orientada para a tradução.

A análise textual teria sido útil, acima de tudo, para a solução dos seguintes problemas: tradução do provérbio *Liebe geht durch den Magen*, de palavras “intraduzíveis” (por exemplo, *Gemütlichkeit*), de palavras polissêmicas (por exemplo, *süffig*), de referência

à CF (por exemplo, *Knödel*) e de metáforas (por exemplo, *Magen-fahrplan*). A análise da função textual deixou claro que a orientação ao público é fator fundamental para a tradução desse texto. Deste modo, uma estratégia consistente de tradução para o texto todo deveria ser levada em consideração. A crítica da tradução revela que as inadequações do TAI, do TAF, do TAIT, do TAE e do TAP não se devem à falta de competência linguística dos tradutores, mas sim à sua inabilidade para superar as dificuldades apresentadas pela tarefa de tradução.

Por outro lado, a análise mostra que os problemas de tradução apresentados no texto não estão ligados a uma língua alvo específica ou a um par linguístico determinado, mas ao tipo de texto. A sistematização dos problemas que surgem no processo de tradução de determinado tipo textual ou gênero teria sido uma valiosa ferramenta para os tradutores.

III

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este livro é uma introdução à teoria, metodologia e didática da análise textual pré-tradutória, complementada por uma aplicação do modelo a alguns Textos Amostra de diversos gêneros. Para concluir, resumiremos os aspectos fundamentais do estudo.

a. Aspectos teóricos

Os princípios teóricos do modelo analítico baseiam-se, por um lado, em um conceito acional de textualidade e, por outro, em um conceito funcional da tradução. Ambos estão estreitamente ligados um ao outro e alimentam-se mutuamente.

Do ponto de vista acional, o texto é um elemento da interação comunicativa que ocorre em uma situação. Portanto, a situação comunicativa (inclusive os interlocutores) torna-se centro da atenção, enquanto a estrutura linguística do corpo textual, que pode ser analisada usando recursos da textologia, relega-se a um segundo plano.

É sobre a base de um conceito acional de textualidade que podemos considerar a tradução de um texto uma “ação” que oferece a possibilidade de o texto alvo cumprir determinadas funções para

outro público em uma nova situação. Deste ponto de vista, não há dúvida de que a tradução não é apenas uma substituição de elementos da língua fonte por elementos (equivalentes, sinônimos etc.) da língua alvo. Como afirmamos acima, a tradução é a produção de um texto alvo funcional que mantenha uma determinada relação com um texto fonte dado, relação esta especificada de acordo com a finalidade (o *skopos*) da ação tradutória (Capítulo 2.4.1).

Baseando-se na especificação das funções do texto fonte ou de seus elementos, o tradutor pode decidir se estes elementos (do conteúdo, do efeito, não verbais, estruturais etc.) serão adequados para cumprir as funções pretendidas do texto alvo. É óbvio que tal decisão deve basear-se em uma análise exaustiva e funcional do texto fonte e de seus elementos.

Neste estudo, o foco principal de nossa atenção é a tradução de textos escritos, que podem ser analisados detalhadamente, enquanto a interpretação de textos apresentados oralmente é relegada a um segundo plano. Por conta da brevidade temporal do discurso oral, os procedimentos de análise são diferentes quando se trata da tradução simultânea de textos falados, em que parte da análise do TF coincide com a produção do TA. Contudo, a princípio, os fatores analíticos propostos em nosso modelo são aplicáveis também à função de intérprete. Os fatores extra e intratextuais podem ser analisados em fases separadas nesse caso. O intérprete, ao fazer parte também da situação de produção do TF, será capaz de analisar os fatores extratextuais “à vista”, observando tanto o falante e seu comportamento não verbal como também os ouvintes e suas reações, as condições específicas temporais e locais etc. Ele pode até mesmo ter a oportunidade de entrar em contato direto com os participantes (por exemplo, na interpretação consecutiva ou por ligação). Por outro lado, a análise dos fatores intratextuais é realizada em condições de enorme pressão temporal, a não ser que o intérprete disponha

com antecedência de uma documentação escrita. Em todo caso, consideramos que o nosso modelo de análise pré-tradutório é fundamentalmente válido para as formas escritas e orais da tradução, embora sua aplicação possa variar em cada caso.

Levando em consideração as condições específicas do processo de comunicação intercultural, não existe alternativa ao conceito de análise do TF. Isso se conclui a partir da análise das numerosas contribuições tradutológicas nas quais baseamos nossas considerações teóricas. É indiscutível que o processo de tradução deve guiar-se por uma análise pré-tradutória, mas até agora não existe um modelo consistente integrado a um conceito geral da tradução. A maioria das contribuições baseia-se em concepções linguísticas ou literárias, e somente algumas das mais recentes incluem aspectos pragmáticos e profissionais.

Outro caminho investigativo dos fenômenos tradutórios tem sido trilhado pelos enfoques empíricos psicolinguísticos, que buscam analisar o processo de tradução por meio dos protocolos de pensamento em voz alta.¹ É um enfoque importante e muito promissor, desenvolvido progressivamente por numerosos investigadores, como, por exemplo, os colegas da Universidade Econômica de Copenhague (Copenhagen Business School), na Dinamarca. Seus experimentos baseiam-se em programas eletrônicos desenvolvidos para registrar todos os movimentos feitos no teclado do computador.²

Apesar dos progressos obtidos nesse âmbito, consideramos que não podemos prescindir de uma análise textual pré-tradutória, ao

¹ "Thinking-Aloud Protocols" ou "TAP" — H. P. Krings, *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht*.

² Conforme os trabalhos recentes de R. Jakobsen, *op. cit.*, e G. HANSEN, *Erfolgreich übersetzen. Entdecken und Beheben von Störquellen*, Tübingen, Narr, 2006.

menos enquanto o método de ensinar línguas estrangeiras por meio da tradução não for abandonado. Este método fomenta nos alunos a concepção de que a tradução consiste em substituir elementos linguísticos de um código por elementos linguísticos de outro, concepção que não tem nada a ver com as exigências de uma profissão cada vez mais complexa e variada. A fim de conseguir que nossos alunos abandonem essa concepção errônea, precisamos de um quadro de referência rigoroso que lhes ensine como lidar com uma determinada tarefa em certas condições de partida (texto fonte, encargo de tradução, *skopos*, competências linguístico-culturais e temáticas etc.). Este é o conceito que queremos oferecer neste livro.

b. Aspectos metodológicos

De acordo com o princípio teórico fundamental do texto como um ato-comunicativo-em-situação, o método tem que incluir a análise dos fatores extra e intratextuais, priorizando-se os fatores extratextuais ou situacionais, que, portanto, são analisados primeiro. As perguntas fundamentais, baseadas na fórmula Lasswell, incluem todos os fatores extratextuais relevantes, oferecendo ao aluno um questionário prático e fácil de memorizar.

Os fatores intratextuais são escolhidos a partir de uma perspectiva emissora. Dentre a variedade de fatores possíveis, escolhemos aqueles que, em uma situação de transferência, são suscetíveis de provocar problemas de tradução de caráter pragmático (por exemplo, as pressuposições) ou nos quais as divergências culturais se manifestam com mais frequência (por exemplo, os elementos não verbais, sintaxe, características suprasegmentais).

O modelo pode ser considerado “tradutório” porque não apenas serve para a análise (retrospectiva) do TF-em-situação, mas também para a análise (prospectiva) do TA-em-situação como

definido pelo encargo de tradução. Assim, o resultado da análise do TF contrasta-se imediatamente com o “perfil” do TA, resultando da análise do encargo. Ao comparar ambos os resultados, o tradutor é capaz de decidir até que ponto o TF tem que ser adaptado à situação alvo e quais procedimentos adaptativos serão adequados para produzir um TA funcional.

Atribuímos grande importância ao fato de o modelo ser aplicável a textos fonte de qualquer língua e tipo textual e a traduções diretas e inversas. Depois de analisar as funções pretendidas ou exigidas pelo texto alvo, contrastando-as com o material oferecido pelo texto fonte, o tradutor identifica, em um primeiro passo, os problemas de tradução independentes das línguas envolvidas. Em um segundo passo, esses problemas são especificados em relação à cultura (inclusive a língua) alvo. A aplicação prática do modelo (Texto Amostra 3, Capítulo 5.3) demonstra que existem, de fato, problemas de tradução ligados a um gênero particular ou a uma tarefa de tradução determinada.

c. Aspectos didáticos

O modelo foi elaborado principalmente com tradutores aprendizes. Posto que deva guiar os passos fundamentais do processo tradutório, ele aponta as competências essenciais exigidas de um tradutor (ou seja, competência receptiva e analítica, competência investigadora, competência de tradução, competência de redação, competência de avaliação e, obviamente, competências linguístico-culturais nos âmbitos fonte e alvo, requisito fundamental da atividade tradutória).

Todas essas competências devem ser desenvolvidas no transcurso de um programa de treinamento para futuros tradutores e intérpretes profissionais. Se quisermos dar uma estruturação adequada a tal programa, temos de ensinar as competências parciais,

uma por uma, até um certo nível, antes de praticá-las em conjunto. Isso não significa que as aulas práticas tradicionais de tradução, nas quais o conhecimento teórico-metodológico e processual é aplicado à tradução de textos (autênticos) completos, são obsoletas. Seria razoável, todavia, sistematizar os temas didáticos, apresentando-os de acordo com uma progressão gradual, para permitir um controle justo e razoável do processo de aprendizado.

A fim de atingir esses objetivos, o modelo proposto neste livro pode ser útil. Como inclui os fatores e as dimensões essenciais do processo tradutório, parece apropriado para sensibilizar os alunos quanto às prioridades de uma tarefa de tradução específica, oferecendo um acesso sistemático tanto aos estudantes quanto aos docentes. Além disso, a distinção entre problemas gerais, isto é, independentes das línguas envolvidas, e problemas específicos pode levar a uma organização mais eficaz do currículo, porque as questões gerais podem ser tratadas em aulas ministradas para todos os alunos, enquanto as aulas específicas de cada departamento linguístico podem ser dedicadas aos problemas realmente oriundos das diferenças interculturais e interlinguísticas. Um programa de formação integrado organizado dessa maneira exige um grande esforço de cooperação em todos os níveis, mas pensamos que valeria a pena tentá-lo.

d. Os Textos Amostra

São vários os aspectos que nos guiaram na seleção dos Textos Amostra. Para comprovar que o nosso modelo é relevante para a tradução, era necessário encontrar textos que apresentassem o maior número possível de fatores de análise discutidos na parte teórica. Por outro lado, queríamos que os textos fossem completos e suficientemente curtos para permitir a aplicação do modelo. Portanto, escolhemos dois textos que, apesar de fazerem

parte de uma combinação textual, são unidades completas (Texto Amostra 1 e Texto Amostra 3). O Texto Amostra 2 é apenas um segmento textual, mas, por ser o primeiro parágrafo de um romance, pareceu-nos adequado para mostrar paradigmaticamente a importância de um fator específico da análise na interpretação do texto inteiro.

Além disso, queríamos mostrar que determinados textos fonte combinados a certos encargos de tradução podem exigir que dimensões específicas sejam priorizadas, assim permitindo a limitação da análise a alguns fatores particulares sem que se arrisque a validade dos resultados. Levando-se em consideração o número reduzido dos textos e fragmentos apresentados, o leque de aspectos trabalhados devia ser o mais amplo possível. Portanto, escolhemos três textos que, em certa medida, representam casos extremos.

O texto de informação turística *Spezialitäten* (5.3) é um texto pragmático, cuja tradução deve constituir um instrumento comunicativo aceitável para o público alvo. Nesse caso, os procedimentos de tradução estão orientados para a finalidade de produzir um texto de informação turística funcional na cultura alvo (= tradução-instrumento equifuncional). Por conseguinte, a análise do TF pode ser limitada aos elementos que sejam relevantes para tal função.

O texto de Unamuno (5.2) é um fragmento de um texto literário, cuja tradução, de acordo com as normas e convenções contemporâneas da tradução literária, está determinada pelo texto fonte. Isso significa que se deve imitar, no texto alvo, os elementos específicos ao assunto e ao efeito (= tradução-documento exotizante). A análise do parágrafo mostra que, neste caso, a ironia é um fio temático que produz um efeito específico, relacionado aos traços estruturais do texto, a maioria dos quais parecem translinguísticos e transculturais. Por essa razão, é possível transferi-los às respectivas

línguas alvo. Sem uma análise cuidadosa, a função e o efeito das estruturas do texto alvo seriam puramente acidentais, como mostram as traduções publicadas do texto.

O texto de Alejo Carpentier (5.1) representa uma posição intermediária entre a tradução determinada pelo TF e a orientada para o TA. Ao misturar os estilos funcionais dos textos científicos e literários, o autor tenta verbalizar uma intenção específica, que deve ser transmitida ao texto meta (orientação TF). Mas os estilos funcionais são específicos das culturas, de modo que o tradutor deve levar em consideração as convenções da cultura alvo (orientação TA). As duas perspectivas têm de ser combinadas para se produzir um texto alvo coerente e funcional, que reflita a intenção do autor. Neste caso, podemos falar de uma combinação da tradução-instrumento com traços da tradução-documento.

Para concluir, mencionamos outro aspecto que determinou a escolha dos Textos Amostra: a variedade de línguas e culturas envolvidas. Ao incluir a maior quantidade possível de combinações linguísticas e culturais, pretendemos ilustrar a interdependência dos problemas de tradução gerais e específicos. Os três textos cobrem as seguintes direções de tradução: espanhol-alemão, espanhol-inglês, espanhol-holandês, espanhol-português (brasileiro), alemão-inglês, alemão-francês, alemão-italiano, alemão-espanhol e alemão-português, embora os problemas específicos dos pares de línguas não tenham sido sempre trabalhados em detalhe. As traduções do Texto Amostra 3 oferecem ao leitor interessado amplo material para a análise individual e crítica de tradução.

Em todo caso, constitui uma finalidade importante deste livro “pôr lenha na fogueira” do debate sobre as questões teóricas, metodológicas e didáticas que, a nosso modo de ver, não têm sido trabalhadas com a energia e o rigor necessários até agora. Se as

considerações apresentadas neste livro, que possivelmente parecerão a alguns leitores muito distantes do que se pensava sobre a tradução no passado, contribuirão para provocar opiniões e propostas contrárias (ou análogas), levando, a longo prazo, a um consenso amplo sobre as necessidades e conceitos dos programas didáticos, tanto a tradução quanto o treinamento de tradutores profissionais ganhariam muito. E isso é o que importa.

IV

REFERÊNCIAS

- ALLEMANN, B. *Ironie und Dichtung*. 2 ed., Pfullingen, 1969.
- ALONSO, M. *Diccionario del español moderno*. 6 ed., Madrid, 1979.
- ANTÓN ANDRÉS, A. *Geschichte der spanischen Literatur. (Vom 18. Jahrhundert bis zur Gegenwart)*. Munich, 1961.
- ARCAINI, E. "L'auxiliaire comme problème de traduction". In WILSS, W. & THOME, G. (eds.). *Die Theorie des Übersetzens und ihr Aufschlußwert für die Übersetzungs und Dolmetschdidaktik*. Tübingen, 1984, pp. 9-19.
- ARNTZ, R. „Methoden der fachsprachlichen Übersetzerausbildung im Sprachenpaar Spanisch-Deutsch“. 1982. In RODRÍGUEZ RICHART, J., THOME, G. & WILSS, W. (eds), *Fremdsprachenforschung und -Lehre. Schwerpunkt Spanisch*. Internationales Kolloquium an der Universität des Saarlandes, Saarbrücken. Tübingen, 1980, pp. 109-122.
- _____. „Das Problem der Textauswahl in der fachsprachlichen Übersetzungsdidaktik“. In WILSS, W. & THOME, G. (eds.). *Die Theorie des Übersetzens und ihr Aufschlußwert für die Übersetzungs und Dolmetschdidaktik*. Tübingen, 1984, pp. 204-211.

- AULETE, C. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1958.
- BALCERZAN, E. "La traduction, art d'interpreter". In HOLMES, J. S. (ed.). *The nature of translation*. The Hague, 1970, pp. 3-22.
- BARRAL, C. "De raíz americana y formación europea". In *La Vanguardia Española*, 26 abr. 1980, Barcelona, p. 45.
- BASSNETT-MCGUIRE, S. "Translating spatial poetry: an examination of theatre texts in performance". In HOLMES, J. S., LAMBERT, J. & van den BROECK, R. (eds.). *Literature and translation*. Leuven, 1978, pp. 161-176.
- BASTIAN, S. „Die Rolle der Präinformation bei der Analyse und Übersetzung von Texten“. In KADE, O. (ed.). *Sprachliches und Außersprachliches in der Kommunikation*. Leipzig, 1979, pp. 90-133.
- BAUSCH, K.-R. & WELLER, F.-R. (eds.). *Übersetzen und Fremdsprachenunterricht*. Frankfurt, 1981.
- BAUSCH, K.-R. (ed.). *Beiträge zur Didaktischen Grammatik. Probleme, Beispiele, Perspektiven*. Königstein/Ts., 1979.
- BECK, G. „Textsorten und Soziolekte“. In SITTA, H. & BRINKER, K. (eds.). *Studien zur Texttheorie und zur deutschen Grammatik*. Düsseldorf, 1973, pp. 73-112.
- BEER, R. „Nachwort“. In *Pantschatantra: Die fünf Bücher der Weisheit*. Trad. T. Benfey (1859). 2 ed., Berlin, 1982, pp. 387-420.
- BEHRMANN, A. *Einführung in die Analyse von Prosatexten*. 5 ed., Stuttgart, 1982.
- BENJAMIN, W. „Die Aufgabe des Übersetzers“. In REXROTH, T. (ed.). *Gesammelte Schriften*, Bd. IV.1, Frankfurt/M, 1972, pp. 82-96.
- BERGER, K. *Exegese des Neuen Testaments*. Heidelberg, 1977.
- BLACK, M. "Presupposition and implication". In PETÖFI, J. S. & FRANCK, D. (eds.). *Präsuppositionen in Philosophie*

- und Linguistik/Presuppositions in philosophy and linguistics.* Frankfurt/M, 1973, pp. 55-70.
- BLANZAT, J. „Vorwort“. In CARPENTIER, A. *Le siècle des lumières*. Trad. R. L.-F. Durand. Paris, 1985, pp. 9-16.
- Der Neue Brockhaus: Lexikon und Wörterbuch in fünf Bänden und einem Atlas.* 5 ed., Wiesbaden, 1973.
- BROWN, G. & YULE, G. *Discourse analysis*, Cambridge, 1987.
- BÜHLER, H. “General theory of terminology and translation studies”. In *META*, 27, 1982, Montreal, pp. 425-431.
- _____. „Textlinguistische Aspekte der Übersetzungsdidaktik“. In WILSS, W. & THOME, G. (eds.). *Die Theorie des Übersetzens und ihr Aufschlußwert für die Übersetzungs und Dolmetschdidaktik*. Tübingen, 1984, pp. 250-259.
- _____. *Sprachtheorie*. Jena, 1934.
- BUSSMANN, H. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart, 1983.
- CARPENTIER, A. *Explosion in a Cathedral*. Trad. V. Gollancz. Harmonds-Worth, 1963.
- _____. *Explosion in der Kathedrale*. Trad. H. Stiehl. Frankfurt/M, 1964.
- _____. *Le siècle des lumières*. Trad. R. L.-F. Durand. Paris, 1985.
- _____. *El siglo de las luces*. 2 ed., Barcelona, 1965.
- CARTELLIERI, C. „Zur Analyse des Ausgangstextes beim Übersetzen“. In KADE, O. (ed.). *Sprachliches und Außersprachliches in der Kommunikation*. Leipzig, 1979, pp. 9-45.
- CHERUBIM, D. „Abweichung und Sprachwandel“. In CHERUBIM, D. (ed.). *Fehlerlinguistik. Beiträge zum Problem der sprachlichen Abweichung*. Tübingen, 1980, pp. 124-152.
- CLARK, H. H. & LUCY, P. “Understanding what is meant from what is said: a study in conversationally conveyed requests”. In *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 14, 1975, New York, pp. 56-27.

- CRYSTAL, D. & DAVY, D. *Investigating English style*. London, 1969.
- CRYSTAL, D. & QUIRK, R. *Systems of prosodic and paralinguistic features in English*. London-The Hague-Paris, 1964.
- DANEŠ, F. „Zur linguistischen Analyse der Textstruktur“. In DRESSLER, W. (ed.). *Textlinguistik*. Darmstadt, 1978, pp. 181-192.
- DE BEAUGRANDE, R. & DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. London-New York, 1981.
- DE BEAUGRANDE, R. *Text, discourse and process: towards a multidisciplinary science of texts*. Norwood, 1980.
- DRESSLER, W. „Textgrammatische Invarianz in Übersetzungen?“. In GÜLICH, E. & RAIBLE, W. (eds.). *Textsorten*. Wiesbaden, 1975, pp. 98-112.
- _____. *Einführung in die Textlinguistik*. 2 ed., Tübingen, 1973.
- DUDEN — *Deutsches Universal-Wörterbuch*. Mannheim, 1983.
- EHLICH, K. & REHBEIN, J. „Erwarten“. In WUNDERLICH, D. (ed.). *Linguistische Pragmatik*. Wiesbaden, 1972, pp. 99-115.
- ESSEN, O. von. *Allgemeine und angewandte Phonetik*. 5 ed., Berlin, 1979.
- ETTINGER, S. „Inwieweit ist die Übersetzung lehr- und lernbar?“. In *Linguistische Berichte*, 49, 1977, Hamburg, pp. 63-78.
- FELICE, E. de & DURO, A. *Dizionario della lingua e della civiltà italiana contemporânea*. Florence, 1976.
- FOURQUET, J. „Der Text und sein beiderseitiges Hinterland“. In SITTA, H. & BRINKER, K. (eds.). *Studien zur Texttheorie und zur deutschen Grammatik*. Düsseldorf, 1973, pp. 113-121.
- FRÖLAND, R. „Einige Gesichtspunkte zur Übersetzungsproblematik anhand von fünf Übersetzungen von Günter Grass' 'Aus dem Tagebuch einer Schnecke'“. In GRÄHS, L., KORLÉN, G. & MALMBERG, B. (eds.). *Theory and Practice of Translation*.

- Nobel Symposium. Bern-Frankfurt-Las Vegas, 1978, pp. 255-280.
- GADAMER, H. G. *Wahrheit und Methode*. 3 ed., Tübingen, 1972.
- GARCÍA LÓPEZ, J. *Historia de la literatura española*. 12 ed., Barcelona, 1968.
- GARNER, J. "Presupposition' in philosophy and linguistics". In FILLMORE, C. J. & LANGENDOLM, G. T. (eds.). *Studies in linguistic semantics*. New York, 1971.
- GERZYMISCH-ARBOGAST, H. *Zur Thema-Rhema-Gliederung in amerikanischen Wirtschaftsfachtexten*. Tübingen, 1987.
- GILI Y GAYA, S. *Curso superior de sintaxis española*. 9 ed., Barcelona, 1967.
- GLEASON, H. A. *An introduction to descriptive linguistics*. London-New York-Sydney-Toronto, 1969.
- GUILBERT, L., LAGANE, R. & NIOBEY, G. *Grand Larousse de la langue française*. Paris, 1973.
- GRABES, H. „Fiktion — Realismus — Ästhetik. Woran erkennt der Leser Literatur?“ In GRABES, H. (ed.). *Text — Leser — Bedeutung. Untersuchungen zur Interaktion von Text und Leser*. Grossen-Linden, 1977, pp. 61-81.
- GRAUSTEIN, G. & THIELE, W. "Principles of text analysis". In *Linguistische Arbeitsberichte*, 31, 1981, Leipzig, pp. 3-29.
- GREGORY, M. "Aspects of varieties differentiation". In *Journal of Linguistics*, 3, 1967, Cambridge, pp. 177-198.
- GROEBEN, N. & SCHEELE, B. *Produktion und Rezeption von Ironie*, vol. I. Tübingen, 1984.
- GÜLICH, E., HEGER, K. & RAIBLE, W. *Linguistische Textanalyse*. 2 ed., Hamburg, 1979.
- GÜLICH, E. & RAIBLE, W. *Linguistische Textmodelle*. Munich, 1977.
- _____. (eds.). *Textsorten*. 2 ed., Wiesbaden, 1975.

- GUTKNECHT, C. & MACKIEWITZ, W. „Prosodische, paralinguistische und intonatorische Phänomene im Englischen“. In GUTKNECHT, C. (ed.). *Grundbegriffe und Hauptströmungen der Linguistik*. Hamburg, 1977, pp. 95-132.
- HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. *Cohesion in English*. London, 1976.
- HARTMANN, P. „Semantische Textanalyse“. In SCHMIDT, S. J. (ed.). *Text, Bedeutung, Ästhetik*. Munich, 1970, pp. 15-42.
- HARWEG, R. „Textlinguistik“. In KOCH, W. A., *Perspektiven der Linguistik II*, 1974, pp. 88-116.
- HATIM, B. & MASON, I. *Discourse and the translator*. London-New York, Longman, 1992.
- HELBIG, G. „Zur Stellung und zu Problemen der Textlinguistik“. In *Deutsch als Fremdsprache*, 17,5, 1980, pp. 257-266.
- HOLMES, J. S., LAMBERT, J. & van den BROECK, R. (eds.). *Literature and translation*. Leuven, 1978.
- HOLMES, J. S. (ed.). *The nature of translation*. 2 ed., The Hague, 1970.
- HOLZ-MÄNTTÄRI, J. *Translatorisches Handeln, Theorie und Methode*. Helsinki, 1984a.
- _____. „Sichtbarmachung und Beurteilung translatorischer Leistungen bei der Ausbildung von Berufstranslatoren“. In WILSS, W. & THOME, G. (eds.). *Die Theorie des Übersetzens und ihr Aufschlußwert für die Übersetzungs- und Dolmetschdidaktik*. Tübingen, 1984b, pp. 176-185.
- HÖNIG, H. G. & KUSSMAUL, P. *Strategie der Übersetzung*. Tübingen, 1982.
- HÖNIG, H. G. „Übersetzen zwischen Reflex und Reflexion ein Modell der Übersetzungsrelevanten Textanalyse“. In SNELL-HORNBY, M. (ed.). *Übersetzungswissenschaft. Eine Neuentdeckung*. Tübingen, 1986, pp. 230-252.
- HOUSE, J. „Ein Modell zur Durchführung und Bewertung von Übersetzungen in der sprachpraktischen Ausbildung an der

- Hochschule“ (1981b). In BAUSCH, K.-R. & WELLER, F.-R. (eds.). *Übersetzen und Fremdsprachenunterricht*. Frankfurt, 1981, p.192-202.
- _____. *A Model for translation quality assessment*. Tübingen, 1981a.
- JAKOBSON, R. “Linguistics and poetics, closing statement”. In SEBEOK, T. A. *Style in language*. Cambridge/Mass., 1960, pp. 350-377.
- JAPP, U. *Theorie der Ironie*. Frankfurt/M, 1983.
- KADE, O. (ed.). *Vermittelte Kommunikation, Sprachmittlung, Translation*. Leipzig, 1977.
- _____. *Sprachliches und Außersprachliches in der Kommunikation*. Leipzig, 1979.
- KAYSER, W. *Das sprachliche Kunstwerk*. 8 ed., Bern, 1962.
- KELLER, R. „Zum Begriff des Fehlers im muttersprachlichen Unterricht“. In CHERUBIM, D. (ed.). *Fehlerlinguistik. Beiträge zum Problem der sprachlichen Abweichung*. Tübingen, 1980, pp. 23-42.
- KERRIGAN, A. “Introduction”. In UNAMUNO, M. de. *Mist*. Princeton, 1976, pp. vii-xxxiv.
- KLOEPFER, R. *Die Theorie der literarischen Übersetzung*. Munich, 1967.
- _____. “Intra and intercultural translation”. In *Parallèles*, 7, 1984, Genève, pp. 37-43.
- KOLLER, W. *Einführung in die Übersetzungswissenschaft*. Heidelberg, 1979.
- _____. “The concept of equivalence”. In *Target*, 7(2), Leuven, 1995, pp. 191-222.
- KOMMISSAROV, V. N. „Zur Theorie der linguistischen Übersetzungsanalyse“. In KADE, O. (ed.). *Vermittelte Kommunikation, Sprachmittlung, Translation*. Leipzig, 1977, pp. 44-51.

- KÖNIGS, F. G. „Zur Frage der Übersetzungseinheit und ihre Relevanz für den Fremdsprachenunterricht“. In *Linguistische Berichte*, 74, 1981, Hamburg, pp. 82-103.
- _____. „Zentrale Begriffe aus der wissenschaftlichen Beschäftigung mit Übersetzen“. *Lebende Sprachen*, 1, Berlin, 1983a, pp. 6-8 e 4, 1983b, pp. 154-156.
- _____. „Der Vorgang des Übersetzens: Theoretische Modelle und praktischer Vollzug. Zum Verhältnis von Theorie und Praxis in der Übersetzungswissenschaft“. In *Lebende Sprachen*, 1, Berlin, 1986, pp. 5-12.
- KRINGS, H. P. *Was in den Köpfen von Übersetzern vorgeht*. Tübingen, 1986.
- KÜHLWEIN, W. & RAASCH, A. (eds.). *Angewandte Linguistik*. Tübingen, 1980.
- KÜHLWEIN, W., THOME, G. & WILSS, W. (eds.). *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft*. Munich, 1981.
- KUPSCH-LOSEREIT, S. „Scheint eine schöne Sonne? oder: Was ist ein Übersetzungsfehler?“ In *Lebende Sprachen*, 1, Berlin, 1986, pp. 12-16.
- KUSSMAUL, P. *Training the Translator*. Amsterdam-Philadelphia, 1995.
- LAUSBERG, H. *Elemente der literarischen Rhetorik*. 4 ed., Munich, 1971.
- LEONHARD, K. *Der menschliche Ausdruck in Mimik, Gestik und Phonetik*. Leipzig, 1976.
- LEVÝ, J. „Translation as a decision process“. In *To honor Roman Jakobson. Essays on the occasion of his 70th Birthday*, vol. II, The Hague, 1967, pp. 1171-1182.
- _____. *Die literarische Übersetzung*. Frankfurt/M -Bonn, 1969.
- LÜGER, H. *Journalistische Darstellungsformen aus linguistischer Sicht*. Freiburg, 1977.

- LUX, F. *Text, Situation, Textsorte*. Tübingen, 1981.
- MARCO, J. "La magia del mestizaje". In *La Vanguardia Española*, Barcelona, 1980, p. 45.
- MARTINET, A. (ed.). *Linguistik*. Stuttgart, 1973.
- MATT, P., THIEL, G., THOME, G. & WILSS, W. „Übersetzungsrelevante Typologie deutscher und französischer Texte“. In *Zeitschrift für Germanistische Linguistik*, Berlin, 1978, pp. 189-233.
- MATUTE, A. M. *Erste Erinnerung*. Trad. D. Deinhard. Munich, 1967.
- _____. *Primera memória*. Barcelona, 1979
- MENTRUP, W. „Gebrauchsinformation sorgfältig lesen! Die Packungsbeilage von Medikamenten im Schaltkreis medizinischer Kommunikation: Handlungsausschnitt“. In GROSSE, S. & MENTRUP, W. (eds.). *Anweisungstexte*. Tübingen, 1982, pp. 9-55.
- MIKES, G. "How to be an alien". In MIKES, G. *How to be a brit*. London, 1984, pp. 20-94.
- MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Madrid, 1985.
- MORGENSTERN, C. & KNIGHT/M. *Galgenlieder: gallows songs*. Munich, 1975.
- MUDERSBACH, K. & GERZYMISCH-ARBOGAST, H. "Isotopy and translation". In KRAWUTSCHKE, P. W. (ed.). *Translator and interpreter training and foreign language pedagogy*, American Translators Association Scholarly Monograph Series, vol. III, New York, 1989.
- NEUBERT, A. „Pragmatische Aspekte der Übersetzung“ (1968). In WILSS, W. (ed.). *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt, 1981, pp. 60-75.
- _____. "Text-bound translation training". In WILSS, W. & THOME, G. (eds.). *Die Theorie des Übersetzens und ihr*

- Aufschlußwert für die Übersetzungs und Dolmetschdidaktik.* Tübingen, 1984, pp. 61-79.
- _____. „Translatorische Relativität“. In SNELL-HORNBY, M. (ed.). *Übersetzungswissenschaft. Eine Neurientierung.* Tübingen, 1986, pp. 85-105.
- NEWMARK, P. „Teaching specialized translation“. In POULSEN, S.-O. & WILSS, W. (eds.). *Angewandte Übersetzungswissenschaft.* Aarhus, 1980, pp. 127-148.
- _____. *Approaches to translation.* Oxford-Frankfurt, 1981.
- NICKEL, G. & RAASCH, A. (eds.). *Kongreßbericht der 6. Jahrestagung der GAL, vol. I, Übersetzungswissenschaft,* Heidelberg, 1975.
- NIDA, E. A. *Towards a science of translating.* Leiden, 1964.
- _____. „The nature of translating“. In *Language structure and translation.* Stanford, 1975, pp. 79-101.
- _____. „A framework for the analysis and evaluation of theories of translation“. In BRISLIN, R. W. (ed.). *Translation: applications and research.* New York, 1976, pp. 47-91.
- NORD, Christiane. „‘Treue’, ‘Freiheit’, ‘Äquivalenz’ — oder: Wozu brauchen wir den Übersetzungsauftrag?“. In *TextconText*, 1, Heidelberg, 1986a, pp. 30-47.
- _____. „‘Nación’, ‘pueblo’, ‘raza’ bei Ortega y Gasset — nicht nur ein Übersetzungsproblem“. In *TextconText*, 3, Heidelberg, 1986b, pp. 151-170.
- _____. „Übersetzungsprobleme — Übersetzungsschwierigkeiten. Was in den Köpfen von Übersetzern vorgehen sollte“. In *Mitteilungsblatt für Dolmetscher und Übersetzer*, 2, Mannheim, 1987a, pp. 5-8.
- _____. „Textanalyse im Übersetzungsunterricht? Überlegungen zur Verhältnismäßigkeit der Mittel: Verhindert die Textanalyse im Übersetzungsunterricht dessen eigentliches Ziel, das

Übersetzenlernen?“. In *TextconText*, 1, Heidelberg, 1987b, pp. 42-61.

_____. „Zehn Thesen zum Thema ‘Übersetzungslehrbuch’“. In KÖNIGS, F. G. (ed.). *Übersetzen lehren und lernen mit Büchern. Möglichkeiten und Grenzen der Erstellung und des Einsatzes von Übersetzungslehrbüchern*. Bochum, 1987c, pp. 65-82.

_____. *Textanalyse und Übersetzen. Theoretische Grundlagen, Methode und didaktische Anwendung einer übersetzungsrelevanten Textanalyse*. Heidelberg, 1988a (2 ed., 1991).

_____. „Übersetzungshandwerk — Übersetzungskunst. Was bringt die Translationstheorie für das literarische Übersetzen?“. In *Lebende Sprachen*, 2, Berlin, 1988b, pp. 51-57.

_____. „Loyalität statt Treue. Vorschläge zu einer funktionalen Übersetzungstypologie“. In *Lebende Sprachen*, 3, Berlin, 1989, pp. 100-105.

_____. „Neue Federn am fremden Hut. Der Umgang mit Zitaten beim Übersetzen“. In *Der Deutschunterricht*, 1, Seelze, 1990a, pp. 36-42.

_____. “Funcionalismo y lealtad: algunas consideraciones en torno a la traducción de títulos”. In RADERS, M. & CONESA, J. (eds.). *II Encuentros Complutenses en torno a la traducción*. Madrid, 1990b, pp. 153-162.

_____. “Scopos, loyalty and translational conventions”. In *Target*, 3:1, Amsterdam 1991, pp. 91-109.

_____. “Text analysis in translator training”. In DOLLERUP, C. & LODDE-GAARD, A. (eds.). *Teaching Translation and Interpreting. Training, Talent and Experience. Papers from the First Language International Conference. 31 May - 2 June 1991*. Copenhagen Studies in Translation, Amsterdam-Philadelphia, 1992a, pp. 39-48.

- _____. "The relationship between text function and meaning in translation". In LEWANDOWSKA-TOMASZYK, B. & THELEN, M. (eds.). *Translation and meaning, part 2: proceedings of the Łódź session of the 1990 Maastricht-Łódź duo colloquium on "translation and meaning"*. Maastricht, Rijkshogeschool Maastricht Faculty of Translation and Interpreting, 1992b, pp. 91-96.
- _____. *Einführung in das funktionale Übersetzen. Am Beispiel von Titeln und Überschriften*. Tübingen, Francke, 1993.
- _____. "Text-functions in translation: titles and headings as a case in point". In *Target*, 7:2, Amsterdam, 1995, pp. 261-284.
- _____. *Translation as a purposeful activity: functionalist approaches explained*. Manchester, St. Jerome, 1997a.
- _____. "Alice abroad. Translating paralinguage in fictional texts". In POYATOS, F. (ed.). *Nonverbal communication and translation*. Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins, 1997b, (Benjamins Translation Library, 17), pp. 107-129.
- _____. "A functional typology of translations". In TROSBORG, A. (ed.). *Text typology and translation*. Amsterdam-Philadelphia, John Benjamins, 1997c, pp. 43-66.
- _____. „Leicht — mittelschwer — (zu) schwer. Zur Bestimmung des Schwierigkeitsgrades von Übersetzungsaufgaben“. In FLEISCHMANN, E. et al. (eds.). *Translationsdidaktik. Beiträge der VI. Internationalen Konferenz zur Grundfragen der Übersetzungswissenschaft*. Tübingen, Narr, 1997d, pp. 92-102.
- _____. "Functional units in translation". In MAURANEN, A. & PUURTINEN, T. (eds.). *Translation — Acquisition — Use. AFinLa Yearbook*. Jyväskylä, University Press, 1997e, pp. 41-50.
- _____. "El texto buscado: los textos auxiliares en la enseñanza de traducción". In *TradTerm*. São Paulo, 1997f, pp. 101-124.
- _____. "Defining translation functions: the translation brief as a guideline for the trainee translator". In *Ilha do Desterro*, Special

- Issue: Translation Studies in Germany (ed. W. Lörcher), Florianópolis, 1997g, pp. 39-53.
- _____. “What do we know about the target-text receiver?” In BEEBY, A. et al. (eds.). *Investigating translation*. Amsterdam-Philadelphia, 2000, pp. 197-214.
- _____. “Loyalty revisited”. In PYM, A. (ed.). *The translator: the return to ethics*, Special Issue, Manchester, 2001a, pp. 185-202.
- _____. „Das hinkende Beispiel und andere Merk-Würdigkeiten. Metakommunikation in deutschen, spanischen und französischen Lehrbuchtexten“. In WOTJAK, G. (ed.). *Studien zum romanisch-deutschen und innerromanischen Sprachvergleich*. Frankfurt/M, 2001b, pp. 329-340.
- _____. “Dealing with purposes in intercultural communication: some methodological considerations”. In *Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, 14, 2001c, pp. 151-166.
- _____. *Lernziel: Professionelles Übersetzen Spanisch-Deutsch*. Wilhelmsfeld, Gottfried Egert Verlag, 2001d.
- _____. “Function and loyalty in bible translation”. In CALZADA PÉREZ, M. (ed.). *Apropos of ideology. Translation studies on ideology — Ideologies in translation studies*. Manchester, St. Jerome, 2002, pp. 89-112.
- _____. *Kommunikativ handeln auf Spanisch und Deutsch. Ein übersetzungsorientierter funktionaler Sprach und Stilvergleich*. Wilhelmsfeld, Gottfried Egert Verlag, 2003.
- _____. “Training functional translators”. In TENNENT, M. (ed.). *Training for the new millennium*. Amsterdam-Philadelphia, Benjamins, 2005, pp. 209-223.
- Oxford advanced learner’s dictionary of current English*. London, 1963 (2 ed.) , 1974 (3 ed.) , 1989 (4 ed.).
- The Oxford English dictionary*. London, 1962.

OOMEN, U. „Ironische Äußerungen: Syntax, Semantik, Pragmatik“. In *Zeitschrift für Germanistische Linguistik*, 11, 1983, Mannheim, pp. 22-38.

THE OXFORD UNIVERSAL DICTIONARY ILLUSTRATED. 3. ed. London, 1970.

PABÓN, J. *La subversión contemporánea y otros estudios*. Madrid, 1971.

PAEPCKE, F. „Georges Pompidou und die Sprache der Macht. Analyse eines Textes vom 10. November 1970“. In WILSS, W. & THOME, G. (eds.). *Aspekte der theoretischen, sprachenpaarbezogenen und angewandten Sprachwissenschaft*, vol. I: Saarbrücken, vol. II: Heidelberg, 1974, pp. 82-103.

PENKOVA, M. „Die Präinformation bei der Analyse und Übersetzung von Texten“. In *Linguistische Arbeitsberichte*, 37, 1982, Leipzig, pp. 56-66.

Pequeño Larousse ilustrado. Paris, 1970.

PLETT, H. F. *Textwissenschaft und Textanalyse*. 2. ed. Heidelberg, 1979.

POPOVIČ, A. „Übersetzung als Kommunikation“. In WILSS, W. (ed.). *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt, 1981, pp. 92-111.

POULSEN, S.-O. & WILSS, W. (eds.). *Angewandte Übersetzungswissenschaft*. Aarhus, 1980.

POULSEN, S.-O. „Textlinguistik und Übersetzungskritik“. In KÜHLWEIN, W., THOME, G. & WILSS, W. (eds.). *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft*. Munich, 1981, pp. 300-310.

_____. „Der Gebrauch des Konjunktiv I als Übersetzungsproblem“. In WILSS, W. & THOME, G. (eds.). *Die Theorie des Übersetzens und ihr Aufschlußwert für die Übersetzungs- und Dolmetschdidaktik*. Tübingen, 1984, pp. 71-79.

PRESCH, G. „Über schwierigkeiten zu bestimmen, was als fehler gelten soll“. In CHERUBIM, D. (ed.). *Fehlerlinguistik. Beiträge*

zum Problem der sprachlichen Abweichung. Tübingen, 1980, pp. 224-252.

QUIRK, R., GREENBAUM, S., LEECH, G. & SVARTVIK, J. A *Grammar of contemporary English*. London, 1973.

RAABE, H. „Didaktische Translationsgrammatik“. In BAUSCH, K.-R. (ed.). *Beiträge zur Didaktischen Grammatik. Probleme, Beispiele, Perspektiven*. Königstein/Ts., 1979, pp. 239-256.

REISS, K. & VERMEER, H. J. *Grundlagen einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen, 1984.

REISS, K. *Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik*. Munich, 1971.

_____. „Ist Übersetzen lehrbar?“ In *Kongreßbericht der 4. Jahrestagung der GAL*. IRALonderband, Heidelberg, 1974a, pp. 69-82.

_____. „Zur Bestimmung des Schwierigkeitsgrades von Übersetzungen“. In *Mitteilungsblatt für Dolmetscher und Übersetzer*, 20, 1974b, Tübingen, pp. 1-6.

_____. „Didaktik des Übersetzens. Probleme und Perspektiven“. In *Le Langage et L'Homme*, Bruxelles, 1974c, pp. 32-40.

_____. „Zur Bestimmung des Schwierigkeitsgrades von Übersetzungen aus didaktischer Sicht“. In *Le Langage et L'Homme*, Bruxelles, 1975, pp. 37-48.

_____. *Texttyp und Übersetzungsmethode: Der operative Text*. Kronberg-Ts, 1976a.

_____. „Didaktik des Übersetzens: Integration der Sprachwissenschaft in dem Übersetzungsunterricht“. In BAUSCH, K.-R. & WELLER, F.-R. (eds.). *Übersetzen und Fremdsprachenunterricht*. Frankfurt, 1976b, pp. 127-144.

_____. „Übersetzen und Übersetzung im Hochschulbereich“. In *Die Neueren Sprachen*, 26, 1977, Braunschweig, pp. 535-548.

- _____. „Zeichen oder Anzeichen. Probleme der AS-Textanalyse im Blick auf die Übersetzung“. In WILSS, W. (ed.). *Semiotik und Übersetzen*. Tübingen, 1980a, pp. 63-72.
- _____. „Der Übersetzungsvergleich als didaktisches Instrument im Übersetzungsunterricht“. In POULSEN, S.-O. & WILSS, W. (eds.). *Angewandte Übersetzungswissenschaft*. Aarhus, 1980b, pp. 149-164.
- _____. „Der Übersetzungsvergleich. Formen — Funktionen — Anwendbarkeit“. In KÜHLWEIN, W., THOME, G. & WILSS, W. (eds.). *Kontrastive Linguistik und Übersetzungswissenschaft*. Munich, 1981a, pp. 311-319.
- _____. „Methodische Fragen der übersetzungsrelevanten Textanalyse“. In *Lebende Sprachen*, 1, 1984, Berlin, pp. 7-10.
- _____. „Paraphrase und Übersetzung. Versuch einer Klärung“. In: GNILKA, J. & RÜGER, H. P. (eds.). *Die Übersetzung der Bibel — Aufgabe der Theologie*. Bielefeld, 1985, pp. 272-287.
- _____. „Übersetzungstheorien und ihre Relevanz für die Praxis“. In *Lebende Sprachen*, 1, 1986, Berlin, pp. 1-5.
- REYMUNDO, Manuel Seco, PUENTE, Olimpia Andrés & GONZÁLEZ, Abino Ramón. *DEA: Diccionario del español actual*. Madrid, Santillana, 1999.
- The Random House dictionary of the English language*. New York, 1968.
- ROLOFF, J. *Die Apostelgeschichte*. NTD vol. 5, Göttingen, 1981.
- SAILE, G. „Wie montiert man einen Fleischwolf? Linguistische Analyse einer Anleitung“. In GROSSE, S. & MENTRUP, W. (eds.). *Anweisungstexte*. Tübingen, 1982, pp. 134-158.
- SANDIG, B. (ed.). *Stilistik, vol. I: Probleme der Stilistik, Germanistische Linguistik*. 1981, pp. 3-4.
- SCHERNER, M. *Sprache als Text*. Tübingen, 1984.
- SCHMIDT, S. J. „Text und Bedeutung“. In: SCHMIDT, S. J. (ed.). *Text, Bedeutung, Ästhetik*. 2 ed. Munich, 1970, p. 43-79.

- _____. „Text' und 'Geschichte' als Fundierungskategorien“. In: STEMPEL, W.-D. (ed.). *Beiträge zur Textlinguistik*. Munich, 1971, pp. 31-52.
- SCHMIDT, S. J. *Texttheorie*. 2 ed. Munich, 1976.
- SELINKER, L. „Interlanguage“. In *IRAL*, 10, 1972, Berlin, pp. 209-230.
- SITTA, H. & BRINKER, K. (eds.). *Studien zur Texttheorie und zur deutschen Grammatik*. Düsseldorf, 1973.
- SNELL-HORNBY, M. *Übersetzen, Sprache, Kultur, Introduction to Snell-Hornby*. Frankfurt/M, 1986a, pp. 9-29.
- SNELL-HORNBY, M. (ed.). *Übersetzungswissenschaft. Eine Neuorientierung*. Tübingen, 1986.
- SOWINSKI, B. *Deutsche Stilistik*. Frankfurt/M, 1973.
- STACKELBERG, J. *Weltliteratur in deutscher Übersetzung*. Munich, 1978.
- STEMPEL, W.-D. „Möglichkeiten einer Darstellung der Diachronie in narrative Texten“. In STEMPEL, W.-D. (ed.). *Beiträge zur Textlinguistik*. Munich, 1971, pp. 53-78.
- STENZEL, J. *Zeichensetzung*. Göttingen, 1966.
- STEVENS, H. S. & GULLÓN, R. „Introducción“. In UNAMUNO, M. de. *Niebla*. 7 ed. Madrid, 1979, pp. 7-46.
- STOLT, B. „Die Relevanz stilistischer Faktoren für die Übersetzung“. In *Jahrbuch für Internationale Germanistik*, 10, 1978, Bern, pp. 2; 34-54.
- STRAUSFELD, M. (ed.). *Materialien zur lateinamerikanischen Literatur*. Frankfurt/M, 1976.
- SWIFT, J. *A voyage to Lilliput/Gullivers Reisen nach Lilliput*. Trad. Dieter Mehl. Munich, 1983.
- THIEL, G. „Ansätze zu einer Methodologie der übersetzungsrelevanten Textanalyse“. In KAPP, V. (ed.). *Übersetzer und Dolmetscher*. Heidelberg, 1974a, pp. 174-185.

- Thiel, G. „Methodische Probleme einer übersetzungsunterrichtlich relevanten Textanalyse“. In WILSS & THOME 1974b, II, pp. 64-81.
- _____. „Führt die Anwendung linguistischer Analysemodelle zu einer Übersetzungsdidaktisch relevanten Textanalyse?“. In GOMMARD, K. & POULSEN, S.-O. (eds.) *Stand und Möglichkeiten der Übersetzungswissenschaft*. Aarhus, 1978a, pp. 37-54.
- _____. „Überlegungen zur übersetzungsrelevanten Textanalyse“. In WILSS, W. (ed.). *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt, 1978b, pp. 367-383.
- _____. „Vergleichende Textanalyse als Basis für die Entwicklung einer Übersetzungsmethodik, dargestellt anhand der Textsorte Resolution“. In WILSS, W. (ed.). *Semiotik und Übersetzen*. Tübingen, 1980, pp. 87-98.
- THÜRMAN, E. „Die Phonetischen Wissenschaften. Trends und Entwicklungen“. In GUTKNECHT, C. (ed.). *Grundbegriffe und Hauptströmungen der Linguistik*. Hamburg, 1977, pp. 19-52.
- TITZMANN, M. *Strukturelle Textanalyse*. Munich, 1977.
- TOPHOVEN, E. „Möglichkeiten literarischer Übersetzung zwischen Intuition und Formalisierung“. In PEISL, A. & MOHLER, A. (eds.). *Der Mensch und seine Sprache*. Frankfurt-Berlin-Vienna, 1979, pp. 125-144.
- TOURY, G. „Interlanguage and its manifestations in translation“. In TOURY, 1978/1980, pp. 71-78.
- _____. *Sharing relevant features: an exercise in optimal translating*. In *META*, 28, 1983, Montreal, pp. 2; 116-129.
- UNAMUNO, M. de. *Nebel*. Trad. O. Buek. Munich, 1968.
- _____. „Mist“. In *Novela/Nivola*. Trad. A. Kerrigan. Princeton, 1976.
- _____. *Niebla*. 7 ed. Madrid, 1979.
- VAN DEN BROECK, R. „The concept of equivalence in translation theory: some critical reflections“. In HOLMES, J. S.,

- LAMBERT, J. & van den BROECK, R. (eds.). *Literature and translation*. Leuven, 1978, pp. 29-47.
- VANGUARDIA. "Un gran escritor del Caribe". In *La Vanguardia Española*, Barcelona, 1980, p. 45.
- VERMEER, H. J. „Generative Transformationsgrammatik, Sprachvergleich und Sprachtypologie“. In *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, 23, Berlin, 1970, pp. 385-404.
- _____. *Allgemeine Sprachwissenschaft*, Freiburg, 1972.
- _____. „zur Beschreibung des Übersetzungsvorgangs“. In VERMEER, H. J., 1974a/ 1983, pp. 1-11.
- _____. „interaktionsdeterminanten- ein Versuch zwischen Pragma und Sociolinguistic“. In VERMEER, H. J., 1974b/1983, pp. 12-32.
- _____. „ein rahmen für eine allgemeine translationstheorie“. In VERMEER, H. J., 1979/1983, pp. 48-61.
- _____. „vom 'richtigen' übersetzen“. In VERMEER, H. J., 1979/1983, pp. 62-88.
- _____. „übersetzen und verständnis“. In VERMEER, H. J., 1981/1983, pp. 89-130.
- _____. *Aufsätze zur Translationstheorie*. Heidelberg, 1983.
- Diccionario general ilustrado de la lengua española*. 4 ed. Barcelona, VOX, 1979.
- WARNING, R. „Ironiesignale und ironische Solidarisierung“. In PREISENDANZ, W. & WARNING, R. (eds.). *Das Komische, Poetik und Hermeneutik* 7. Munich, 1976, pp. 416-423.
- WEINRICH, H. *Linguistik der Lüge*. Heidelberg, 1966.
- WILLER, B. & GROEBEN, N. „Sprachliche Hinweise auf ironische Kooperation: das Konzept der Ironiesignale unter sprechakttheoretischer Perspektive rekonstruiert“. In *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 8, 3, 1980, Berlin, pp. 290-313.

- WILSS, W. & THOME, G. (eds.). *Aspekte der theoretischen, sprachenpaarbezogenen und angewandten Sprachwissenschaft*, vol. I: Saarbrücken, vol. II: Heidelberg, 1974.
- _____. (eds.). *Die Theorie des Übersetzens und ihr Aufschlußwert für die Übersetzungs- und Dolmetschdidaktik*. Tübingen, 1984.
- WILSS, W. „Textanalyse und Übersetzen“. In BENDER, K. H., BERGER, K. & WANDRUSZCA, M. (eds.). *Imago Linguae, Beiträge zu Sprache, Deutung und Übersetzen, Festschrift zum 60. Geburtstag von Fritz Paepcke*. Munich, 1977, pp. 625-651.
- _____. „Semiotik und Übersetzungswissenschaft“. In WILSS, W. (ed.). *Semiotik und Übersetzen*. Tübingen, 1980a, pp. 9-22.
- _____. „Übersetzungswissenschaft“. In KÜHLWEIN, W. & RAASCH, A. (eds.). *Angewandte Linguistik*. Tübingen, 1980b, pp. 67-76.
- _____. *The science of translation: problems and methods*. Tübingen, 1982.
- _____. (ed.). *Semiotik und Übersetzen*. Tübingen, 1980.
- _____. (ed.). *Übersetzungswissenschaft*. Darmstadt, 1981.
- WITTEGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. London, 1955.
- WITTICH, U. „Texttypologie unter funktionalstilistischer Sicht“. In *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*, 32, 1979, pp. 6; 764-769.
- WITTSCHIER, W. *Geschichte der spanischen Literatur vom Kubakrieg bis zu Francos Tod (1898-1975)*. Rheinfelden, 1982.
- ZALÁN, P. „Didaktik der Übersetzer- und Dolmetscheraus- oder sind Katastrophen auf der einen Seite und Resignieren auf der anderen vermeidbar?“. In WILSS, W. & THOME, G. (eds.). *Die Theorie des Übersetzens und ihr Aufschlußwert für die Übersetzungs- und Dolmetschdidaktik*. Tübingen, 1984, pp. 196-203.

ZIMNJAJA, I. A. „Die psychologische Analyse der Translation als Art der Rede tätigkeit“. In KADE, O. (ed.). *Vermittelte Kommunikation, Sprachmittlung, Translation*. Leipzig, pp. 66-77.

COLEÇÃO TRANSTEXTOS

TRANSTEXTOS é a coleção da Rafael Copetti Editor destinada à publicação de títulos no campo dos Estudos da Tradução, em suas diferentes vertentes críticas e teóricas. Dirigida por Andréia Guerini, professora da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina; Walter Carlos Costa, professor da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina e da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará; e Simone Homem de Mello, do Centro de Estudos de Tradução Literária Casa Guilherme de Almeida da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, a coleção pretende oferecer a estudantes, professores e pesquisadores material de relevo para o incremento de seus estudos acadêmicos e estimular o debate em uma das áreas que mais vem se consolidando no país ao longo dos últimos anos.

**1. Análise textual em tradução:
bases teóricas, métodos e aplicação didática**

Christiane Nord

2. Tradução literária: veredas e desafios

Andréa Cesco, Gilles Jean Abes e

Juliana Cristina Faggion Bergmann (Orgs.)

1ª EDIÇÃO BRASILEIRA 2016

Esta obra foi composta por SGuerra Design em Minion Pro
e impressa em sistema de impressão offset sobre
papel Avena 80g com capa em cartão supremo 250g
pela Copiart Gráfica e Editora para
RAFAEL COPETTI EDITOR
em maio de 2016.